



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Jeferson Augusto da Cruz

Aracaju em páginas periódicas:
A capital de Sergipe em *Fon-Fon* e *O Malho* (1902-1926)

Florianópolis
2024

Jeferson Augusto da Cruz

Aracaju em páginas periódicas:

A capital de Sergipe em *Fon-Fon* e *O Malho* (1902-1926)

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História Global.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Queiroz Campos

Florianópolis
2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor

Cruz, Jeferson Augusto da
Aracaju em páginas periódicas : A capital de Sergipe em
Fon-Fon e O Malho (1902-1926) / Jeferson Augusto da Cruz ;
orientadora, Daniela Queiroz Campos, 2024.
284 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Aracaju. 3. Revistas Ilustradas. 4.
Identidade Nacional. 5. Modernidade. I. Campos, Daniela
Queiroz. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Jeferson Augusto da Cruz

Aracaju em páginas periódicas:

A capital de Sergipe em *Fon-Fon* e *O Malho* (1902-1926)

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Maria Bernardete Ramos Flores, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Membra Interna)

Profa. Maria de Fátima Fontes Piazza, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Membra Interna)

Profa. Carla Miucci Ferraresi de Barros, Dra.
Universidade Federal de Uberlândia – UFU (Membra Externa)

Prof. Samuel Barros de Medeiros Albuquerque, Dr.
Universidade Federal de Sergipe – UFS (Membro Externo)

Profa. Samira Peruchi Moretto, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Membra Interna - Suplente)

Prof. Charles Monteiro, Dr.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (Membro Externo -
Suplente)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em História Global.

Prof. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho, Dr.
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Daniela Queiroz Campos, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 12 de julho de 2024.

*Esta tese é dedicada às minhas avós:
Maria Madalena (1925-2016) e Julieta (1928-2018), que queriam um neto Padre, mas
preferiram um Doutor.*

AGRADECIMENTOS

“Não é porque certas coisas são difíceis que nós não ousamos. É justamente porque não ousamos que tais coisas são difíceis!” (Sêneca)

Não foi tarefa fácil cursar um doutorado quando o Brasil estava sendo governado por aquele cujo nome não se pode pronunciar. Pairou sobre nós a névoa da intolerância, do autoritarismo, do negacionismo, da homofobia e do racismo. Foi igualmente difícil escrever esta tese durante uma pandemia mortal que ceifou vidas de familiares, amigos e tantos conhecidos. Mas tudo passou, e sobrevivi para contar a História. Ou seriam as Histórias? Bem, deixemos que o tempo diga!

E, por ter sobrevivido, agradeço inicialmente a Deus. Nos momentos mais angustiantes, Ele me concedeu força e discernimento para continuar com a pesquisa, mesmo quando diversas vezes não quis seguir em frente. Obrigado, Senhor, por me ouvir quando necessitei.

Gratidão aos meus pais, Jacira e José Augustinho. Uma professora e um homem do campo que, mesmo em suas limitações, não deixaram que o desânimo me abatesse e me fizesse desistir de me tornar Doutor em História, o primeiro da família. Agradeço por compreenderem as minhas ausências em diversos momentos durante esse período de escrita. De forma especial, sou grato à minha mãe por sempre nos dizer que, para os nossos estudos, ela faria o que fosse impossível.

Aos meus irmãos, Jaciara, Jackeline, Jéssica e Jenerson, pela presença e torcida desde a seleção do doutorado em 2018 e pelas conversas e ajudas nas horas necessárias. Aos meus sobrinhos, Heloísa, Luiz, David, Jean, Kayky e Lavínia, por verem em mim uma inspiração para seguirem seus caminhos e por perguntarem o motivo de eu ter tantos livros.

Palavras são, na minha nada humilde opinião, insuficientes para exortar toda a gratidão que sinto por ter tido a honra e o privilégio de ser o primeiro orientando de doutorado da Profa. Dra. Daniela Queiroz Campos. Além de orientadora, foi inicialmente coorientadora, professora (em duas disciplinas) e supervisora no estágio de docência. Não me deixou esmorecer perante as adversidades que surgiam e sempre acreditou em mim com tamanha paciência. Que todos possam ter uma orientadora como eu tive.

Agradecer ao Prof. Dr. Samuel Albuquerque é algo que faço desde a graduação em 2008. Ele foi quem me moldou (e molda) durante esse tempo, mostrando-me quais caminhos são seguros para serem percorridos. Sempre me diz “quero te ver no topo!”, frase que ele copiou

sabiamente da sua mãe, Dona Marilene Barros, por quem tenho um enorme carinho. Com mais essa banca, minha conta só aumenta contigo!

Em 2015, no XXVIII Simpósio Nacional de História, em Florianópolis, conheci a Profa. Dra. Carla Miucci Ferraresi. De lá para cá, a amizade com ela e com a Profa. Dra. Fabiana Lopes da Cunha se fortaleceu. Pude ler seus trabalhos, que me ajudaram a entender todo esse discurso de modernidade que nascia no Brasil durante a Primeira República. Minha gratidão especial a Carla por ter aceitado participar da banca e por me motivar constantemente. É uma satisfação enorme aprender tanta coisa com alguém tão especial.

Foi no mesmo Simpósio Nacional de História que conheci pessoalmente a Profa. Dra. Joana Maria Pedro. Joana se tornou uma amiga, companheira de ANPUH e alguém que me incentivou bastante a prestar seleção no doutorado em História da UFSC. Agradeço pelas pontuais observações na banca de qualificação e lamento por não tê-la na defesa, afinal foi ela a precursora disso tudo.

Impossível não agradecer à Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores, minha orientadora primeva, que me recebeu tão bem na Ilha de Santa Catarina. A presença dela nas bancas de qualificação e defesa foi de fundamental importância. Ela acompanhou o nascimento vagaroso desses escritos, mas sempre com uma sugestão a ser feita para melhorar a pesquisa. Obrigado, Berna, de coração!

Registro o meu agradecimento à querida professora Maria de Fátima Fontes Piazza não apenas por ter aceitado participar da banca, mas também pelas nossas conversas divertidas durante as aulas, quando eu brincava ao dizer que ela era prima do sergipano Lourival Fontes. Fátima, sem dúvida, é uma mestra querida com quem tive o prazer de aprender muitas coisas.

Também agradeço ao professor Charles Monteiro, que desde o início do meu doutorado sempre me auxiliou com artigos e livros sobre o tema da minha pesquisa, além de ter aceitado ser membro suplente da banca. Agradeço igualmente à professora Samira Peruchi Moretto, colega da ANPUH, que foi convidada para ser membra suplente em uma de nossas reuniões em São Paulo.

Quero também externar meus agradecimentos a estas mulheres esplêndidas que foram minhas professoras no doutorado: Aline Dias da Silveira, Letícia Borges Nedel, Janine Gomes da Silva e Cristina Scheibe Wolff. Estendo esse agradecimento aos professores Rodrigo Bragio Bonaldo e Flávia Florentino Varella, que, apesar de não terem ministrado aulas para mim, mantive uma relação de amizade e respeito com ambos. Vocês fazem parte de minha história.

Aos meus colegas de turma que se tornaram amigos tão presentes, principalmente nas horas mais difíceis. Toda minha gratidão a Allana Letícia, Henrique Cintra, Carolina Guebert,

Letícia Milan, Renato Monteiro, Graciela Fochi, Luciana Bonetti, Rafaela Barbieri, Jorge Luiz, Aline Dias, João Davi Minuzzi, Sarah Pinho e Athaysi Colaço. Vocês foram minha família em Santa Catarina.

Aos moradores da “Casa Nordeste”, que abrigava um quarteto de doutorandos nordestinos: Graça Prazeres (Maranhão), Magno Oliveira (Bahia), Andreza Andrade (Paraíba) e eu (Sergipe). Nessa casa compartilhamos momentos bons e ruins, mas sempre tivemos um ao outro para aliviar as tensões vividas. Levo as lições desse convívio e penso constantemente em cada um.

Palavras de gratidão a Lilia Schwarcz, historiadora e antropóloga que, além de ser uma referência bibliográfica fundamental, se tornou uma querida amiga com quem partilho, sempre que posso, meus projetos de futuro. Ela achou genial a proposta desta tese. Obrigado, Lili, pois, como você mesma diz, “imortal é nossa amizade!”

Agradeço também aos meus conterrâneos historiadores, Ibarê Dantas e Terezinha Oliva, que foram minhas inspirações para seguir os caminhos tortuosos de Clio. Nutro profunda admiração e profundo respeito por tudo o que significam para a historiografia sergipana. Além de conterrâneos, são meus confrades na Academia Riachãoense de Letras, Artes e Cultura (ARLAC).

Ao meu orientador de mestrado na Universidade Federal de Alagoas, Prof. Dr. Gian Carlo de Melo Silva, agradeço pelas dicas e pelos conselhos durante a escrita. Agradeço também a Bruna Cavalcante, amiga e colega na diretoria da ANPUH/SE, pelas partilhas durante nossa vida acadêmica no doutorado: eu na UFSC e ela na UnB.

Quero agradecer a professora Eva Maria de Siqueira Alves, amiga tão querida, que me cedeu a coleção de livros organizada por ela sobre o Atheneu sergipense. Tais obras foram primordiais para a conclusão da escrita desta tese.

Aos meus amigos (e pessoais) Igor Gois e Felipe Farias, que, nos momentos mais tensos, arrancavam de mim altas risadas na academia e em nossas reuniões esporádicas. Sou grato por ter vocês em minha vida e por saber que sempre posso contar com cada um, principalmente quando o assunto são os besteiróis diários.

Escrever uma tese repleta de imagens fotográficas talvez não tivesse o mesmo sentido sem o olhar apurado de um fotógrafo. Portanto, obrigado, Henrique Araujo, por, a seu modo, ter feito parte dessa trajetória repleta de altos e baixos, além das muitas fotografias capturadas por sua lente.

Quero registrar também meus agradecimentos aos coordenadores do PPGH/UFSC que estiveram no cargo durante o período em que fui discente regularmente matriculado: Profa. Dra.

Beatriz Mamigonian, Prof. Dr. Lucas Bueno, Prof. Dr. Fabio Morales e ao atual coordenador, Prof. Dr. Henrique Espada Lima. Agradeço aos secretários do Programa, Daiane Bortoluzzi e Victor Viana, por toda a paciência e atenção que tiveram comigo e com os demais pós-graduandos e pós-graduandas.

Aos meus sempre alunos e alunas do Colégio Estadual Napoleão de Menezes Alves, onde lecionei por dois anos e tive as melhores experiências como professor de adolescentes que buscavam concretizar seus sonhos e viam em mim a motivação necessária para seguir. Quanta falta me fazem!

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa, que sem dúvida foi de suma importância, principalmente nos anos iniciais do doutorado e durante a pandemia.

Por fim, agradeço pela oportunidade de ter residido em “um pedacinho de terra perdido no mar” chamado Florianópolis, que, assim como Aracaju, a Ilha da Magia ocupa um lugar privilegiado tanto em minhas lembranças quanto em meu coração.

*“Venha, amiga. Venha ver a minha cidade.
Não serei, certamente, um guia como Gilberto
Freire na cidade do Recife, nem como Jorge
Amado na sua cidade de Salvador. Não há,
também, na cidade de Aracaju, minha terra, terra
nossa, terra de luz e de tranquilidade, riqueza de
coisas velhas, cheirando a mistério, recendendo à
tradição. Eis, aqui, a Aracaju do passado, doce e
amável.
Mas há muito o que ver, quando, é o meu caso,
será caso também, o objeto é olhado
com os olhos do coração e os da boa vontade.
Venha, querida. E eu lhe mostrarei a cidade de
Aracaju.”*

(Mário Cabral, 2002)

RESUMO

A pesquisa aborda uma lacuna significativa na literatura histórica sobre a atuação das revistas ilustradas *Fon-Fon* e *O Malho* fora do eixo Sudeste-Sul do Brasil. Até o momento, os estudos se concentram majoritariamente nessas regiões, negligenciando outras áreas do país. Em particular, esta pesquisa foca na ausência de estudos sobre a circulação dessas revistas no estado de Sergipe e investiga os motivos pelos quais Aracaju, sua capital, aparece com certa frequência nas páginas desses periódicos. Essa abordagem confere um caráter inédito à tese, uma vez que não existem escritos prévios que examinem a presença e a influência dessas revistas em Sergipe. O objetivo geral desta tese é problematizar como Aracaju era representada nas revistas ilustradas *Fon-Fon* e *O Malho*. A análise se desdobra em várias frentes: a pesquisa examina fotografias, caricaturas, artigos e correspondências que se referem à capital sergipana. A intenção é compreender o que estimulava a publicação de conteúdos sobre Aracaju e como isso contribuía para o processo de criação de uma nova identidade brasileira, objetivo caro ao regime republicano da época. A metodologia adotada para esta análise é abrangente. A pesquisa não se limita a um único tipo de fonte; ao contrário, explora uma variedade de materiais publicados nas revistas ilustradas. Fotografias e caricaturas são analisadas para entender as representações visuais de Aracaju, enquanto artigos e correspondências são examinados para captar as narrativas textuais e os discursos sobre a cidade. Essa abordagem multifacetada permite uma compreensão mais rica e detalhada da forma como Aracaju era vista e representada. Os principais resultados revelam que, apesar de estar localizada em uma região distante dos grandes centros urbanos da época, Aracaju não estava à margem dos acontecimentos nacionais. Pelo contrário, a cidade estava bem informada sobre os eventos que ocorriam nas grandes capitais e participava dos discursos de modernidade que ganhavam força no Brasil. Essa descoberta é significativa, pois contraria a noção comum de que regiões mais periféricas do país estavam desconectadas dos centros de poder e cultura. A presença de Aracaju nas páginas de *Fon-Fon* e *O Malho* indica uma integração maior do que se supunha entre as diferentes regiões do Brasil, bem como uma participação ativa de Sergipe nos debates e movimentos culturais da época. A contribuição da pesquisa é múltipla. Em primeiro lugar, ela oferece uma nova perspectiva sobre a forma como Sergipe e sua capital eram vistos de fora, revelando as interpretações e percepções do resto do país. Essa compreensão ajuda a construir uma imagem mais completa e nuançada da identidade brasileira, que inclui vozes e experiências de regiões menos estudadas. Além disso, a pesquisa abre caminho para novos estudos sobre outras cidades brasileiras e suas representações em revistas ilustradas da época. Ao destacar a importância de explorar além das regiões tradicionalmente estudadas, o trabalho encoraja uma abordagem mais inclusiva e abrangente na historiografia brasileira.

Palavras-chave: Aracaju; Identidade nacional; Revistas ilustradas.

RÉSUMÉ

La recherche aborde une lacune significative dans la littérature historique sur l'action des magazines illustrés *Fon-Fon* et *O Malho* en dehors de l'axe Sud-Est-Sud du Brésil. Jusqu'à présent, les études se concentrent principalement sur ces régions, négligeant d'autres parties du pays. En particulier, cette recherche se concentre sur l'absence d'études sur la circulation de ces magazines dans l'État de Sergipe et examine les raisons pour lesquelles Aracaju, sa capitale, apparaît fréquemment dans les pages de ces périodiques. Cette approche confère un caractère inédit à la thèse, car il n'existe pas d'écrits antérieurs examinant la présence et l'influence de ces magazines à Sergipe. L'objectif général de cette thèse est de problématiser comment Aracaju était représentée dans les magazines illustrés *Fon-Fon* et *O Malho*. L'analyse se déploie sur plusieurs fronts: la recherche examine des photographies, caricatures, articles et correspondances relatifs à la capitale de Sergipe. L'intention est de comprendre ce qui stimulait la publication de contenus sur Aracaju et comment cela contribuait au processus de création d'une nouvelle identité brésilienne, objectif cher au régime républicain de l'époque. La méthodologie adoptée pour cette analyse est exhaustive. La recherche ne se limite pas à un seul type de source; au contraire, elle explore une variété de matériaux publiés dans les magazines illustrés. Photographies et caricatures sont analysées pour comprendre les représentations visuelles d'Aracaju, tandis que les articles et les correspondances sont examinés pour saisir les récits textuels et les discours sur la ville. Cette approche multifacette permet une compréhension plus riche et détaillée de la manière dont Aracaju était perçue et représentée. Les principaux résultats révèlent que, malgré sa localisation dans une région éloignée des grands centres urbains de l'époque, Aracaju n'était pas en marge des événements nationaux. Au contraire, la ville était bien informée des événements qui se déroulaient dans les grandes capitales et participait aux discours de modernité qui prenaient de l'ampleur au Brésil. Cette découverte est significative, car elle contredit l'idée commune que les régions plus périphériques du pays étaient déconnectées des centres de pouvoir et de culture. La présence d'Aracaju dans les pages de *Fon-Fon* et *O Malho* indique une intégration plus grande que supposé entre les différentes régions du Brésil, ainsi qu'une participation active de Sergipe aux débats et mouvements culturels de l'époque. La contribution de la recherche est multiple. Tout d'abord, elle offre une nouvelle perspective sur la manière dont Sergipe et sa capitale étaient vus de l'extérieur, révélant les interprétations et perceptions du reste du pays. Cette compréhension aide à construire une image plus complète et nuancée de l'identité brésilienne, qui inclut des voix et des expériences de régions moins étudiées. De plus, la recherche ouvre la voie à de nouvelles études sur d'autres villes brésiennes et leur représentation dans les magazines illustrés de l'époque. En soulignant l'importance d'explorer au-delà des régions traditionnellement étudiées, le travail encourage une approche plus inclusive et globale de l'historiographie brésilienne.

Mots-clés: Aracaju; Identité nationale; Magazines illustrés.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diretoria do Clube Esperanto, 1908.....	36
Figura 2 – Segunda Diretoria do Clube Esperanto em Aracaju, 1909.....	38
Figura 3 – Linguagem Universal. Pic-nic Esperantista em Aracaju – Estado de Sergipe.....	41
Figura 4 – Os Esperantistas – Diretoria do Clube Esperanto de Aracaju, 1910.....	44
Figura 5 – Instituto Histórico e Geographico de Sergipe, 1915.....	47
Figura 6 – Publicações, 1903.....	63
Figura 7 – Belletrismo, 1926.....	64
Figura 8 – Fon-Fon! Em Sergipe, 1915.....	67
Figura 9 – Agências de <i>Fon-Fon</i> e <i>Selecta</i> nos estados, 1916.....	69
Figura 10 – <i>Fon-Fon</i> em Aracaju, 1918.....	70
Figura 11 – Rolo no Becco da Intervenção, 1906.....	73
Figura 12 – Pantheon dos Satrapinhas, 1902.....	83
Figura 13 – Vão-se os aneis, mas fiquem os dedos, 1906.....	87
Figura 14 – Administração de Sergipe, 1904.....	88
Figura 15 – Novo Senador por..., 1906.....	90
Figura 16 – Proverbios no Senado, 1906.....	93
Figura 17 – Revolução de Sergipe em Dous Quadros, 1906.....	96
Figura 18 – S. Ex. com os seus botões, 1906.....	98
Figura 19 – Desastre na estrada de ferro política estadual, 1906.....	101
Figura 20 – Em Sergipe. A reposição da imagem, 1906.....	103
Figura 21 – O Dr. Fausto Cardoso, morto na Capital de Sergipe no dia em que ali foi reposta a autoridade legal desse estado, por ordem do Congresso Nacional, 1906.....	106
Figura 22 – O Assassinato de Monsenhor Olympio Campos (1), 1906.....	109
Figura 23 – O Assassinato de Monsenhor Olympio Campos (2), 1906.....	110
Figura 24 – Um cortejo funebre, em Aracajú, capital de Sergipe, 1907.....	115
Figura 25 – FAUSTO CARDOSO (1), 1912.....	117
Figura 26 – FAUSTO CARDOSO (2), 1912.....	118
Figura 27 – Sergipe em plena prosperidade: a administração do Sr. Pereira Lobo, 1920.....	126
Figura 28 – A Nova administração de Sergipe, 1922.....	129
Figura 29 – Sergipe sob os impulsos do progresso (1), 1925.....	136
Figura 30 – Sergipe sob os impulsos do progresso (2), 1925.....	137
Figura 31 – Pavilhão central do Instituto “Parreiras Horta”, 1925.....	141

Figura 32 – Prophylaxia e Saneamento Rural, 1925.....	143
Figura 33 – Aguas e Esgotos, 1925.....	145
Figura 34 – A Cultura do Algodão em Sergipe (1), 1925.....	148
Figura 35 – A Cultura do Algodão em Sergipe (2), 1925.....	149
Figura 36 – A Instrução Publica em Sergipe (1), 1925.....	151
Figura 37 – A Instrução Publica em Sergipe (2), 1925.....	152
Figura 38 – A Penitenciária de Sergipe (1), 1925.....	158
Figura 39 – A Penitenciária de Sergipe (2), 1925.....	159
Figura 40 – A Mensagem do Presidente Graccho Cardoso (1), 1926.....	163
Figura 41 – A Mensagem do Presidente Graccho Cardoso (2), 1926.....	164
Figura 42 – O “ <i>Raid</i> ” de aviação naval: a esquadilha em Aracaju (1), 1923.....	170
Figura 43 – O “ <i>Raid</i> ” de aviação naval: a esquadilha em Aracaju (2), 1923.....	171
Figura 44 – Aspectos da Capital Alagoana (1), 1923.....	178
Figura 45 – Aspectos da Capital Alagoana (2), 1923.....	179
Figura 46 – Aos Heroes do “ <i>Raid</i> ” Aereo Rio-Aracaju, 1923.....	182
Figura 47 – Prefeitura de Aracajú, 1925.....	191
Figura 48 – Aracajú Remodelada, 1925.....	194
Figura 49 – Calçamento da cidade (1), 1925.....	196
Figura 50 – Calçamento da cidade (2), 1925.....	197
Figura 51 – Jardins de Aracaju, 1925.....	203
Figura 52 – A Moderna Capital de Sergipe (1), 1925.....	206
Figura 53 – A Moderna Capital de Sergipe (2), 1925.....	207
Figura 54 – Alguns vultos ilustres da Política Sergipana, 1925.....	211
Figura 55 – Senhoritas Isaura Boto Barros, Zaia Montalvão e Candoca Menezes, de Aracajú, 1914.....	220
Figura 56 – As três Graças. Detalhe do quadro <i>A Primavera</i> , de Sandro Botticelli, 1482.....	222
Figura 57 – Melindrosa de J. Carlos da revista <i>Para Todos</i> , 1922.....	224
Figura 58 – Senhorita Candóca Menezes, filha do Dr. Josino Menezes, ex-governador d’aquelle Estado, 1910.....	226
Figura 59 – Senhorita Candoca Menezes, filha do Ex-Presidente do Estado, Dr. Josino Menezes, 1915.....	227
Figura 60 – Retratos Graphologicos, 1920.....	231
Figura 61 – Maria Bonita e cangaceira não identificada, 1936.....	232

Figura 62 – O valoroso grupo de remadores do Club Sportivo Sergipe, em Aracajú, 1913.....	234
Figura 63 – 1º Team do Sport Club Sergipe, 1917.....	236
Figura 64 – Os nossos Atiradores Civis, 1912.....	238
Figura 65 – Como Sergipe recebeu o senador Pereira Lobo, 1926.....	240
Figura 66 – Collegio Gremio Escholar, dirigido pelo Dr. Evangelino de Faro, 1913.....	243
Figura 67 – O Ensino em Sergipe, 1913.....	245
Figura 68 – A Instrução em Sergipe: Grupo Escolar “Barão de Maroim”, 1922.....	247
Figura 69 – Rio em Flagrante: Sr. Agrippino Leite, conceituado negociante de Aracajú, 1918.....	249
Figura 70 – Comitê Sergipano do XX Congresso Internacional de Americanistas, 1918.....	251
Figura 71 – Festival da Cruz Vermelha em Sergipe, 1918.....	253
Figura 72 – Festa expressiva em propaganda dos productos da grande Cervejaria Atlântica, 1917.....	255
Figura 73 – Grupo de Operarios da usina da <i>Cervejaria Atlantica</i> , 1917.....	256
Figura 74 – Capitais Brasileiras: Aracaju, 1945.....	262

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instituições criadas nas primeiras décadas do século XX.....	36
Quadro 2 – Jornais e revistas de Aracaju (1855-1889).....	56
Quadro 3 – Revistas de Aracaju durante a Primeira República (1890-1927).....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – <i>Raids</i> realizados pela Aviação Naval até o ano de 1923.....	182
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNDigital	Biblioteca Nacional Digital Brasileira
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGSE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	20
2	CARTOGRAFIA CULTURAL DE ARACAJU NA PRIMEIRA REPÚBLICA: Cultura letrada, instituições, intelectuais e imprensa na capital sergipana.....	33
2.1	INSTITUIÇÕES E INTELLECTUAIS EM UMA CIDADE CONSIDERADA MODERNA.....	34
2.2	A IMPRENSA NÃO TÃO TARDIA DE SERGIPE DEL REY.....	50
2.3	A IMPRENSA DE (EM) ARACAJU E SUAS FUNÇÕES.....	53
3	DO CÔMICO AO TRÁGICO: A Revolta Fausto Cardoso através das caricaturas e fotografias da revista <i>O Malho</i> (1906).....	75
3.1	HUMOR, IMPRENSA E POLÍTICA DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA.....	78
3.2	O PREFÁCIO DE UM LEVANTE.....	81
3.3	UMA REVOLTA EM CARICATURAS.....	95
3.4	O “ <i>POST-MORTEM</i> ” DO CONFLITO.....	113
4	“FON-FON EM SERGIPE”: Relatórios ilustrados de gestão nas páginas da revista carioca (1925-1926).....	125
4.1	O GOVERNO DE GRACCHO CARDOSO EM (RE)VISTA.....	129
4.2	“SERGIPE SOB OS IMPULSOS DO PROGRESSO”.....	135
5	“A CIDADE COMO PALCO”: Visibilidade urbana e modernidade na capital sergipana em páginas periódicas.....	167
5.1	A MODERNIDADE VINHA DOS CÉUS.....	169
5.2	“A MODERNA CAPITAL DE SERGIPE”.....	184
6	VER E SER VISTO: Aracajuanas e aracajuanos em <i>Fon-Fon</i> e <i>O Malho</i>.....	217
6.1	MULHERES: SENHORITAS E SENHORINHAS.....	218
6.2	HOMENS: DESPORTISTAS, MILITARES E POLÍTICOS.....	235
6.3	EDUCAÇÃO: ESTUDANTES, PROFESSORAS E PROFESSORES.....	244
6.4	OUTRAS FOTOGRAFIAS.....	251
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	263
	POST SCRIPTUM.....	267
	REFERÊNCIAS.....	268

1 INTRODUÇÃO

Recife desenvolve-se reformoseia-se. Com os novos serviços do porto, será em dez anos, uma New York meridional. Bahia é uma cidade formidável, a mais característica das nossas grandes cidades, verdadeira metrópole da democracia brasileira, pela admirável plasmagem das tres raças, pelo espirito das suas tradições, pelos depoimentos vivos do nosso amanhecer histórico. E que dizer das cidades menores – menores no tamanho e mais encantadoras, pelo asseio, pela graça – oleogravuras de natureza, com frescura de “chromos” ou pequeninas paisagens bíblicas? A actuação epítacista fez da Parahyba um jardim encantado. A administração Graccho Cardoso, em Sergipe, está fazendo de Aracajú a legitima “joia do Cotinguiba”. A fôz do lindo rio é um pequeno desaguadouro paradisiaco. De um lado, a Barra dos Coqueiros – espécie de “Insula palmarum” de uma Chanaan imprevista, a Chanaan do Novissimo Testamento; de outro lado, a Cidadinha-feiticeira, rectilínea, harmoniosa, cercada de chácaras, pomares, onde rescendem os melhores cajus e as melhores mangas do Brasil.¹

Com esse texto elogioso, publicado na revista *Fon-Fon* em 14 de março de 1925, o poeta sergipano radicado no Rio de Janeiro, Hermes Fontes (1888-1930)², iniciou uma série de artigos sobre o seu estado natal e, principalmente, sua capital, Aracaju. Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil vivia um período de transformações, e as cidades foram os espaços escolhidos para a materialização de uma identidade ligada, principalmente, à modernidade. A imprensa, por sua vez, foi responsável pela disseminação de uma nova identidade para o país.

O “Príncipe dos Poetas”, como era chamado Hermes Fontes, apresentou no texto uma síntese de como as principais capitais do então norte brasileiro (Salvador/BA e Recife/PE) estavam passando por reformas na sua estrutura urbana, mas também citou as menores (Parahyba do Norte/PB e Aracaju/SE) e não poupou elogios à capital do seu estado natal; além disso, dedicou-lhe numerosas páginas com uma quantidade significativa de registros fotográficos, que provavelmente aguçaram a curiosidade do leitor da época que, porventura,

¹ FONTES, Hermes. A Joia do Cotinguiba. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 11, 14 de março de 1925, p. 27.

² “Filho de Francisco Martins Fontes e D. Maria de Araujo Fontes, nasceu na villa do Buquim a 28 de agosto de 1888. Aos 5 annos de idade começou a estudar primeiras letras na aula primaria do professor leão Magno, passando-se em 1896 para Aracajú, onde frequentou o collegio do professor Alfredo Montes, fazendo ali progressos que a todos admirava. Em pouco tempo fez em torno de si um largo circulo de admiradores; é que contando apenas com 9 annos de idade e tendo curto tirocinio escolar, adquirira conhecimentos que outros em idade superior não haviam alcançado. A fama e o seu talento precoce espalou-se logo pela cidade”. Ver: GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Biobibliográfico Sergipano*. Sergipe: Edição do Estado de Sergipe, 1925. p. 118-119.

nunca esteve na “Joia do Cotinguiba” nos anos de 1920, mas foi levado a perscrutar as suas ruas e avenidas através do folhear das revistas ilustradas do Rio de Janeiro.

Aracaju nasceu sob a égide da modernidade, uma cidade que teve seu traçado como um tabuleiro de xadrez e que atenderia não apenas aos anseios políticos locais, mas também de uma elite agrária que desejava retirar o status de capital de São Cristóvão para atender aos seus negócios. Utilizando o discurso de que a então província precisava de um porto com águas profundas para receber grandes embarcações e facilitar o escoamento do açúcar, algo que São Cristóvão não possuía, o presidente Inácio Barbosa (1821-1855), com o apoio explícito de João Gomes de Melo, o Barão de Maruim (1809-1890)³, transferiu a capital para a margem direita do rio Cotinguiba⁴ em 17 de março de 1855.

A construção da nova capital foi lenta e ficou paralisada durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), quando a economia do Império estava voltada para os esforços bélicos. A construção do cenário urbano de Aracaju recomeça a ganhar fôlego nas primeiras décadas do século XX com o regime republicano instaurado.

³ “Filho de Theotonio Corrêa Dantas e D. Clara Angelica de Menezes, nasceu a 18 de Setembro de 1809 no engenho Santa Barbara, municipio de Maroim e faleceu a 23 de Abril de 1890 na capital federal, onde, tendo desde muitos anos fixado residência, formara família, contrahindo segundas nupcias com uma respeitável senhora, irmã do Visconde do Uruguay. Seguindo o exemplo dos seus antepassados dedicou-se á laboriosa vida da agricultura, adquirindo nella rapidamente avultou fortuna, de que utilizou uma boa parte na construcção do magestoso templo, que actualmente serve de igreja matriz da cidade de Maroim, e em diversas doações feitas a casas de beneficencias. Não menos prospera foi a carreira politica, que depois abraçou, e na qual, cheganáo a ser constituído chefe do partido conservador, alcançou as mais elevadas posições. Nobilitado pelo governo imperial a 11 de Outubro de 1848 com o titulo de barão com grandeza, foi commandante superior da guarda nacional, vice-presidente da provincia, deputado provincial por diversas vezes e deputado geral nas três legislaturas de 1853 a 1864, no começo da ultima das quaes, 1861, foi escolhido senador do Império. Como vice-presidente, administrou a provincia, desde 27 de Setembro de 1855 até 27 de Fevereiro do anno seguinte. Um órgão da imprensa carioca, noticiando a sua morte, disse que, "embora lhe faltassem as brilhantes qualidades da intelligencia, procedeu sempre, tanto na vida publica, como na particular, de modo a deixar de si memoria honrada e bemquista". Em confirmação da nobreza e rectidão desse irocedimento fallam ainda bem alto os seus actos de generosidade e philantropia, de que são dignos documentos as distincções honorificas recebidas do governo do paiz e de S. S., o chefe supremo da igreja catholica, que o condecoraram comendador da ordem de Christo, cavalleiro das ordens do Cruzeiro, da Rosa e de S. Gregório Magno, de Roma. Fez mais de uma viagem a Europa e escreveu:

— Relatório com que foi entregue a administração da provincia de Sergipe no dia 27 de Fevereiro de 1856 ao Exmo. Dr. Salvador Corrêa de Sá e Benevides pelo 1.º vice-Presiriente ria mesma. No "Correio Sergipense" de Junho a 12 de Julho rio referido anno.

— Relatório da Directoria da "Associação Sergipense", apresentado no dia 5 de Março de 1857. No "Correio Sergipense" de 14 do mesmo mez e anno.

— O Barão de Maroim e o processo — Rollemberg. Ao publico e aos seus amigos. Rio de Janeiro, 1862, 12 pag. de 2 columnas, in 8.º. gr. Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeveuve & C. E' a reimpressão de uma serie de artigos publicados no "Jornal rio Commercio" do Rio de Janeiro, a começar do n.º de 9 de Julho de 1862." Ver: GUARANÁ, Armindo. Op, cit. p. 169.

⁴ Até o início do século XX havia uma dúvida sobre o nome do rio que banha Aracaju, por isso, acreditava-se que ele era o rio Cotinguiba, quando na verdade esse era o afluente principal do rio Sergipe. Ver: ARAÚJO, Ruy Belém de. Quem banha a cidade de Aracaju, o rio Sergipe ou o rio Cotinguiba. **Revista de Aracaju**, Aracaju, p. 07 - 353, 14 mar. 2005.

A terceira década do século passado, chamada também de “os loucos anos 20”, foi um período de constantes transformações, uma saída das tristezas vividas por conta da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da pandemia de gripe espanhola (1918-1920). Foi um período de otimismo principalmente nos países que não participaram efetivamente do conflito bélico como, por exemplo, o Brasil, que apenas enviou uma missão de médicos para o front.⁵ Esses acontecimentos caracterizaram o que Eric Hobsbawm denominou “Breve século XX”⁶.

Passadas a guerra e a peste, o país deu continuidade a um processo de transformação social ansiado pela República em seu prelúdio; assim sendo, as principais cidades brasileiras materializaram em suas estruturas urbanas as mudanças orquestradas pelo regime, e as revistas ilustradas tiveram um papel importante nesse processo de construção de uma identidade para o Brasil. Sobre o papel dos folhetins no período abordado, Maria Adaiza Lima Gomes⁷ nos diz:

Na década de 1920, as revistas ilustradas se popularizavam, principalmente entre as camadas abastadas, como meio de comunicação que representava as inovações do período. Impressas em papel *couché*, com os mais variados tipos impressos a cores, e ainda trazendo ilustrações e fotografias, e divulgando as principais novidades tanto em informação e cultura como os mais novos objetos presentes no mercado, seriam caracterizadas como meio de comunicação “moderno” e “luxuoso”, devido à qualidade de impressão e diagramação, e também à novidade a elas relacionada tanto no que se referia ao conteúdo como ao aperfeiçoamento técnico em sua produção (2022, p. 14).

Para além de apresentarem as novidades daquele período, as revistas ilustradas tiveram um papel significativo nas mudanças sociais encetadas nas primeiras décadas do século XX. Tais impressos também foram incumbidos de apresentar ao país um novo projeto de nação que estava ligado umbilicalmente à modernidade.

O objetivo primevo desta pesquisa era justamente analisar as fotografias de Aracaju encontradas nas revistas ilustradas *Fon-Fon* e *O Malho*, enviadas aos respectivos folhetins cariocas por intelectuais, políticos e habitantes da capital e do interior do estado de Sergipe. No entanto, com o passar do tempo, foram surgindo novos questionamentos que nos levaram a crer que apenas uma análise do material fotográfico encontrado não resultaria em um produto final que respondesse aos questionamentos que norteiam a pretendida tese doutoral.

⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **A Bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

⁶ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁷ GOMES, Maria Adaiza Lima. **A publicidade como tecnologia de colonialidade: gênero, raça e classe em anúncios de medicamentos da década de 1920**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. p. 1-249.

Um dos principais fatores que nos motivaram a pesquisar sobre Aracaju e sua relação com os periódicos do Rio de Janeiro foi entender o motivo pelo qual não há pesquisas que mostrem a atuação dessas revistas para além do eixo Sudeste-Sul do país, uma vez que elas atuaram nas demais regiões mostrando suas peculiaridades aos leitores. A partir disso, questionávamos: o que levou revistas tão afamadas a publicarem sobre uma pequena capital localizada em uma região pouco relevante e nada estratégica à época e que estava distante dos principais epicentros da cultura nacional naquele período? Qual a finalidade dos artigos sobre Aracaju nos referidos folhetins? Como era apresentado e/ou representado o cotidiano da cidade em suas páginas?

Podemos equacionar os questionamentos acima a partir das seguintes hipóteses: o propósito das matérias das revistas ilustradas sobre Aracaju era criar o imaginário de uma cidade moderna aos moldes europeus. As transformações decorrentes da modernidade, manifestadas principalmente na então capital federal, Rio de Janeiro, e em outras cidades brasileiras, chegavam até os aracajuanos através dessas e de outras revistas – elas também foram responsáveis por apresentar as transformações de Aracaju e sua busca pela modernidade a todo Brasil, uma vez que as revistas eram de circulação nacional. O cotidiano de Aracaju durante a Primeira República seguia o mesmo ritmo de outras capitais que passaram por obras de remodelação realizadas pelo poder público, e o ir e vir nas ruas, juntamente com a vida social aracajuana, deveria ser apresentado no folhetim – era o ato de “querer ver” e outro de “ser visto”.

Assim sendo, o objetivo desta tese é problematizar como Aracaju era representada nas mencionadas revistas ilustradas. A fim de cumprir tal desígnio, analisamos não apenas as fotografias, como também as caricaturas, os artigos e as correspondências alusivos à capital sergipana. Buscamos, também, compreender o que estimulava a publicação sobre a capital sergipana nos folhetins e de qual maneira isso contribuiu para o processo de criação de uma nova identidade brasileira, tão almejada pelo regime republicano.

É necessário também entendermos como eram tecidas as sociabilidades dos campos político e intelectual através dos materiais vinculados nas revistas e como eles participaram do processo de inserção de Aracaju e, conseqüentemente, de Sergipe no projeto de identidade nacional. Por fim, é válido investigar as fotografias e as correspondências enviadas por outros grupos sociais, os “animadores culturais aracajuanos”, para compreendermos quais os seus papéis nessa troca simbólica com as revistas ilustradas *Fon-Fon* e *O Malho*.

As revistas ilustradas já citadas servem como principais fontes para o tecer desta pesquisa⁸, pois nelas encontramos uma quantidade significativa de fotografias, artigos, caricaturas, entre outros elementos que remetem a Aracaju no marco temporal analisado. No entanto, isso não nos impede de utilizar outras fontes como, por exemplo, os jornais da imprensa sergipana, que servirão como “fontes coadjuvantes”, se assim podemos chamá-los, na medida em que alguns deles replicavam os artigos dos folhetins cariocas, mostrando-nos a possível troca de comunicação entre ambos. Lamentavelmente, não foram encontradas as revistas sergipanas que listamos no próximo capítulo, pois foram degradadas pela ação do tempo e pela ausência de conservação dos arquivos que as salvaguardavam.

O livro da historiadora sergipana Terezinha Alves de Oliva, intitulado *Impasses do Federalismo Brasileiro: Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso*, juntamente com os dicionários *Biobibliográfico Sergipano* e *Histórico-Fotográfico Brasileiro*, de Armindo Guaraná e Boris Kossoy, respectivamente, servem como fontes bibliográficas de suma importância. O primeiro é a obra mais completa sobre o evento conhecido em todo o país como “A Tragédia de Sergipe”. O segundo contém verbetes de nomes que figuraram nos campos político e intelectual da segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do XX. Por fim, Kossoy nos apresenta os estabelecimentos fotográficos e seus profissionais em diversas partes do país durante um período de mais de 70 anos.

O marco temporal analisado nesses escritos começa em 1902, ano do início das atividades da revista *O Malho* e quando surge a primeira menção a Aracaju em suas páginas. Esse período termina em 1926, quando a *Fon-Fon* publica uma série de artigos com o intuito de enaltecer as obras da gestão do presidente Graccho Cardoso.

Embora esta tese esteja abordando um contexto específico – as representações de uma capital do norte brasileiro nas revistas ilustradas cariocas –, ele está conectado a temas mais amplos, os quais, por sua vez, estão relacionados à busca pela modernidade, aos ideais de civilização e ao uso da imprensa ilustrada como propagadora de uma identidade nacional em construção, entre outras temáticas compreendidas como globais. De tal feita, ainda que se tratando de um contexto local, este trabalho se relaciona a um vasto cenário nacional e internacional.

Um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”: era assim que se apresentava aos seus leitores a revista *Fon-Fon* no seu número inaugural, datado de 13 de abril de 1907. E

⁸ Ancoro-me nas discussões pautadas por Tânia Regina de Luca quando reforça o estatuto dos periódicos como fontes para a pesquisa histórica. Ver: LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo Contexto, 2018. p. 141.

acrescentava: “[...] noticiário avariado, telegrafia sem arame, crônica epidêmica; tiragem: cem mil quilômetros, por ora; colaboração de graça, isto é, de espírito”. Com essa forma audaciosa e bem-humorada, o folhetim abordava os ares da modernidade que pairavam sobre o Rio de Janeiro, então capital federal e centro cultural do país.

Criada pelo grupo de intelectuais composto pelos poetas Lima Campos (1872-1929), Mário Pederneiras (1867-1915) e Gonzaga Duque (1863-1911), crítico e romancista⁹, a revista surge após a conclusão das obras de remodelação do Rio de Janeiro, empreendidas pelo então prefeito Pereira Passos. O impresso tinha como missão agitar o cenário cosmopolita da cidade com as novidades modernas que vinham do Velho Mundo. O folhetim trazia consigo símbolos da modernidade como o carro, que representava a velocidade das informações em um mundo que ansiava por transformações, e seu nome aludia ao som oriundo das buzinas dos automóveis. “Salve-se quem poder! Arreda! Arreda! Vim de automóvel para chegar mais cedo!” está escrito, de forma bem-humorada, em seu primeiro número, em uma menção à rapidez que os tempos modernos ofereciam através das novas máquinas.

Para que a revista obtivesse êxito e caísse no gosto do público, foram adotados diversos procedimentos; um deles foi contratar uma equipe de colaboradores conhecidos no cenário da República das Letras fluminenses. Dentre eles podemos destacar o jornalista e escritor Lima Barreto (1881-1922), que ocupou por um curto tempo o cargo de secretário da redação da revista, porém nunca teve um artigo aprovado para publicação nela, fato que ocasionou a saída dele. Lima Barreto aparentemente não gostou da proposta da *Fon-Fon*, dizendo que ela era repleta de estrangeirismos e que isso era um problema para uma revista que desejava contribuir para a criação de uma nova identidade para o Brasil.

Lima Barreto não estava equivocado. O estrangeirismo relatado por ele era visível no folhear das páginas da *Fon-Fon*, que usava constantemente expressões e, algumas vezes, publicava artigos em francês, afinal o padrão civilizador almejado pelo Brasil desde meados do século XIX era a França. Outro exemplo é que as próprias revistas ilustradas cariocas do início do Novecentos imitavam os magazines franceses. Sobre esse fascínio francófono, Mônica Pimenta Velloso¹⁰ explica:

A revista se transformou em uma quase onipresença, transportando o leitor para todos os lugares, inserindo-o em uma paisagem em movimento. As capitais das metrópoles modernas como Paris, Berlim, Londres, Tóquio, assim também como países e continentes considerados exóticos como o Egito, faziam parte desse percurso que

⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: Triste Visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

¹⁰ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Fon-Fon!* em Paris: passaporte para o mundo. **Cadernos da Comunicação**, Série Memória, v. 22, p. 11-28, 2008.

ainda incluía as capitais latino-americanas como Montevideu e Buenos Aires. Mas, sem dúvida, era em Paris que se concentrava o foco de atenção. Ao longo do ano de 1914, a revista abriu uma sessão de periodicidade praticamente semanal: “*Fon-Fon! em Paris*” (2008, p. 13).

Essa predileção por Paris não era por acaso, afinal a capital da França passou por um processo de remodelação em sua estrutura urbana na segunda metade do século XIX, o que a projetou como modelo de cidade moderna, a “Cidade Luz”, que iluminou e inspirou suas congêneres mundo afora, a exemplo do Rio de Janeiro, que, com sua reforma urbana, espalhou pelas demais capitais do país um projeto de urbanização com o intuito de alcançarem o moderno. A seção “*Fon-Fon em Paris*” reforçou o papel crucial da revista na conexão dos leitores com o mundo moderno e na criação de um sentimento de pertencimento e engajamento com esses espaços cosmopolitas.

Assim a cidade de Aracaju o fez tardiamente, no limiar da movimentada década de 1920, e não deixou passar em branco, registrando nas concorridas páginas da revista *Fon-Fon*. O impresso dedicou à seção “*Fon-Fon! em Aracaju*” ou “em Sergipe” a tarefa de transportar seus ávidos leitores à capital sergipana, mostrando que, assim como as outras cidades, ela também estava em movimento – seja através das reformas urbanas, dos intelectuais, dos políticos ou dos animadores do cenário cultural aracajuano.

Após meio século de atividades, com alguns interregnos nesse período de tempo, a afamada revista ilustrada encerra suas atividades em agosto de 1958. *Fon-Fon* deixa uma quantidade satisfatória de números que nos possibilitam conhecer as transformações sociais, políticas e culturais do Brasil da Primeira República até o fim do último governo Vargas.

Contemporânea da *Fon-Fon*, a revista *O Malho* se descrevia da seguinte forma: “Semanário humorístico, artístico e literário”. Seu primeiro número foi lançado em 20 de setembro de 1902, quando se iniciaram as obras de remodelação da cidade do Rio de Janeiro. Diferentemente de sua concorrente, o folhetim não enalteceu as reformas encetadas pelo poder público, ao contrário, teceu críticas vorazes ao processo modernizador da capital e aos seus principais agentes. Cláudia Maria Viscardi e Livia Soares¹¹ apresentam o mote principal que conduzia o editorial do magazine carioca:

[...] a revista *O Malho* teve como propósito maior ser lida e adquirida pelos grupos populares, apresentando um forte viés político-combativo. Fundada por Luís Bartolomeu de Sousa e Silva, a publicação ilustrada semanal circulou no Distrito Federal entre os anos de 1902 e 1954, contando com os principais chargistas do país, que contribuíram com suas sátiras políticas e com seu elevado padrão editorial e

¹¹ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; SOARES, Livia Freitas Pinto Silva. Votos, partidos e eleições na Primeira República: Dinâmica Política a partir das charges de *O Malho*. **Revista de História**, v. 177, p. 1-31, 2018.

gráfico. O periódico possuía um caráter eminentemente político e humorístico, o qual se fazia presente tanto em suas crônicas como em suas imagens. Esforçava-se por desempenhar um papel político-pedagógico, tornando-se cada vez mais popular. Tal peculiaridade lhe rendeu um espaço importante entre os leitores. Tendo em vista a longevidade dessa revista semanal, pode-se afirmar seguramente que, em suas páginas, temos acesso aos episódios mais marcantes da história da Primeira República bem como à repercussão das ações dos gestores públicos através de sátiras irreverentes. [...] Possuindo geralmente 40, 44 ou 52 páginas, *O Malho* trazia conteúdos que iam desde momentos corriqueiros da vida do carioca aos acontecimentos nacionais mais relevantes (2018, p. 8).

Com um toque de humor e uma pitada de sátira, *O Malho* desejava transmitir aos leitores os acontecimentos do país. Sua circulação não se dava apenas no Rio de Janeiro (Distrito Federal), sua abrangência vai além do limite imposto pelas autoras. A revista percorreu todo o território nacional apontando as discrepâncias regionais e os conflitos travados no campo político¹² da Primeira República.

Foi através do traço apurado e coeso dos seus caricaturistas, por exemplo, que o Brasil assistiu ao desenrolar de um movimento insurgente em Aracaju e seu desfecho trágico no início do século passado, como veremos no terceiro capítulo deste trabalho. Por também possuir um caráter “artístico e literário”, ela dedicou suas páginas à classe intelectual da época, que, na impossibilidade de publicar um livro no seletivo e caro mercado das editoras, disponibilizava seus escritos na imprensa, principalmente nas revistas ilustradas que se popularizaram no período. Por isso encontramos uma quantidade satisfatória de fotografias e textos oriundos de Aracaju, enviados por agremiações intelectuais que desejavam mostrar seus feitos e contribuir para a formação da identidade brasileira, como observaremos no capítulo dois.

O Malho, por ser financiada unicamente por seus assinantes e não por políticos ou agentes públicos, possuía liberdade para criticar ferozmente a classe política da época com o intuito de se aproximar das camadas populares. Em um país em que, naquele período, o número de analfabetos chegava a quase 80%, o uso excessivo de imagens e caricaturas era uma tática exitosa para se aproximar desse grupo e mantê-lo informado sobre o cotidiano do Brasil¹³.

Diferentemente da *Fon-Fon*, a revista *O Malho* não tinha o interesse de “europeizar” o Brasil, tampouco de se apropriar de costumes oriundos do outro lado do Atlântico; sua função era denunciar os desmandos de um regime em um país diverso e recheado de contrastes sociais.

¹² Pierre Bourdieu define o campo político como “um campo de forças e como campo de lutas que têm em vista transformar a relação de forças que confere este campo a sua estrutura em dado momento”, ou seja, usar os poderes que a política oferece em benefício daquele que a exerce. Ver: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 163-164.

¹³ JUSTEN, Janine Figueiredo de Souza. **A caricatura e o imperativo da modernidade: o papel da revista *O Malho* nas reformas urbanas do Rio de Janeiro (1900-1910)**. 293 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. p. 26.

No entanto, assim como sua concorrente, desejava ajudar a cunhar um novo ideal de modernidade para o país, mas preocupada com as implicações que esses efeitos modernizantes teriam sobre os mais pobres.

Outro ponto de confluência com a *Fon-Fon*, e também com outras revistas ilustradas da época, foi o uso louvável de fotografias para apresentar aos seus leitores as vicissitudes do território gigantesco que é o Brasil. Ambas tiveram meio século de existência, estiveram presentes em momentos históricos marcantes do país e testemunharam as transformações advindas da modernidade. Eis o motivo da escolha dessas revistas como fontes principais deste estudo. Cabe mencionar que *O Malho* encerrou as atividades em janeiro de 1954, somando 168 números publicados.

No campo historiográfico, a bibliografia sobre imprensa periódica e sua relação com a cidade tem crescido consideravelmente nas últimas décadas. Entre alguns desses trabalhos, podemos destacar a obra de Ana Luiza Martins¹⁴, que utilizou diferentes impressos – como jornais e revistas ilustradas – a fim de popularizar as transformações urbanas, culturais e sociais ocorridas na cidade de São Paulo nas primeiras quatro décadas republicanas. Podemos notar, na obra, a consolidação das revistas ilustradas nesse período, justamente em virtude da disseminação dos ideais de civilização e progresso presentes em seus textos e ilustrações, o que reforça a hipótese do uso dos periódicos como canal dos discursos civilizadores.

Anteriormente a Martins, porém seguindo a mesma linha, Heloísa de Faria Cruz¹⁵ mostra como a imprensa paulista no final do século XIX e início do XX foi responsável pela construção do espaço público da cidade de São Paulo e suas sociabilidades quando a referida urbe ascendia no cenário nacional como centro econômico e cultural do país, dividindo ou disputando com o Rio de Janeiro tal posto. A autora também se debruçou sobre os grupos de intelectuais que ajudaram a disseminar através da imprensa a vida urbana da capital.

Márcia Padilha¹⁶, por sua vez, mostra como a publicidade contida nos anúncios das revistas ilustradas paulistas *A Cigarra* e *Ariel* contribuiu para a idealização de uma metrópole moderna associada aos discursos de civilização e higienismo e à exaltação do progresso, como também o culto à beleza e a valorização da arte em uma cidade que se preparava para sediar a Semana de Arte Moderna de 1922.

¹⁴ MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2008.

¹⁵ CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo Público de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

¹⁶ PADILHA, Márcia. **A Cidade como espetáculo**: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

Destacamos também a significativa produção de Tânia Regina de Luca¹⁷, que compreende a imprensa como um meio de comunicação responsável por pensar e difundir a questão nacional em um momento de crise para o país nas primeiras décadas do século passado e nota que as revistas ilustradas possibilitaram um diálogo cultural intenso dentro e fora do Brasil. Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins¹⁸ teceram juntas uma obra que vai justamente mostrar a relação entre imprensa e cidade, evidenciando a trajetória das publicações de periódicos e sua função na sociedade brasileira.

A trajetória do impresso no Brasil também é analisada na obra organizada por Rafael Cardoso¹⁹, na qual os autores convidados apresentam em seus escritos a evolução gráfica nos impressos em 200 anos de história e a importância das imagens nos jornais e revistas de grande circulação. O mesmo autor, em recente publicação²⁰, mostra como a modernidade e a identidade do país foram construídas através dos periódicos e suas fotografias (em preto e branco), contrapondo a Semana de Arte Moderna de 1922 como o marco inicial para o Modernismo brasileiro e São Paulo como o berço do movimento artístico e cultural.

Por fim, Cláudia de Oliveira, Mônica Pimenta Velloso e Vera Lins (2010)²¹ analisam as transformações oriundas da modernidade no cenário urbano do Rio de Janeiro. Para tanto, elegem as revistas ilustradas da época como fonte principal de pesquisa e observam como os intelectuais da época vão usar esses impressos como forma de definir a “brasilidade”, deslocando-se do passado colonial europeu.

Apesar de serem usadas constantemente como fontes de análise não apenas na História, mas também em diversas áreas acadêmicas como Educação, Artes, Comunicação, Design, entre outras, ainda há muito que se pesquisar nas revistas ilustradas. Existe um significativo número de pesquisas relacionadas aos folhetins escolhidos para esta tese, dentre alguns podemos citar os seguintes trabalhos: “Relações de poder, gênero e condição feminina na imprensa carioca: *O Malho*, *Careta* e *Fon-Fon* (1910-1950)”, de Vívian Marcello Ferreira Caetano (UERJ); “Madames, mademoiselles, melindrosas: ‘feminino’ e modernidade na revista *Fon-Fon* (1907-1914)”, de Fabiana Francisca Macena (UnB); “Entre a Arqueologia e a Modernidade: a

¹⁷ Dentre as obras da autora destacamos: DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora Unesp, 1999; _____. *Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011; _____. *A Ilustração [1884-1892]: circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

¹⁸ MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

¹⁹ CARDOSO, Rafael (Org.). *Impresso no Brasil: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

²⁰ CARDOSO, Rafael. *Modernidade em Preto e Branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

²¹ OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. *O Moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

representação do moderno nas revistas ilustradas cariocas *Fon-Fon!*, *Selecta* e *Para Todos* (1907-1930)”, de Cláudia Maria da Silva de Oliveira (UFRJ); “Cinema transnacional e tendências estéticas nas revistas brasileiras *Fon-Fon* e *Cinearte* (1927 a 1932)”, de Luciana Fagundes Haussen (PUC/RS), e “A caricatura e o imperativo da modernidade: o papel da revista *O Malho* nas reformas urbanas do Rio de Janeiro (1900-1910)”, de Janine Figueiredo de Souza Justen (UFRJ).

Ao cotejar a bibliografia e os trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) descritos, percebemos uma lacuna: a ausência de pesquisas sobre a atuação das revistas ilustradas *Fon-Fon* e *O Malho* em outras regiões do país, ou seja, fora do eixo Sudeste-Sul, onde os respectivos escritos estão na maioria dos casos concentrados. Tal situação concede o caráter inédito a esta tese, pois não há, até então, escritos sobre a circulação dessas revistas em Sergipe e os motivos que levaram Aracaju a aparecer com uma determinada frequência em suas páginas.

A Nova História Cultural é a base teórico-metodológica utilizada nesta pesquisa, constituindo uma corrente historiográfica que, a partir da década de 1970, fez com que os historiadores deslocassem seus olhares para as práticas culturais. Assim sendo, um dos conceitos a serem utilizados nesta pesquisa é o de representação, que foi elaborado e/ou reelaborado por Roger Chartier (1990), segundo o qual, ao criarem representações, os autores descrevem a realidade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse, deixando entrever interesses pessoais e/ou de grupos. A análise das fontes tomará esse conceito como ponto norteador, percebendo ser fundamental no ofício do historiador a identificação do “modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”²².

O conceito de apropriação, também cunhado pelo historiador, nos ajudará a compreender como os aracajuanos se apropriavam das revistas citadas, pois o termo está relacionado a “uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”²³, ou seja, como eles – os aracajuanos – construíam sua realidade circundante ao lerem os semanários cariocas.

²² CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Difel, 1990. p. 17.

²³ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002. p. 68.

Modernidade é outro conceito que nos ajudará no desenvolvimento desta pesquisa. Encontramos, em Marshall Berman²⁴, a peça-chave para a análise dessa noção. De acordo com o autor, a modernidade é um conjunto de experiências que cada indivíduo leva consigo e adquire com outros. Não se trata, porém, de um evento pacífico, pois, ao mesmo tempo que une as pessoas em diversos lugares do planeta, ela causa situações conflitantes, fazendo com que reconheçam sua dualidade. Logo, da mesma forma que causa fascinação, a modernidade pode ser decepcionante.

Esta pesquisa tem como fontes principais os impressos ilustrados, por isso é primordial a análise do conceito de Cultura Impressa, uma vez que ele nos permite “conhecer as redes de sociabilidade intelectual, os bastidores dos periódicos, seus projetos literários, políticos e estéticos e seus contendores através de suas querelas”²⁵. Como vemos, esse conceito se entrelaça a outro, a saber, sociabilidade, noção abordada por Georg Simmel (1939)²⁶ e Júlia O’Donnell (2008), que a sintetiza “como fruto de um contexto moderno feito de novos espaços e ideias, constituindo-se como a prática urbana por excelência”²⁷. Em síntese, sociabilidade é como as relações sociais são tecidas nos âmbitos urbanos e as redes de contato tecidas por intelectuais através da imprensa.

O último conceito a ser trabalhado nesta tese é o de Cultura Visual, visto que as fotografias encontradas nas revistas serão cuidadosamente examinadas; assim, é necessário compreendermos como a visualidade nos impressos ajudou na apresentação de Aracaju e Sergipe para os que tinham acesso às revistas. Paulo Knauss (2006) argumenta que o referido conceito não possui o mesmo significado para os autores que se debruçam sobre ele. No entanto, a noção que mais se aproxima deste trabalho é defendida por William John Thomas Mitchell²⁸ e corroborada por Knauss, que define a Cultura Visual “como o estudo das construções culturais da experiência visual na vida cotidiana, assim como nas mídias, representações e artes”²⁹.

Diante do exposto, esta tese está dividida da seguinte maneira: no próximo capítulo, cujo título é “Cartografia cultural de Aracaju na Primeira República: cultura letrada, instituições, intelectuais e imprensa na capital sergipana”, propomos apresentar as instituições

²⁴ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

²⁵ LEMOS, Clarice Caldini; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes (Orgs.). **Cultura imprensa**: das páginas dos periódicos à circularidade da arte gráfica. Curitiba: Editora Appris, 2019. p. 13.

²⁶ SIMMEL, Georg. **Sociologia**: estudios sobre las formas de socialización. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1939.

²⁷ O’DONNELL, Júlia. **De olho na rua**: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. p. 59.

²⁸ MITCHELL, William John Thomas. **Picture theory**: essays on verbal and visual representation. Chicago: The University of Chicago, 1994.

²⁹ KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens. Arte e cultura visual. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

de intelectuais do cenário sergipano no início do século XX e o uso da imprensa nacional e local para a divulgação dos trabalhos e das atividades realizadas pelas agremiações, além de quais motivos levaram as revistas ilustradas cariocas *Fon-Fon* e *O Malho* a publicarem seus escritos.

No decorrer do terceiro capítulo, intitulado “Do cômico ao trágico: a Revolta de Fausto Cardoso através das caricaturas e fotografias da revista *O Malho* (Aracaju, Sergipe, 1906)”, veremos os desdobramentos da Revolta Fausto Cardoso que teve seus principais efeitos e consequências nas ruas da capital sergipana e fora dela, como o assassinato de Olímpio Campos na então Praça XV no Rio de Janeiro. Através das caricaturas estampadas nas páginas da revista *O Malho*, perceberemos como o humor foi utilizado para informar o país acerca dos acontecimentos insurgentes em Sergipe e como isso levou Aracaju a figurar no impresso carioca.

O capítulo quatro, intitulado “*Fon-Fon* em Sergipe: relatórios ilustrados de gestão nas páginas da revista carioca (1925-1926)”, nos mostra o uso político do periódico pela administração de Maurício de Graccho Cardoso. Com o intuito de responder aos seus adversários e à imprensa local, o governante utiliza a afamada revista ilustrada como canal de comunicação para apresentar suas obras no estado e, dessa forma, rebater as críticas dos seus desafetos.

“A Cidade como Palco: visualidade urbana e modernidade na capital sergipana em páginas periódicas” é o título que leva o quinto capítulo, no qual são apresentadas e analisadas as fotografias de Aracaju vinculadas aos periódicos ilustrados supracitados nesta tese. Objetivamos compreender como a imagem de cidade moderna era transmitida pelo Brasil e de que forma a capital sergipana se inseriu em um projeto nacional encetado anteriormente por outras urbes brasileiras.

Finalmente, no sexto e último capítulo, cujo título é “Ver e ser visto: aracajuanas e aracajuanos em *Fon-Fon* e *O Malho*”, analisaremos como a população de Aracaju se deixava representar, ou apresentar, nos magazines cariocas. Vamos compreender como eram tecidas as relações sociais desses animadores através de uma quantidade significativa de fotografias enviadas com o intuito de serem publicadas nessas revistas.

2 CARTOGRAFIA CULTURAL DE ARACAJU NA PRIMEIRA REPÚBLICA: Cultura letrada, instituições, intelectuais e imprensa na capital sergipana

A fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe importa inconcurso documento de florescência intelectual sergipana, e nos fica a assignalar o momento em que a nossa inteligência se julgou apta a colaborar no grande problema da correlação existencial entre natureza e homem.

[...] Taes os aspectos do terreno que, no que diz respeito ao povo sergipano, se propõe a estudar, com real carinho, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, animado pelo impulso dos grandes ideaes, que são os fautores gloriosos das civilizações.³⁰

*Naquelle tempo a imprensa não era como è hoje...
Quem ainda não ouviu de uma velha boca tradicionalista esta saudosa frase evocativa?*

*- Mas então como seria a imprensa naquelle tempo?
- O jornal era um doutrinador, o artigo de fundo uma fonte segura de orientação publica.*

Não era preciso pensar, não era preciso ter opinião. Dava-se o facto, realizava-se o successo e o povo aguardava no dia seguinte, o jornal da sua predilecção para saber como era que ele. Acontecia pensar quasi sempre como o leitor, e a opinião estava formada.³¹

Essas epígrafes apresentam dois aparatos importantes para a disseminação da cultura nacional no início do século XX: instituições culturais e imprensa. A primeira é um trecho do texto escrito pelo intelectual sergipano Joaquim do Prado Sampaio Leite para o número inaugural da revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, instituição nascida em 6 de agosto 1912 que tinha como desígnio contribuir para “o progresso intelectual de Sergipe através da ‘distinção’ dos seus grandes sábios, consagrados somente pelas academias de outros Estados e países”³². Em seguida, vemos um texto retirado da revista ilustrada *Fon-Fon* que mostra a importância da imprensa em um período de transformações em que se fazia necessário “substituir sua forma e métodos antiquados e, sobretudo, lentos, pouco condizentes com a celeridade da vida moderna a fim de que não entrasse ‘para o rol das cousas inuteis’”³³, ou seja,

³⁰ SAMPAIO, Prado. Palavras de início. **Revista do IHGS**, Aracaju, n. 1, p. 24-25, 1913.

³¹ A CANOA. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 20, 18 de maio de 1912. p. 61.

³² FREITAS, Itamar. A “**Casa de Sergipe**”: historiografia e identidade na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1913-1929). Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. p. 66.

³³ MACENA, Fabiana Francisca. A Construção da modernidade carioca na revista *Fon-Fon* (1907-1914). In: IAMASHITA, Léa Maria Carrer (Org.). **Nação e Modernização: Narrativas Plurais**. Brasília: Verbena Editora, 2016. p. 33.

a imprensa deveria ser rápida e ágil para que pudesse levar a informação para além do seu alcance e manter o país informado de um projeto nacional que estava sendo desenvolvido.

A princípio, poderemos não encontrar nenhuma relação entre os textos que iniciam estes escritos, mas é importante afirmar que o campo intelectual e a imprensa tiveram papéis significativos para o ideal de Brasil que se gestava no início do século passado, já que havia uma relação de “trocas simbólicas” entre ambos. Sendo assim, neste capítulo propomos investigar as instituições responsáveis pela disseminação de uma cultura letrada em Sergipe, mais precisamente na cidade de Aracaju, no início do século XX. Ademais, objetivamos apresentar quem eram os intelectuais que animavam com seus escritos essa “República das Letras” na cidade de Aracaju. Por fim, é importante também estudar o papel da imprensa, local e nacional, no processo de expansão dos trabalhos da intelectualidade sergipana e como se dava a relação entre elas.

2.1 INSTITUIÇÕES E INTELECTUAIS EM UMA CIDADE CONSIDERADA MODERNA

*Uns exportam café, outros exportam fumo, outros borracha, ou assucar, ou algodão. Sem prejuízo do assucar e do algodão que vae exportando, Sergipe exporta, principalmente talento.*³⁴

Aracaju, década de 1910. O barulho dos martelos, formões e marretas ecoava sobre a cidade como uma sinfonia que anunciava um período de melhoramentos estruturais na capital sergipana, que adentrou o novo século sem muitas perspectivas de embelezamento em sua estrutura urbana. Assim como ocorrera na Capital Federal e em outros estados, apenas nos idos de 1918 é que se inicia um projeto de urbanização e modernização de Aracaju³⁵ com o intuito de seguir os padrões já vivenciados em outras cidades.

Esses melhoramentos urbanos foram acompanhados por um período de efervescência no campo cultural não só de Aracaju, mas de todo o país. Instituições de pesquisa, grupos escolares, bibliotecas, gabinetes de leitura, entre outros, surgiam com a proposta de apresentar ao Brasil o que a capital sergipana possuía de valioso no âmbito intelectual. A relação entre cidade e intelectualidade é vista como fundamental para o desenvolvimento cultural de um lugar.

³⁴ ALGUNS SERGIPANOS ILUSTRES. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 13, 28 de março de 1925. p. 54.

³⁵ Sobre a reforma urbana de Aracaju ver: CRUZ, Jeferson Augusto da. **Uma mão de verniz sob o Tabuleiro de Pirro**: Ecos da *Belle Époque* em Aracaju. (1918-1926). Teresina: Cancioneiro, 2022.

A prática da escrita e da leitura é uma parte crucial das interações culturais urbanas. Na tradição europeia, a cidade é considerada o epicentro da cultura escrita, sendo responsável pela invenção de formas como o registro escrito, bibliotecas, arquivos, escolas e universidades. As interações entre a cultura letrada, predominantemente elitista, e a oralidade são fundamentais na formação das culturas urbanas e nas dinâmicas de poder da cidade moderna³⁶.

O desenvolvimento cultural de uma cidade está ligado fortemente às instituições que nela existem e que são responsáveis por difundir uma cultura letrada para sua população; logo, a urbe não é feita apenas de concreto, ela se materializa também através dos fazeres e lugares culturais que possui. O campo cultural dava vida à cidade, que passava por um processo de modernização, e as instituições que ela abriga são responsáveis por transmitir o conhecimento necessário para a formação cultural urbana.

No século XIX, de acordo com Cristiane Vitório de Souza (2001), “no período imperial a vida intelectual sergipana esteve aquém do desenvolvimento atingido pelos principais centros do país”³⁷. Ainda dialogando com a autora:

Foi preciso esperar pelas transformações advindas com a *República* para dispormos de uma rede de instituições investidas de uma legitimidade propriamente cultural aptas a legislar no *campo intelectual sergipano*, isto é, com competência para estabelecer as regras da atividade intelectual e garantir condições mínimas de independência em relação aos campos político e religioso, esferas com pretensões de intervir no âmbito cultural. Com o novo regime, Sergipe parece inaugurar uma era de franco progresso (Souza, 2001, p. 26).

É interessante frisar que a assertiva é um tanto contraditória: a autora, munida de um discurso um tanto errôneo, afirma que foi apenas na República que Sergipe dispôs de instituições que contribuíssem para o desenvolvimento do campo intelectual. No entanto, já no século XIX existiam algumas organizações e agremiações responsáveis pela disseminação da cultura letrada em Aracaju, a exemplo do Gabinete Literário Sergipano (1871), do Gabinete Literário Tobias Barreto (1889) e da Biblioteca Pública (1848). Essa última foi de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual dos sergipanos, pois, “além da guarda e serviço do acervo bibliográfico, foi atribuída a esclarecida missão de recolher informações sobre a história, o desenvolvimento econômico e administrativo de Sergipe”³⁸.

³⁶ CRUZ, op. cit., 2000.

³⁷ SOUZA, Cristiane Vitório de. **A “República das Letras” em Sergipe (1889-1930)**. São Cristóvão. 210 f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2001.

³⁸ FREITAS, op. cit., p. 57.

Um ponto importante a ser analisado é justamente o uso dessas instituições como instrumento civilizador, um discurso que foi encarnado pela República em seus primórdios e que seria amplamente discutido e difundido nos círculos intelectuais da época. Por exemplo, a antiga Biblioteca Provincial, que, após migrar para Aracaju, se tornou Biblioteca Pública e, com o advento do regime republicano, se apresentava “como uma espécie inicial de uma ‘política cultural’ para o Estado”.

A importância da Biblioteca Pública soma-se à de outras instituições que foram surgindo no início do século; elas, nas palavras de Freitas (2000), “estimularam o governo a apoiar a ‘atividade intelectual’ e reduzir os baixos níveis de instrução da população geral”, uma vez que o estado de Sergipe e sua capital possuíam um número alto de analfabetos, cerca de 60,1% da população³⁹. Na sequência, apresentamos um quadro com as instituições criadas nas primeiras décadas dos anos de 1900.

Quadro 1 – Instituições criadas nas primeiras décadas do século XX

INSTITUIÇÃO	ANO DE CRIAÇÃO
Clube Esperanto	1907
Centro Operário Sergipano	1910
Sociedade Médica de Sergipe	1910
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	1912
Centro Literário Educativo	1914
Liga Sergipense contra o Analfabetismo	1916
Centro Pedagógico Sergipano	1918
Centro Socialista Sergipano	1918
Centro Cívico Amintas Jorge	1918
Grêmio Tomaz Cruz	1918
Academia Literária Santo Tomaz de Aquino	1919
Sociedade de Medicina e Cirurgia de Aracaju	1919
Hora Literária Santo Antônio	1919
Centro de Propaganda Voto Secreto	1923
Instituto Parreiras Horta	1924
Sociedade Odontológica de Sergipe	1928
Academia Sergipana de Letras	1929

Fonte: SOUZA, Cristiane Vitória de. **A “República das Letras” em Sergipe (1889-1930)**. São Cristóvão. 210 f. Monografia (Graduação) – Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2001.

³⁹ NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008. p. 243.

É importante apontar que instituições como as elencadas no quadro não foram uma exclusividade do século passado, pois, na segunda metade e nas décadas finais do século XIX, existiam em Aracaju algumas agremiações científico-literárias⁴⁰, mas, com a chegada do novo século, essas instituições cresceram por conta do “entusiasmo das ‘campanhas contra o obscurantismo’ continuaram com a instalação do Clube Esperanto (1907), do Centro Literário Educativo (1914) além de outras instituições”⁴¹.

Através dessa citação e do quadro mostrado anteriormente, vamos perceber que existia uma quantidade significativa de instituições que, além de ajudarem a disseminar uma cultura letrada em Aracaju, foram responsáveis por “animar o movimento intelectual sergipano e torná-lo apto a consagrar os talentos locais”, algo que se intensificou com o passar dos anos, mostrando assim um aparente engajamento da sociedade em busca do processo civilizador tão almejado e presente na construção de um projeto nacional orquestrado pela República.

Os trabalhos de algumas dessas instituições foram importantes e, vez ou outra, figuravam na imprensa não só sergipana, mas também nacional, como foi o caso do Clube Esperanto⁴², que apareceu em edições da revista ilustrada carioca, como bem apresenta a fotografia a seguir (Figura 1).

⁴⁰ FREITAS, op. cit., p. 53.

⁴¹ Idem.

⁴² Os jornais e periódicos sergipanos publicavam constantemente as atividades do Clube de Esperanto em Aracaju. Ver: CONFERÊNCIA LITTERÁRIA. **Correio de Aracaju**, Aracaju, 6 de março de 1910. p. 3; CLUB ESPERANTO. **Século XX**, Aracaju, 7 de setembro de 1919. p. 3; e CLUB ESPERANTO. **A Trombeta**, Aracaju, n. 7, setembro de 1907. p. 2.

Figura 1 – Diretoria do Clube Esperanto, 1908⁴³

FON-FON!

FON-FON! EM SERGIPE — Directoria do CLUB ESPERANTO, em Aracajú.



Primeira fila — Ao centro o Dr. Alcibiades Paes, presidente, ladeado á esquerda pelo Dr. Candido Costapinto, vice-presidente, e á direita por Othoniel Amado, 1.º secretario.

Segunda fila — (da direita para a esquerda): Leoncio Fontes, 2.º secretario, José Monteiro, thesoureiro, Zacharias Paes, bibliothecario, Arthur Fortes, orador, e João Doria, vogal.

RIO EM FLAGRANTE—*Os nossos instantaneos.*



O Dr. Graça Aranha e sua Ex^{ma}. esposa. Mme. Leonor Joppert em companhia de uma amiga.

Lua de mel extra-moderna:

Ella—Meu bem, está ahi na sala um senhor que quer fallar contigo.

Elle— Vou vel-o já, minha flôr. Sabes quem é?

Ella— Escuta, querido, e não... te zangues com a tua Laura! Desde alguns dias ouço-te tossir muito e isso me causava apprehensões. Tu não cuidas de tua saude... então tomei uma deliberação. Desculpa-me, tenho tanto medo de te perder!

Elle— Sei quanto me queres! Mas a minha tosse nada tem de grave, é uma irritação passageira. Em todo o caso, para te tranquillizar, vou ver o medico que chamaste. Qual é elle?

Ella (tímidamente)— Mas... meu amor, não é um m^oico, é um agente de seguros da companhia *Equitativa*.

Chocolate e Cacáu solúvel Almeida

A venda em todas as casas de 1.º ordem

Fonte: DIRETORIA DO CLUBE DE ESPERANTO. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano II, n. 26, 3 de outubro de 1908.

⁴³ Legenda: *Primeira fila* — Ao centro o Dr. Alcibiades Paes, presidente, ladeado á esquerda pelo Dr. Candido Costapinto, vice-presidente, e á direita por Othoniel Amado, 1.º secretario. *Segunda fila* — (da direita para a esquerda): Leoncio Fontes, 2.º secretario, José Monteiro, thesoureiro, Zacharias Paes, bibliothecario, Arthur Fortes, orador, e João Doria, vogal.

O Clube Esperanto foi uma agremiação que chegou ao Brasil no início do século passado e que tinha por finalidade difundir uma língua artificial (Esperanto) como forma de facilitar a comunicação entre os povos, mas, para além disso, “nunca foi e nunca será somente uma língua, mas um ambicioso projeto filosófico. Fruto das reflexões do polonês *Ludoviko Lazaro Zamenhof*, publicadas pela primeira vez em 1887”⁴⁴.

Muito mais que uma língua inventada, o Esperanto foi uma corrente de princípios humanistas que tinha em seu bojo “um ideal que, ao ser levado em consideração por muitos de seus falantes, se manifesta também filosófica e culturalmente”⁴⁵. No início do século passado, a rapidez proporcionada pela modernidade e a comunicação entre os povos se destacam como fatores preponderantes para o progresso tão almejado pela sociedade. Sendo assim, estar em sintonia com outras nações era primordial para ficar a par dos acontecimentos em outras partes do globo. Portanto, “[...] o Esperanto não seria um objetivo, mas sim um meio para estimular uma maior comunicação e compreensão entre os povos”⁴⁶. Mas como o Esperanto chegou a Sergipe? De acordo com Roberto da Silva Ribeiro⁴⁷, ao citar Zózimo Lima, tem-se o seguinte:

Alcebíades Paes, alagoano de Palmeira dos índios, mas radicado em Aracaju, foi estudar medicina no Rio de Janeiro no início do século XX e lá entra em contato com o Esperanto, dentro do contexto otimista da época a respeito do progresso da humanidade. Quando volta a Sergipe, em 1906, começa a divulgar a língua com grande entusiasmo. Nomeado por influência do seu futuro sogro, Josino de Menezes, para lecionar inglês no então *Ginásio Sergipense* (Hoje Ateneu), trabalha para introduzir o Esperanto no estabelecimento de ensino. Alcebíades usa sua influência para que as gazetas de Aracaju publiquem artigos sobre a língua, fazendo uma forte campanha para sua divulgação no Estado (2007, p. 134).

Ao ter contato com os esperantistas do Rio de Janeiro, o estudante de Medicina e depois professor Alcebíades Paes traz para Aracaju e, conseqüentemente, para Sergipe essa língua, que até então era considerada algo novo, e “a intelectualidade sergipana era permeável às novidades”⁴⁸. Por isso “vários intelectuais, inclusive três membros da *Academia Sergipana de Letras* e do *Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe* serem esperantistas. Essa ligação foi notada fora dos limites do estado e até do país”⁴⁹. A adesão da intelectualidade sergipana ao

⁴⁴ SANTOS, Dominique. Uma Resposta à Questão do Esperanto como Proposta de Língua Universal Sob a Ótica da Problemática das Identidades. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 13, p. 1-15, 2010.

⁴⁵ FIANS, Guilherme Moreira. Cidadãos do Mundo: uma discussão sobre o nacional e o internacional no Esperanto. **Revista Habitus**: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 50-63, ago. 2012. p. 5.

⁴⁶ Idem, p. 6.

⁴⁷ RIBEIRO, Roberto da Silva. O Esperanto e a Cultura sergipana na primeira metade do século XX. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, n. 37, 2007. p. 134.

⁴⁸ RIBEIRO, op. cit., p. 132.

⁴⁹ Idem.

Esperanto foi considerada importante para o campo letrado da época, o que ajudou na propagação do idioma através dos jornais, que circulavam principalmente na capital, levando o Clube Esperanto sergipano a possuir proeminência entre os demais do país. A fotografia a seguir nos mostra outra diretoria da agremiação.

Figura 2 – Segunda Diretoria do Clube Esperanto em Aracaju, 1909⁵⁰

FON-FON ! EM SERGIPE *2ª Directoria do Club Esperanto, em Aracajú*



1ª Fila (da direita para a esquerda) – D. Cesartina Regis, 1º Secretario, Odilon Telles, Vice-Presidente, Dr. Alcebiades Paes, Presidente, Pedro Machado, 2º Secretario e Arthur Fortes, Orador.
2ª Fila (da direita para a esquerda) – Orlando Corrêa Leite, Fiscal, Themistocles Fontes Freire, Vogal, Othoniel Amado, Fiscal, José Monteiro da Silveira, Vogal, Domingos Gordo, Bibliotecario e Nyceu Corrêa Dantas, Thesoureiro.

O MAIS ACTIVO
RECONSTITUINTE

IPERBIOTINA

MALESCI

REGENERA E DEPURA O SANGUE
VIGORISA OS MUSCULOS E NERVOS

Preparação patentada do Estbl. Chímico Dr. Malesci - (Firenze) Italia
A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS
DEPOSITARIOS DE PAES: P. RA. O. B. & C. L.
De la Bañe & Co. Rua S. Pedro 50
Rio de Janeiro

Fonte: 2ª DIRETORIA DO CLUBE ESPERANTO EM ARACAJU. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, 29 de junho de 1909.

⁵⁰ Legenda: 1ª fila (da direita para a esquerda) – D. Cesartina Regis, 1º Secretario, Odilon Telles, Vice-Presidente, Dr. Alcebiades Paes, Presidente, Pedro Machado, 2º Secretario e Arthur Fortes, Orador.

2ª fila (da direita para a esquerda) – Orlando Corrêa Leite, Fiscal, Themistocles Fontes Freire, Vogal, Othoniel Amado, Fiscal, José Monteiro da Silveira, Vogal, Domingos Gordo, Bibliotecário e Nyceu Corrêa Dantas, Thesoureiro.

A fotografia (figura 2) publicada na revista *Fon-Fon* não é apenas interessante, mas também reveladora, pois entre os intelectuais majoritariamente masculinos surge uma figura feminina, Cesartina Regis, em um período em que “atividades profissionais representavam um risco para as funções sociais das mulheres”⁵¹, ou seja, havia a incumbência de serem dedicadas esposas, senhoras do lar e boas mães. No entanto, é importante apontar que o Clube Esperanto era uma agremiação que tinha por finalidade o ensino de uma língua, e, no final do século XIX e início do XX, o campo do ensino estava ficando majoritariamente feminino, de acordo com Louro:

Em algumas regiões de forma mais marcante, noutras menos, os homens estavam abandonando as salas de aula. Esse movimento daria origem a uma “feminização do magistério” – também observado em outros países -, fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens. A presença dos imigrantes e o crescimento dos setores sociais médios provocavam uma outra expectativa com relação à escolarização. Esses fatores e ainda a ampliação das atividades de comércio, a maior circulação de jornais e revistas, a instituição de novos hábitos e comportamentos, especialmente ligados às transformações urbanas, estavam produzindo novos sujeitos sociais tudo concorria para a viabilização desse movimento (2008, p. 449-450).

As transformações sociais ocorridas no entresséculo XIX e XX fará com que a figura masculina deixe as atividades voltadas para o ensino, abrindo espaço para as mulheres que possuíam “uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e naturais educadoras”⁵². Com a saída dos homens das salas de aula, a responsabilidade de ensinar – do magistério, melhor dizendo – ficou a cargo das mulheres. Essa ocupação majoritária das mulheres no âmbito das escolas era também uma forma de ampliarem seus espaços⁵³, que durante muito tempo estavam restritos ao lar e à igreja, isso para as mulheres de elite, obviamente, pois para as das classes inferiores a realidade era antagônica.

A presença de mulheres no Clube Esperanto de Sergipe não contou apenas com Cesartina Regis como única membra; segundo Zózimo Lima (1958), havia outras mulheres figurando na agremiação. O autor cita como exemplo as “[...] senhorinhas Luzia Pais, Norma Reis, Zizinha Guimarães, Ester Regis, Cecília Curvelo”⁵⁴ como participantes da afamada agremiação. É importante destacar, entre as senhorinhas mencionadas, a presença das

⁵¹ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História da Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 454.

⁵² LOURO, op. cit., p. 450.

⁵³ Sobre as mulheres no magistério sergipano ver: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco: Um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão: Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação, 2003.

⁵⁴ LIMA, Zózimo. O Esperanto em Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v. XVII, n. 22, 1955-1958. p. 13-17.

professoras Zizinha Guimarães e Norma Reis. Essas educadoras sergipanas foram responsáveis pela implantação do Esperanto nas unidades escolares em que atuavam⁵⁵.

Ao ser inserido em primorosas instituições de ensino da capital e se tornar disciplina no Colégio Tobias Barreto quando o presidente da agremiação, Alcebiades Paes, se tornou diretor, o Esperanto ganhou notoriedade na sociedade sergipana, o que ocasionou uma procura satisfatória de jovens estudantes que gostariam de aprender essa língua, uma vez que ela estava ligada ao processo de civilização ambicionado por aquela geração. O prestígio do Clube Esperanto de Sergipe ganhou repercussão nacional quando, em 21 de outubro de 1918, um projeto de lei foi aprovado na Assembleia Legislativa e sancionado em seguida pelo presidente do estado, Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão; tal projeto instituía o ensino do Esperanto nos colégios públicos de Aracaju. Com isso, Sergipe foi a primeira unidade da federação a inseri-lo no currículo escolar.⁵⁶

É perceptível como o exemplo sergipano laureou, ainda mais, os intelectuais esperantistas do referido estado, porém, apesar do pedido feito à Liga das Nações (órgão que hoje equivale à Organização das Nações Unidas), a manifestação da França foi contrária, pois temia que o francês, usado como idioma oficial e diplomático entre os países membros, caísse em desuso. Para além disso, após a Primeira Guerra Mundial, o Esperanto não estava sendo apenas falado pela burguesia, mas também por grupos nacionalistas, anarquistas e socialistas, o que não era visto com bons olhos pelas nações vencedoras. De toda forma, em 1923 a Liga aprovou um texto genérico em que apenas aconselhava o ensino da língua, não o obrigando.⁵⁷ Contudo, a primazia da agremiação dos esperantistas sergipanos superava os outros clubes lotados nos demais estados brasileiros, e sua importância era tanta que os eventos promovidos por eles, como saraus, reuniões, piqueniques, aulas etc., eram extremamente concorridos⁵⁸ e amplamente divulgados pela imprensa local⁵⁹, como também de outros estados, como nos mostra a fotografia que segue, encontrada na revista ilustrada *O Malho*, do Rio de Janeiro, então capital federal.

⁵⁵ Zizinha Guimarães implantou o esperanto na escola que fundou no município de Laranjeira, enquanto Norma Reis, na Escola Normal. Ver: RIBEIRO, op. cit., p. 135.

⁵⁶ RIBEIRO, op. cit., p. 136

⁵⁷ Idem, p. 137.

⁵⁸ Segundo Lima, “Eram concorridíssimas, à noite, num dos amplos salões da Escola Normal, as aulas de Esperanto. [...] As moças e os rapazes, nas ruas e jardins, dialogavam em Esperanto” (op. cit., p. 15).

⁵⁹ O jornal *Folha de Sergipe* publicou a seguinte nota sobre o piquenique realizado pelos esperantistas: “Realiza hoje, esta futura sociedade na aprazível vivenda do nosso amigo Major Xavier de Assis um atraente piquenique, em homenagem aos seus dignos membros diretores Dr. Alcebiades Paes e a senhorita acadêmica Cesartina Regis, chegados há poucos dias da capital federal. A festa terminará as 6 horas da tarde. Durante o seu desenvolvimento tocará uma orquestra”. Ver: CLUBE ESPERANTO (pic-nic). **Folha de Sergipe**, Aracaju, Ano XIX, n. 328, 7 de agosto de 1910.

Figura 3 – Linguagem Universal. Pic-nic Esperantista em Aracaju – Estado de Sergipe⁶⁰

O MALHO

Vin Désiles

O MELHOR TONICO E O MAIS EFFICAZ
Superior a todos os Vinhos de Quina conhecidos.
E' o VIGOR e a SAUDE absorvidos cada dia
sob a forma de uma agradável bebida.
A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

(Telegramma)

Na cidade da Siberia } 1, 4, 3, 2
 encontrei um ventilador } 1, 6, 5, 4

Sphynges-Club.

CHARADAS NOVISSIMAS 30 e 31

Ao charadista Robanio :
 Por engano entrei num templo japonex e encontrei
 uma variedade de carbureto de cal — 2 — 2.
 Duque de Maura (Bahia).
 Observei que o pronome é medida e corre como o
 desprezo — 1, 1, 1, 2.
 João Mauricio de Campos (Curuçá, Pará)

CHARADA EM LOSANGO 32

Ao distincto collega Dr. Caradura :
 O symbolo do oxygenio
 Marcha em frente da fileira.
 Embosa qu'espírito ou genio
 Em seguida da primeira.

Um momento de alegria :
 Tem tertia dos dissabores.
 A quarta por sympathia.
 Nos jardins recende olores.

No final d'esta charada
 Tem por base consoante.
 Collocada em retaguarda,
 Evidente e bem constante.

LINGUAGEM UNIVERSAL



PIC-NIC ESPERANTISTA EM ARACAJU — ESTADO DE SERGIPE

Grupo dos esperantistas que tomaram parte no *pic-nic* realisado no dia 7 de Agosto de 1910, no sítio Palestina, em homenagem ao presidente do mesmo club, Dr. Alcibiades Paes e a sua ex-secretária de Cezartina Regis. E neguem, si são capazes, que o *pic-nic* é uma *linguagem* universal, como a musica... que os senhores estão ouvindo...

Fonte: LINGUAGEM UNIVERSAL. Pic-nic esperantista em Aracaju – Estado de Sergipe. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 421, 8 de outubro de 1910.

A fotografia (figura 3) foi publicada com dois meses de atraso na revista *O Malho*, pois o evento realizado em 7 de agosto de 1910 teve publicidade no folheto carioca em 8 de outubro do mesmo ano. Talvez o atraso se justifique pelos serviços de correios, que, como atualmente,

⁶⁰ Legenda: Grupo de esperantistas que tomaram parte no *pic-nic* realizado no dia 7 de agosto de 1910, no sítio Palestina, em homenagem ao presidente do mesmo club, Dr. Alcibiades Paes e a sua ex-secretária Cezartina Regis. E neguem, si são capazes, que o *pic-nic* é uma *linguagem* universal, como a musica... que os senhores estão ouvindo...

não funcionavam com rapidez e celeridade. O evento festivo celebrou o retorno de dois membros do Rio de Janeiro, Alcebíades Paes e Cesartina Regis, que é apresentada como ex-secretária, o que nos mostra que ela compôs a diretoria por um breve período. No entanto, para além de todo um momento festivo, a fotografia nos traz elementos para análise: um menino de origem afro-brasileira está à esquerda da imagem, em primeiro plano, porém podemos perceber que os demais fotografados estão um pouco afastados e que suas vestes, mais claras e elegantes, destoam da usada pelo garoto.

As expressões faciais dele parecem apontar que ele não se sente confortável por estar naquele ambiente com pessoas brancas e que algumas delas se sentem incomodadas com a presença dele e de outro garoto que está atrás. Entretanto, a fotografia só capturou uma parte do rosto, o suficiente para vermos que se tratava de outro menino “de cor”. Esse menino parece direcionar seu olhar para os participantes ao fundo, mas o olhar da senhorita atrás do último músico sentado, que está com um instrumento de sopro e que por sinal também é afrodescendente, parece demonstrar não gostar da presença daqueles meninos naquele evento. Ao que parece, o olhar da menina ajoelhada ao lado do garoto com um instrumento de percussão que lembra um tambor também não é nada amistoso. Atrás de Cesartina Regis há também um rapaz da mesma origem que os meninos, entretanto ele parece que esconde algo ou não deseja ser fotografado por inteiro, deixando apenas o rosto em evidência.

Apesar de ser uma agremiação composta por uma plêiade de intelectuais – homens e mulheres letrados – que tinha por finalidade o ensino de um idioma que facilitasse a comunicação e a interação entre os povos, o Clube Esperanto não estava livre da segregação racial. Esta era uma sombra da herança maldita do período colonial e dos desdobramentos da escravidão, que havia sido abolida vinte e dois anos antes de o registro fotográfico ter sido feito.

A busca por uma raça superior e um projeto de embranquecimento da nação ainda estavam na ordem do dia. As discussões acerca da eugenia prevaleciam nas escolas de Medicina do país nas primeiras décadas do século passado. Por isso a discriminação contra os descendentes de ex-escravizados persistia durante um período em que a busca pela modernidade era constante, conhecido como *Belle Époque*.

As atividades da agremiação continuaram intensas, apesar da repercussão negativa da resolução enviada à Liga das Nações, mas a morte do presidente do Clube Esperanto, Alcebíades Paes, em 1927, mudou paulatinamente o ensino da língua em Aracaju e, conseqüentemente, no estado. O governo retirou gradativamente a disciplina dos currículos

escolares⁶¹, e, mesmo aderindo a novas agremiações, alguns esperantistas se mantiveram ensinando a língua; os demais seguiram para outras áreas do conhecimento.

Mesmo marcando o cenário cultural de Sergipe, principalmente da capital, com o ensino do Esperanto, entre outras atividades, a agremiação e seus intelectuais encontraram alguns problemas como, por exemplo, a taxa de analfabetismo do estado e a baixa frequência de alunos no Ensino Primário nos anos de 1910. Sinalizamos que o objetivo da difusão do idioma criado era propiciar uma melhor interação entre os povos e que a sua disseminação se dava justamente através de uma disciplina obrigatória que compunha os currículos das instituições escolares.

Alguns dos membros fundadores do Clube Esperanto levaram consigo o idioma, o que talvez explique vestígios de suas reminiscências nos dias atuais. O Esperanto foi uma novidade do entresséculo XIX e XX, mas tudo o que é novo um dia se esvai “no tempo frágil das horas”, e isso não foi diferente com a língua artificial de Lázaro Ludoviko Zamenhof.

Na última fotografia da diretoria, presente na revista *Fon-Fon*, não há presença feminina. Ao invés disso, vemos homens elegantemente trajados, adotando poses já estabelecidas para o registro fotográfico. Esses senhores, cientes da relevância cultural de sua agremiação em Sergipe, reconheciam a necessidade de ultrapassar fronteiras estaduais e se apresentar para o Brasil e, quem sabe, para o mundo. A preparação meticulosa para o registro demonstra seu desejo de serem vistos e reconhecidos não apenas localmente, mas também em um cenário mais amplo. Isso reflete a ambição e o prestígio associados à sua organização e às suas atividades culturais, indicando que estavam prontos para se destacar no panorama nacional e até internacional.

⁶¹ RIBEIRO, op. cit., p. 208.

Figura 4 – Os Esperantistas – Diretoria do Clube Esperanto de Aracaju, 1910⁶²

FON-FON!

DOIS “VIVAS” CERTOS



o Barão (em voz alta, com energia e real convicção)
— Viva a Re... pu... bli... ca... Ar... gen... tina. Viva...



(em voz baixa, com a mesma energia e a mesma convicção) — E morra o Zeballos... Morra.....

OS ESPERANTISTAS
Diretoria do Club Esperanto, de Aracajú

Segundo Grabinski-Broglio o paiz do mundo que possui maior numero de theatros é a Italia. O reino de S. M. el ré Umberto conta nada menos de 1.517 theatros, o que dá a media de um theatro por 23.000 habitantes, ainda segundo os calculos do citado sr. Grabinski-Broglio.

Ha lugares na Italia, como, por exemplo, Ozzone, que conta 450 habitantes, que têm o seu theatro apesar do numero diminutissimo da população. São Vicente, que é o rendez-vous alpino, possui 4 theatros, com a sua população de 800 almas!

E por isso que os italianos são alegres; quando sentem as sombras do tedio correm ao theatro: e é por isso, devemos concluir pelo fio do mesmo raciocinio, que nós somos tão enjoativamente tristes — não vamos aos theatros.

Os 811.000 habitantes do Rio possuem seis ou oito theatros, dos quaes a maioria fica fechada a maior parte do anno. Verdade é que nos dizem, os que se julgam entendidos na materia, que é tambem por uma questão de preço. Numa terra de laranjas em que se vendem laranjas por um tostão nos custos de quitanda, uma cadeira de theatro barato não pôde custar menos de cinco mil reis! E cinco mil reis são um dia de sustento para uma pequena familia, que tem ao peito o bacamarte do proprietario predial.

A questão litteraria do dia, na grande cidade, em Paris, capital do mundo, é a luta entre Mlle. Polaire e Gemier, director do Theatre Antoine, a proposito da peça *La femme et le pantin*, que Pierre Louys extrahiu do seu bem conhecido romance.

Polaire affirma que P. I ouys deu-lhe a sua “palavra d’honra” em escolhe-la para interprete da primeira personagem, ou creadora do papel de Concha Perez; Gemier, porém, diz que o autor deixou-lhe a liberdade da escolha e, por isso, elle contractou Mlle. Regina Badet para *crear* o papel.

A questão corre inflamada. Por enquanto Pierre Louys não veio á imprensa explicar como se passaram as cousas, mas essa demora fez crêr que o romancista e autor da peça está atarantado, entre a cruz e a caldeirinha.

Um doente muito sujo apresenta-se no consultorio do Dr. S. . . .
— Doutor, soffro muito do estomago. Que agua devo tomar?
O medico, afastando-se o mais que pode:
— Agua . . . e muito sabão!



F Sentados (ao centro) o dr. Alcebiades Paes (de roupa clara) presidente, ladeado á esquerda por Democrito Rocha, 2º secretario, e á direita pelo professor Abdias Bezerra, vice-presidente e Pedro Machado, 1º secretario.
De pé (da esquerda para a direita) Virgilio Maynard, Themistocles Freire, Ulyses Sampaio Nyceu Dantas (thesoureiro) e Orlando Corrêa Leite.

Logica infantil.
— Como é, papae, que quando se sopra o fogo elle fica mais forte e quando se sopra uma vela ella se apaga?



Emulsão de Scott Cura rapidamente Catarros, Asthma, Bronchite.



Fonte: OS ESPERANTISTAS – Diretoria do Clube Esperanto de Aracaju. Revista *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 22, 28 de maio de 1910.

É notável que os homens na fotografia estavam preparados para o registro, vestindo-se adequadamente e adotando posições quase idênticas. Ao examinarmos as legendas das fotos anteriores, é perceptível que a diretoria era composta por indivíduos com títulos de “doutor”. Isso reflete a diversidade dos intelectuais sergipanos, que incluíam profissionais de diferentes

⁶²Legenda: *Sentados* (ao centro) o dr. Alcebiades Paes (de roupa clara), presidente, ladeado á esquerda por Democrito Rocha, 2º secretario, e á direita pelo professor Abdias Bezerra, vice-presidente e Pedro Machado, 1º secretario. *De pé* (da esquerda para a direita) Virgilio Maynard, Themistocles Freire, Ulyses Sampaio Nyceu Dantas (thesoureiro) e Orlando Corrêa Leite.

campos, como Direito, Medicina, Engenharia, militares, jornalistas, padres e professores, provenientes de várias origens sociais, desde a aristocracia rural até os setores liberais urbanos. Esses indivíduos contribuíram para uma variedade de gêneros literários, como artigos, discursos e biografias, com foco em áreas como Literatura, Filosofia e Direito, sendo os jornais o principal meio de difusão de suas ideias e seus trabalhos, especialmente em suas seções de notícias e política.⁶³

Os intelectuais sergipanos do início do século XX realizaram seus estudos fora do estado, geralmente nas Faculdades de Recife e Salvador, alguns em São Paulo e no Rio de Janeiro. Alguns eram oriundos de famílias abastadas, e os que retornavam para a terra natal tinham por opção assumir os negócios da família, ocupar cargos relevantes na administração pública e/ou seguir carreira política. É válido frisarmos que a elite intelectual sergipana não estava ligada de forma umbilical à elite econômica. Ou seja, os intelectuais não vinham exclusivamente das famílias que compunham a “açucarocracia sergipana”, das classes abastadas. Uma parcela era oriunda de outros estratos sociais menos abastados, mas que vinham galgando espaços até então restritos aos afortunados e/ou seus descendentes.

Aqueles que se dedicaram à carreira estudada fora do estado receberam a responsabilidade de ajudar a animar o campo intelectual sergipano, mostrando ao restante do país que, no menor estado da federação, existia uma pujante vida cultural com nomes importantes e instituições sólidas que ajudariam na divulgação da intelectualidade de Sergipe. É nesse contexto de efervescência intelectual que nasce o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe em 6 de agosto de 1912, outra instituição responsável por prover a fina flor da intelectualidade do estado.

A criação do IHGSE estava ligada à necessidade de exaltar os nomes sergipanos, que, até então, eram apenas reconhecidos por suas conquistas em outras academias e instituições tanto dentro quanto fora do Brasil. Alguns intelectuais sergipanos mantinham estreitos contatos com agremiações científicas estrangeiras, especialmente na França. O Instituto surgiu em meio a um período de transformações intensas em Aracaju, tornando-se oportuno e necessário, oportunidade essa decorrente do intenso processo de avanços materiais e intelectuais em Sergipe, especialmente na capital. Na época, o progresso material e intelectual era considerado interdependente. O Instituto era crucial para impulsionar o desenvolvimento intelectual do estado, permitindo o reconhecimento de seus intelectuais por academias em todo o Brasil e até

⁶³ FREITAS, op. cit., p. 63.

mesmo em países europeus, refletindo a natureza migratória dos intelectuais sergipanos e seu reconhecimento internacional.⁶⁴

A gênese do IHGSE e os melhoramentos vivenciados por Aracaju a partir da década de 1910 se equacionam e se tornam importantes por um único motivo: a inserção de padrões civilizatórios, que, como já foi elencado, eram a tônica de um projeto de Brasil e deveriam ser vivenciados por diversos âmbitos da sociedade, entre eles os campos intelectual e urbano estavam no topo dessa pirâmide. Apresentar nomes de importantes intelectuais sergipanos no país e, quiçá, no mundo era a força motriz que impulsionava essa agremiação, mas, além disso, o IHGSE “deveria ser associação científica responsável pela promoção de estudos torno de uma história renovada e de uma geografia utilitária”⁶⁵. Estar localizado em uma cidade que se transformava para atender às demandas de uma sociedade “civilizada” era um fator positivo, na medida em que ajudaria a tecer as redes de sociabilidade e as relações culturais de uma urbe que se considerava moderna.

O IHGSE surgiu não pelas mãos de historiadores de formação, mas através de desembargadores do Tribunal de Relação do Estado, e não por acaso seu nascimento se deu nas dependências da sede do Tribunal, no Palácio Silvio Romero. Sobre a composição do Instituto, o historiador Ibarê Dantas⁶⁶ escreveu:

Pode-se dizer, então, que o IHGSE nasceu sob a predominância dos bacharéis. Aliás, nenhum outro Instituto surgiu com a presença tão forte de juristas, a começar pela natureza da instituição que o acolheu. Basta lembrar que o Instituto Brasileiro foi criado no Museu Nacional, o de Pernambuco na Biblioteca do Convento do Carmo, o de Alagoas no Palácio do Governo, o do Ceará no Gabinete Cearense de Leitura, o da Bahia no Grêmio Literário da casa de Misericórdia, o do Rio Grande do Norte no Atheneu, o da Paraíba na Assembleia Legislativa e o de Sergipe teve como sede o Tribunal da Relação, a mais alta corte do Judiciário sergipano (2012, p. 42).

Assim como os demais institutos espalhados pelo país, o sergipano surgiu num ambiente que destoava de sua finalidade. No entanto, era necessária a criação de uma entidade que pudesse salvaguardar a história e os fazeres do campo intelectual do estado naquele período. A instituição precisava estar “sintonizada com os novos tempos que se anunciavam”, pois era crucial “não perder o bonde da história” e não ser retardatária diante da aceleração do progresso e da ciência.⁶⁷

⁶⁴ Idem, p. 66.

⁶⁵ FREITAS, op. cit., p. 67.

⁶⁶ DANTAS, Ibarê. **História da Casa de Sergipe (1912/2012)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012.

⁶⁷ FREITAS, op. cit., p. 67.

Apesar de ser composto majoritariamente por bacharéis em Direito, os fundadores do IHGSE incluíam formados em Medicina, Odontologia, estudantes e outras formações, algumas desconhecidas. As atividades do Instituto começaram a ganhar notoriedade na imprensa nacional em 1915, quando a revista ilustrada *O Malho*, também de origem carioca, publicou a seguinte fotografia.

Figura 5 – Instituto Histórico e Geographico de Sergipe, 1915⁶⁸



Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO DE SERGIPE. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 661, 15 de maio de 1915.

A fotografia acima apresenta a posse do então presidente do estado de Sergipe, o General Oliveira Valladão, como sócio benemérito da entidade. Tal imagem dá a ver um

⁶⁸ Legenda: Um aspecto da sessão solenne de posse do socio benemerito, general Oliveira Valladão, presidente de Sergipe. No centro, o general Oliveira Valladão, presidente do Estado e socio benemerito do Instituto; á esquerda, desembargador Caldas Barretto, presidente do Tribunal da Relação e presidente do Instituto Histórico; em seguida, desembargador Evangelino de Faro, Dr. Alvaro Telles, almirante Amyntas Jorge, Dr. Prado Sampaio, deputado João Menezes e Dr. Theodureto do Nascimento; á direita, D. José, bispo de Aracajú, Dr. Florentino Menezes, o iniciador do Instituto; desembargador Teixeira Fontes, coronel Francino Mello e Dr. Deodato Maia, chefe de policia do Estado de Sergipe.

encontro entre os campos intelectual e político, uma vez que a maioria dos sócios do Instituto era posicionada politicamente. Mas tal situação não é estranha, muito menos algo restrito à agremiação sergipana, visto que o próprio IHGB, fruto de inspiração para as casas regionais, tinha em sua plêiade figurões da política imperial da Corte do Rio de Janeiro, deputados, senadores e até o próprio Imperador Dom Pedro II, que era um financiador da instituição⁶⁹.

Ao estudar as instituições e os intelectuais que animaram o cenário cultural aracajuano no início do século XX, vamos perceber que em sua grande maioria tinham um mesmo propósito: levar o nome do estado sergipano Brasil afora e o inserir no processo de modernização. Para alcançar tal desígnio, se fazia necessário instruir a sociedade através das letras, uma vez que, como já foi apresentado, a capital possuía um número alto de analfabetos. Percebemos também que as transformações advindas da urbanização da cidade vão favorecer um ambiente profícuo para a difusão de saberes, porém era necessário possuir um instrumento que alcançasse a todos, e é nesse contexto que a imprensa nacional adentra esse processo.

2.2 A IMPRENSA NÃO TÃO TARDIA DE SERGIPE

Ao explorarmos a história da imprensa no Brasil e, especificamente, dos primeiros jornais que circularam na província de Sergipe, percebemos que o intervalo de tempo entre esses eventos não é tão grande. Isso nos leva a argumentar que o surgimento da imprensa em Sergipe não foi tardio, pois outras províncias também iniciaram a produção de seus impressos durante esse mesmo período.⁷⁰

A imprensa brasileira surge em 1808, com a chegada abrupta da Corte portuguesa, como já vimos em páginas anteriores. Quanto a Sergipe, não sabemos ao certo uma data do surgimento dos primeiros impressos no estado, porém os trabalhos tidos como norteadores e que versam sobre a temática são os escritos de Manoel Armindo Cordeiro Guaraná⁷¹, Sebrão Sobrinho⁷² e Acrísio Torres de Araújo⁷³. Os autores são unânimes ao apontar o ano de 1832 como o marco inicial do surgimento da imprensa na então província de Sergipe.

⁶⁹ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. **Debaixo da imediata proteção imperial**: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). 2. ed. São Paulo: Annablume, 2011. p. 21.

⁷⁰ Um exemplo dessa afirmação é o surgimento da imprensa na então cidade de Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Assim como em Sergipe, a imprensa começa a atuar entre os anos de 1831 e 1832, ainda no período conturbado das Regências. Ver: PEDRO, Joana Maria. **Nas tramas entre o público e o privado**: a imprensa de Desterro no século XIX. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

⁷¹ GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1823 a 1908. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, tomo especial, v. 1, parte 2, 1908.

⁷² SOBRINHO, Sebrão. **Monsenhor Silveira o Fundador da Imprensa**. Aracaju: Regina, 1947.

⁷³ ARAÚJO, Acrísio Torres. **Imprensa em Sergipe**. Brasília: Gráfica do Senado, 1993.

É importante frisar que, para além desses autores e suas respectivas publicações citadas anteriormente, existem trabalhos esparsos sobre a imprensa sergipana que em sua grande maioria foram desenvolvidos no âmbito das universidades e uma parcela que foi publicada em forma de artigos científicos em anais de eventos. Usaremos os autores já mencionados como ponto norteador para esta pesquisa, o que não nos impede de tomarmos outros trabalhos como interlocutores, retomando o surgimento da imprensa sergipana.

A imprensa sergipana surge durante a Regência (1831-1840), com a publicação do jornal *Recopilador Sergipano*⁷⁴ na antiga Vila de Nossa Senhora de Guadalupe de Estância, que ficava a 52 quilômetros da então capital da província, a secular São Cristóvão⁷⁵. O período regencial, além de ter sido um momento de constantes agitações políticas, também foi marcado pelo desenvolvimento e aumento considerável da circulação de impressos, resultando em uma era de prosperidade para os jornais.

No entanto, embora Cristian Góes⁷⁶ apresente “indícios” de uma possível gazeta manuscrita pelo padre Eusébio Dias Laços Lima, vigário da Vila de Itapicuru entre 1730 e 1740⁷⁷, questionando assim a gênese da imprensa sergipana, não levaremos em conta o período apresentado pelo pesquisador por alguns motivos. Primeiro, na data em questão, Sergipe ainda estava politicamente ligado à Bahia, tornando-se independente em 8 de julho de 1820. Quando o jornal estanciano foi impresso pela primeira vez, o estado já havia se separado da “província maior” há 12 anos, ganhando sua autonomia político-administrativa. Segundo, por se tratar de “indícios” que ainda não foram devidamente cotejados pela historiografia. E, por fim, não há documentos que comprovem a existência dessa gazeta manuscrita, apenas relatos esparsos de que o religioso “enganara o povo imprimindo em gazetas os seus embustes”⁷⁸.

Certamente o hiato entre 1808 a 1832 é questionador e nos faz refletir sobre a existência de impressos antes e durante esse período. Porém, Araújo (1993) nos mostra que a pesquisa sobre a imprensa em Sergipe já não era uma tarefa fácil para pesquisadores e intelectuais no início do século XX, pois:

Em 1907, escreveu Garcia Moniz, pseudônimo de Manoel Passos, em *O Estado de Sergipe*, de 13 de abril, que não era obra fácil escrever a história da imprensa

⁷⁴ SOUZA, op. cit., p. 33.

⁷⁵ A capital de Sergipe foi transferida para Aracaju em 17 de março de 1855. Ver: CRUZ, Jeferson Augusto da. **Uma mão de verniz sob o Tabuleiro de Pirro: Ecos da Belle Époque em Aracaju (1918-1926)**. Teresina: Cancioneiro, 2022.

⁷⁶ GÓES, Cristian. As gazetas do padre Eusébio: indícios de outra história sobre a imprensa em Sergipe. In: FRANCISCATO, Carlos Eduardo; GÓES, Cristian (Orgs.). **Jornalismo em Sergipe: dilemas, recortes e contextos**. Florianópolis: Combook, 2020. p. 9.

⁷⁷ GÓES, op. cit., p. 9-28.

⁷⁸ Idem, p. 20.

sergipana, e, “ao que desejar empreendê-la, carecerá de larga paciência e pesquisa”. Neste sentido, foi dele a primeira tentativa. Para Manoel dos Passos, os jornais, quase todos, desde 1932, com o *Recopilador Sergipano*, não possuíam um corpo organizado de redação. Era uma primeira dificuldade à tarefa de “ser organizada, diz ele, a história da imprensa sergipana”. (...) Mais uma dificuldade. Nos arquivos públicos as lacunas são desanimadoras, pelo desaparecimento de número incalculável de jornais sergipanos. De muitos só há informações nas referências deparadas em jornais de maior importância, cujos números, nunca completos, foram mal conservados pelo descaso de governos provinciais, fato lamentado já em 1860, por D Pedro II. Diz Manoel dos Passos: “É provável, é inevitável mesmo escaparem muitos jornais ao nosso lápis” (Araújo, 1993, p. 13).

A pesquisa acerca da imprensa sergipana não foi – e talvez continue sendo – tarefa fácil. Procurar indícios sobre os primeiros jornais do Sergipe pós-independente se mostrou uma árdua tarefa, uma vez que, como vemos na assertiva acima, o intelectual sergipano Manoel dos Passos de Oliveira Telles⁷⁹, que fez parte da geração de intelectuais nascidos entre 1840 e 1900 denominada *A elite intelectual de Guaraná*, participou do “nascimento cultural das décadas de 1910 e 1920”⁸⁰ e empreendeu uma pesquisa acerca da nossa imprensa. No entanto, se deparou com os dissabores que as investigações nos trazem: fontes destruídas pelo tempo, ausência de material e descaso com as instituições responsáveis por salvaguardar nossas memórias contidas nos impressos.

Por conta desses problemas mencionados, empreender uma investigação sobre os jornais em Sergipe pré-1832 se torna uma tarefa difícil, como também a escassez de fontes que mostrem a existência de impressos de diversos gêneros antes desse ano, o que faz com que a historiografia sergipana mantenha o *Recopilador sergipano* como filho primevo da imprensa do estado.

Ainda sobre o referido pasquim, o responsável por sua “paternidade” foi Antônio Fernandes da Silveira, o Monsenhor Silveira⁸¹, que, segundo Guaraná (1925) e Sebrão Sobrinho (1947), foi o “fundador da imprensa de Sergipe” e “pai da imprensa sergipana”. De acordo com Araújo (1993), através do jornal *Recopilador sergipano*, o Monsenhor Silveira tecia inúmeras críticas ao governo regencial e era contrário a uma possível restauração do primeiro imperador

⁷⁹ Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, era filho do padre Antônio Moniz Telles e D. Maria Luiza de Oliveira Pitta, nasceu a 29 de agosto de 1859 na Vila do Socorro. Foi juiz em diversas comarcas em Sergipe, Rio Grande Norte, Minas Gerais e Pernambuco. Sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e correspondente no Grêmio Literário da Bahia e do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Colaborador de diversos jornais e revistas da capital sergipana. Autor de diversos livros voltados para a História de Sergipe. Ver: GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1925. p. 216-218.

⁸⁰ FREITAS, op. cit., p. 37.

⁸¹ Filho de João Batista da Silveira e D. Maria Zeferina de Andrade, nasceu na freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe da Estância em 1795 e faleceu na Vila de Itapicuru da Bahia em 30 de janeiro de 1862. Matriculou-se em 1º de abril de 1818 no seminário baiano de São Damasco, onde dois anos depois foi elevado a presbítero e, em seguida, cônego da Sé Metropolitana. Foi deputado provincial por Sergipe e Piauí. Por fim, se tornou diretor da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro em 1837. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 22-23.

ao trono do Brasil, o que nos mostra a posição combativa do clérigo e sua defesa por um país livre da influência e de tudo o que remetesse a Portugal, haja vista que, para ele, “o país só se tornara independente com a abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831”⁸².

O supracitado periódico era publicado às terças-feiras e aos sábados, impresso na tipografia Silveira e teve vida curta (1832-1834). Muito provavelmente, a tipografia pertencia também ao monsenhor e funcionava junto com o jornal. “Talvez isso possa ser explicado pela ausência de governos liberais, na segunda metade do período regencial, na província”, fazendo com que o seu criador entrasse em atrito com os conservadores e, ao mesmo tempo, com o clero – ambos não eram a favor das ideias liberais disseminadas por ele.

É válido frisar que havia uma considerável atenção da população que lia o *Recopilador sergipano*, pois muitos leitores já faziam parte da vida pública e gostariam de tomar nota dos acontecimentos políticos ocorridos no estado. De acordo com Araújo (1993), “muito mais que hoje, naquela época já distante, os leitores participavam da vida pública, não só pela leitura atenta dos periódicos, como pelo estímulo à imprensa, aos redatores e jornalistas”⁸³. Essa interação mencionada pelo autor é o que podemos chamar de opinião pública, um fator importante para a constituição da imprensa e seu campo, na medida em que a partir dela é que a sociedade passa a se conhecer e a requerer seus direitos junto aos agentes políticos.

Obviamente a população alfabetizada, que era a minoria, possuía acesso à leitura dos jornais e seus congêneres; no entanto, isso não impede a formação de uma teia de comunicação capaz de realizar mudanças nas estruturas sociais. O papel da imprensa ganha mais fôlego com a transferência da capital sergipana para Aracaju em 1855, e, com o passar do tempo, jornais e revistas de outros estados começam a circular na cidade, aquecendo ainda as sociabilidades tecidas no âmbito urbano, como veremos mais à frente.

2.3 A IMPRENSA DE (EM) ARACAJU E SUAS FUNÇÕES

O dia 17 de março de 1855 representou para alguns sergipanos o início de um novo momento, pois nessa data a secular e imponente cidade de São Cristóvão de Sergipe Del Rey deixava o posto de capital da província, cedendo essa primazia para a tímida e pequena Aracaju, que mal acabava de nascer, mas seus fundadores já lhe tinham grandes planos. Não é do nosso interesse nestes escritos realizar uma incursão sobre os primórdios de Aracaju, mas sim apontar

⁸² ARAÚJO, op. cit., p. 21.

⁸³ Idem, p. 22.

o papel da imprensa durante o processo de estabelecimento dela como cidade “pulsante coração de Sergipe”.

Devido à sua fundação, a cidade de Aracaju necessitava de mecanismos que a ajudassem a se firmar como novo centro urbano de Sergipe, lugar onde importantes decisões iriam marcar a história da pequena província, por isso ela contou com os trabalhos da imprensa através da circulação do jornal *Correio Sergipense* (1855-1866). De acordo com Guaraná (1908), esse pasquim migrou para Aracaju com a transferência da capital; antes disso, havia atuado por 17 anos em São Cristóvão. Era uma publicação bissemanal, ou seja, duas vezes por semana um novo número era publicado. O referido jornal se dizia de cunho político e literário e, ao mesmo tempo, era uma folha oficial do governo⁸⁴, uma constante na época, pois muitos “surgiram no âmago das lições político-partidárias comuns no pós-independência e seus redatores eram eminentes representantes da política provincial ou intelectuais vinculados a eles”⁸⁵.

O *Correio Sergipense* deveria seguir a cartilha dos seus editores, redigida sob o olhar atento do governo da província, afinal nem todos foram favoráveis à transferência da capital, e era necessário apresentar Aracaju como o símbolo de uma nova era para Sergipe, em que o progresso estava por vir com a gênese da nova cidade e para driblar as críticas feitas principalmente por políticos do partido liberal, intelectuais e senhores de engenho – esses últimos viram o centro econômico ser transferido do vale do rio Vaza-Barris, onde estava localizada a vetusta São Cristóvão, para o pujante e próspero vale do rio Cotinguiba, de onde a nova capital era mais próxima e possuía águas profundas para um porto que comportasse grandes embarcações e assim facilitasse a produção açucareira⁸⁶ –, que foram contrários à mudança e constantemente teciam críticas ácidas ao episódio. Em seu número 22⁸⁷, de 23 de maio de 1855, o *Correio Sergipense* publicou o seguinte texto:

A Província de Sergipe acaba de dar um passo do maior alcance para o seu futuro, uni destes passos que impellem um povo na carreira de sua civilização e prosperidade, indicando da parte d'aquelles que o promoverão um decidido amor pela Província o um perfeito conhecimento de suas mais palpitantes necessidades e de seus immeisos recursos naturaes, que só espetão ser solicitados com discernimento para fruetificarem devidamente. A Assembléa Legislativa Provincial reunio-se no povoado do Aracaju na margem esquerda da Barra da Cotinguiba e elevando este povoado á cathegoria de cidade mudou para ahi a capital da Província. Honra e gloria aos Legisladores que assim colaboram para o verdadeiro engrandecimento de sua Província fazendo-a transpor de um só passo este abismo de dependencia, do esquecimento, de

⁸⁴ GUARANÁ, Armindo. Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Tomo especial 2: 1º Centenário da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

⁸⁵ SOUZA, op. cit., p. 34.

⁸⁶ Ver CRUZ, op. cit., 2022.

⁸⁷ COMUNICADO. *Correio Sergipense*, São Cristóvão, Ano XVIII, n. 22, 23 de maio de 1855. p. 3-4.

insignificancia em que jasia a mais de dois seculos, e collocando-a assim na ordem, que lhe compele como Provincia maritima e uma das mais importantes do Império pelos productos de sua industria agricola. Honra e gloria ao Exm. Presidente da Provincia o Sr. Dr. Ignacio Joaquim Barbosa que comprehendendo as aspirações das pessoas mais proeminentes da Provincia e reconhecendo as causas que entorpecião o acanhavão a Provincia em seos verdadeiros progressos lançou no Corpo Legislativo Provincial esta ideia feliz e grandiosa, que foi immediatamente abraçada com entusiasmo e saudada com as mais sinceras demonstrações de alegria por todos aquelles Sergipanos, que entrevião nesta medida uma nova era que se abria para a Provincia e que o dêdo doirado da fortuna lhes acenava como a condição indispensável de sua grandesa e prosperidade (CORREIO SERGIPENSE, 1855, p. 3).

Através do texto, é possível vermos que o *Correio Sergipense* faz um elogio ufanista aos atores políticos que realizaram a mudança da capital, alegando que Aracaju traria ao povo sergipano a civilização e a prosperidade. Nada estranho para um órgão que servia ao governo provincial, afinal era necessário apresentar a nova cidade com os melhores predicados possíveis, pois ainda havia muito a ser feito para a sua consolidação como novo centro irradiador da província. No entanto, é válido salientarmos que os escritos encontrados no mencionado pasquim se contrapõem a outro publicado dois meses antes, no dia da transferência da capital.

Um comunicado intitulado “Mudança da Capital”, publicado no número 21, com data de 19 de março de 1855, apresenta uma posição relativamente contrária ao que nos mostra a citação anterior. Em um vasto texto que ocupou quase duas páginas do jornal, o autor notadamente questionou a transferência e também qual o destino de alguns imóveis públicos como o palácio provincial, a biblioteca pública, a cadeia, o mercado, a casa da tipografia, entre outros, como também a ruína do comércio e a pobreza que se abateria sobre São Cristóvão. Mas, ao mesmo tempo, ele colocou os pontos que levaram a capital a migrar para um lugar viável e que atendesse às necessidades econômicas. Por fim, expôs a insatisfação dos são-cristovenses que amaldiçoavam o presidente da província Inácio Barbosa e João Gomes de Mello, o Barão de Maruim, entusiasta da trasladação da capital para Aracaju. Ao final desses escritos, ele desejou “os mais sinceros votos para que seja coroada em sua sublime idéa com a gloria e prosperidade da província o Sr. Dr. Ignacio Joaquim Barboza”. O texto foi assinado por *Justus*, provavelmente um pseudônimo de algum membro do corpo editorial que, temendo represálias, preferiu o anonimato⁸⁸. A mudança de posição do *Correio Sergipense* dois meses depois já era de se esperar, afinal, como já foi mostrado, os impressos oficiais trabalharam em consonância com os atos governamentais, assim garantiam uma longevidade em sua circulação.

⁸⁸ JUSTUS. Mudança da Capital. *Correio Sergipense*, São Cristóvão, Ano XVIII, n. 21, 19 de março de 1855. p. 2-4.

Aracaju despontou como capital e com ela uma quantidade significativa de impressos, entre jornais e revistas, que a ajudariam a se firmar como novo centro urbano de Sergipe. O quadro a seguir foi criado baseando-se nas informações contidas na pesquisa de Guaraná (1908), publicada em artigo na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Nele encontramos os jornais que circularam pelas ruas aracajuanas no século XIX.

Quadro 2 – Jornais e revistas de Aracaju (1855-1889)

ORDEM	NOME	PERÍODO DE CIRCULAÇÃO
1	Correio Sergipense	1855-1866
2	O Progresso	1857
3	Aurora Sergipana	1857
4	A Época	1859-1860
5	A Borboleta	1859-1860
6	A Crise	1863
7	Jornal de Sergipe	1866-1906
8	O Liberal	1868
9	O Conservador	1866-187
10	Jornal de Aracaju	1870-1879
11	O Porvir	1872
12	A Liberdade	1873-1874
13	A Crença	1873
14	Jornal do Povo	1874
15	O Porvir	1874
16	O Sergipano	1874-1875
17	O Protesto	1875
18	A Zorra	1875-1876
19	O Americano	1875-1876
20	A Ordem	1876
21	A Polícia	1876
22	O Bouquet	1876-1877
23	A Situação	1876
24	O Raio	1876-1885
25	A Crisálida	1876

26	Diário de Sergipe	1877
27	Jornal do Comércio	1877-1878
28	O Presente	1877
29	A Luz	1877
30	Eco Liberal	1877-1883
31	O Cansação	1878-188...
32	O Guarany	1878-1883
33	A Carapuça	1878-1879
34	Diário Popular	1879
35	Jornal Popular	1879
36	Gazeta de Aracaju	1879-1889
37	O Democrata	1879-1884
38	O Caixeiro	1880-1881
39	O Libertador	1880-1881
40	Eco Sergipano	1880-1881
41	Agricultor sergipano	1881
42	A Marselhesa	1881
43	Sergipe	1881-1882
44	O Conservador	1881-1882
45	O Descrido	1882
46	Luz Matinal	1882
47	O Belo Sexo	1882
48	O Facho	1882
49	O Comércio	1883
50	O Espião	1883
51	Evolução	1884
52	A Tribuna	1884
53	Voz do Povo	1884-1885
54	Diário de Aracaju	1885
55	A Província	1885
56	Sergipe Agradecido	1886
57	A Folha de Sergipe	1886
58	O Lutador	1888

59	O Capitólio	1886
60	A Reação	1886
61	A Urtiga	1886
62	O Mercantil	1886
63	Diário de Notícias	1886-1891
64	O Neto do Diário	1886
65	O Inocente	1886
66	A Reforma	1887-1889
67	Jornal do Domingo	1887
68	Gazeta da Província	1887
69	O Realista	1887
70	A Ordem	1887-1889
71	Gazeta da Tarde	1887
72	A Luz do Século	1888
73	O Brasileiro	1888-1889
74	O Monitor	1889

Fonte: GUARANÁ, Armindo. Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908. **Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro**. Tomo especial2: 1º Centenário da Imprensa no Brazil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1980. p. 777-786.

Através desse extenso quadro, podemos perceber a quantidade significativa de impressos que Aracaju possuía nas décadas que sucederam a sua fundação. Talvez uma quantidade exagerada, se assim podemos dizer, pois a capital de Sergipe possuía menos de dez mil habitantes durante a realização do primeiro Censo demográfico, realizado em 1872. Porém, é importante ressaltar que muitos dos impressos listados tiveram vida efêmera, circulando apenas durante um ano. Martins (2008) explica que o “caráter ligeiro, muitas vezes suspensos pela censura ou inviabilizados pelo fracasso econômico”⁸⁹ foi fundamental para a curta vida dos folhetins. Outro fator é que esses periódicos não possuíam afiliações políticas ou foram um órgão oficial do poder público constituído da época.

O levantamento de cada um desses periódicos, feito minuciosamente por Guaraná (1908), nos mostra que muitos eram descritos como “político e noticioso” e tinham como seus redatores nomes proeminentes dos campos político e intelectual, o que provavelmente garantia a esses impressos um período considerável de circulação, ou seja, aqueles que não possuíam

⁸⁹ MARTINS, op. cit., p. 39.

apadrinhamento político estavam fadados a ser um veículo de comunicação efêmero, durando menos de um ano em alguns casos. Também existiam jornais com outras finalidades como humor, comércio e agricultura, o que nos faz perceber uma diversificação desses impressos. Um fato interessante e digno de nota foi o surgimento de revistas voltadas para o público feminino na Aracaju do século XIX: *O Bouquet* (1876-1877) e *Belo Sexo* (1882) foram elas. Sobre o surgimento das revistas, Martins nos diz:

Ao lado do jornal, colocou-se o gênero periódico revista, suporte expressivo da palavra do processo histórico da imprensa brasileira. Muitas vezes, coube à revista figurar como espaço exclusivo para a colocação do literato em letra impressa. A modalidade se fez presente já nos primeiros anos da Imprensa Régia, persistiu no Império e se difundiu como gênero de sucesso no país. O caráter de leitura ligeira e amena, acrescido do recurso da ilustração, adequavam-na ao consumo de uma população sem tradição de leitura, permitindo a assimilação da mensagem (2012, p. 63).

A revista surge como uma espécie de auxiliar do jornal, cabendo a ela inaugurar uma nova tendência nos impressos, o uso de fotografias e outras ilustrações, tornando-a mais atrativa que os jornais; tal fato fez com que as revistas caíssem no gosto popular e sua circulação crescesse. A autora foi sábia ao apontar que o uso da ilustração nas revistas – e mais tarde nos jornais – era de grande valia para a população menos letrada, pois esta conseguia compreender o conteúdo através das imagens contidas nas páginas dos periódicos ilustrados. Veremos adiante essa importância.

Com a instauração do regime republicano em 15 de novembro de 1889 e a chamada Primeira República, a imprensa aracajuana ganha fôlego⁹⁰, pois “o montante de periódicos sergipanos aumenta de cento e trinta para cento e noventa títulos”⁹¹. Esse aumento expressivo foi importante para o desenvolvimento de Aracaju enquanto capital, visto que, no âmbito das cidades, a imprensa foi fundamental para apresentar as transformações que ocorriam, principalmente no início do século passado, mas ao mesmo tempo ela era responsável por atrair novos olhares para as urbes, convidando as pessoas a conhecerem e perscrutarem aqueles lugares.

Durante a transição do Brasil para a República, a imprensa assumiu um papel fundamental em um período em que o espaço público se destacava sobre o privado como centro

⁹⁰ Em Aracaju circularam em torno de 120 novos periódicos entre jornais e revistas. Assim como no Império, alguns deles tiveram vida curta. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1908, p. 777-786. Consultar também o *Catálogo de periódicos sergipanos (1832-1999)* da Biblioteca Pública Epifânio Dória.

⁹¹ SOUZA, op. cit., p. 36.

de sociabilidade e articulação política. Ela foi essencial tanto na concretização das reformas urbanas quanto na disseminação de ideias.

Essas reformas urbanas criavam um ambiente em que os transeuntes podiam vivenciar a coletividade, fomentando um senso de comunidade entre os cidadãos. Simultaneamente, a difusão de informações e conceitos dependia quase inteiramente da comunicação eficaz dos periódicos e folhetins. Aos poucos, esses veículos de comunicação se tornaram parte intrínseca do tecido urbano, facilitando a circulação de ideias e fortalecendo a coesão social e política.

Em resumo, a imprensa foi vital não apenas para a transformação física das cidades, mas também para a construção de uma esfera pública na qual ideias e informações circulavam, moldando a sociedade e a política da nova República.⁹²

A imprensa durante as primeiras décadas da República teve papel preponderante para a divulgação do projeto de nação gestado pelo novo regime; era dela a responsabilidade de apresentar as mudanças estruturais que aconteceram no âmbito das cidades e, ao mesmo tempo, ela foi responsável por fazer circularem por boa parte do país os trabalhos de intelectuais que estavam incumbidos de apresentar uma nova imagem de Brasil, distante do seu passado colonial, monárquico e escravocrata, de uma nação que buscava os ideais de civilização e modernidade, tão debatidos no período entresséculo.

Como já foi apresentado em páginas anteriores destes escritos, nas primeiras décadas do século passado, os intelectuais brasileiros e o campo político desejavam tecer um novo projeto de nação para o país, e dentro desse contexto a imprensa se tornaria uma aliada de peso para essa finalidade. Em Sergipe não foi diferente, e, “apesar dos periódicos estarem sob a tutela dos mandatários locais, consistiam num importante instrumento de consagração nesse momento do *campo intelectual sergipano*”⁹³, logo a imprensa era de fundamental importância para apresentar os trabalhos desenvolvidos pelos intelectuais da época e mostrar que o estado também gostaria de contribuir com o projeto de Brasil desenvolvido pela República em seus primórdios. Assim,

[...], além de constituir instância de legitimação, a imprensa possibilitou a criação de um mercado de livros antes inexistente. Antes dela, os sergipanos viam-se impelidos a publicar seus textos em tipografias e editoras da corte e de outras províncias. Porém, o surgimento das oficinas tipográficas, responsáveis pela edição dos periódicos locais, facultou aos homens de letras de Sergipe publicar seus livros na terra natal. No entanto, o número de obras publicadas fora do estado ainda excedeu àqueles editados em Sergipe. Conta-se cerca de duzentos e cinquenta títulos impressos por tipografias estrangeiras contra cerca de cento e dez títulos por tipografias locais. Esta prominência de obras publicadas alhures pode ser atribuída a duas razões. A primeira é a

⁹² O'DONNELL, op. cit.

⁹³ SOUZA, op. cit., p. 34.

efemeridade das tipografias, decorrentes dos altos custos exigidos por esse tipo de empreendimento, que forçavam os sergipanos a procurarem empresas mais sólidas em outras regiões. A segunda é a impossibilidade dos estabelecimentos tipográficos de levar a produção local a circuitos mais desenvolvidos, sobretudo à corte, onde poderiam auferir lucros materiais e simbólicos mais amplos. Mas, de qualquer modo, a existência de casas tipográficas no estado oferecia àqueles que por quaisquer motivos não podiam emigrar a chance de ver suas lucubrações em letra de imprensa (Souza, 2001, p. 36).

O crescimento do mercado editorial possibilitou ao campo intelectual sergipano publicar seus trabalhos no estado; no entanto, a necessidade de ampliar seus horizontes para outros lugares além dos limites de Sergipe fez com que alguns intelectuais buscassem tipografias de centros urbanos mais movimentados, como a então Corte do Rio de Janeiro, transformada em capital federal com a ascensão republicana. A existência de estabelecimentos tipográficos em Aracaju⁹⁴ possibilitou não apenas um aquecimento significativo na impressão de livros, mas também o surgimento de outros gêneros impressos, resultando em “uma proliferação de revistas, inspiradas em magazines fluminenses de grande circulação”⁹⁵; ao mesmo tempo, a imprensa ganha um caráter comercial, sem deixar de lado seu compromisso com a comunicação e o entretenimento da população.

A nova concepção de imprensa periódica tornou possível a multiplicidade e durabilidade dos veículos, visando a lucratividade econômica. A tipografia deixou de ser artesanal para se inserir em uma linha de produção industrial. A pequena imprensa não desapareceu completamente, mas foi substituída gradualmente por estruturas industriais com orientação capitalista.⁹⁶

As mudanças de cunho comercial pelas quais a imprensa passou nas primeiras décadas do século passado possibilitaram não apenas o surgimento de novos gêneros impressos, mas fizeram com que se tornasse uma atividade econômica que se expandia e, por isso, necessitava de uma aparelhagem e de maquinários adequados para a difusão de sua produção em outras partes do estado e, quiçá, do país. Essa transição pela qual a imprensa sergipana passou possibilitou o surgimento de revistas, como já foi citado; no entanto, é importante destacar que esses “novos veículos adotaram um acabamento mais apurado. Ilustrações fotografias, vinhetas

⁹⁴ “Na capital foram criadas: a Tipografia da Papelaria Comercial, a Tipografia da Papelaria Popular, a Tipografia da Livraria Brasileira, a Tipografia Xavier, a Tipografia Amard de Antônio Amaral Canuto, a Tipografia Comercial, a Tipografia Comercial de Elias do Rosário Montalvão, a Tipografia Comercial de Nelson Vieira, a Tipografia Comercial de Vieira e Carvalho, a Imprensa Econômica, o Estabelecimento Gráfico F. Sampaio, o Editor Antônio Xavier de Assis e os Editores Guilherme & Filho & C”. Ver: SOUZA, op. cit., p. 41.

⁹⁵ SOUZA, op. cit., p. 38.

⁹⁶ Idem, p. 38-39.

e caricaturas, os recursos mais sofisticados a disposição dos cultores das artes gráficas foram utilizados à larga”⁹⁷.

Como vimos anteriormente, ainda no Império algumas revistas começaram a circular, porém elas tiveram vida curta. Na Primeira República, o número de impressos desse gênero aumenta consideravelmente em Aracaju. Listamos no quadro a seguir as principais revistas que perscrutaram a capital de Sergipe nas primeiras décadas republicanas.

Quadro 3 – Revistas de Aracaju durante a Primeira República (1890-1927)

ORDEM	NOME	PERÍODO DE CIRCULAÇÃO
1	Revista Literária	1890-1891
2	Revistinha Sergipana	1893
3	A Verdade	1895
4	A Martinho Garcez	1896
5	O Cenáculo	1902
6	Revistinha	1905
7	A Trombeta	1907
8	Vida Sergipana	1912
9	A Diocese de Aracaju	1912
10	A Sergipana	1914-1915
11	Hélio	1919-1920
12	Helianto	1924
13	Renascença	1927

Fonte: GUARANÁ, op. cit., 1980, p. 777-786. Consultar também o *Catálogo de periódicos sergipanos (1832-1999)* da Biblioteca Pública Epifânio Dória.

O crescimento da publicação de revistas se deu justamente por conta do viés comercial que a imprensa adotou nos anos iniciais do século passado e pela quantidade significativa de tipografias, que, com o passar do tempo, “aposentam os processos rudimentares de composição e impressão e introduzem equipamentos que permitem rapidez, reduzindo-se o trabalho ao mínimo esforço”⁹⁸. No entanto, é perceptível que, assim como muitos jornais no século XIX, as revistas também foram efêmeras e de circulação restrita ao estado. Era preciso muito mais que o aumento de casas tipográficas para expandir o mercado editorial e levar os magazines sergipanos para outros pontos do país.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ SOUZA, op. cit., p. 39.

Lançar a revista no mercado era um dos maiores desafios do projeto. A produção envolvia uma rede complexa de tarefas, como recrutar colaboradores, obter papel, escolher a tipografia, registrar a publicação na Junta Comercial e estabelecer um escritório. Após isso, vinha a etapa igualmente difícil da distribuição, que começava com a importante tarefa de conseguir assinaturas.⁹⁹

Logo, podemos perceber que havia um conjunto de exigências para a circulação de revistas no mercado de leitura, sendo exigências que garantiriam a longevidade do periódico e sua disseminação em outros espaços. Um dos fatores importantes para a sobrevivência eram as assinaturas, o “primeiro passo para efetivar sua própria fundação, garantia da existência da publicação, pelo menos um ano”¹⁰⁰, ou seja, era necessário possuir um capital financeiro, concebido por um número expressivo de assinaturas, para em seguida garantir o capital simbólico e se firmar como um importante meio de comunicação. Sobre as estratégias de comercialização das revistas aracajuanas expostas no quadro anterior, Elbênia Silva e Ronaldo Linhares¹⁰¹ nos dizem o seguinte:

A maioria das revistas era por mês ou na semana. As revistas traziam o preço avulso e a tiragem, mas, o que despertou interesse foram as estratégias de comercialização das mesmas. A precisão do periódico “Mercúrio” (1928-1930) já traz além do preço avulso, também o preço de um dia atrasado e o preço mensal; possuía também o número das tiragens para o interior, para outros estados e o preço da assinatura por ano e por semestre. Preço de venda: Capital (no dia) = \$500, (atraso) = \$800, (mês) 2\$000, interior ano = 28\$000, semestre = 15\$000, estados ano= 30\$000, semestre= 18\$000, tiragem: interior ano = 28\$000, semestre = 15\$000 estados, ano= 30\$000, semestre = 18\$000. Em sua grande maioria as fontes de financiamento dividiam-se entre particulares e a publicidade, esta segunda imprime, aos olhares de hoje, certo charme as revistas devido aos seus desenhos e frase criativas (2009, p. 5).

Vemos, através da citação acima, que as revistas aracajuanas também possuíam estratégias para garantir a circulação delas, como angariar assinaturas; no entanto, como bem infere Martins (2008), “a difusão do impresso através da assinatura ainda era deficiente, sujeita a atrasos e extravios de um serviço de correios precário, sobretudo a longas distâncias”, isto é, mesmo com assíduos assinantes, a circulação de revistas ainda poderia sofrer alguns percalços, dificultando com isso a propagação desse gênero por outras partes. Nota-se também na assertiva que havia valores para diversas situações que para a época eram considerados acessíveis, logo possuir preços que estejam de acordo com a situação financeira da população também pode ser

⁹⁹ MARTINS, op. cit., p. 226.

¹⁰⁰ Idem, p. 226.

¹⁰¹ SILVA, Elbênia Marla Ramos; LINHARES, Ronaldo Nunes. A Imprensa em Sergipe: notas sobre as revistas em Sergipe nos últimos anos do século XIX. In: **VII Encontro Nacional de História da Mídia**, Fortaleza, 2009.

considerado mais uma estratégia de venda, assim como destinar algumas páginas à publicidade, o que deixa as páginas das revistas mais interessantes e atraentes por conta principalmente das ilustrações e fotografias usadas para chamar a atenção do público.

Sobre os fazeres publicitários nas revistas, é possível afirmar que se expandiu além das publicações comerciais para se tornar uma parte vital da imprensa periódica em geral.¹⁰² Anúncios publicitários se tornaram essenciais para o financiamento e sucesso das publicações. Pequenas publicações começaram a usar diversos apelos para atrair anunciantes, oferecendo anúncios a preços acessíveis e destacando os benefícios de anunciar, como aumento de clientela e prosperidade. Assim, a propaganda tornou-se um elemento crucial para a manutenção e competitividade dos periódicos.

O parágrafo anterior nos mostra que imprensa periódica e publicidade começam a fazer parte da mesma equação, pois uma se torna dependente da outra, e a existência das revistas dependia em certa medida da quantidade de páginas que elas dedicariam à propaganda do comércio e da indústria, que, por sua vez, investiam nessa forma de divulgação para alavancar as vendas, ou seja, ambos corroboravam a famosa máxima “A propaganda é a alma do negócio”. Aqui poderíamos dizer que a propaganda é a alma das revistas, um dos motes para a longa circulação delas.

Não sabemos por quais motivos as revistas aracajuanas eram efêmeras, não duravam muitos anos, talvez a falta de assinantes e de patrocinadores fosse uma das dificuldades encontradas para se manterem ativas no mercado editorial de Sergipe. É necessário considerar que essas revistas foram “inspiradas em magazines fluminenses de grande circulação”¹⁰³ e que apresentavam publicações voltadas para o cotidiano local, mas algumas possuíam escritos de outras partes do país, pois, assim como as revistas do Rio de Janeiro, as aracajuanas tinham correspondentes¹⁰⁴ em outros estados do Brasil, mantendo assim uma rede de comunicação e sociabilidade entre os sergipanos e os demais brasileiros. Porém, esses periódicos que reclamavam para si a rubrica de revistas literárias, críticas e ilustradas, apesar de possuírem todo um aparato para seu funcionamento, não se tornaram conhecidos para além dos limites do estado, diferentemente dos fluminenses que analisamos neste trabalho, que se alastraram por todo o Brasil com a ajuda de seus escritórios e correspondentes em diversas regiões do país. Sobre as revistas aracajuanas, é importante analisar:

¹⁰² CRUZ, op. cit., p. 156.

¹⁰³ SOUZA, op. cit. p. 38.

¹⁰⁴ A revista *Martinho Garcez*, por exemplo, tinha em seu corpo de colaboradores nomes de figuras importantes das letras no país, como Rui Barbosa, Olavo Bilac, Silvio Romero e José do Patrocínio. Ver: SILVA; LINHARES, op. cit., p. 8.

Como no restante do Brasil, a maioria destas revistas tinha como mote principal a literatura, por sua própria constituição: a formação intelectual dos profissionais liberais que nela atuavam ou eram os responsáveis direto por sua existência; pelo público diferenciado para os quais estavam direcionadas. Mesmo com uma grande parcela abordando a literatura, não havia exclusividade para este tema (Silva; Linhares, 2009, p. 6).

Assim como outros gêneros impressos que circularam em Aracaju, as revistas também serviram para apresentar os trabalhos realizados pelo campo intelectual sergipano, pois “o prestígio da letra de forma numa sociedade fundamentalmente oral era inegável. A publicação de um artigo dava ao articulista notoriedade. Fornecia-lhe um certo destaque social”¹⁰⁵.

Mas, apesar de possuir um número satisfatório de jornais e revistas, o caráter local e/ou regional dos periódicos sergipanos impossibilitou a expansão dos intelectuais de Sergipe e suas obras, fazendo com que buscassem na imprensa de outros estados uma forma de consagração nacional, uma vez que a terra natal não possuía “uma alentada imprensa, capaz de torná-los conhecidos em outros pontos do país”¹⁰⁶. A imagem que segue vem referendar essa hipótese.

Figura 6 – Publicações, 1903¹⁰⁷

O VIAJADOR



— Pelo que promete, brevemente vel-o-emos um pé aqui, outro lá. . .

Casamentos — Julio Francisco de Sant'Anna, solteiro, irata no civil e religioso de todos os papéis, tendo em seu cartório de idade, em 24 horas 1 bono assim, naturalizações, passaportes, folhas corridas, levantamentos de diâmetros de orçãos na Caixa Economica e no Thesouro Federal, cobranças, liquidações commerciaes, inventarios e falencias, medições e demarcações de terras, interdictos prohibitorios, sustenções de posse, embargos, detenção possessa, protestos maritimos, seguros terrestres e maritimos e quaisquer actoes civis, commerciaes e criminaes, 4 rua da Lavradio n. 169 e S. J. sé n. 76, das 8 da manhã ás 8 da noite. N. B. Todos estes trabalhos fazem-se por preços modicos.

PUBLICAÇÕES. — Recebemos e agradecemos :
 «A febre amarella a bordo do *Lombardias*; notas criticas para servirem á historia epidemologica, pelo Dr. Jayme Silvado. Pertence este importante trabalho á serie de publicações inseridas na *Tribuna Medica*, de S. Paulo.
O Bersagliere, numero especial commemorativo da data de 29 de setembro, muito bem feito e todo cheio de circumstancias.
Caras y Caretas, a bella revista artistica que se publica em Buenos Aires: o n. 258, interessante como sempre.
Alvorada, o primeiro numero desta revista litteraria, scientifica e noticiosa, orgão do Centro Litterario 15 de Dezembro, de S. Paulo. E' publicação mensal, a cargo dos Srs Ferreira de Carvalho, director, P. Paula Assis, secretario, Andreilino Assis, A. Carvalho Pimentel e Paulino de Almeida, redactores.
Anuario Maritimo para 1903, (2.º anno) organizado pelo Sr. capitão-tenente J. A. Santos Porto, secretario e organ da Liga Naval Brasileira.
 E' o numero 4 desta publicação.
Sergipenses, volume contendo escriptos diversos do Sr. M. P. Oliveira Telles, publicado em Aracaju.
Revista Polica, n. 2, trazendo o retrato do coronel Sebastião Bandeira na primeira pagina.

Canção da Mulata, da revista *Petropolis no Prego*, musica de Costa Junior, e *Rebola a bola*, canção popular da revista *Agulhas e alfinetes*, de Philippe Duarte; ambas as composições editadas pela casa Manoel Antonio Guimarães.

MANTEIGA TRAITUBA — A melhor que ha no mercado. Vende-se no deposito geral, Rosario 66, e nas principais casas.

Aqui deixamos expressos os nossos agradecimentos :
 Ao Sr. A. F. Reynaud pela grande serie de *petit cadavres* que de sua viagem á Europa nos trouxe, e entre os quaes avultam o gafanhoto electrico, uma surpresa endiabrada, os dous barometros de amor e de clima, o cinematographo e a borboleta equilibrista.
 Ao Sr. Manuel José Lopez o amavel convite para com a comissão de orçamento da Camara visitar a sua fabrica de moveis curvados. Curvamos-nos reverentes ante o progresso do bello estabelecimento industrial e vimos, no *lunch*, que sabe bem comer a sobriedad commissaõ.
 Ao Club Internacional de Pelota, o bilhete para a sua festa no Jardim Zoologico.
 Ao Club Benjamin Constant, a communicacão da posse solemne de sua nova directoria, composta de illustres cavalheiros.

O Sabonete Rizer é o melhor para a cutia, banho, toilette; faz desaparecer em poucos dias as manchas do rosto, sardas, caspa, impetigo, dactiloses, sigmas de herpes, etc. Costa 18306. Vende-se nas principais casas e no deposito, rua da Quitanda 48, Gadoy & Ferrazandes.

Está deliberado que o Dr. Oswaldo matará 5.500 contos de mosquitos por anno.
 Pergunta a premio :
 — A quanto sai cada mosquito ?

Asthmas de mais de 20 annos curam-se com o PULMONAL.

Fonte: PUBLICAÇÕES. Revista *O Malho*, Rio de Janeiro, ano II, n. 55, 3 de outubro de 1903.

¹⁰⁵ SOUZA, op. cit., p. 34.

¹⁰⁶ Idem, p. 29.

¹⁰⁷ Legenda: *Sergipenses* – volume contendo escriptos diversos do Sr. M.P. Oliveira Telles; publicado em Aracaju.

Na revista ilustrada *O Malho*, encontramos, na seção destinada a informar o recebimento de publicações, uma menção à chegada – provavelmente à redação do magazine – da obra *Sergipenses*, de autoria de Manoel Passos de Oliveira Telles, o intelectual sergipano mencionado em páginas anteriores destes escritos que iniciou uma pesquisa sobre a imprensa em Sergipe, mas se deparou com enormes dificuldades. O envio de tal obra ao folhetim carioca nos mostra a busca pela consagração e pelo reconhecimento em âmbito nacional do campo intelectual sergipano, mas também nos apresenta indícios de que as revistas ilustradas, fontes primordiais deste trabalho, já circulavam por plagas aracajuanas e que seus intelectuais usaram com maestria as páginas desses folhetins, como veremos na figura a seguir.

Figura 7 – Belletrismo, 1926¹⁰⁸

17 — Abril — 1926

O Malho

B E L L E T R I S M O

O ESTADO DE SERGIPE PRESTA REVERENCIA JUSTISSIMA A MEMORIA DO MAIOR DOS SEUS INTELLECTUAES — TOBIAS BARRETO, EDITANDO E REEDITANDO SUA OBRA, E DIVULGA O TRABALHO POSTHUMO DO DR. MANOEL ARMINDO GUARANA — "DICCIONARIO BIO-BIBLIOGRAPHICO SERGIPANO".

O Estado de Sergipe, tendo em justo e alto apreço "o valor inestimavel da obra de Tobias Barreto, quer sob o ponto de vista philosophico e juridico, quer vislumbreado unicamente pelo aspecto literario, critico, poetico, oratorio e polemistico", resolveu edita e reeditar "para conhecimento mais exacto da personalidade do eminente patriota e para o aferimento preciso da transformação que a sua influencia irradiadora operou no direito e nas letras nacionaes".

Estamos de accordo "que não pôde haver melhor e maior monumento para uma agigantada figura intellectual do que a divulgação das suas idéas generosas, altas concepções do espirito e arrojadas do genio" que foi aquelle que deixou um traço luminosissimo representado pelas suas obras, que pensou e espalhou.

E' sabido que o sabio sergipano "desde os quinze annos de idade começou a poetar e a escrever trechos musicaes", pois as primeiras letras, musica e latin foram as cousas unicas aprendidas por elle em sua terra natal.

Tobias Barreto subiu, e da sua cultura ficaram nos jornaes, nas revistas, na cathedra de professor, nas conferencias que fez, nos livros que publicou. Creou discipulos dedicadissimos, que propagaram as suas idéas, as suas lições.

O magisterio juridico de Tobias Barreto, escreveu Sylvio Roméro — o maior e mais devotado dos seus amigos e que melhor divulgou a sua grandiosidade e estupenda superioridade intellectual pela imprensa e pelo livro — "teve um periodo curto, apenas sete annos incompletos, de 82 a 89, sendo que nos ultimos dois annos a molestia não o deixava comparecer ás aulas. Na Faculdade regeu as cadeiras de philosophia de direito, direito publico, direito criminal, economia politica e pratica do processo".

Foi um polemista tremendo, tendo enfrentado intellectuaes de merecimento como o Dr. José Hygino, Dr. Escagnolle Tamay e outros.

Os invejosos do seu saber, da lucidez de seu espirito, a nenhuma importancia que elle ligava aos que tentavam enfrental-o, foram causa da sua morte, pois usaram até de meios covardes e mesquinhos, passando telegrammas dando-o como morto.

Tobias Barreto, que se fez e notabilizou-se pela sua capacidade e energia moral, é um nome que sempre viverá e o Estado de Sergipe teve um nobre gesto, digno dos mais sinceros applausos, reimprimindo as suas obras, cujas edições estão esgotadas, e publicar os seus manuscritos posthumos, incumbindo o Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles, que foi um dos seus mais dedicados discipulos e amigo esforçado "para colligir inéditos e preparar o material a imprimir a futura edição". Isso foi em 1923, e agora o Sr. Dr. Graccho Cardoso, digno presidente de Sergipe, deu inicio ás determinações do Congresso estadual, cujo gesto merece applausos e louvores.

O Estado de Sergipe acaba de dar dois volumes das obras do glorioso Mestre: — o I — *Dias e Noites*, e o V — *Menores e Loucos* e fundamento do direito de punir.

A edição dos dois volumes é magnifica, em bom papel e carinhosamente cuidada.

No volume de poesias *Dias e Noites* encontram-se além de um bom retrato do extraordinario sergipano, o prefacio do douto e saudoso Sylvio Roméro, datado de 1903 e muitas inéditas que se acham assignaladas com um asteristico.

Dias e Noites possui quatro partes: "Geraes e Naturalistas", com 53 composições; "Patrioticas", com 22; "Estheticas", com 22, e "Amorosas", com 40. No fim do volume ha um appendice com varias notas ao texto e referentes á vida de Tobias Barreto e 12 satyras, pouco conhecidas e pungentissimas, que dão uma prova do quanto era violento e intemerato o grande espirito que honrou as letras de modo inconfundivel.

A nova edição das poesias feita pelo Estado, merece ser adquirida, porque é mais completa que as outras, que se acham esgotadas.

O outro volume do Mestre inesquecivel, tão ual julgado pelos seus contemporaneos pela sua ativez, pela pujança intellectual, pela inquebrantabilidade de caracter — *Menores e Loucos*, que teve duas edições, uma em 1884 e outra em 1886, que ficamos conhecendo, agora, com a presente, que é a 3ª, é um trabalho de um espirito de extraordinarios desportos, que ficará mareando o valor daquelle cerebro perfeito, que deslumbra e era invejado.

Os que receberam as suas lições falam dellas com devotamento e profunda admiração e, realmente, só *Menores e Loucos* são uma prova do valor do Mestre, pois nas suas paginas ha fartos ensinamentos, profundissimos, que não se encontram nos compendios dos que agrediram tão illustre cultor do Direito.

O extraordinario serviço que acaba de prestar o governo do Estado de Sergipe cumprindo uma determinação do legislativo, veio beneficiar a geração actual que não conhecia essa obra que dá a conhecer o quanto foi admiravel o pensador eminente, o philosopho criterioso, o Mestre erudito e profundo.

O Sr. Dr. Graccho Cardoso pôde deixar o seu governo certo de que o seu acto nobre e digno jamais será olvidado, porque foi nelle que se levou a effeito a idéa suggerida pelos politicos da terra do maior dos seus intellectuaes, atirando aos que têm fome de saber e sede de luz, a reprodução das obras esgotadas, entre as quaes estão *Dias e Noites* e *Menores e Loucos*. A benevolencia do seu operoso governo tem esse acto, o bastante para ser sempre recordado pela mocidade que estuda e que fica conhecendo e abençoando aquelle que tanto saber disseminou para o nosso bem e felicidade.

Pela parte que nos toca, aquim ficam os nossos agradecimentos ao administrador intellectual e cumpridor das suas virtudes civicas.

* * *

Ainda em cumprimento de um acto do Legislativo estadual, o presidente Dr. Graccho Cardoso mandou publicar a obra posthuma, como edição do Estado de Sergipe, o *Diccionario Bio-Bibliographico Sergipano*, feito pelo Dr. Manoel Armindo Cordeiro Guarana, dedicado e operoso filho da terra de Tobias Barreto.

O *Diccionario Bio-Bibliographico Sergipano* é um precioso livro, no qual se encontra a vida dos intellectuaes que se notabilizaram nas letras, nas sciencias, na politica, na magistratura, nas artes. E' uma fonte de informações completa, acompanhada de dados feis sobre a existencia dos que souberam honrar a Patria por servicos dignos de nota. Da maioria dos sergipanos ha os seus retratos e provas de suas manifestações intellectuaes e civicas. Todos os Estados da Republica estão no dever da fazer igual trabalho, de

UREOL CHANTEAUD de Paris

Foderoso diuretico e dissolvente do Acido Urico
DOENÇAS DE RINS e DA BEXIGA, GOTTA,
CYSTITIS, GRIPE, RHEUMATISMO, ARTRITISMO
GRANDE PREMIO
MARSEILLE 1889

— 53 —

Fonte: BELLETRISMO. Revista *O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 1231, 17 de abril de 1926, p. 97.

¹⁰⁸Legenda: Belletrismo – O Estado de Sergipe Presta reverencia justíssima a memoria do maior dos seus intellectuaes – Tobias Barreto, editando e reeditando sua obra, e divulga o trabalho posthumo do Dr. Manoel Armindo Guarana – "Diccionario Bio-Bibliographico Sergipano".

O artigo evidenciado na figura 7 foi escrito por Xavier Pinheiro, poeta fluminense, escritor, beletrista e membro da Associação de Ciências e Letras de Petrópolis, colaborador da revista *O Malho*, responsável pelos textos da seção “Belletrismo”. No referido escrito, o autor enaltece a obra de Tobias Barreto, ressaltando o valor de Sergipe, que, nas palavras do intelectual, “é uma terra admirável, repleta de intellectuaes, de filhos dedicados, que se elevaram pelo estudo, pelo saber, que se tornaram dignos de apreço”¹⁰⁹. Ao mesmo tempo, ele tece extensos elogios, em diversos momentos do texto, ao governo de Sergipe pela reedição das duas importantes obras – *Dias e Noites* e *Menores e Loucos* – do intelectual sergipano. De acordo com Pinheiro:

O extraordinário serviço que acaba de prestar o governo do Estado de Sergipe cumprindo uma determinação do legislativo, veio beneficiar a geração actual que não conhecia essa obra que dá a conhecer o quanto foi admirável o pensador eminente, o philosopho criterioso, o Mestre erudito e profundo. O Sr. Dr. Graccho Cardoso pôde deixar o seu governo certo que o seu acto nobre e digno jámais será olvidado, porque foi nelle que se levou a efeito a idéa sugerida pelos políticos da terra do maior dos seus intellectuaes, atirando aos que têm fome de saber e sede de luz, a reproducção das obras esgotadas, entre as quaes estão *Dias e Noites* e *Menores e Loucos*. A benemerência do seu operoso governo tem esse acto, o bastante para ser sempre recordado pela mocidade que estuda e que fica conhecendo e abençoando aquelle que tanto saber disseminou para o nosso bem e felicidade (1926, p. 53).

O ato do campo político, a reedição das obras de Tobias Barreto, rendeu aplausos dos intelectuais não apenas de Sergipe, mas também de outros pontos do país, o que mostra a convergência que esses dois campos podem realizar em alguns momentos. São esses dois campos que vão provocar as revistas ilustradas cariocas a publicarem uma quantidade significativa de fotografias e textos oriundos de Sergipe e de sua capital Aracaju. Sobre as publicações reeditadas, Xavier Pinheiro aponta em seu texto que coube ao já mencionado intelectual sergipano Manoel dos Passos de Oliveira Telles a missão de “colligir inéditos e preparar o material a imprimir a futura edição”¹¹⁰. O prefácio de uma das obras foi escrito por Silvio Romero, outro afamado intelectual sergipano, bacharel em Direito pela Escola do Recife, fundador da cadeira número 17 da Academia Brasileira de Letras e contemporâneo de Tobias Barreto.

Ao mesmo tempo que reedita as duas obras do mais prestigioso dos intelectuais sergipanos do século XIX, através de um ato legislativo, isto é, de um projeto de lei aprovado

¹⁰⁹ PINHEIRO, Xavier. Belletrismo – O Estado de Sergipe Presta reverencia justíssima a memoria do maior dos seus intellectuaes – Tobias Barreto, editando e reeditando sua obra, e divulga o trabalho posthumo do Dr. Manoel Armindo Guaraná – “Diccionario Bio-Bibliographico Sergipano”. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 1231, 17 de abril de 1926. p. 53.

¹¹⁰ PINHEIRO, op. cit., p. 53.

pelos deputados, o governo também publicou “a obra posthuma, como edição do Estado de Sergipe, o Dicionario Bio-Bibliographico sergipano, feito pelo Dr. Manoel Armindo Cordeiro Guaraná, dedicado e operoso filho da terra de Tobias Barreto”¹¹¹. Sobre a referida obra, o autor a apresenta da seguinte maneira:

O Dicionario Bio-Bibliographico Sergipano é um precioso livro, no qual se encontra a vida dos intellectuaes que se notabilizaram nas letras, nas sciencias, na política, na magistratura, nas artes. É uma fonte de informações completa, acompanhada de dados fieis sobre a existencia dos que souberam honrar a Patria por serviços dignos de nota. Da maioria dos sergipanos ha os seus retratos e provas de suas manifestações intellectuaes e cívicas. Todos os Estados da Republica estão no dever de fazer igual trabalho, do qual se sahi airoosamente o Dr. M. A. Cordeiro Guaraná (Pinheiro, 1925, p. 53-54).

A reedição do *Dicionário Bibliográfico Sergipano*, obra do desembargador Armindo Guaraná¹¹², também é celebrada pelo autor do artigo, que o considera primordial para quem deseja conhecer os principais nomes do campo intelectual sergipano entre o final do século XIX e princípios do XX. O referido trabalho é até hoje cotejado por pesquisadores em diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, como este trabalho, por exemplo, revelando o seu inestimável valor que perdura por mais de um século. O respeito por tal trabalho evidenciado por Xavier Pinheiro em seu artigo, chegando a sugerir aos outros estados brasileiros fazerem um trabalho similar, sem dúvida foi uma conquista dos intelectuais de Sergipe no sentido de se tornar um exemplo para o Brasil.

Mas as matérias sobre as reedições dessas obras não ficaram restritas apenas à revista *O Malho*, pois no mesmo período a revista *Fon-Fon* publicou uma curta, porém significativa, nota sobre os trabalhos reeditados. Intitulada “Edições do Estado de Sergipe”¹¹³, a nota sem autoria revelada dizia:

O pequeno Estado de Sergipe, pequenino e glorioso, na intelligencia e na actividade do paiz, não fez *régie* de nenhum producto. Mas, reeditando como acaba de fazer por sua conta, as obras de Tobias Barreto, fez acto régio, sinão pela munificencia, ao menos pelo bom gosto e pela alta prova de cultura que revela. Das obras de Tobias já estão circulando, em 2ª edição, os *Dias e Noite* e, em 3ª edição os *Menores e Loucos*, um dos livros mais originaes da Criminologia brasileira. Não é possível dizer numa nota o valor dessas obras, nem medir a altura daquelle enorme espirito que constitue por si só um capítulo da intellectualidade brasileira. O decreto com que o governo do Estado justificou a reedição empreendida, é documento que honra o seu signatário e

¹¹¹ PINHEIRO, op. cit., p. 53.

¹¹² “Filho do advogado provisionado Theodoro Cordeiro Guaraná e D. Adrelina Muniz de Menezes Guaraná, nasceu na cidade de S. Christóvão então capital da Província, a 4 de Agosto de 1848. [...] Matriculou-se em março de 1867 na Faculdade de Direito do Recife, na qual recebeu o grau de Bacharel no fim do anno de 1871”.

¹¹³ EDIÇÕES DO ESTADO DE SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XX, n. 14, 3 de abril de 1926. p. 28-29.

ilustra os horizontes de renovação moral para que os governos já vão olhando e interessando-se. De permeio com a formidável obra tobiatica, cuja publicação se integrará em poucos dias, saíu das mesmas oficinas, e edição também do Estado de Sergipe, o “Diccionario Bio-Bibliographico” do Dr. Armindo Guaraná, que é uma especie de almanack das glórias do Estado, biografando e ilustrando os nomes de muitos, de quase todos aquelles que têm dado talento, actividade ou esforço digno para maior julgar do pantheon sergipano, em cujo átrio o nome de Tobias figura como uma égide e o de Fausto Cardoso como um exemplo. O trabalho material das novas edições é harmonioso e elegante e muito recomenda as oficinas de que saíram os tres volumes expostos nas livrarias (FON-FON, 1926, p. 28-29).

Mais uma vez vemos a exaltação do campo intelectual na nota anterior, como também são perceptíveis os elogios ao mandatário da época pelo feito extraordinário que muito honrou o pequeno e orgulhoso estado de Sergipe através dos feitos dos seus intelectuais. É válido considerar que o reconhecimento desejado pelo campo intelectual sergipano ao que parece foi alcançado, porque, nos textos encontrados nas revistas ilustradas *O Malho* e *Fon-Fon*, vemos uma exaltação aos filhos da terra que se diferenciaram e ganharam notoriedade através de suas obras, que naquele momento circulavam pelo país graças à imprensa, ou melhor, às revistas ilustradas cariocas. Antes dessas publicações, a revista *Fon-Fon* já havia feito pequenas notas com fotografias de alguns intelectuais sergipanos, como veremos na figura que segue.

Figura 8 – Fon-Fon! Em Sergipe, 1915¹¹⁴

FON-FON! EM SERGIPE

À esquerda Dr. Armindo Guaraná, juiz seccional aposentado. Primeiro orador da série de conferencias do corrente anno no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

À direita Epiphanyo da Fonseca Doria, Director da Bibliotheca Publica de Sergipe.

O mais poderoso
antiseptico das Bronchites

**CATARRHO
BRONCHITE
EMPHYSEMA ASTHMA**

São radicalmente curados pelo

XAROPE FAMEL

INDICADO PELOS RESPIRANTES

Avenda em todas as Pharmacias e Droguarias e em Paris, 20 & 22, rue des Ortoaux

Fonte: FON-FON! EM SERGIPE. Revista *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 29, 10 de julho de 1915.

¹¹⁴ Legenda: À esquerda Dr. Armindo Guaraná, juiz seccional aposentado. Primeiro orador da série de conferencias do corrente anno no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. À direita Epiphanyo da Fonseca Doria, Director da Bibliotheca Publica de Sergipe.

É perceptível que já havia uma determinada comunicação entre os intelectuais sergipanos e as revistas ilustradas cariocas, pois, como já foi colocado em páginas anteriores destes escritos, a imprensa sergipana, apesar de possuir vários jornais e revistas, se limitava apenas ao estado, sem percorrer outros lugares do Brasil, principalmente os grandes centros urbanos. Entretanto, a primeira menção encontrada sobre Aracaju na revista *Fon-Fon* foi no número 21, de 31 de agosto de 1907, ou seja, no ano de inauguração do folhetim, o que nos mostra que as referências à capital de Sergipe surgem justamente com os primeiros passos da revista e com o projeto de circulação nacional, na busca por novas parcerias e novos leitores que pudessem ajudar na disseminação da modernidade – constantemente debatida nas revistas ilustradas.

No número mencionado anteriormente, encontramos um telegrama enviado de Aracaju para os editores da *Fon-Fon* no Rio de Janeiro em que se elogiava o discurso proferido pelo General Pinheiro Machado contra as oligarquias políticas da época; não há um remetente, ou seja, não se sabe quem o enviou, o que aparentemente mostra um certo anonimato por medo das reações de oligarcas dentro e fora de Sergipe. Apesar de ser um texto simplório, publicado em uma das seções da revista, ele se torna importante quando pensamos que a partir dele se inicia um processo de interação que aumentaria com o passar do tempo.

Os textos e fotografias apresentados aqui nos mostram a interação e a troca de informações entre o campo cultural sergipano e os magazines cariocas e, ao mesmo tempo, revelam que os intelectuais, a maioria residente na capital de Sergipe, enviavam materiais para publicação nas páginas dos folhetins já mencionados; no entanto, ainda resta uma dúvida: de qual maneira eram realizados esses envios? Podemos encontrar duas respostas para o questionamento: via correios – a mais provável – ou através das agências que representavam as referidas revistas, pois, assim como as afiliadas das grandes emissoras de televisão da atualidade, no início do século passado havia escritórios e agentes que representavam a *Fon-Fon* e *O Malho* em outros estados do país. Como já abordamos, era importante buscar novos mercados no território nacional, mas é importante frisar que havia também um interesse pelo público estrangeiro, como nos mostra Maria de Lourdes Eleutério (2012): a “prática do envio de correspondentes ao exterior se efetivava, assim como a contratação de agências de notícias internacionais, que aceleravam as transmissões dos acontecimentos”¹¹⁵. Durante a análise dos folhetins, pudemos constatar a existência dessas agências/escritórios, mais precisamente da

¹¹⁵ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço de progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 84.

revista *Fon-Fon*, por diversas cidades brasileiras, entre elas Aracaju, como veremos na próxima figura.

Figura 9 – Agências de *Fon-Fon* e *Selecta* nos estados, 1916

Agencias de "Fon-Fon" e "Selecta" nos Estados			
Aracaju	Sergipe	Guaratinguetá	São Paulo
Araguary	São Paulo	Goyaz	Estado de Goyaz
Aracaty	Ceará	Igarapava	São Paulo
Araraquara	São Paulo	Itaihy	Santa Catharina
Alto de Therezopolis	Estado do Rio	Ituverava	São Paulo
Aitubia	São Paulo	Itajubá	Minas Geraes
Alagôa Grande	Parahyba do Norte	Miguel Burnier	Minas Geraes
Arassuahy	Norte de Minas	Itabira de Matto Dentro	Minas Geraes
Alto da Serra	São Paulo	Iconha	Espirito Santo
Aguidauana	Matto Grosso	Ilhéos	Bahia
Antonina	Paraná	Ibertioga	Minas Geraes
Angra dos Reis	Estado do Rio	Itapetininga	São Paulo
Apudós	São Paulo	Jaraguá	Alagoas
Amparo	São Paulo	Juiz de Fôra	Minas Geraes
Agua Virtuosas	Minas Geraes	Jahú	São Paulo
Ayruoca	Minas Geraes	Januaria	São Paulo
Belem	Pará	Jardim de Seridó	Rio Grande do Norte
Batatas	São Paulo	Jaboticabal	São Paulo
Bahia	Bahia	Jaguaraçu	Rio Grande do Sul
Bello Horizonte	Minas Geraes	Jardimópolis	São Paulo
Barra do Pirahy	Estado do Rio	Jundiahy	São Paulo
Barbacena	Minas Geraes	Laguna	Santa Catharina
Bagé	Rio Grande do Sul	Leopoldina	Minas Geraes
Barão de Aquino	Estado do Rio	Limeira	São Paulo
Bragança	São Paulo	Lapa	Paraná
Bauri	São Paulo	Lavras	Minas Geraes
Belmonte	Bahia	Lorena	São Paulo
Bom Sucesso	Minas Geraes	Mococa	São Paulo
Barra Mansa	Estado do Rio	Marianna	Minas Geraes
Barretos	São Paulo	Moretes	Paraná
Botucatu	São Paulo	Masciú	Alagoas
Boituva	São Paulo	Monte Azul	São Paulo
Brejo	Maranhão	Mossoró	Rio Grande do Norte
Curityba	Paraná	Monte Santo	São Paulo
Cachoeira	Estado do Rio	Montenegro	Rio Grande do Sul
Corumbá	Matto Grosso	Muzambinho	Sul de Minas
Cruz Alta	Rio Grande do Sul	Macedo	Rio Grande do Norte
Cachoeira	Bahia	Macona	Espirito Santo
Cataguazes	Minas Geraes	Manoás	Amazonas
Caxambú	Minas Geraes	Miracema	Estado do Rio
Campos	Estado do Rio	Manicoré	Amazonas
Cachoeira de Itapemirim	Espirito Santo	Monte Alegre	Minas Geraes
Camocim	Ceará	Manhuaçu	Minas Geraes
Carmo	Estado do Rio	Natal	Rio Grande do Norte
Caçapava	São Paulo	Nova Friburgo	Estado do Rio
Campo Grande	Matto Grosso	Nazareth	Bahia
Cordeiro	Estado do Rio	Ouro Preto	Minas Geraes
Caxias	Maranhão	Ouro Fino	Sul de Minas
Campos Elysius de Rezende	Estado do Rio	Ouriho	São Paulo
Cuyabá	Matto Grosso	Porto Alegre	Rio Grande do Sul
Crato	Ceará	Pelotas	Rio Grande do Sul
Campinas	São Paulo	Parnahyba	Piahy
Curvelo	Minas Geraes	Pindamonhangaba	São Paulo
Caravelas	Bahia	Piracicaba	São Paulo
Camamu	Bahia	Palmyra	Minas Geraes
Coary	Amazonas	Ponte Nova	Estado do Rio
Codó	Maranhão	Parahyba do Sul	Estado do Rio
Cidade do Pará	Minas Geraes	Porto Novo do Cunha	Estado do Rio
Campos do Jordão	São Paulo	Parahyba do Norte	
Dous Corregos	São Paulo	Penedo	Alagoas
Divinopolis	Minas Geraes	Petropolis	Estado do Rio
Dourado	São Paulo	Paty de Alfere	Estado do Rio
Entre Rios	Estado do Rio	Paranaçu	Paraná
Espirito Santo do Pinhal	São Paulo	Picos	Maranhão
Entre-Rios	Estado do Rio	Pirapóia	Minas Geraes
Florianopolis	Santa Catharina	Pitanguy	Minas Geraes
Fortaleza	Ceará	Prados	Minas Geraes
Franca	São Paulo	Passos	Sul de Minas
Formiga	Minas Geraes	Patrocínio de Muriaé	Minas Geraes
Guaxupé	São Paulo	Porto Ferreira	São Paulo
		Pilar de Alagoas	Alagoas
		Ponta Grossa	Paraná
		Paraguassú	Minas Geraes
		Porto Feliz	São Paulo
		Prata	Minas Geraes
		Queluz	Minas Geraes
		Recife	Pernambuco
		Rio Negro	Paraná
		Ribeirão Preto (1º)	São Paulo
		Rio Claro	São Paulo
		Rezende	Estado do Rio
		Ribeirão Preto (2º)	São Paulo
		Recreio (Estação)	Minas Geraes
		Rio Branco	Minas Geraes
		Rio Novo	Rio Grande do Sul
		Rio Grande do Norte	Minas Geraes
		Rio Claro do Sul	Minas Geraes
		São Luiz	Maranhão
		São Simão	São Paulo
		Sobral	Ceará
		São Paulo	São Paulo
		Santos	São Paulo
		São João d'El-Rey	Minas Geraes
		Santa Luzia do Carangola	Minas Geraes
		Soledade	Sul de Minas
		Sete Lagoas	Minas Geraes
		São Paulo (2º)	São Paulo
		São João da Barra	Estado do Rio
		Santa Maria	Rio Grande do Sul
		São Joaquim	São Paulo
		São José do Rio Pardo	São Paulo
		Santa Barbara de Matto Dentro	Minas Geraes
		São Francisco	Norte de Minas
		São Carlos do Pinhal	São Paulo
		São Bernardo das Russas	Ceará
		São Paulo de Muriaé	Minas Geraes
		Sant'Anna do Livramento	Rio Grande do Sul
		São Gonçalo de Sapucahy	Sul de Minas
		Santo Antonio do Machado	Sul de Minas
		Serro	Minas Geraes
		Santo Antonio do Pinhal	São Paulo
		Santo Antonio de Padua	Estado do Rio
		Sítio	Minas Geraes
		Santa Rita de Passa Quatro	São Paulo
		São Fidelis	Estado do Rio
		São Sebastião do Paraíso	Minas Geraes
		Santa Izabel do Rio Preto	Estado do Rio
		São José dos Campos	São Paulo
		São Mathheus	Paraná
		Taquaritinga	São Paulo
		Taubaté	São Paulo
		Tubarão	Santa Catharina
		Therézina	Piahy
		Theophilo Ottoni	Minas Geraes
		Timbaúba	Pernambuco
		Tatuy	São Paulo
		Uruguayana	Rio Grande do Sul
		Uberaba	São Paulo
		Ubatuba	São Paulo
		Uberlândia	Minas Geraes
		Victoria	Minas Geraes
		Varzinha	Espirito Santo
		Varzea de Therezopolis	Sul de Minas
		Valença	Estado do Rio
		Visconde do Rio Claro	Estado do Rio
		Villa Nova de Lima	São Paulo
		Xapury	Minas Geraes
			Alto Acre

Além destas existem em cada zona Sub-Agencias servidas pela Agencia da localidade mais proxima e pelos vendedores que circulam nos trens. Para as localidades do interior do Brasil que não figuram na relação acima, aceitamos Agentes, aos quaes serão enviadas as condições contra requisição aos escriptorios de FON-FON e SELECTA, Rua da Assembléa 62 — Rio de Janeiro.

Fonte: AGÊNCIAS DE FON-FON E SELECTA NOS ESTADOS. Revista *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano X, n. 18, 29 de abril de 1916.

A partir dessa figura, extraída da revista *Fon-Fon*, vamos perceber o quanto esse folhetim buscava se consolidar em outras regiões do Brasil e, mais do que isso, ela também evidencia uma das maneiras de circulação da revista, os trens, meio de transporte importante durante a Primeira República e responsável pelo ir e vir dos brasileiros, um elo de comunicação, se assim podemos dizer. Abaixo da relação das agências, percebemos, para além disso, outro fato importante: a busca por novos agentes em localidades onde não havia escritórios da

revista¹¹⁶. Assim, é possível notar que havia condições para a instalação deles, no entanto, nessas curtas linhas, não encontramos quais eram as condições para ser um agente da *Fon-Fon*, um arauto da modernidade, como bem se autointitulavam seus editores. A análise de alguns números da *Fon-Fon* também nos revelou quem era o agente e onde a revista era vendida na cidade de Aracaju, como veremos na figura a seguir.

Figura 10 – *Fon-Fon* em Aracaju, 1918¹¹⁷

Magic?
conhecem?

Senhoras!

Com este calor não useis suadores de gomme, porque não ha mais necessidade

USAI O MAGIC

VENDESE EM TODAS AS PERFUMARIAS DROGARIAS E PHARMACIAS



QUE SUPPRIME a transpiração das axillas, evitando as manchas dos vestidos. Seu uso é economico.

MAGIC tem parecer favoravel da Saude Publica e é inoffensivo.

PREÇO DO VIDRO 5\$000
VIDRO DE LUXO E MAIOR 8\$000
DA PARA 3 OU 4 MESES

Depositar: **GRANADO & C.**
Rua 1ª de Março n. 14
RIO DE JANEIRO

A Causa da Indigestão

Informações muito valiosas podem ser extraídas d'um relatório recentemente publicado por eminente especialista.

Torna bem claro que mais de 90 % dos casos de indigestões e dyspepsias são provenientes dos ácidos que se acumulam no estomago, e os médicos são os primeiros a reconhecerem que quando isto for conhecido do publico, serão muito poucas vezes chamados para tratarem das perturbações do estomago, pois a causa é o excesso — de acidez no estomago — e pôde ser tratado sem sua intervenção.

O preparado mais eficiente para este caso, é a **MAGNÉSIA BISURADA** que aconselham ás pessoas que soffrem de má indigestão de obter em qualquer phararmacy uma pequena quantidade deste producto, tomando uma colherinha das de chá, misturada com agua após as refeições, pois evita a fermentação dos alimentos, neutralizando os ácidos que se formam, tornando os alimentos de facil digestão.

Este meio de tratamento é mais preferível que escher o estomago de drogas. Tomai cuidado que a **MAGNÉSIA BISURADA**, seja acondicionada em frasco azul, porque assim se conserva indelivavelmente.

Fon-Fon em Aracaju

Sr. Agrippino Leite, conceituado negociante na capital sergipana e agente da revista de Fon-Fon e Selecta naquella importante cidade do norte da Republica.



NICK CARTER
SELECTA — Numero de hoje.
A demencia de um sabio

Era de noite.
Elles — elle e ella — estavam sentados num banco de pedra, junto á porta que dava para o jardim, e contemplavam as estrellas.

— Naturalmente, sabes — murmurou elle muito baixinho — o privilegio que tem um rapaz, nas mesmas circumstancias em que eu estou, quando vê uma estrella cadente?

— Não — respondeu ella. — Não faço a menor idéa do que seja. Olha: lá vai uma!

Fonte: FON-FON EM ARACAJÚ. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 32, 10 de agosto de 1918.

¹¹⁶ De acordo com Ana Luiza Martins (2008, p. 37): “As revistas mais sólidas anunciavam a existência de *agentes* espalhados pelo Estado ou pelo País, quando não pelo mundo, facilitando ao interessado a aquisição individual ou tomada de assinatura”.

¹¹⁷ Legenda: Sr. Agrippino Leite, conceituado negociante na capital sergipana e agente da empresa de *Fon-Fon* e *Selecta* naquella importante cidade do norte da Republica.

A agência da *Fon-Fon* no estado de Sergipe era gerida por um comerciante rico da capital, o que não era uma novidade, afinal as elites nos anos iniciais da República eram o grupo com o maior número de alfabetizados. Logo, elas tinham mais acesso a impressos como livros, jornais e revistas, mesmo com os esforços de alfabetização da população brasileira. Naquela época, o estado de Sergipe e sua capital possuíam um número alto de analfabetos, como já vimos inicialmente. Voltando ao agente da revista em Sergipe, ele era o senhor Agripino Leite, que também era proprietário da livraria mais requisitada e frequentada de Aracaju na primeira metade do século XX, a Livraria Regina.

A referida livraria era ponto de encontro da intelectualidade sergipana da época¹¹⁸. Além das revistas locais e de outros estados, os intelectuais tinham acesso a livros de outros países e em diversas áreas do conhecimento, pois a livraria era a única de Aracaju que “intermediava aquisição de livros de livrarias e editoras de outras partes do Brasil”¹¹⁹. Ademais, ela era responsável pela comercialização dos folhetins oriundos da Capital Federal; com isso, acreditamos que também servia como escritório e/ou agência da revista *Fon-Fon* em Aracaju. Como já foi constatado, os integrantes da “*República das Letras*” em Sergipe tinham contato com as revistas aqui mencionadas, uma vez que era na Livraria Regina que pelo menos a *Fon-Fon* era encontrada. Não temos registro de onde *O Malho* era vendida e se possuía uma agência em Aracaju; no entanto, tendo conhecimento da importância da Livraria Regina na comercialização de variados impressos, é possível acreditar que a revista *O Malho* também era vendida no referido estabelecimento – o que se constitui uma hipótese, obviamente. Sobre a venda de revistas em livrarias e outros espaços, Martins sabiamente evidencia:

A assinatura e a venda nas charutarias, estações de ferro e hotéis, somadas à figura do agente-representante converteram-se em expedientes corriqueiros de colocação efetiva do periódico no mercado. Uma vez lançado, importava condicionar o leitor ao seu consumo, vinculá-lo às seções, torna-lo dependente do jornal e/ou revista, garantindo a renovação da assinatura, a conquista definitiva do cliente leitor. Estratégias de toda ordem foram experimentadas pelos editores, muitas delas reveladoras do interesse do momento, de valores em curso, de atrativos em voga (2008, p. 237).

Comercializar os impressos, sejam eles jornais ou revistas, em livrarias tornou-se uma estratégia utilizada justamente para chamar a atenção dos leitores, por isso que a Livraria Regina em Aracaju se tornou um dos principais pontos de venda de alguns magazines cariocas e, ao mesmo tempo, era naquele estabelecimento que funcionava a agência de uma das revistas.

¹¹⁸ ANDRADE, Adênia Santos; BRITO FILHO, José de Oliveira. **O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 68.

¹¹⁹ Idem, p. 69.

Trata-se da união do útil ao agradável, se assim podemos dizer, pois a referida livraria era o ponto de encontro da elite intelectual aracajuana, local de sociabilidades e trocas simbólicas, onde os responsáveis por pensar a contribuição cultural de Sergipe em um projeto de nação buscavam inspiração através da leitura de livros, revistas e jornais para referendar suas obras.

Ao analisar as instituições, os intelectuais e a imprensa responsáveis pela constituição de uma cartografia cultural de Aracaju – e também de Sergipe –, vamos perceber que possuíam relações entre si, o que favorecia a difusão de seus trabalhos. É importante lembrar que Sergipe não estava aquém no campo intelectual na virada do século XIX para o XX, uma vez que havia instituições que, mesmo algumas sendo efêmeras, ajudaram na propagação de uma cultura letrada na capital sergipana e em outras partes do “pequeno glorioso” estado. Outro ponto importante é que o campo intelectual possuía conexões com outras partes do país e também fora dele, evidenciando assim as trocas simbólicas realizadas pelos intelectuais e que a imprensa veio facilitar esse processo.

Apesar de possuir uma quantidade significativa de impressos de diversos gêneros, a imprensa sergipana estava limitada apenas ao estado, impedindo assim que a intelectualidade sergipana fosse conhecida pelo Brasil, por isso provocaram as revistas ilustradas *Fon-Fon* e *O Malho*, ambas da capital federal Rio de Janeiro, a publicarem seus escritos e divulgarem seus trabalhos. O campo intelectual foi sábio ao usar tais folhetins, mas o campo político também fará o mesmo, e isso será explorado nos próximos capítulos deste trabalho, nos quais veremos as representações políticas sergipanas nas páginas dos magazines já mencionados.

3 DO CÔMICO AO TRÁGICO: A Revolta Fausto Cardoso através das caricaturas e fotografias de *O Malho* (1906)

Figura 11 – Rolo no Becco da Intervenção, 1906



Fonte: ROLO NO BECCO DA INTERVENÇÃO. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 205, 18 de agosto de 1906, p. 3.

Argollo: - *Então aquelle negocio de Sergipe fica assim mesmo?*

R. Alves: - *Que duvida, marechal! Faz-se um estardalhaço de intervenção, mas o que está feito pelos nossos amigos... feito está! É um caso consummado.*

Zé Povo: - *Que é lá isso? Facto consumado!... A força policial dà um ponta-pé num presidente de Estado e fica tudo assim mesmo?! Nem ao menos mandam para lá este carro, afim de trazer os principaes malucos? (Chamando o cocheiro): - Scio! ó seu cousa! para essa jossa!... Vejo que eu é que sou o doudo... Carregue-me para o Hospício!...*

R. Alves: - *Fica manso Zé!... Republica é isto mesmo!... De vez em quando um pronunciamento, uma deposição... mas o barco vai seguindo... Fica manso Zé!*

Argollo: - *Solte-o, solte-o, que eu arrumo-lhe um trompaço para ele tomar juízo...*

Foi nos idos de 1906 que uma revolta sergipana descarrilou o trem do federalismo proposto pela jovem República brasileira, implantada 17 anos antes. Não havia nem chegado à maioria, o regime encontrou alguns percalços em seu sistema federativo: a Revolta Fausto Cardoso, ou “A tragédia de Sergipe”, como difundia a imprensa da época, foi um desses momentos de instabilidade, e Aracaju, o palco onde esse movimento insurgente ocorreu.

A revista ilustrada *O Malho* destinou alguns números para noticiar esse acontecimento através de caricaturas, utilizando a representação humorística como uma forma de entreter e comunicar o leitor dos acontecimentos no país, porque o referido folhetim dedicava uma boa

parte de seus exemplares a charges e caricaturas, fortalecendo assim o papel da imprensa ilustrada na construção da identidade nacional brasileira, afinal elas assumiram posições estratégicas na construção do projeto civilizatório moderno imposto pelas elites políticas, econômicas e culturais¹²⁰.

As caricaturas representaram uma forma de linguagem importante, principalmente em um período em que o número de alfabetizados era mínimo, ou seja, era através da visualidade que esses folhetins se comunicavam com os analfabetos¹²¹. As revistas que tiveram ampla circulação foram aquelas oriundas do Rio de Janeiro, outrora capital do Império e da República até meados do século XX. No entanto, essas revistas não ficaram restritas aos limites do seu local de nascimento, visto que, como um mecanismo de apoio ao projeto civilizatório do país, elas se expandiram por todo o território nacional, mostrando as vicissitudes de um território diverso e plural como o do Brasil.

Nesse cenário, a criação de uma identidade nacional torna-se o centro da disputa pela implementação de um projeto civilizatório no país. Isso ocorre tanto através do idealismo de formar uma nação unida e emancipada quanto pela escolha de uma figura representativa desse país, alinhada com as aspirações da modernidade urbana da capital.¹²²

A questão da identidade nacional¹²³ passou a ser a tônica dos folhetins, e a revista *O Malho* não ficou de fora, ela “trazia em sua proposta editorial a missão de cumprir ‘um alto dever social’ e concorrer ‘eficazmente para o melhoramento e progresso da raça humana’. Para tal, elegera o ‘povo’ como seu interlocutor privilegiado”¹²⁴. Ao eleger o povo como seu principal agente, a revista traz à baila um personagem que figurava nos folhetins portugueses, *Zé Povo* ou *Zé Povinho*¹²⁵, “cujos primeiros registros encontrados fizeram referência escrita à

¹²⁰ JUSTEN, Janine Figueiredo de Souza; DORÉ, Maurício Izelli. Condições de produção e difusão do personagem Zé Povo no Brasil: um estudo sobre caricaturas políticas na revista ilustrada *O Malho* (1900-1910). **Revista Intellêctus** (UERJ ONLINE), v. 19, 2020, p. 114.

¹²¹ Ao citar Mônica Pimenta Velosso, Julieta Costa Sobral nos diz que “desde a classe média letrada, mas não necessariamente intelectualizada, até os analfabetos das camadas populares” faziam parte do público leitor das revistas ilustradas, principalmente daquelas que eram voltadas para o humor e possuíam caricaturas. Ver: SOBRAL, Julieta Costa. J. Carlos, Designer. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **O design brasileiro antes do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 136.

¹²² Idem, p. 118.

¹²³ É válido frisar que pensar a nação não foi apenas tarefa das revistas ilustradas do Rio de Janeiro. Segundo De Luca, coube à *Revista do Brasil* (1916-1990), folhetim criado por Júlio de Mesquita Filho em São Paulo, durante a Primeira Guerra Mundial, e que tinha como missão descrever “o Brasil como um edifício em projeto, quando muito em construção, um imenso laboratório ou oficina na qual a nação estava sendo forjada”. Ver: DE LUCA, Tânia Regina. **A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 40.

¹²⁴ JUSTEN; DORÉ, op. cit., p. 120.

¹²⁵ Sobre Zé Povo, ver: SILVA, Marcos. **Caricata República: Zé Povo e o Brasil**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

sociedade e à imprensa portuguesas¹²⁶, posteriormente absorvidos pelas publicações de humor no Brasil”¹²⁷. *Zé Povo* era comumente utilizado para questionar de forma satírica os posicionamentos políticos e sociais da época, pois, de acordo com Elias Thomé Saliba¹²⁸,

Uma das maneiras de representação desses impasses e dessas temporalidades diversas da história brasileira, no período inaugurado pela abolição e pela República, foram os registros cômicos; eles constituíram, talvez, não apenas mais uma das formas de representar a República, mas uma forma privilegiada para representar as condições, possibilidades e vivências da história do país. Uma das formas de *representação cultural*, porquanto impalpável, da própria sociedade e das suas formas de vida; *uma das formas*, e não a única, já que outras formas de representação da sociedade, pela via do informal, do não-explicito foram possíveis. Mas o cômico correspondia não apenas à busca de uma singular e peculiar forma de representação, como também a uma fuga ou uma busca de um outro caminho, uma espécie de alternativa às formas convencionais de representação, sempre comprometidas com a racionalidade dos valores vigentes (2002, p. 69-70).

Era através do humor, do cômico, do riso e suas variantes que a imprensa ilustrada representava esse novo projeto de país, e *Zé Povo* era essa figura de proa que simultaneamente fazia as pessoas rirem e apresentava as mazelas do campo político, ou seja, o cômico era uma forma de entreter, mas também de informar como estava o Brasil no prelúdio republicano, período de busca incessante por uma identidade nacional em que o novo regime não se mostrava a “República dos sonhos” pelos seus principais propagandistas.¹²⁹

Retomando a caricatura que abre este capítulo, ela nos mostra um diálogo acerca da turbulência política que estava ocorrendo no menor estado da federação, Sergipe. Nela encontramos os seguintes personagens: *Zé Povo*, o Presidente Rodrigues Alves¹³⁰ e o Marechal

¹²⁶ Segundo Justen e Doré: “A partir, *Zé Povo* já era uma figura familiar da imprensa nacional como um todo, ganhando espaço e coró em outras cidades do país para além eixo central do Distrito Central e São Paulo, como Curitiba, na região sul, Recife e Salvador, na região nordeste. Na década de 1920, *Zé Povo* divide o palco das representações como Jeca Tuca caricatural, inspirado nas obras de Monteiro Lobato, mas já com o governo de Getúlio Vargas, no golpe de 1930, o símbolo retoma a liderança na construção da opinião pública pela imprensa no Brasil, permanecendo em evidência até os anos 1950, quando decaem no país as produções ilustradas de humor”. Ver: JUSTEN; DORÉ, op. cit., p. 127.

¹²⁷ JUSTEN, op. cit., p. 102.

¹²⁸ SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹²⁹ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 35.

¹³⁰ “Francisco de Paula Rodrigues Alves nasceu na fazenda de Pinheiro Velho, pertencente a seu avô paterno, no município de Guaratinguetá (SP), no vale do Paraíba, em 7 de julho de 1848, filho de Domingos Rodrigues Alves e de Isabel Perpétua (Nhá Bela) Alves. Seu pai, português de nascimento, veio sozinho para o Rio de Janeiro em 1832 e daí mudou-se para Guaratinguetá, onde se dedicou ao comércio e à lavoura e constituiu família. Sua mãe era filha do mineiro José de Paula e Silva e de Maria Luísa dos Anjos Querido, de família da vila de Cunha (SP), onde parentes haviam participado da administração local. Seu irmão, coronel Virgílio Rodrigues Alves, foi senador estadual em São Paulo (1901-1919), vice-presidente do estado (1920-1922) e membro da comissão executiva do Partido Republicano Paulista (PRP)”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVES,%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 1º set. 2022.

Argollo¹³¹, então Ministro da Guerra entre 1902 a 1906. No diálogo entre eles, é perceptível a indignação de Zé Povo em torno da falta de resposta do governo central aos acontecimentos em Aracaju em agosto de 1906: “[...] A força policial dà um ponta-pé num presidente de Estado e fica tudo assim mesmo?!”, questionava o personagem enquanto o apático presidente da República tentava acalmá-lo afirmando que “República é isto mesmo!”, mas o inconformismo de *Zé Povo* era tanto que ele gritava para um carro que tinha as siglas H.N., em alusão ao Hospício Nacional de Alienados (outrora Hospício Dom Pedro II), solicitando ao cocheiro ser levado preso, já que “os principaes malucos”, ou seja, os líderes da Revolta Fausto Cardoso, depuseram o presidente do estado de Sergipe. *Zé Povo* pode ser representado como a população de Aracaju e/ou Sergipe que assistiu atônita ao desenrolar dessa insurgência sem entender o que de fato estava ocorrendo naquele momento.

O intento deste capítulo é analisar a Revolta Fausto Cardoso através das charges e caricaturas publicadas na revista ilustrada *O Malho*. Tais ilustrações utilizadas serão exploradas como fontes imagéticas acerca não apenas dos acontecimentos políticos que resultaram no desfecho trágico de 1906, mas dos fatos que os antecederam. Sublinhamos que é necessário inicialmente compreender como o humor foi empregado nas representações políticas da Primeira República e, por fim, como um movimento insurgente levou Sergipe às páginas do referido folhetim carioca e como isso projetou Aracaju no cenário nacional. No entanto, é cabível também conhecermos a referida revolta e os seus desdobramentos e assim realizarmos um diálogo com o material publicado em *O Malho*.

3.1 HUMOR, IMPRENSA E POLÍTICA DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA

Desde o período imperial a tríade humor, imprensa e política se fazia presente nos folhetins brasileiros, notadamente quando a imprensa do país adentra uma fase empresarial durante o século XIX¹³², principalmente nas três décadas finais do Segundo Reinado, quando charges e caricaturas eram vinculadas às páginas dos principais folhetins da época. Elas teciam

¹³¹ “Francisco de Paula Argolo nasceu na vila de São Francisco do Conde (BA) no dia 28 de janeiro de 1847, filho do coronel Paulo de Argolo Queirós e de Gracinda de Melo e Silva. Seu pai foi um dos veteranos da Campanha Cisplatina. Seu tio, general Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, barão da Cajaíba, participou das lutas da Independência e também da Campanha Cisplatina. Seu primo, general Alexandre Gomes de Argolo Ferrão Filho, visconde de Itaparica, combateu na Guerra do Paraguai. Seu irmão, o capitão Paulo de Argolo Queirós, morreu na passagem do Itororó, durante o mesmo conflito”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ARGOLO,%20Francisco.pdf>. Acesso em: 1º set. 2022.

¹³² PEREIRA, Wagner Pinheiro; BRANDÃO, Quézia. A história em imagens: as revistas ilustradas na Primeira República Brasileiro (1889-1930). In: MAIA, Andréa Casa (Org.). **O mundo do trabalho nas páginas das revistas ilustradas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

críticas ácidas ao imperador e a outras figuras políticas munindo-se da representação humorística. Um exemplo é a capa da *Revista Illustrada*¹³³ de número 450, datada de 5 de fevereiro de 1887 – na qual fora apresentado o monarca dormindo o “sono da indiferença” tendo ao colo a edição do jornal *O Paiz*. Essa não foi a única caricatura publicada pelo folhetim que satirizava Dom Pedro II; em outras ele aparece dormindo nas sessões do IHGB e nos exames do colégio que levava seu nome. De acordo com Lilia Moritz Schwarcz¹³⁴,

A imagem do velho monarca de longas barbas brancas – consagrada pela representação oficial – também data dessa época e tem na caricatura um grande modelo de difusão. Estamos nos anos 80, e d. Pedro, que ainda não completara sessenta anos, revela cansaço. O imperador dormia nas sessões do IHGB ou quando assistia aos exames do Colégio Pedro II, e se transformava, dessa maneira, no foco de uma série de charges. Em questão estavam a sua personalidade e capacidade de dissimulação, suas pernas finas, a voz estridente; suas viagens, sua mania de erudição, mas sobretudo a sonolência e a formalidade vazia das Falas do Trono, nas quais o imperador era considerado um porta-voz alienado dos interesses do chefe de gabinete. E assim d. Pedro dorme justamente nas atividades de que tanto se vangloria de participar, ou é apresentado como um joguete nas mãos dos políticos que o cercam (1998, p. 420).

A letargia de Pedro II, entre outros assuntos de Estado, se transformou em um vasto cardápio para os folhetins satíricos e suas ácidas publicações. É interessante salientar que os responsáveis pelas revistas ilustradas e demais pasquins da época gozavam da liberdade de imprensa¹³⁵ admitida pelo governo imperial, por isso não havia represálias que impedissem a circulação dos folhetins na então Corte do Rio de Janeiro e em outras províncias do Império.

Apesar de ser uma invenção que data das décadas finais do século XIX e, por sua vez, do regime monárquico, as representações humorísticas ganharam notoriedade com o advento republicano, pois “o recurso cômico era não apenas pouco difundido, devido à inexistência dos próprios meios de difusão, mas também havia um mal disfarçado desprezo da cultura geral pela produção humorística”¹³⁶. No início do século XX, a imprensa adota um caráter mais popular como uma forma de atrair o consumo do grande público, “abrangendo temas variados com viés

¹³³ A *Revista Illustrada* foi fundada pelo ítalo-brasileiro Angelo Agostini e circulou nas décadas finais do século XIX, de 1876 a 1898. Ela se intitulava uma publicação satírica, política, abolicionista e republicana que promovia ataques constantes ao sistema monárquico. Ver: FIGUEIREDO, Guilherme Elias de. **A ilustração do espírito: o discurso político da Revista Illustrada (1876-1898)**. 2014. 398 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. p. 35.

¹³⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹³⁵ LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. **Revista USP**, n. 53, nov. 1989. p. 57.

¹³⁶ SALIBA, op. cit., p. 43.

mais informativo”¹³⁷, mas não apenas isso, como nos mostram Wagner Pinheiro Pereira e Quézia Brandão:

[...] devido aos aprimoramentos tecnológicos e gráficos, os periódicos impressos passam por importantes transformações em seu perfil. O aceleração e maior volume da impressão, a incorporação da fotogravura, a utilização de papel *couché*, que dava mais brilho e luminosidade, melhorando a qualidade estética dos periódicos impressos, somados à redução dos gastos de produção – e consequente diminuição dos preços das revistas -, e o surgimento da figura profissional do repórter – ávidos por conseguirem matérias inéditas e exclusivas para auxiliarem no aumento de vendagem das revistas – foram responsáveis por tornarem as revistas ilustradas uma publicação popular, capaz de transpor fronteiras e abranger um número cada vez maior de público leitor (2015, p. 255-256).

Os elementos citados acima, somando-se ao processo empresarial pelo qual a imprensa passara no final do século XIX, criam um espaço privilegiado para a difusão dos periódicos ilustrados. Ao mesmo tempo, a conjuntura política brasileira na passagem para o século XX favoreceu o processo, já que “as revistas ilustradas brasileiras dessa época destacaram-se enquanto meios de comunicação para a divulgação dos ideários das elites políticas e econômicas da Primeira República”¹³⁸. É importante lembrar que, mesmo com todos os avanços conquistados pela imprensa durante o período entressecular e a transição do regime monárquico para o republicano, foi no século XIX que as representações humorísticas tiveram sua gênese. Contudo, é nas primeiras décadas do século seguinte que se concebe um período fértil para a proliferação do humor nas páginas dos impressos.

A tradição da representação humorística, que remonta ao jornalismo satírico da Regência e aos folhetins cômicos do Segundo Reinado, se fortalece com o avanço da imprensa e o surgimento das revistas ilustradas e da publicidade no início da República. O aumento das páginas humorísticas acompanha o crescimento da imprensa, especialmente com a proliferação das revistas semanais no início do século, quando os jornais adotam uma abordagem mais jornalística. Isso resulta em uma separação cada vez maior entre revistas e jornais, especialmente devido ao progresso nas técnicas de artes gráficas.¹³⁹

O desenvolvimento da publicidade também pode ser apontado como um dos fatores preponderantes para a difusão dos impressos ilustrados e suas representações humorísticas. Com o constante crescimento publicitário das revistas juntamente com a efervescência constante do campo político, a circulação dos referidos pasquins ganha um espaço cada vez

¹³⁷ PEREIRA; BRANDÃO, op. cit., p. 255.

¹³⁸ Idem, p. 256.

¹³⁹ SALIBA, op. cit., p. 28-29.

maior, chegando a abranger boa parte do território nacional. Afinal, era um projeto de país que emergia com a República, “um momento importante, pois nele vem à tona, por meio da sátira política, toda aquela produção associada ao humor ressentido ou degradante, aumentando a crescente percepção da indiferenciação e da mistura entre o ‘bom’ e o ‘mau’ riso”¹⁴⁰.

Os eventos que se desenrolaram com a instauração da República fizeram girar a roda da disseminação dos impressos ilustrados. Dentro desse contexto, vamos perceber que o binômio humor e política reforçou seus laços durante o período pejorativamente chamado de “República Velha”. Todos os ocupantes da presidência, entre os anos de 1889 a 1930, estiveram presentes nas páginas de diversos folhetins da época através das caricaturas e charges, que em sua grande maioria usavam a representação humorística para criticar o campo político, mesmo com a ausência de liberdade de imprensa, que foi uma realidade no Segundo Reinado. No entanto, algumas revistas ilustradas gozavam de uma certa independência para publicar suas ilustrações bem-humoradas, pois elas geralmente enalteciam o regime republicano.¹⁴¹

Por fim, percebemos que o uso da representação humorística pelos impressos ajudou a compreender a dinâmica política na Primeira República, e o uso das charges e caricaturas foi importante para a comunicação em um país que possuía um número elevado de analfabetos. Porém, mais do que isso, os impressos ilustrados desejavam apresentar um país que, apesar das tensões políticas, estava em constante mudança.

3.2 O PREFÁCIO DE UM LEVANTE

Aracaju, Praça da República¹⁴², 28 de agosto de 1906. Um homem ensanguentado esgueira-se pelas paredes do Palácio do Governo. Claudicante, ele reúne forças até chegar a uma residência na mesma praça, com esquina para a Rua Pacatuba, onde pediu água e, por fim, teatralizou seu desfecho trágico proferindo a seguinte frase: “*Bebo à alma de Sergipe!*”¹⁴³, e naquele mesmo local deixou a vida terrena. O homem em questão era Fausto de Aguiar

¹⁴⁰ SALIBA, op. cit., p., p. 57.

¹⁴¹ LUSTOSA, op. cit., p. 57.

¹⁴² A Praça do Palácio do Governo recebeu esse nome após o advento da República em 15 de novembro de 1889. Também foi conhecida como Praça do Imperador e Benjamim Constant, mas em 17 de abril de 1912 seu nome foi alterado para Praça Fausto Cardoso em homenagem ao deputado federal e líder do movimento insurgente ocorrido em 1906, que foi alvejado mortalmente nas portas da sede do poder executivo do estado. Ver: OLIVA, Terezinha Alves. Fausto Cardoso, herói de Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, n. 35, 2006. p. 20.

¹⁴³ OLIVA, op. cit., p. 28.

Cardoso¹⁴⁴, deputado federal e líder do movimento insurgente que levava seu nome: Revolta Fausto Cardoso.

Antes de adentrarmos a referida insurgência, é necessário conhecer alguns aspectos do campo político sergipano no início do século XX para assim podermos compreender os motivos que levaram Sergipe às páginas de *O Malho* através da representação humorística presente nas caricaturas alusivas à revolta. Algumas dessas caricaturas não são inéditas, pois já ilustraram outras pesquisas como, por exemplo, a de Giliard da Silva Prado (2009)¹⁴⁵; no entanto, ao acrescentá-las em seu trabalho, o autor as usa de maneira ilustrativa¹⁴⁶, sem decifrar os códigos nelas contidos. Como aborda Knauss (2006), “a imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão”¹⁴⁷, logo podemos dizer que as caricaturas possuem elementos que nos ajudam a compreender o momento turbulento vivido pelo campo político sergipano em 1906.

É importante ressaltar que não é intento destes escritos realizar uma nova incursão na Revolta Fausto Cardoso, uma vez que a historiografia sergipana já possui algumas pesquisas e escritos importantes que pavimentaram o caminho para as discussões sobre o acontecimento mencionado, o que não nos impede de fazer o mesmo, porém vamos manter as atenções e os olhares para as caricaturas, obviamente mantendo as análises alinhadas ao que já foi produzido sobre o movimento insurgente. Em 1902, quatro anos antes do desfecho da *Tragédia de Sergipe*, o Monsenhor Olímpio Campos¹⁴⁸ presidia o estado do então norte brasileiro. Dantas¹⁴⁹ descreve como foi a administração do clérigo-presidente:

¹⁴⁴ “Filho do tenente coronel Felix Zephyrino Cardoso e D. Maria do Patrocínio de Aguiar Cardoso, nasceu no engenho S. Felix, município de Divina Pastora, a 22 de Dezembro de 1864 e faleceu no Aracajú, a 28 de Agosto de 1906. Depois de iniciado em portuguez na villa natal, continuou seus estudos em Maroim, Capella, Aracajú, e no collegio ‘Sete de Setembro’, acreditado estabelecimento de ensino na capital da Bahia, onde concluiu o curso secundário. Frequentou depois a Faculdade de Direito do Recife desde 1880 a 28 de Março de 1884, em que recebeu o grau de bacharel em sciencias jurídicas e sociaes”. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 81-82.

¹⁴⁵ PRADO, Giliard da Silva. **Batalhas da memória política em Sergipe**: as comemorações das mortes de Fausto Cardoso e Olímpio Campos (1906-2006).

¹⁴⁶ Sobre o uso das imagens na História ver: GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

¹⁴⁷ KNAUSS, op. cit.

¹⁴⁸ “[...] nasceu a 25 de junho de 1853 no engenho Periquito, municipio de Itabaianinha, filho do coronel José Vicente de Souza e D. Porphiria Maria de Souza Campos e faleceu a 9 de Novembro de 1906. Fêz os estudos primários em Itabaianinha e Estancia, recebeu do professor José dos Santos Bomfim naquella villa e no Lagarto as primeiras lições de latim e estudou vários preparatórios no Recife, de 1866 a 1868. Destinando-se á carreira eclesiástica, completou os preparatórios no Seminario da Bahia, no qual fêz todo o curso de sciencias eclesiásticas nos anos de 1870 a 1873, deixando de receber em seguida ordens de presbytero por não ter atingido a idade canônica. Devido a essa circumstancia somente a 22 de Setembro de 1877 o arcebispo, D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, conferiu-lhe a sagração sacerdotal, tendo no dia seguinte celebrado sua priemria missa na egreja do Seminario sob a invocação de Santa Thereza de Jesus”. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 237.

¹⁴⁹ DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe**: República (1889-200). Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2004.

No governo, monsenhor Olympio de Souza Campos administrou o Estado de 1899 a 1902 com energia e algum empenho para a melhoria das condições de vida na capital e no interior. Promoveu aterros em praças e começou o calçamento de ruas. Restaurou alguns prédios públicos, inclusive a Escola Normal, que voltou a funcionar, e empenhou-se em criar o Banco de Sergipe sem consumir seu intento. Reformou o ensino e instituiu a vacinação nas escolas. Cuidou de reforçar o montepio dos funcionários e organizou a administração dos hospitais de caridade. No interior tratou da abertura de canais no rio Japarutuba e investiu em açudes em Aquidabã e Itabaiana. Articulado com o presidente Campos Sales e com lideranças no Congresso, em plena vigência da *política dos governadores*, controlando internamente o quadro partidário, Olympio Campos, ao fim do seu governo, pôde indicar para sucessor seu Secretário Geral. Tal opção contrariou fortes correligionários como Coelho e Campos e Leandro Ribeiro Siqueira Maciel, que criaram o jornal *O Momento*, estabeleceram dissidência, recorreram a instâncias federais e tentaram formar outra Assembléia para referendar sua chapa. Mas Olympio Campos, fortalecido por eficiente estrutura que articulava o nacional com o local, chefiando o Partido Republicano de Sergipe derrotou-os irremediavelmente (2004, p. 30-31).

Após um período de instabilidade no campo político, “permeada por várias questões desgastantes: renúncias, revoltas, deposições, substituições controvertidas e até duplicidades de Assembleias Legislativas”, o mandato do Monsenhor Olímpio Campos foi, ao que parece, uma lufada de ar fresco no conturbado estado de Sergipe. O presidente soube ser um exímio articulador e líder oligárquico. No início da Primeira República, havia dois partidos que disputavam poder: os *Pebas* e os *Cabaús*. O primeiro era formado por republicanos *de jure* que desde os tempos do Império militavam em prol da República. O segundo era composto por remanescentes da elite açucareira sergipana que declararam apoio ao republicanismo após a efetivação do 15 de novembro, ou seja, eles eram republicanos *de facto*.¹⁵⁰

O Monsenhor Olímpio Campos, como uma parte da sua biografia nos mostra, era oriundo da elite rural que havia se perpetuado no poder em Sergipe após o fim da monarquia, uma vez que “os republicanos não dispunham de muitos nomes e os ex-monarquistas, que aderiram à República, continuaram com maior prestígio eleitoral”¹⁵¹. O clérigo granjeou para si uma importância notável no campo político sergipano, dando início ao *Olimpismo*, uma espécie de ideologia partidária da época que seguia as ideias conservadoras do seu fundador e se manteve no poder até 1911, com o fim do mandato de José Rodrigues da Costa Dória, último presidente do estado oriundo do grupo *Olimpista*.¹⁵² Sua fama se espalhou pelo país, fazendo com que a revista ilustrada *O Malho* publicasse um texto seguido de uma caricatura na coluna “Pantheon dos Satrapinhas”, como vemos a seguir.

¹⁵⁰ DANTAS, Ibarê. **Os Partidos Políticos em Sergipe (1889/1964)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

¹⁵¹ DANTAS, op. cit., p. 26.

¹⁵² Idem, p. 34.

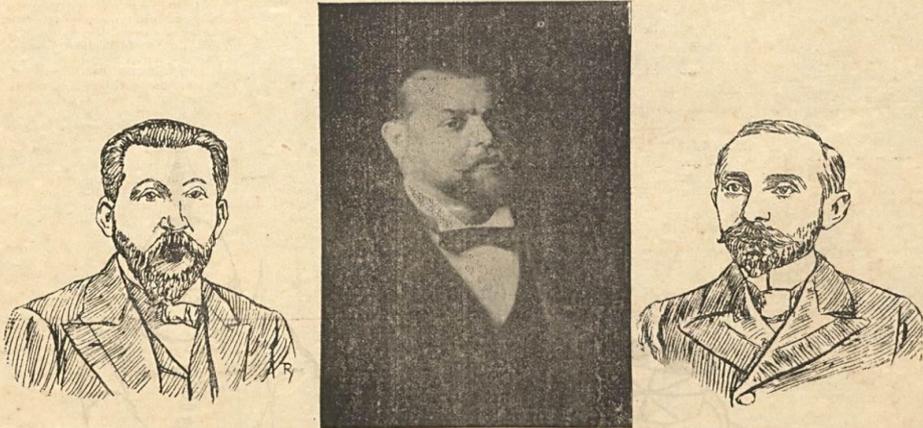
[...] *O Malta que se arranje. Participe
Que n' O Malho que vem terá agasalho;
Pois eu cá não sou o conego Felipe,
Ponho cada macaco no seu galho.*

*Nesta terra que faz tudo o que eu quero,
Sou o olympico Olympio, - alma divina
E de um Cesar rival, rival de Nero.*

*Si Papa inda não sou, sou papa-fina,
Trago dentro da mão Fausto e Romero
E a Martinhada... em baixo da batina.*

Figura 12 – Pantheon dos Satrapinhas, 1902

OS DIRECTORES DO BANCO DA REPUBLICA



Conselheiro Carlos de Carvalho Dr. Custodio Coelho Dr. Castro Maya

SOCIEDADE ORCHESTRAL DO RIO DE JANEIRO.—Gracas á iniciativa e continuados esforços do distincto maestro A. Capitani, realizar-se-á, no dia 21 do corrente, no Theatro S. Pedro de Alcantara, o 1º Concerto Popular da serie que se propõe dar a *Sociedade Orchestral do Rio de Janeiro*.

PANTHEON DOS SATRAPINHAS



Aracajú—Estado de Sergipe.
Novecentos e dous—Novembro—*Malho*
Pantheon dos Satrapinhas—Antecipe
O meu retrato e faça bom trabalho.
O Malta que se arranje. Participe
Que n' O Malho que vem terá agasalho ;
Pois eu cá não sou conego Felipe,
Ponho cada macaco no seu galho.
Nesta terra que faz tudo o que eu quero,
Sou o olympico Olympio,—alma divina
E de um Cesar rival, rival de Nero.
Si Papa inda não sou, sou papa-fina,
Trago dentro da mão Fausto e Romero
E a Martinhada... em baixo da batina.

NATALE ANNO BOM

FESTAS DA ECONOMICA

O melhor e mais util presente de festas é incontestavelmente um titulo de accumulacão da **ECONOMICA**, do valor de 500\$, com uma annuidade paga.

Estes titulos entram em sorteio no primeiro dia util de cada mez, e, uma vez favorecidos pela sorte, são immediatamente resgatados pelo seu valor nominal—500\$000.

Para facilitar a tomada destes titulos nesta quadra de presentes e donativos, e apenas durante um mez, até o dia 15 de Janeiro proximo futuro, estabelecemos a seguinte tabella, que vigorará para todas as pessoas que pessoalmente ou por escripto, daqui ou de fóra, nos solicitem titulos.

Um titulo com uma annuidade paga.....	16\$000
Um titulo com um semestre pago.....	11\$000
Um titulo com um trimestre pago.....	8\$000

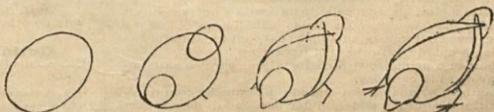
Aos subscriptores de mais de tres titulos dará a companhia um delicado mimo.

RUA NOVA DO OUVIDOR 35

Nos Paladinos—O Grupo dos Familias, da familia dos Paladinos, genero dos turunas da melhor especie, arrumou ha dias um cozido que descoseu o appetite do pessoal, que nelle cahiu de queixo até ficar de queixo cahido. A roda era escolhida, champagne correu a roda, muita cabeça andou a róda, e quando o pessoal rodou, a noite já tinha rodado. Tudo andou em róda viva e por isso : Viva o Grupo dos Familias da familia dos Paladinos, genero dos turunas da melhor especie !

Collares e Clarete.—Bebam os de Manoel da Costa Oliveira.

PARA AS CRIANÇAS
(2ª LIÇÃO)



— O *Malho* abrirá mais tarde um concurso para as crianças que tiverem aprendido a fazer estes desenhos e dará dous bons premios a quem tirar o 1º e 2º logar. Toca a aprender, rapaziada!

É importante notarmos as referências e analogias feitas a Olímpio Campos ao longo do texto publicado em *O Malho*, por exemplo quando faz uma menção ao cônego Filipe Pinto da Cunha e Sousa, sacerdote citado no poema “O conego Filipe”, de Álvares de Azevedo, e nas recordações de infância de Machado de Assis. Segundo consta nos referidos escritos, o clérigo “*tinha fama de não ser muito inteligente*” e, ao mesmo tempo, vivia em “simplicidade e pobreza de espírito”¹⁵³, ou seja, o presidente de Sergipe era a antítese do cônego; o monsenhor era ilustrado e possuidor de um conhecimento invejável, não vivia em simplicidade e muito menos possuía pobreza espiritual e/ou material, sendo enérgico e implacável com seus opositores.

É cômico como o texto o compara a uma divindade “*olímpica*” – um deus que habitava o monte Olimpo, como diz a mitologia grega –, realizando assim trocadilhos sarcásticos com seu nome. A alusão a Nero, o imperador incendiário da antiga Roma, evoca o caráter despótico de Olímpio Campos, que não considerava não ter opositores em pé de igualdade. O texto termina mencionando os principais rivais de Olímpio Campos: o deputado federal Fausto Cardoso, o intelectual Silvio Romero e Martinho Garcez, esse último foi presidente do estado de Sergipe entre 1896 a 1898 e, segundo dizem, fez um acordo com o monsenhor, seu principal opositor, deixando o governo antes do término do mandato, o que abriu caminho para a ascensão do *Olimpismo*, com a subida de Campos à presidência estadual.

Podemos perceber que o autor do cômico texto reuniu sob sua ótica algumas das principais características do monsenhor, porém de maneira irônica. Ao mesmo tempo, esse mesmo autor procurou elementos da trajetória política do presidente de Sergipe ao citar seus principais desafetos. Acoplada ao texto, a caricatura de Olímpio Campos representa o governante vestido com uma enorme batina preta, vestimenta típica entre os clérigos na qual ele era constantemente retratado vestido, com as mãos entrecruzadas e um olhar sério. Essa caricatura poderia passar a seguinte mensagem: “sou padre, mas não santo!” Mas qual a finalidade dessa coluna na revista *O Malho*? Justen¹⁵⁴ responde esse questionamento:

O “Pantheon dos Satrapinhas” fora apresentado inicialmente como uma coluna na qual seriam publicados retratos dos governadores dos estados (todos desenhados a mão pelos caricaturistas) ao lado de notas ou telegramas por eles enviados à redação; o “sucesso extraordinário” do quadro fez com que a ideia se estendesse também às charges, reforçando a hipótese de que o alinhamento estratégico a determinadas figuras políticas norteava, em termos significativos, decisões internas sobre pautas, disposição e formato dos conteúdos publicados (2020, p. 224-225).

¹⁵³ SANTINI, Gustavo Tenório. O Humor em “O Cônego Filipe”. **Patrimônio e Memória** (Unesp. Online), v. 1, p. 1-7, 2005.

¹⁵⁴ JUSTEN, Janine Figueiredo de Souza. As imagens como tomadas de posição: uma análise da caricatura política na revista *O Malho* (1902-1906). **Revista Faces de Clio**, v. 6, p. 203-229, 2020.

A coluna, como nos mostra a citação, foi um sucesso, logo diversos nomes da política, não apenas governadores, enviaram suas fotografias para serem representados através das caricaturas. De fato, telegramas eram enviados pelos governantes, e isso é constatado quando cotejamos a caricatura do Monsenhor Olímpio Campos. Há um texto que a sucede: “Aracajú – Estado de Sergipe. Novecentos e dous – Novembro – Malho – Pantheon dos Satrapinhas – Antecipe o meu retrato e faça bom trabalho”¹⁵⁵. Era o que dizia o texto do telegrama enviado para a revista e já direcionado para publicação na referida coluna. Em um período em que as forças políticas da ordem republicana precisavam se estabelecer, a publicação de caricaturas nos principais folhetins do país ajudava a solidificar a imagem não apenas do regime, mas de quem o compunha.

O neologismo “*Satrapinha*” é o diminutivo de *sátrapa*, que, de acordo com o Dicionário Online de Português, era o “Governador de uma província, entre os antigos persas”¹⁵⁶, uma espécie de déspota, que, designado pelo *Xá* (título do imperador persa), governava uma *Satrapia*, que, apesar de ser um território que fazia parte do antigo Império Persa, possuía autonomia política e administrativa. Não há inocência em comparar os governadores brasileiros da Primeira República (presidentes dos estados, em alguns casos) com os referidos déspotas do mundo antigo, pois, da mesma forma que as províncias persas eram autônomas, as unidades da federação no Brasil foram investidas de autoridade política com o advento do regime republicano, ou seja, os presidentes passaram a ter mais poderes administrativos, criando assim fortes oligarquias regionais que viriam a ajudar na sustentação do governo central.

Referir-se a Olímpio Campos como um déspota da Antiguidade pode ser anacrônico do ponto de vista temporal e histórico. Mas, se formos considerar a dimensão de poder angariado pelo sacerdote, vamos perceber que a analogia a um sátrapa é bem cabível, tanto que mesmo fora da presidência do estado ele dava as cartas no campo político sergipano, como mostra este texto extraído da revista *O Malho* de 28 de maio de 1904¹⁵⁷:

Quem é que é capaz de chamar a Sergipe uma satrapia coroada? Logo o reverendo Olympio de Campos todo se abespinha e despe a seraphica batina e salta para a imprensa com o seu cajado de pastor, a dar bordoadas de cego! Sua reverendíssima bate o seu santo pé e declara que ha de ser omnipotente contra usurpadores. Sim, meus caros senhores, que aquillo lá em Sergipe é um ninho de pombas e o padre Olympio o seu guarda fiel contra os abutres que pairam em derredor. E, si não fôr, si a política do Estado o estiver levando por agua abaixo, ainda assim, ninguém melhor que um

¹⁵⁵ PANTHEON DOS SATRAPINHAS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano I, n. 14, 26 de dezembro de 1902. p. 3.

¹⁵⁶ SÁTRAPA. In: **Dicio, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=satrapa>. Acesso em: 15 nov. 2022.

¹⁵⁷ SATRAPIA COROADA. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano III, n. 89, 28 de maio de 1904. p. 7.

sacerdote para lhe dar extrema unção e rezar-lhe o *Requiescat in pace*. Excusadas, pois, as fumaças de oposição. O padre Olympio é o marco miliário da política de Sergipe. De nada vale o páo contra esse frade de pedra! (O Malho, 1904, p. 7).

Aos olhos da imprensa nacional, o Monsenhor Olímpio Campos se tornou um fervoroso líder político sergipano, sendo implacável com os opositores do *Olimpismo*; no entanto, com o bônus de ser o “guarda fiel” da política estadual, vem também a tarefa de lidar com uma ferrenha oposição que crescia consideravelmente. Mesmo deixando o governo em 1902, ele consegue eleger seu sucessor, o farmacêutico e ativista do movimento republicano¹⁵⁸ Josino Menezes, que, de acordo com Terezinha Oliva (1985), “foi o continuador da obra de Olímpio Campos no Governo e conheceu o período áureo do olimpismo (1902-1905), em que as oposições silenciaram ou se aproximaram do Governo”¹⁵⁹.

Todavia, as oposições logo voltariam a assombrar o hábil sacerdote, que, após entregar o cargo ao sucessor, assume uma cadeira no Senado em 1903, como era comum na Primeira República e, quiçá, atualmente. A revista *O Malho* de 17 de fevereiro de 1906 não tardou em representar, através da caricatura a seguir, a preocupação do então senador com os grupos oposicionistas que se formavam, como bem demonstra o texto que segue a ilustração, no qual o Monsenhor Olímpio conversa com o senador Benedito Leite¹⁶⁰, afamado líder político maranhense.

¹⁵⁸ DANTAS, op. cit., p. 31.

¹⁵⁹ OLIVA, Terezinha Alves de. **Impasses do Federalismo Brasileiro: Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Universidade Federal de Sergipe, 1985. p. 75.

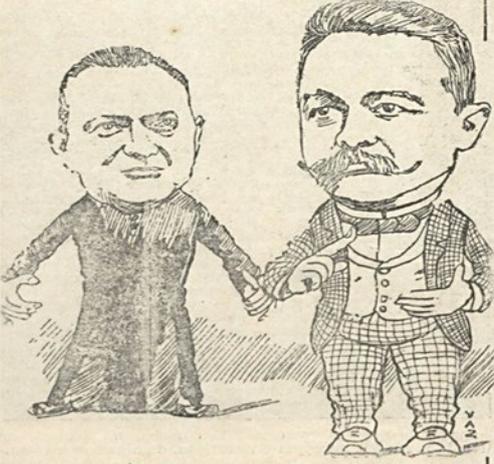
¹⁶⁰ “Benedito Pereira Leite nasceu em Rosário (MA) no dia 4 de outubro de 1857, filho de Antônio Pereira Leite e de Ana Rita de Sousa Leite. Com o advento da República em 15 de novembro de 1889, líderes das diversas dissidências oligárquicas aproveitaram a oportunidade proporcionada pelo início de um novo regime e fundaram seus partidos. Eleito constituinte estadual, foi signatário da primeira Constituição republicana do Maranhão, promulgada em 1891. [...] Eleito deputado federal em março de 1892, Benedito Leite assumiu sua cadeira na Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em maio seguinte. [...] Reeleito deputado federal em 1894, Benedito Leite permaneceu na Câmara dos Deputados até 1896, quando foi eleito senador na vaga aberta com a morte de Francisco Manuel da Cunha Júnior. Assumindo sua cadeira no Senado Federal, passou a integrar a Comissão de Finanças e foi relator do orçamento do Ministério da Guerra. Reeleito, exerceu o mandato até 1906, quando foi eleito presidente do Maranhão, na sucessão de Manuel Lopes da Cunha. Empossado em 1º de março desse ano, permaneceu à frente do governo maranhense até 25 de agosto de 1908, quando se licenciou e viajou para a França para tratamento de saúde. Faleceu em Hyeres, na França, no dia 6 de março de 1909”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEITE,%20Benedito.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 13 – Vão-se os anéis, mas fiquem os dedos, 1906

O MALHO

O Dr. Borges de Medeiros usa exclusivamente o sabonete SANITARIO.

VÃO-SE OS ANEIS, MAS FIQUEM OS DEDOS



Olympio Valladão: — Limpe-se a esse guardanapo, amigo Bilé! O senhor não se babou todo com a tal coligação? Ah! tem agora a gente da opposição derrotando em muitos logares os governos estadoaes!

Benedicto Leite: — Padre! Você é muito fino, mas não açaratos.

A coligação é o governo de amanhã... Não preciso pôr mais na carta... Segure-se no seu Sergipe!

Olympio: — Distingo! Distingo!

NA BIGORNA

Os amigos do juiz, nas vergonheiras eleitoraes da entrega de títulos e passão, de talões pelas mãos dos candidatos, deram esse magistrado como soffrendo da bola.

Tal *sabida* foi immediatamente confirmada pelo apontado paciente, que pediu uma licença e passou as funções, isso no meio do inquerito aberto para apurar as referidas bandalheiras.

Apezor dessa *fatalidade*, o Sr. Seabra está levando por deante o inquerito e conta fazer a barba ao juiz, para exemplo das gerações futuras.

E' preciso realmente concertar a justiça, porque é uma vergonha sem nome a existencia de juizes de tal jaez. Como se pode ter garantias com magistrados assim? Como pode haver boas leis, estando a sua execução confiada a capadócios ou imbecis dessa ordem?

A verdade nua e crua e esta: si tal juiz está maluco deve ser internado no Hospício; mas si a allegada maluquice não passa de uma burla, deve ir para a cadeia.

Depois de longos mezes de martyrio infligido aos passageiros dos bondinhos da Light pelo centro da cidade, foi afinal suspenso o trafego desses bonds nas ruas em concerto.

Tudo errado desde principio.

O consentaneo, o criterioso, seria a prohibição do trafego em uma ou duas vias, enquanto estas se apossassem inteiramente, para darem logar à suspensão nas que por sua vez tivessem de soffrer concertos.

Não se fez isso porque a City, as Obras Publicas a Light, a Prefeitura, e o diabo que os carregue, não se entendem, andam sempre como o cão com o gato (peior ainda porque ha cães e gatos que se dão perfeitamente...), parecendo antes inimigos ligadaes do que membros

executivos de uma só autoridade que vem a ser o bem publico.

O resultado foi isso que se vê: uma mixórdia em todas as ruas, valas e buracos por todos os lados, atropellos, trambulhões, o diabo!

O proprio transito a pé é um problema difficil de resolver, fóra da Avenida e da rua do Ouvidor.

Tem-se a impressão de que houve um terremoto physico, quando se trata apenas de um terremoto moral ou immoral.

Contado não se acredita. E' preciso ver esta desorganisação melonha nas ruas, este labyrintho infernal de uma perfeita casa de Orates.

O grito de — *Olha o andaime á direita!* — foi substituído pelo clamor geral:

— Olha o buraco!

— A policia continúa a estar abaixo da critica.

Agora são os pretensos vendedores de contrabando que invadem as casas de familias, tomam notas *estrategicas*, e um bello dia assaltam-nas e roubam-nas.

Todo mundo conhece esses typos patibulares, menos a policia que os tolera e cochila sobre a gloria de ser apenas repressiva, isso mesmo só nas immediações da rua do Ouvidor...

Outro dislate: demittiram uma porção de supplentes que já conheciam os pontos fracos dos bairros em que exerciam a sua autoridade, com grande gaudío da vagabundagem e galunagem.

Em quanto não derem á policia, desde o chefe, a estabilidade que em toda parte é tradicional, havemos de ser duplamente roubados: nos nossos domicilios e no nosso suor, traduzido em impostos para sustentar uns typos que fazem da rua do Lavradio a ante-camara de melhores sinecuras.

Custa crer em tanta falta de miolo!

Discute-se no Club de Engenharia o preço da luz electrica, e já se diz que o preço de 320 réis para o kilowatt-hora é insignificante.

Sabidas as tendencias de puxar para cima que exornam as personalidades da maioria daquelles figurões, a maioria dos quaes *nasceu empellicada* e nunca soube o que foi zurrar no trabalho; sabido isso, é de crer que o preço seja elevado ao dobro ou ao triplo e fixado numa tabella que Zé Povo terá de pagar, si não quizer ficar ás escuras.

Preparemo-nos, pois, para pagar com os olhos da cara um serviço que em toda a parte representa um beneficio commum, e que entre nós só pode ser considerado objecto de luxo — graças aos privilegios concedidos pelos poderes publicos e a que estamos amarrados de pés e mãos.

Teremos luz electrica nas ruas e nos domicilios, mas ficaremos sem a camisa que ainda cobre a nudez da nossa miseria.

Que querem?

Não é a concorrência publica e universal na conquista de preços: são os engenheiros que decretam as nossas despesas publicas e particulares!...

Um paiz maravilhoso!

Araponga

— QUEREIS GOSAR BOA SAUDE? Ide morar ou pelo menos passear em Copacabana, fóra da barra, desde o Leme até Ipanema, verdadeiro sanatorium do Rio de Janeiro. Bonds electricos até alla noite.

A CASA MAURITANIA, na rua Luiz de Camões 4, é o que vende mais barato, todo calgado, quer nacional quer estrangeiro.

O *Portugal Contemporaneo* é um livro que deve existir em todas as bibliothecas portuguezas e brasileiras. Traz cerca de 800 vistas e retratos! Vende-se á rua do Ouvidor, 132. Preço: 6\$ edição commum, especial 10\$000.

Elixir de Nogueira, do SILVEIRA, cura manchas da pelle, espinhas.

QUEREIS um bom JANTAR AO AR LIVRE? Ide ao Restaurant Palma, em frente ao Lyrico.

O SABONETE RIFER É COMPANHEIRO DOS TOILETTES ELIGANTES

Fonte: VÃO-SE OS ANEIS, MAS FIQUEM OS DEDOS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 179, 17 de fevereiro de 1906. p. 18.

Olympio Campos: — *Limpe-se a esse guardanapo, amigo Bilé! O senhor não se babou todo com a tal coligação? Ah! tem agora a gente da opposição derrotando em muitos logares os governos estadoaes!*

Benedicto Leite: - *Padre! Você é muito fino, mas não açaratos (?). A coligação é o governo de amanhã... Não preciso pôr mais carta... Segure-se no seu Sergipe!*

Olympio Campos: - *Distingo! Distingo!*

A coligação a que Olímpio Campos se refere no texto publicado no folhetim carioca tem a ver com a Lei Rosa e Silva, resultado da reforma eleitoral promulgada pelo Congresso em 1904 e que tinha como principal objetivo “assegurar o direito da opposição, dando às chamadas

‘minorias’ possibilidade de eleger seus representantes pelo estabelecimento do voto cumulativo”¹⁶¹. Logo, as preocupações do monsenhor com a oposição eram reais, pois, nas eleições realizadas em 30 de janeiro de 1906, apesar de seu grupo ter eleito para a presidência do estado o desembargador Guilherme de Souza Campos (Figura 14), irmão de Olímpio Campos, a oposição obteve algumas vitórias significativas, entre elas a reeleição do deputado federal Fausto Cardoso, forte opositor ao *Olimpismo*.

Figura 14 – Administração de Sergipe, 1904¹⁶²



Fonte: ADMINISTRAÇÃO DE SERGIPE. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 157, 16 de setembro de 1905. p. 17.

¹⁶¹ OLIVA, op. cit., p. 77.

¹⁶² Legenda: Em 24 de outubro de 1904. 1. Dr. Josino Menezes, presidente do Estado; 2. Dr. Guilherme Campos, presidente da Relação eleito no dia 30 de julho ultimo para succeder ao actual presidente; 3. Coronel Luiz Antonio, presidente da Assembleia; 4. Marcolino Machado, inspector do Thesouro; 5. Major Antonio Ribeiro, comandante do Corpo Policial; 6. Dr. Theodoro Nascimento; inspector de hygiene; 7. Dr. Candido Costa Pinto, diretor do Atheneu; 8. Dr. Teixeira Fontes, chefe da polícia; 9. Coronel Terencio Sampaio, secretario do governo; 10. Dr. Oliveira Telles, diretor da instrução publica.

As eleições de janeiro de 1906 foram uma “das mais movimentadas e concorridas eleições em Sergipe”¹⁶³ e também aguardadas com certa ansiedade, principalmente pelo grupo oposicionista, que, contemplado com a Lei Rosa e Silva, montou uma chapa com nomes de desafetos e críticos ferrenhos ao Monsenhor Olímpio Campos. A revista *O Malho*¹⁶⁴ estava a par da situação política do pequeno estado e não tardou a publicar um texto na coluna “Espigas e Respigas” baseado em dois telegramas enviados de Aracaju.

Um telegrama de Aracajú diz que despertam por todo o Estado grande entusiasmo as candidaturas dos Srs. Fausto Cardoso, para deputado, e Coelho e Campos, para senador; outro telegrama da mesma procedencia e com a mesma data conta que os empregados publicos não recebem seus vencimentos ha seis mezes. Entusiasmo politico e quebradeira... Está regulando (*O Malho*, 1906, p. 39).

É interessante notarmos o quanto a revista *O Malho* estava por dentro dos bastidores do campo político sergipano. Ousamos dizer que ela havia caído nas graças dos *antiolimpistas*, o que poderia ser verdade, uma vez que o deputado Fausto Cardoso era muito conhecido na capital federal, Rio de Janeiro, possuindo inúmeros contatos que o favoreciam, sem falar na relação de amizade que tinha com o Presidente da República Rodrigues Alves. Se tais relações o aproximaram da redação da revista, assim o tornando um dos seus meios de comunicação para fazer sua campanha e tecer críticas ferrenhas ao Monsenhor Olímpio Campos, não saberemos de certeza, mas é inegável a facilidade que o deputado tinha de transitar em diversos âmbitos, sejam eles políticos ou não.

Nunca uma eleição durante a Primeira República foi tão aguardada em Sergipe. Essa era a oportunidade de enfraquecer o *Olimpismo* e extirpá-lo de vez do centro do poder do estado, afinal “estava em jogo o nome de Sergipe”¹⁶⁵, pois o Monsenhor Olímpio Campos lançou como seu candidato ao Senado seu sucessor na presidência, o farmacêutico Josino Menezes, “nome sem qualquer expressão além das fronteiras sergipanas”¹⁶⁶, diferentemente do candidato da oposição, Coelho e Campos, bacharel em Direito, que, assim como seu colega de chapa, Fausto Cardoso, era conhecido em diversas partes do país e na Capital Federal. No entanto, o resultado não foi satisfatório, a princípio, para o candidato ao Senado pelo grupo oposicionista, pois Josino Menezes lograra uma margem de votos superior a 3.000. Essa cifra, porém, não

¹⁶³ Idem, p. 90.

¹⁶⁴ ESPIGAS E RESPIGAS. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano V, n. 174, 13 de janeiro de 1906. p. 39.

¹⁶⁵ OLIVA, op. cit., p. 87.

¹⁶⁶ Idem.

assustava a oposição, que considerava inelegível o candidato governista e julgava tranquilo o reconhecimento de Coelho e Campos.¹⁶⁷

A revista *O Malho* de 12 de maio de 1906 não tardou a satirizar a derrota temporária sofrida por Coelho e Campos nas urnas e logo a representou através de uma caricatura na qual os principais líderes *antiolimpistas* dialogam sobre o resultado das eleições de 30 de janeiro de 1906.

Figura 15 – Novo Senador por..., 1906

O MALHO

NOVO SENADOR POR...



verso certo, mal pontuado, tres medidas diversas no terceto.

Qual, seu Balsamo, mesmo depois de você virar argilla a sua deusa ha de gostar de si sob a forma de um santinho de barro.

Em geral as mulheres não apreciam muito as agulhas: vão mais pelos patinhos... embalsamados.

Arlindo de Oliveira (Rio).— Impagavel a sua composição:

A onda imita	De velhita
Com carinho	A' caminho
Amor terno	Para um inferno.

O que a onda imita, quando, no seu dizer: — *Salta e dança, como serena, com esperança de farta ceia* — não é o amor da velha e mais o velho, que fazem vida excellente... O que a onda imita, quando pula com tanto appetite, é o contentamento dos deputados ao avançar no subsidio. Isso nunca foi amor de velhita: é amor ao arame novo.

Mariano Mattoso (Santa Rita do Passa Quatro).— Deixe estar os seus versos no jornalzinho dahi. Dizer em metro não facil:

Oh, quanto és bella—4
Tão graciosa flor,—5

é provar muita fraqueza de sciencia poetica.
Exclamar no fim da festa:

Como desejo —4
Oh desejo ter—5
O teu bocejo—4
Que me faz morrer—5

é confessar que soffre de insomnia, julgando que o remedio é possuir o bocejo da moça, para morrer... de somno!

Antonio J. Gomes Junior (Cataguazes).— Vao ser publicados. A demora foi devida á montagem de officina.

Vasco Bandeira (Jaguarão).— Seguiu *O Malho* reclamado. São realmente benemeritos os quatro cidadãos que aponta. Em tempo attenderemos á indicação.

Augusto Fioretti (Petropolis).— Com muito prazer recitamos a noticia dada pelo nosso collaborador dessa cidade, de que o «Hotel de Roma» ia fechar suas portas, conjunctamente com outros estabelecimentos—segundo constava ao referido senhor. Pelo que V. S. nos diz, a sua casa «Pensão de Roma» não só continuará em actividade, como até vai ser augmentada para maior commodidade de seus hospedes—o que deveras estimamos, desejando que seja muito feliz.

Capari Viola (S. Paulo).— Sobre a mensagem não duvidamos das boas intenções do Sr. R. Alves, mas affirmamos com mais certeza que o despeito e a vingança são prazeres dos deuses de verdade ou não...

E' humano pensar assim.

A. Nogueira (Cachoeira).— Veja lá que figurão faz o senhor a escrever estas bobagens:

Como és bella meu anjo
Como the adoro querida!
Por ti dou-the o coração
Por ti arrisco-the a vida.

Lá isso arrisca, mórmente si o seu anjo souber um pouco de grammatica. Quando chegar ao fim da poesia cal fulminado.

Annibal Cesar (Rio).— O senhor lá terá suas razões para lançar á publicidade o soneto que nos enviou. Nós é que não podemos sinão analysar friamente, e dessa analyse resulta a convicção de uma pornographia latente, a que não podemos dar guarida.

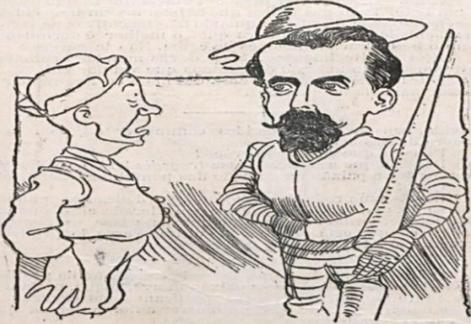
O caso principia assim:

Aquella hora feliz eu não me esqueço,—10
Ena que beije-te a bocca perfumada,—10
Sorvendo numa ancia tresloucada—5
O nectar que brincava no teu beijo —10

Fez bem em admirar no fim da tirada: Quem se não esquece lembra-se daquella hora e deve se lembrar de que o pronome antecede ao verbo. Mais ainda: salvo um de creto em contrario, nove syllabas não são dez, embora tres mais dous sejam cinco.

Isto quanto á technica, que, quanto á logica, o que se pôde concluir é que o senhor faz mal em andar sorvendo o nectar que brinca no beijo, porque pôde ser veneno da pelor especie ou apenas o mel pelos beijos tão propicio á apanha das moscas... No mais, onde o Sr. Annibal in-

QUIXOTADAS AO NORT



D. Quixote:—Vais ver, Zé Povo, o que é quebrar lanças contra o «bloco»! Hei de espantar o Brazil e o mundo com os meus terremotos no Senado e na Camara. Vais ver!

Zé Povo:—Está bem! seu Rosa e Silva, está muito bem!

Quer o senhor que eu seja o seu Sancho Pansa? Pois então comece por aceitar o meu conselho: metta no sacco a viola das suas quixotadas.

Com teu amo não jogues as péras... O senhor apanhá para o seu tabaco.—Olhe lá H...

Fonte: NOVO SENADOR POR... Revista *O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 191, 12 de maio de 1906. p. 39.

Fausto Cardoso: - *O senhor não tem que se zangar: o mundo é assim mesmo. Hoje fui eu o reconhecido; amanhã será o senhor.*

Coelho e Campos: - *Commigo não pega essa theoria... Não me conformo com a minha degola. Não sou poeta para cantar loas ao ostracismo...*

¹⁶⁷ Oliva, Op. Cit. p. 93.

Fausto Cardoso: - *Não seja essa a dúvida: empresto-lhe a minha lyra.*
Coelho e Campos: - *Muito obrigado! Guarde-a para os seus discursos... em sonetos!*

A caricatura, acompanhada de um texto, mostra que o deputado federal reeleito, Fausto Cardoso, consola um indignado candidato derrotado ao Senado, Coelho e Campos, que não se conforma com a derrota sofrida nas urnas para o candidato situacionista, Josino Menezes. Mas o reconhecimento mencionado por Fausto não tardaria, pois a Comissão de Verificação de Poderes, responsável pela realização das eleições, recebeu a suspeição de inelegibilidade do então senador eleito, uma vez que “a oposição se dispunha a provar que Josino Menezes não se desincompatibilizara a tempo das funções que exercia no serviço público federal e estadual, ligado estava à Delegacia Fiscal de Aracaju e ao Banco de Sergipe”¹⁶⁸.

Se a denúncia feita pela oposição, colocando em suspeição a vitória de Josino Menezes, fosse acatada pela comissão responsável pela validação dos resultados das eleições de 1906, o grupo *antiolimpista* sairia fortalecido, porque o candidato situacionista ao Senado representava um trunfo para Olímpio Campos, e “era-lhe imprescindível a vitória do farmacêutico, que lhe faria voz comum aos seus intentos e projetos, ajudá-lo-ia a concluir, até o fim do mandato, a obra da consolidação do seu poderio”¹⁶⁹.

O processo eleitoral na Primeira República, as *Eleições de Bico de Pena*¹⁷⁰, como era chamado, estava ligado a um complexo jogo de interesses entre seus partícipes, e os resultados não refletiam, necessariamente, o que fora depositado nas urnas¹⁷¹. Os conchavos e interesses políticos, somados ao prestígio que o candidato até então derrotado, Coelho e Campos, tinha

¹⁶⁸ OLIVA, op. cit., p. 93.

¹⁶⁹ Idem, p. 95.

¹⁷⁰ “Expressão usada para designar as eleições fraudulentas comumente realizadas na Primeira República, em que o voto era a descoberto, as mesas eleitorais tinham função de junta apuradora e os resultados lavrados em ata eram na verdade determinados pela pena dos mesários indicados pelo poder local. A ‘eleição a bico de pena’ foi praticada desde 1890, quando foi eleito o primeiro Congresso Constituinte republicano, até março de 1930. Após a Revolução de outubro de 1930, foi criada a Justiça Eleitoral, e o voto passou a ser secreto. Embora acontecessem eleições no Brasil desde o Império, só uma parcela ínfima da população votava. Na República, analfabetos e mulheres continuaram excluídos. As eleições eram controladas pelos chefes políticos regionais, geralmente fazendeiros ou comerciantes chamados de ‘coronéis’ em alusão à patente da Guarda Nacional que compravam ou recebiam do governo central. No dia da eleição, os coronéis traziam os eleitores para os locais de votação e os deixavam nos ‘currais eleitorais’, vigiados por jagunços. Os eleitores raramente sabiam o nome do candidato em que votariam, o que deu origem à expressão ‘voto de cabresto’. Ao ser eleito presidente da República em 1898, Campos Sales estabeleceu um pacto de apoio político mútuo com os presidentes e governadores estaduais, que foi chamado de ‘política dos estados’, ou ‘política dos governadores’. Assim, os candidatos oficiais à presidência, com exceção de Hermes da Fonseca (1910), Artur Bernardes (1922) e Júlio Prestes (1930), sempre tiveram ao menos 2/3 dos votos válidos. No Legislativo, após ser eleito, o candidato deveria ser reconhecido pela Comissão de Verificação de Poderes, controlada por governistas. Caso sua eleição não fosse reconhecida, ocorria a “degola”, ou seja, sua diplomação e posse eram impedidas”. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/>. Acesso em: 30 nov. 2022.

¹⁷¹ VISCARDI; SOARES, op. cit.

para além dos limites de Sergipe, foram vitais para que a Comissão de Verificação das eleições não reconhecesse a vitória de Josino Menezes, concedendo ao seu adversário o diploma de senador eleito. Sobre esse processo, Oliva escreve:

Na sessão de 18 de maio, o Parecer da Comissão Verificadora admitia a inelegibilidade de Josino Menezes e opinava pela anulação do pleito em catorze municípios, reconhecendo a eleição de Coelho e Campos. Olímpio Campos tentou ainda anular todos os resultados para proceder a nova eleição e apresentar outro candidato, mas tudo foi inútil. Sustentada por apenas cinco votos, a causa de Josino Menezes foi facilmente vencida, e o Senado acolheu a contestação de Coelho e Campos contra um adversário que não compareceu sequer para se defender (1985, p. 97).

O grupo *antiolimpista* não descansou até que a inelegibilidade fosse reconhecida pela comissão, afinal ter mais um parlamentar opositor seria de grande valia para minar o poder do Monsenhor Olímpio Campos no estado, mesmo ele tentando de todas as maneiras interferir no processo de verificação e coibindo qualquer manifestação contrária ao governo encabeçado por seu grupo político. No entanto, a derrota de seu candidato ao Senado deu-se como certa.

A degola do político sergipano não passou despercebida pela revista *O Malho*, que, no dia seguinte à sessão mencionada na citação, publicou mais uma caricatura representando o ocorrido. Nela vemos um diálogo entre o senador inelegível e Joaquim de Oliveira Catunda¹⁷², senador pelo Ceará e um dos integrantes da comissão que invalidou a vitória de Josino Menezes e, consequentemente, do grupo situacionista capitaneado por Olímpio Campos.

¹⁷² “Joaquim de Oliveira Catunda nasceu em Santa Quitéria (CE) no dia 2 de dezembro de 1834, filho de Antônio Pompeu de Sousa Catunda e de Inocência Pinto de Mesquita. Apadrinhado pelo Senador Pompeu, transferiu-se para Fortaleza em 1849. Fez os estudos preparatórios no Liceu do Ceará e daí seguiu a carreira militar, sentando praça em 1853. De Fortaleza foi para o Rio de Janeiro, então capital do Império, onde serviu no 1º Batalhão de Artilharia a Pé. De 1857 a 1860 frequentou a Escola Militar, mas não concluiu o curso por ter sido mandado para as Alagoas como responsável pelos trabalhos de demarcação das terras devolutas no Urucu. Em 1862 tornou-se escriturário da Alfândega no Ceará e em 1867 deixou o cargo por ter sido nomeado professor de instrução no Ipu (CE). Exerceu o primeiro mandato de deputado provincial em 1866-1867, e em 1868 foi nomeado oficial-maior da Secretaria do Governo. De volta à Assembleia provincial nos períodos 1878-1879 e 1880-1881, em 1879 foi designado secretário da Relação. Em 1882 foi um dos fundadores do Centro Abolicionista do Ceará. Também fundou e presidiu o Centro Republicano em julho de 1889. Ao longo desse período foi ainda professor de filosofia do Liceu do Ceará e de alemão da Escola Militar e fundou, juntamente com outros intelectuais cearenses, o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará em 1887. Proclamada a República em 15 de novembro de 1889, foi nomeado diretor da Instrução Pública do Ceará e procurou implementar idéias anticatólicas que não foram bem recebidas. Foi também secretário das Relações Exteriores no governo do tenente-coronel Luís Ferraz (1889-1891). Eleito senador pelo Ceará ao Congresso Nacional Constituinte, exerceu o mandato de 1891 a 1899 e foi reeleito para o período de 1900-1908. Foi primeiro-secretário e membro da Comissão de Finanças do Senado. Faleceu no Rio de Janeiro em 28 de julho de 1907. Publicou, entre outros trabalhos, Estudos de história do Ceará (1885); Origens americanas e as imigrações pré-históricas, na Revista do Instituto Histórico do Ceará, tomo I (1888); O Senador Pompeu, na Revista do Instituto Histórico do Ceará, tomo LVIII (1918); e Aspectos da natureza cearense, no Almanaque do Ceará (1918)”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CATUNDA,%20Joaquim%20.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Figura 16 – Proverbios no Senado, 1906

O MALHO

S. EX. CONTRARIADO



R. Alves:—Esta viagem do Penna ao norte... são setenta e cinco dias de tormento para mim, a ler notícias de festas e engrossamentos a elle, enquanto eu aturo a impertinencia da opposição do Congresso e outras xaropadas. Si não fosse cá por certas cousas, eu passava-lhe já a vara... e quem ia continuar a viagem era este seu criado Mathias...

Qual! Anda tudo ás avessas!

Parece que o governo do Estado do Rio vai resolver, do melhor modo possível, o problema das casas para operarios, fazendo construir pequenas habitações que, depois de um certo prazo de aluguel, passarão á propriedade dos inquilinos.

Si assim fór, não ha duvida de que a Capital Federal levará mais um quinão. Aqui tambem, em tempos que já lá vão, algumas instituições particulares pretenderam implantar esse systema cooperativo; mas, no fim de contas, não passou isso de gorda e cheirosa isca para apanhar os nagros cobres dos homens do trabalho...

Só mesmo os poderes publicos tomando a si essa humanitaria incumbencia, muito mais pratica e muito mais atil do que todas as arengas dos socialistas de todas as côres—finorios da peor especie que, tendo traçado o programma de viverem e sustentarem casacas e cocottes á custa alheia, não ha meio de desistirem desse intento e, de vez em quando, eis surgem a fazer discursos nas sedes operarias...

AGUA INGLEZA, DE GRANADO & C.

Nessa dolorosa tragedia do Engenho Novo, em que foi protagonista um moço honrado, mas fraco, metido em mãos negocios por um bandido—tragedia que custou a vida de uma innocente criancinha de seis mezes e lançou a desgraça e o desespero num lar tranquillo—apura-se um grande culpado: a ausencia completa da policia de costumes.

Os jornaes estão cheios de annuncios suspeitos, e entre elles os taes que promettem empregos, mediante fianças de pequenas quantias. Não ha cidadão de certo cultivo que não saiba que esses escriptorios ou agencias são meras ratoeiras ou esparellas onde os beocios ou inexperientes ficam depennados, sem o cobre das fianças e sem empregos.

Só a policia finge ignorar que se praticam essas fal-

catrúas, que se rouba escandalosamente a humanid. de, sob a capa de uma benemerencia, que se reduz, afinal, a por nũ quem já anda em ca misa de onze varas.

Mova a policia uma perseguição a esses gatunos, protectores da rente desempregada, mais perigosos do que os que nos assaltam a propriedade á mão armada e pela calada da noite.

AGUA INGLEZA, DE GRANADO & C.

O Sr. ministro da marinha creou um bem montado laboratorio de analyses, anexo ao hospital da ilha das Cobras.

O aclo não pôde deixar de ser applaudido, principalmente por quem conhece o systema inveterado dos fornecedores, empurrando gato por lebre ás repartições publicas, notadamente ás das pastas militares.

A questão agora é de pessoal idoneo, independente, zeloso, patriota, que proceda ás analyses de todos os generos e materias fornecido, e tenha a hombridade de amarrar a lata ao descaramento dos vendilhões que precisam ganhar 50 por cento para repartir com intermediarios os da preferencia.

Que o exemplo do almirante Noronha fructifique—são os nossos votos.

RHENO DO RIO GRANDE. O melhor vinho branco.

A ser verdade que a Light Power requereu ao Conselho Municipal uma porção de vantagens, entre as quaes a suppressão das passagens de cem réis e a prorrogação do prazo por 90 annos, não resta duvida de que... o kerozene vai soffrer grande augmento de preço.

O exemplo da S. Christovão, aqui ha uns annos, creou raizes, e a reacção é hoje uma arvore de direito popular, a cuja sombra ninguem leme a ameaça destes syndicatos de exploração.

PROVERBIOS NO SENADO



Josino de Menezes:—Sou eu o senador diplomado por Sergipe, mesmo porque, desculpe a immodestia: L'État c'est moi!

Katunda:—Deixemo-nos de prosas de Luiz XIV... Aqui não ha disso: ha o voto em separado, reconhecendo o Coelho e Campos. Si o caso do Paraná péga de galho... entra o seu adversario, para confirmar o rifão:—Deste matto não sai coelho...

Josino:—Bem; entrego-lhe o diploma com este outro proverbio: Tantas vezes vai o pote á fonte que um dia... tuche!

Fonte: PROVERBIOS NO SENADO. Revista O Malho, Rio de Janeiro, ano V, n. 192, 19 de maio de 1906. p. 26.

Josino de Menezes: - Sou eu o senador diplomado por Sergipe, mesmo porque, desculpe a immodestia: L'État c'est moi!

Katunda: - Deixemo-nos de prosas de Luiz XIV... Aqui não ha disso: ha o voto em separado, reconhecendo o Coelho e Campos. Si o caso do Paraná péga de galho... entra o seu adversario, para confirmar o rifão: Deste matto não sai coelho...

Josino: - Bem; entrego-lhe o diploma com este outro provérbio: tantas vezes vai á fonte que um dia... enche!

A jocosa caricatura mostra Josino Menezes apresentando-se como senador diplomado pelo estado de Sergipe e se munindo da frase proferida pelo Rei francês Luís XIV, “*O Estado sou eu!*”, em uma referência clara ao fato de que sua eleição não poderia ser contestada, afinal ele era apadrinhado político do poderoso Monsenhor Olímpio Campos. Porém, ele não contava com o senador Catunda, membro da comissão verificadora que o tornou inelegível, favorecendo seu adversário. Ao dizer “*Deixemo-nos de prosas de Luiz XIV...*”, Joaquim de Oliveira Catunda deixava evidente que ali as vontades e o poder de Campos de nada valiam para elevar Josino à câmara alta do parlamento brasileiro, mas sim os votos que reconheciam Coelho e Campos como legítimo eleito. Por fim, derrotado, Josino entrega o seu diploma de senador e profere: “*tantas vezes vai á fonte que um dia... enche!*” São perceptíveis na caricatura a desolação e o enfurecimento do senador eleito ao entregar seu diploma para outro que não obtivera êxito nas urnas.

A perpetuação do *Olimpismo* na política sergipana e a ascensão e o crescimento da oposição pavimentaram o caminho para a Revolta Fausto Cardoso, o que rendeu para o referido pasquim um significativo material entre caricaturas, fotografias e textos publicados em suas páginas, afinal a revista *O Malho* estava atenta aos ruídos do nebuloso ambiente político da Primeira República brasileira.

3.3 UMA REVOLTA EM CARICATURAS

O resultado das eleições de 1906 acendeu nos opositores do Monsenhor Olímpio Campos a chama da esperança, ou seja, as consideráveis vitórias logradas por Fausto Cardoso e seus correligionários fizeram com que as articulações para a retirada dos *Olimpistas* do poder estadual ganhassem força. Após a vitória nas urnas, o então deputado federal eleito resolve visitar seu estado natal, como mostra Prado:

O enaltecimento do deputado federal recém-eleito era, pois, uma atividade incessante por parte da imprensa oposicionista que, em julho daquele ano, passou a veicular a notícia da viagem de Fausto Cardoso que partiria do Rio de Janeiro para Sergipe com o propósito anunciado de agradecer pelo resultado das eleições e fundar um partido que tornassem coesas as forças de oposição ao governo do Estado. Entre os oposicionistas havia grande entusiasmo em relação ao futuro do partido a ser criado uma vez que Fausto Cardoso possuía prestígio junto ao governo federal, contando com a simpatia do presidente Rodrigues Alves, de quem era amigo (2009, p. 22).

A ida de Fausto Cardoso a Aracaju era regada a um enorme simbolismo, pois o “Herói de Sergipe” regressava ao berço natal para fortalecer a oposição que enfraqueceu o domínio do Monsenhor Olímpio Campos que perdurava por quase oito anos ininterruptos. Festas de boas-vindas estavam sendo preparadas na capital, pessoas saíam de outros municípios para receber seu afamado conterrâneo, que, assim como outros visitantes ilustres, desembarcou na simbólica “Ponte do Imperador”, um atracadouro erguido para o desembarque dos Imperadores do Brasil, D. Pedro II e Dona Tereza Cristina, quando visitaram a então província de Sergipe 50 anos antes. Seguida dessa euforia, a apreensão residia na cabeça do grupo governista, que acreditava em uma conspiração liderada por Fausto Cardoso para depor o Presidente Guilherme Campos, porém o deputado não tinha intenção de realizar um golpe, pois, para ele, “*a situação governista estava tão malsinada, tão podre, tão sem conceito, que havia de sair (cair?) por si mesma*”¹⁷³.

O desembarque de Fausto Cardoso na capital sergipana foi envolto em uma atmosfera festiva, e ele aproveitou para fazer seus fortes discursos à população. Simultaneamente, conchavos e alianças políticas estavam sendo realizados, afinal era o momento de recompor a oposição e fundar um novo partido, batizado pelo deputado como “Partido Progressista”¹⁷⁴. Isso porque a “luta contra Olímpio Campos exigia unidade, exigia um partido forte e grande, e isto só seria possível se todas as forças oposicionistas se pudessem congregar”¹⁷⁵. Mas não era apenas festas e celebrações que aguardavam o deputado em sua chegada a Sergipe; um levante da força pessoal foi organizado para depor o governo, como evidencia Oliva:

A revolta começou na madrugada de 10 de agosto com um ataque ao palácio, dirigido pelo alferes reformado do Exército Otaviano de Oliveira Mesquita. A imediata adesão popular e a distribuição de armas reforçaram a tropa revoltosa. Esgotada a munição, a primeira providência tomada pelo presidente Guilherme Campos, após haver convocado a ajuda do capitão do porto, foi um pedido de intervenção ao Governo Federal. O capitão Amintas Jorge assumiu então o papel de mediador. Era ele a única pessoa com acesso tanto às autoridades quanto aos revoltosos, conseguindo retirar do palácio o presidente, o vice-presidente e o senador Olímpio Campos e conduzi-los à sua casa, onde se aguardaria a chegada de Fausto Cardoso, convocado do interior para a capital, já que o capitão-de-corveta não conseguira um acordo entre as autoridades depostas e os revoltosos, que queriam que Antônio Mota assumisse o Governo (1985, p. 181).

O ocorrido descrito na citação não passou despercebido pela revista *O Malho* e seus caricaturistas, que não tardaram em produzir uma caricatura que representasse o momento turbulento vivido em Sergipe nas ruas de sua capital no início do século passado.

¹⁷³ Texto transcrito por Terezinha Oliva e extraído do *Jornal de Sergipe* de 18 de agosto de 1906. Ver: OLIVA, op. cit., p. 178.

¹⁷⁴ Idem, p. 173.

¹⁷⁵ Idem.

Figura 17 – Revolução de Sergipe em Dous Quadros, 1906

O MALHO
REVOLUÇÃO DE SERGIPE EM DOUS QUADROS

EM SERGIPE

F. Cardoso: — Amigos! *Hombrô, armas! Nem um tiro! Presidente e vice-presidente pularam pela janella! Meia volta à direita... para casa do capitão do porto!*

Policiaes: — Prompto, chefe! Quem é que arreseste a nós?

AGRADECE-SE

A pessoa que gentilmente possa dar informações sobre o paradeiro da familia do Illmo. Sr. Dr. Anatalio Sallão, que outr'ora residia em Bagagem (Minas), filho do negociante de diamantes o Sr. Joaquim Sallão.

Quem deseja obter as indicações é um amigo da familia, residente actualmente em Bruxellas.

Dirigir-se á F. P. Falbo, rua do Barão da Victoria 58, em Pernambuco, que fica antecipadamente penhorado.

Informam-nos que as companhias de bonds só adoptarão na frente de seus carros as telas salva-vidas que se usam em toda parte, quando a Prefeitura lhes conceder novos favores.

De outro modo não se explica a falta dessa especie de limpa-trilhos que tantas mortes podem evitar.

Esperemos as novas exigencias, e, enquanto se espera, vá se matando gente todos os dias...

Manda quem pôde!

Com grande concurrencia de segurados, representantes da imprensa e cavalheiros de boa sociedade, realisou, no dia 16, a *Sul America*, o seu 21º sorteio das apolices emitidas pelo systema de amortisações semestraes.

O acto correu na melhor ordem, contentando não só os felizardos escolhidos pela sorte, mas tambem a todos quantos apreciaram a amabilidade da directoria, que mandou servir aos seus convidados confortavel *lunch*.

Por nossa parte, agradecidos.

Um inspector de policia que manda agredir um moço e uma senhora de idade, por praças da Força Policial, como esse tal de Jacarépaguá, merece positivamente uma estatua. E como pode haver difficuldades na concepção do monumento, apressamo-nos a dar a *idéa*:

Um cabide de pé será o pedestal. Na ponta superior uma cuia emborcada. Sobre a cuia uma figura de doído, desgrenhada, com garras de tigre, batoque no beico, e orelhas de asno. Sobre cada descanso do cabide, um mastim em attitude de disparada.

Agora a explicação: O cabide é a instituição policial! A cuia representa as cabeças de quem nomeou o tal inspector e de quem acceptou o engajamento de taes praças.

A figura, mixto de maluquice e ferocidade traçoira... já se sabe quem é, assim como tambem se adivinha quem

NO CATTETE

R. ALVES: — Ora o Guilherme! Ora o monseñor Olympio!... Resignarem os cargos em casa do capitão do porto!... Quanta maluquice! Isto só pelo diabo!...

é e que é que faz a matilha que obedece ao — *Isca! isca!* Bella estatua... para uma bomba de dynamite!

Ficou assim constituida a directoria do-Club de Regatas Saldanha da Gama:

Presidente, Vicente P. Domingues; vice-presidente, José Menezes de Faro Freire; 1º secretario, Eltora Golzi; 2º secretario, Francisco de Oliveira; thesoureiro, Jenner Caldas; directores, Deoclecio Andrade, Odilon Bezerra, Manuel Las-Casas, Bento G. de Oliveira.

R. Alves: — Diga, diga, que estou com pressa...

O Malho: — Então lá vai: antes de V. Ex. ir para Guaratinguetá, não se esqueça de ir ao *Leão da America!*...

R. Alves: — Ah! sim... Avenida Passos 57: Hei de lá ir... Já guardei 240\$000 para comprar seis ternos nessa alfaiataria...

O Malho: — Nesse caso, não adiantei nada...

R. Alves: — Absolutamente nada. Todo mundo sabe que com 40\$000 tem no *Leão da America* um terno de excellente casimira... E eu tambem faço parte dos que não ignoram isso, e gosto de andar bem vestido...

O Malho: — *Tá bom deixa!* Não precisa pôr mais na crta. V. Exa. é uma flor...

Fonte: REVOLUÇÃO EM SERGIPE EM DOUS QUADROS. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano V, n. 205, 18 de agosto de 1906, p. 9.

Em Sergipe:

F. Cardoso: — Amigos! *Hombrô, armas! Nem um tiro! Presidente e vice-presidente pularam pela janella! Meia volta á direita... para a casa do capitão do porto!*

Policiaes: — Prompto, chefe! Quem é que arreseste a nós?

No Catete:

R. Alves: — Ora Guilherme! Ora monseñor Olympio!... Resignarem os cargos em casa do capitão do porto!...

*Quanta maluquice!
Isto só pelo diabo!...*

A caricatura representa, de forma cômica, o momento em que as forças policiais, insatisfeitas com o *Olimpismo*, tomam à força o Palácio do Governo tendo Fausto Cardoso à frente da tropa. Vê-se também o Presidente Guilherme Campos e seu irmão, o Monsenhor Olímpio Campos, saltando pela janela lateral do prédio. No entanto, há uma discrepância entre os fatos e o que foi retratado na ilustração: a presença do deputado no levante, pois ele era contrário à tomada de poder de forma violenta, e, quando o fato representado pela revista carioca ocorreu, ele estava no interior do estado de Sergipe, em Divina Pastora, cidade onde nascera, em visita aos túmulos dos pais e da filha¹⁷⁶, por isso não se fez presente na deposição do governo e tampouco era a favor de tal ato. E por qual motivo *O Malho* publica a caricatura tendo Fausto Cardoso como figura de proa? Duas hipóteses são defendidas por Prado (2009): a primeira tem a ver com as formas imprecisas com que as notícias, geralmente enviadas por telegramas, chegavam ao Rio de Janeiro, atribuindo ao deputado, por liderar a oposição, a responsabilidade pela deposição de Guilherme Campos e seu vice. A segunda hipótese, que dialoga com a primeira, reflete-se na liderança de oposição que Fausto Cardoso desempenhava não apenas em Sergipe, mas também no Rio de Janeiro, onde costumeiramente discursava enfaticamente sobre a situação deplorável que se encontrava seu estado natal¹⁷⁷. Ele era presença marcante tanto nos mais importantes círculos políticos e sociais da então Capital Federal, como também na imprensa carioca da época.

Do outro lado da caricatura vemos a reação no Palácio do Catete, ou melhor, como reagiu o Presidente Rodrigues Alves ao ocorrido em Aracaju. A ilustração de *O Malho* mostra-o completamente aturdido com a situação e achando uma “maluquice” a renúncia do presidente e do vice aos cargos. Apesar de não ser partidário do Monsenhor Olímpio Campos, o então mandatário da República era um legalista e não seria contrário aos governantes escolhidos nos estados. Ele precisava da política dos governadores para se manter no poder, porém mais do que isso. Um mês antes dos acontecimentos em Sergipe, o estado de Mato Grosso viveu algo parecido: um presidente foi deposto e, em seguida, assassinado, fazendo com que houvesse uma intervenção federal; então legitimaram o vice no cargo e reconheceram o movimento revoltoso¹⁷⁸, o que não ocorreu em terras sergipanas, como veremos mais à frente.

¹⁷⁶ OLIVA, op. cit., p. 179.

¹⁷⁷ PRADO, op. cit., p. 25.

¹⁷⁸ ARRUDA, Larissa Rodrigues Vacari de. **Disputas Oligárquicas**: as práticas políticas das elites mato-grossenses (1892-1906). Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2013. p. 94-100.

Tudo o que o velho conselheiro não queria naquele momento era outra revolta no findar de seu mandato presidencial, principalmente decretar mais uma intervenção em um curto período. Outro motivo que teria levado à exasperação de Rodrigues Alves foi a amizade e a admiração declaradas que tinha por Fausto Cardoso; então ele estava em uma situação difícil: intervir para manter a legalidade do governo deposto ou ajudar na tomada de poder iniciada pela oposição cujo líder era um grande amigo. Sobre essa amizade, *O Malho* publicou – no mesmo número que a caricatura anterior – outra ilustração, desta vez com o presidente falando consigo mesmo, e no texto que a segue ele ressalta o apreço que sente pelo deputado sergipano.

Figura 18 – S. Ex. com os seus botões, 1906

O MALHO

S. EX. COM OS SEUS BOTÕES



R. Alves: — Vejam só isto! O Fausto Cardoso, meu amigo incondicional, que diz que eu sou o mais justo dos brasileiros, fazendo mashorca em Sergipe!... O melro queria estado de sítio em Matto Grosso, para garantir o prestígio da autoridade, e agora está incorrendo no mesmo artigo. Quanta maluquice!...

E ainda por cima tenho de mandar força para garantir o que o Fausto alli fez!...

Decididamente o Medeiros e Albuquerque tinha razão, lendo-me o meu futuro, cheio de peripecias nestes poucos mezes que me faltam para acabar os meus dias... de governo...

5—Na cidade danço.—2. *Descrente*
3—Estendeu a veste sobre a planta.—2 *Dódd*
5—Inconstante e orgulhosa.—3 *Estrella d'Alva*
3—Com a madeira faz-se esta machina.—2 *Peofar-Khan*

ENIGMA PITTORESCO 209
(A' Orminda de Carvalho)



Um homem tinha
28060, comprou
3 lanças a 80rs. ca-
da uma
com quanto ficou?

Príncipe Vá... Favas

AVISO

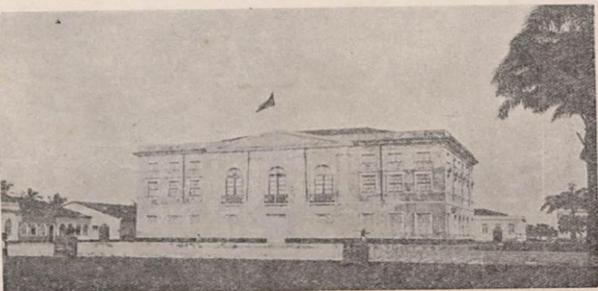
As soluções do presente numero devem estar nesta redacção até ás 2 horas da tarde do dia 21 do corrente, referindo-se este prazo aos decifradores desta capital e Estado do Rio, Minas e S. Paulo, convindo que os da Bahia, Espirito Santo, Paraná e Santa Catharina façam constar dos envelopes das respectivas correspondencias o carimbo postal com a data acima referida. Os restantes com a de 6 do proximo mez.

No numero vindouro responderei a correspondencia recebida durante esta semana.

DECIFRADORES

Do n. 202: Velinho (Barra do Pirahy), Club Sphingo (idem, idem), Osmond (Juiz de Fora), X. Meias, Antonio,

A REVOLUÇÃO DE SERGIPE



EM ARACAJU: — O edificio do Thesouro do Estado, onde foi encontrado o saldo de oitenta e quatro mil réis (!)
A gente da revolução achou pouco. Veremos, si quando ella deixar o poder, deixará mais...

ENIGMAS CHARADISTICOS 199 e 200

Ao «Tapuio» (Tatuby, S. Paulo)

Tem cinco letras, não mais,
O enigma actual.
Quatro garridas consoantes
E sômente uma vogal.

Todas ellas são diversas
Pois nenhuma é igual.
Sendo um rio lá da Europa,
Mas da Europa Central.

Agora si com cuidado
Tirades a inicial,
Surgerà no mesmo instante
Mulher linda divinal.

Club dos Filhos de *Edipo* (Tatuby, S. Paulo)

Aos illustres collegas de Cascatinha

Tem o todo deste enigma,
Cinco letras desiguaes,
Sendo duas consoantes,
E as restantes vogaes.
Si tirarem dous e cinco
Verão flor muito mimosa;
Cinco, quatro, dous e um
Formam sua côr formosa.

CONCEITO

E' um nome de mulher
Da minha estimação,
Que irago sempre gravado
No fundo do coração.

Dr. Flick Flack (Cascatinha, Petropolis)

CHARADA CASAL 201

2—E' um animal de ferro.
De Candote (Ouro Preto)

CHARADA BIFRONTE 203

2—Ha na cidade da Italia muito limo.
Putrica

CHARADAS SYNCOPADAS 203 a 208

5 — Quem é desobediente deve se-
pueso.—2
Conde Espinha (Porto Alegre)
3—Este rei de Roma não gostava de
sariho.—2
Diabrete (Parahyba do Norte)

R. Alves: - Vejam só isto! O Fausto Cardoso, meu amigo incondicional, que diz que eu sou o mais justo dos brasileiros, fazendo mashorca em Sergipe!... O melro queria estado de sítio no Matto Grosso, para garantir o prestígio da autoridade, e agora está incorrendo no mesmo artigo. Quanta maluquice!...

E ainda por cima tenho de mandar força para garantir o que o Fausto alli fez!... Decididamente o Medeiros e Albuquerque tinha razão, lembro-me o meu futuro, cheio de peripecias nestes poucos mezes que me faltam para acabar os meus dias... de governo...

A caricatura mostra Rodrigues Alves falando consigo mesmo, ou com seus botões, como ela foi intitulada, o que revela uma preocupação por parte do mandatário, que, em seu governo como quinto presidente da República, obteve importantes êxitos, mas também alguns infortúnios¹⁷⁹, e mais uma revolta no findar do mandato soava como um mau agouro, tendo em vista que um “*amigo incondicional*”¹⁸⁰ fazia parte dela, fato que lhe aumentavam as preocupações. Rodrigues Alves tergiversava sobre uma possível intervenção federal em Sergipe, pois foi testemunha dos ocorridos no Mato Grosso, mas ele sabia dos efeitos nocivos que revoltas provocavam nos trilhos da República. O velho ex-conselheiro do Império estava tentando resolver os desdobramentos em Aracaju falando com seus botões.

Fato é que, antes de deixar o governo, quando assinou uma carta de renúncia redigida pelos insurgentes, o vice-presidente do estado, Pelino Nobre¹⁸¹, imediatamente solicitou, via telegrama, ao Presidente Rodrigues Alves a intervenção do governo federal em Sergipe, com o intuito de debelar a revolta e ser reconduzido ao cargo a que ele próprio renunciou temendo o mesmo fim que o presidente do estado do Mato Grosso um mês antes. Porém, esse pedido estava tardando em ser atendido, por isso a indignação de *Zé Povo* mostrada na caricatura que abre estes escritos (Figura 11), visto que a letargia do governo federal em intervir na situação

¹⁷⁹ De acordo com Schwarcz e Starling (2020, p. 294): “Rodrigues Alves foi o primeiro presidente a ser eleito pela segunda vez na história brasileira. Ocupou o cargo entre 1902 e 1902 e realizou um projeto ambicioso de governo. Em seu mandato ele comandou uma revolução urbanística no Rio de Janeiro com desdobramentos em todo o país, implantou um programa inédito de saúde pública e controle de epidemias na capital da República, e consolidou as fronteiras da nação republicana, por assim dizer, solucionando, através do seu ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, as disputas em torno dos limites territoriais com Bolívia, Argentina, Peru e Equador. O seu governo foi também marcado por um alto custo social e muita turbulência política – a Revolta da Vacina e o levante da Escola Militar da Praia Vermelha, ambos ocorridos em 1904”.

¹⁸⁰ Segundo Terezinha Oliva (1985, p. 192), “Esta amizade era correspondida por Rodrigues Alves, nos favores dispensados a seus correligionários e nas provas de prestígio de que pudera desfrutar o deputado diante dos seus conterrâneos”.

¹⁸¹ “Filho do coronel Francisco Antônio de Carvalho Nobre e D. Delphina Nobre, nasceu a 5 de dezembro de 1839 em Larangeiras e faleceu no Aracajú a 24 de dezembro de 1907. Bacharel em ciencias jurídicas e sociaes graduado na Faculdade do Recife em 21 de novembro de 1866, foi nomeado a 1 de agosto de 1868 promotor publico da comarca do Aracajú, curador de orphaos, deputado provincial, diretor geral da instrução publica por duas vezes em 1877 e em 1885, procurador fiscal do Thseouro Provincial, interino em 1874, diretor do Asylo de N.S da Pureza, vice-presidente da provincia, chefe de policia, interino, em 1890, juiz substituto do juiz seccional e vice-presidente do Estado”. Ver: GUARANÁ, op. cit., p. 245.

política de Sergipe deixou o personagem perplexo. Sobre a intervenção, Oliva precisa ser mais uma vez invocada, pois

O estudo específico do chamado “Caso de Sergipe” parece, entretanto, revelar o emaranhado de uma situação política da qual o presidente não pôde sair. Sua atitude aparentemente contraditória, desde o início, mostra, sem dúvida, como ele ainda tentou assegurar a empresa de Fausto Cardoso. Se não, como explicar o ensaio de intervenção realizado três dias após a tomada do poder em Sergipe, por um batalhão festivamente recebido pelos revoltosos, que chegaram a reconhecer a legitimidade do novo Governo? Ou, ainda, como explicar que, para repor um Governo, diante de um Estado em armas, fosse enviada uma força composta de apenas 21 oficiais e 36 praças, que não teve condições de garantir a reposição? Na verdade realizara-se um arremedo de intervenção, talvez para garantir a imagem de neutralidade do presidente da República e dar contas ao país de que afinal a Constituição fora cumprida, e o pedido da autoridade deposta, atendido. Aliás, o senador Barata Ribeiro, firme opositor, ainda no dia seguinte ao da citada intervenção, denunciava da tribuna do Senado o comportamento do presidente Rodrigues Alves, acusando-o de não ter agido eficazmente em Sergipe e de ter, ao contrário, favorecido simpatias pessoais (1985, p. 196).

A inércia e, ao mesmo tempo, o favoritismo do Presidente Rodrigues Alves no “Caso de Sergipe” eram evidentes, uma vez que não foi enviado um contingente inexpressivo de soldados para que pudessem garantir a ordem e reconduzir os governantes depostos aos seus respectivos cargos. Mas, se Fausto Cardoso e seus correligionários contavam com o apoio e a simpatia do mandatário da República, o séquito *olimpista* tinha no Congresso Nacional fortes e importantes aliados graças às tessituras políticas urdidas pelo sacerdote-senador Olímpio Campos, que deixava a par da situação do estado os colegas parlamentares, expondo que os soldados enviados por Rodrigues Alves não foram suficientes para recolocar o irmão e seu vice no governo.

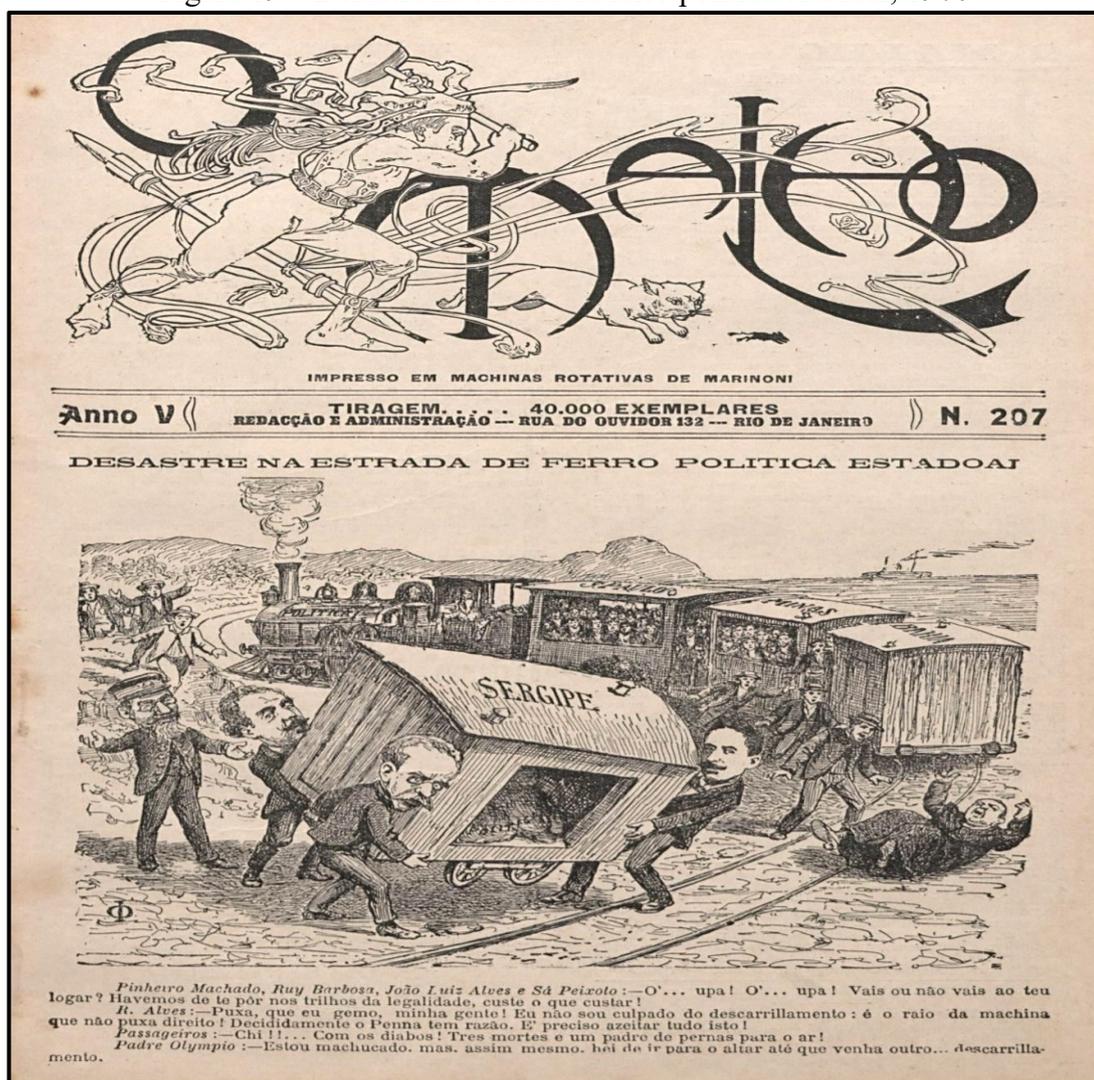
O Congresso então pressionou o presidente por uma intervenção mais eficaz e que garantisse o retorno do governo deposto ao comando, mas Rodrigues Alves resolveu delegar uma função que, segundo a Constituição de 1891, pertencia a ele. A prerrogativa de decretar intervenções federais nos estados era de responsabilidade do executivo e não do legislativo. Vê-se assim que o presidente desejava se eximir de qualquer ato que se referia aos acontecimentos revoltosos na menor unidade da federação. Tanto a Câmara quanto o Senado se mobilizaram para votar o pedido de intervenção em caráter de urgência.

O Congresso enfrentou uma questão crucial: o receio de que os eventos em Sergipe desencadeassem revoltas em outros estados, ameaçando o equilíbrio político nacional, baseado na aliança entre grupos oligárquicos. Cupertino Dantas testemunhou que os governantes

estaduais instruíram suas bancadas a evitar a abertura desse precedente, visto como uma ameaça constante a qualquer governo.¹⁸²

O medo de que outros movimentos insurgentes, a exemplo de Sergipe e, anteriormente, Mato Grosso, se espalhassem pelo país fez com que não apenas os parlamentares tomassem providências imediatas para sufocar o levante em Aracaju, mas os governadores das outras unidades federativas também se movimentaram temendo os mesmos destinos que as autoridades dos seu congêneres: morte ou deposição. A intervenção foi aprovada nas duas casas legislativas; restava reconduzir não apenas Guilherme Campos e Pelino Nobre aos respectivos cargos, mas recolocar Sergipe nos trilhos. Esse acontecimento não passou despercebido aos olhos e mãos dos hábeis caricaturistas da revista *O Malho*, como vemos a seguir.

Figura 19 – Desastre na estrada de ferro política estadual, 1906



Fonte: DESASTRE NA ESTRADA DE FERRO POLITICA ESTADUAL. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 207, 01 de setembro de 1906. p. 3.

¹⁸² PRADO, op. cit., p. 28.

Pinheiro Machado, Ruy Barbosa, João Luiz Alves e Sá Peixoto: - *Ó... upa! Vais ou não vais ao teu logar? Havemos de te pôr nos trilhos da legalidade, custe o que custar!*

Rodrigues Alves: - *Puxa, que gemo, minha gente! Eu não sou culpado do descarrilhamento: é o raio da machina que não puxa direito! Decididamente o Penna tem razão. É preciso azeitar tudo isto!*

Passageiros: - *Chi!!... Com os diabos! Tres mortes e um padre de pernas para o ar!*

Padre Olympio: - *Estou machucado, mas, assim mesmo, hei de ir para o altar até que venha outro... descarrilhamento.*

A caricatura (figura 19) representa três momentos do “Caso de Sergipe”. Nela vemos o Monsenhor Olímpio Campos caído, em uma analogia à queda do *Olimpismo* em Sergipe, mas mesmo no chão o sacerdote exclama “*hei de ir para o altar*”, se referindo ao altar da política, às rédeas do poder do Estado, ao invés da honra dos altares destinada aos santos da Igreja Católica. Vemos também o esforço de parlamentares para reconduzir Sergipe aos trilhos da federação “*custe o que custar!*”, fazendo referência à aprovação da intervenção federal postergada por Rodrigues Alves, que, como maquinista da República, tenta explicar o descarrilhamento de Sergipe, representado por um vagão fora dos trilhos tendo em seu interior sacos espalhados com a palavra “política” escrita sobre eles, se referindo à desordem que recaiu sobre o campo político sergipano.

É necessário também apontar algumas discrepâncias contidas nos escritos que seguem a caricatura. Ela foi publicada quatro dias depois do desfecho trágico da revolta, e, talvez por conta do atraso nas comunicações, as informações chegavam ao Rio de Janeiro de maneira imprecisa. No texto, os passageiros se referiram a três mortes em Aracaju, quando na verdade foram duas, sendo uma a do deputado Fausto Cardoso, como veremos mais adiante. O saldo de três mortes será contabilizado em novembro de 1906, com o assassinato do Monsenhor Olímpio na Praça XV, coração da Capital Federal do país.

Embora a caricatura em questão não tenha prestado qualquer homenagem à figura “olímpica” do nosso sacerdote-senador, apenas dez páginas adiante, na mesma edição de *O Malho*, outra ilustração oferece uma espécie de reconhecimento ao líder político sergipano, que é levado pelos braços do povo ao palácio do governo.

Figura 20 – Em Sergipe. A reposição da imagem, 1906

O MALHO

O DR. JOSÉ MARCELLINO FOI ALVEJADO, PELO JAGUNÇO, POR NÃO USAR O «SABONETE SANITARIO»

republicas, escutam-se nos clubs de *sports* e até no meio das vendinhas ambulantes o elogio à graça da Baroni e as admirações ao espirito do Turlay.

Tudo, para mostrar que têm gosto, corre ao Polytheama. Enche-se o gallinheiro, locupleta-se a geral, e a aristocracia, de binoculo em punho, em exhibição eterna de *pedrarias raras*, aboletta-se commodamente em camarotes de *primeirissima*, para digerir um pouco de italiano.

A's offuscações da luz, ardente, leitor, uma pequena projecção destas trevas.

Canta-se a «Bohèmes». Um silencio de morte paira entre as paredes dissimantes do theatrinho de taboa, interrompido ás vezes pelo interrogar estúpido de um visipho neophito. Termina a scena e os olhares se cruzam. Alguem applaude todos applaudem. Alguem não gosta, todos não gostam. Fimda-se o acto. Grupos discutem e com entusiasmo; e, cousa admiravel; no mesmo grupo todos têm a mesma idea, fazem o mesmo juizo sobre tal ou tal cantor; a questão é um mais eloquente começar. Aproximase um companheiro e diz: esplendida a Mondolesi: o côro repete: esplendida a Mondolesi.

Chega um amigo e em gesto autoritario, assumindo as proporções de competente, exclama, desgraçada: a Mondolesi; o dito côro ecoa *una voce*: desgraçada a Mondolesi.

Está prestes o desfecho da opera. A Bohemia, tristissima, vendo o espectro da morte, solta nos ultimos arrancos da vida o seu cânto de cysne.

Murmurio estranho: homens e mulheres erguem-se, precipitam-se para a porta, desprezando sem pena o melhor da peça, e os artistas, de bocca aberta, em ridicula posição, contemplam o theatro que se esvasia e o povo que foge na commoção... de perder o bond.

Moralidade — Ora, bolas!

BORO BORACICA — cura darthros.

EM SERGIPE. A REPOSIÇÃO DA IMAGEM

O Congresso resolveu a reposição do presidente e vice-presidente de Sergipe. Por esse motivo monsenhor Olympio de Campos assume de novo a posição activa de manda-chuva do Estado.

(Opinião publica.)



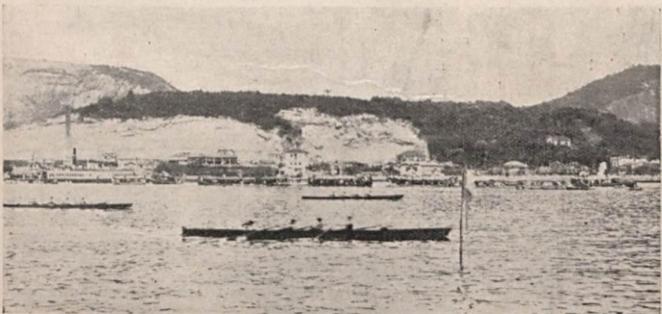
Os da procissão: — Viva monsenhor Olympio! — Vivôôô!... — Viva o grande patriota sergipano! — Vivôôô!... — Viva nós, que não fomos atrás das maluquices de seu Fausto! — Vivôôôôôôôôôô!

O monsenhor (comsigo mesmo): — Quem vos não conhecer que vos compre... Hontem tudo e todos contra mim... Hoje... tudo assim!... Bem dizia Carlos V — *Son los mismos perros com otras colleras*... Eu não direi esse desaforo e até entro de costas no templo do governo... para sahir bem á primeira voz...

“O MALHO” Vende-se uma collecção completa deste semanario, trata-se com Sr. Fausto. Rua do Cattete n. 115.

Agora, o caso de Sergipe, ou vai ou racha!
Queremos ver a conflagração do Estado, prometida pelo Sr. Faustoo Cardoso!
Ha de dal-as tezas! — como diziam os nossos avós.
Revoluções não são sonetos, salvo quando o adversario xio faz o pão escondido debaixo da batina. O Congresso fez muito bem. O exemplo de Sergipe podia alaz rarse e os governadores de outros Estados seriam obrigados a ir visitar o capitão do porto, para sem o prazer de renunciar. Mas que bella invenção: o naufragio da legalidade nas capitancias dos portos!...

Ora graças... *gracissimas!*
Fala-se na installação de um sanatório para tuberculosos, em Cascadura.
Dizem que trata disso o Sr. Oswaldo Cruz, de accordo com o provedor da Santa Casa, mas ao que parece, a cousa não será tão cedo.
Esperar-se-á, provavelmente, que a tuberculose assumna proporções de terremoto, para então se providenciar debaixo de arrocho de uma calamidade publica.
Tá bem, deixa!



REGATAS NO RIO DE JANEIRO. PAREO — Taça Jardim Botânico. — A chegada da yote a quatro remos Atbatroz, do Club Vasco da Gama, que ganhou o premio

Fonte: EM SERGIPE. A REPOSIÇÃO DA IMAGEM. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 207, 01 de setembro de 1906. p. 13.

Os da procissão: - *Viva monsenhor Olympio! — Vivôôô!... — Viva o grande patriota sergipano! — Vivôôô!... — Viva nós, que não fomos atrás das maluquices de seu Fausto! — Vivôôôôôôôôôô!*

O monsenhor (comsigo mesmo): - *Quem vos não conhecer que vos compre... Hontem tudo e todos contra mim... Hoje... tudo assim!... Bem dizia Carlos V — son los mismos perros com otras colleras... Eu não direi esse desaforo e até entro de costas no templo do governo... para sahir bem á primeira voz...*

A caricatura representa o retorno do *Olimpismo* ao poder em Sergipe, respaldado pela intervenção federal aprovada no Congresso. Com isso, o Presidente Guilherme Campos e seu vice são reconduzidos aos cargos de que outrora foram depostos; porém, na ilustração publicada em *O Malho*, não é o presidente que aparece, mas sim seu irmão e líder político, o sacerdote-senador Olímpio Campos, reforçando a sua liderança no campo político estadual. Olímpio Campos é carregado sobre intensos “vivas” da população, levado nos braços como se fosse um santo em um andor e em procissão. Percebamos que a figura do monsenhor se diferencia da dos demais: ela é retratada maior e com mais destaque, afinal, com a restauração do seu grupo no poder, todas as atenções estavam voltadas para ele.

O uso de uma frase atribuída a Carlos V, “*son los mismos perros com otras colleras*” (“são os mesmos cachorros com outras coleiras”), não é mera coincidência, pois Olímpio Campos sabia que os que aplaudiram seu retorno foram os mesmos que antes apoiaram a deposição do governo encabeçado por seu irmão. Ao usar uma frase atribuída ao rei espanhol e sacro-imperador romano germânico, a revista quis fazer uma analogia com o monsenhor, tendo em vista que o monarca foi considerado no século XVI uma das maiores autoridades cristãs e defensoras do Catolicismo, que utilizava sua fé para fazer política e assim conseguir se manter no poder de boa parte do continente europeu, com o intuito de “unificar seus vastos domínios e instaurar uma monarquia universal católica”¹⁸³. Percebe-se, assim, que tal comparação com Olímpio Campos não foi por acaso!

Mas o retorno do *Olimpismo* ao poder em Sergipe não seria pacífico¹⁸⁴ como talvez imaginassem o monsenhor e seus asseclas, na medida em que a oposição *Faustista* não aceitaria facilmente a retirada do governo provisório formado por ela. Em 27 de agosto de 1906, chega a Aracaju a força interventora liderada pelo General Firmino Rego, que imediatamente coloca o plano de reposição das autoridades depostas em prática. A princípio, ele compareceu ao “Palacete da Redenção”, residência onde Fausto Cardoso estava hospedado, com a intenção de pedir a cooperação do deputado e do presidente do estado em exercício no processo de recondução de Guilherme Campos e seu vice, Pelino Nobre, na condução do governo estadual, uma vez que havia intermediado as negociações quando os referidos governantes foram

¹⁸³ CARLOS V, Imperador. In: **Nova Enciclopédia Barsa**. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1998. p. 446-448.

¹⁸⁴ Grupos armados, intitulados “exército revolucionário”, foram mobilizados nos principais municípios sergipanos com o intuito de enfrentar as tropas interventoras caso fossem ordenados por Fausto Cardoso, que se encontrava na capital. Ver: OLIVA, op. cit., p. 199.

depostos pelas forças policiais e garantiu negociações pacíficas sem derramamento de sangue, como ocorrera no Mato Grosso¹⁸⁵.

No entanto, Fausto Cardoso não aceitou o convite do militar e tentou persuadi-lo a mudar de opinião e não realizar a recondução solicitada pelo Congresso Nacional, mostrando-lhe o caráter legal que a sua causa possuía, mas Firmino Rego, cioso de suas obrigações, não se deixou persuadir pelas colocações muito bem engendradas do deputado e partiu no dia seguinte, 28 de agosto, em direção ao Palácio do Governo para esvaziá-lo e, em seguida, reconduzir os *olimpistas* ao poder, que aguardavam em um caça-torpedeiro ancorado no rio Sergipe.

Fausto Cardoso, porém, não se deu por vencido, não queria ver o seu ideal se perder com o retorno do grupo de Monsenhor Olímpio às rédeas do poder e imediatamente convocou um grupo de apoiadores a marcharem com ele rumo à sede do governo para uma última tentativa de impedir a reposição; mas, quando chegaram ao grande prédio construído no século XIX, foram recebidos com tiros e golpes de baioneta.¹⁸⁶ O deputado é retirado do interior do palácio com uma das mãos feridas e testemunhando a morte de um dos seus correligionários, Nicolau Albino do Nascimento. A revista *O Malho* publicou uma fotografia de um dos feridos, o farmacêutico João Marsillac da Motta, o definindo como “*um moço distinto e foi vítima da sua dedicação á causa esposada pelo inditoso representante da nação*”¹⁸⁷. Essa foi a única fotografia de uma vítima que, embora ficasse gravemente ferida, sobreviveu à revolta.

A reação da tropa do Exército causou revolta a Fausto Cardoso, que os insultou, e, após isso, um barulho de tiro ecoou, seguido de um silêncio arrepiante e, por fim, tem-se a visão de Fausto ensanguentado, amparado por seu filho Humberto, sendo levado às pressas para o Palacete da Redenção. Ele não resistiu ao ferimento, mas, antes de cair nos braços da morte e ser levado para a eternidade, Fausto Cardoso pediu e tomou água: “*Bebo o sangue de Sergipe!*” foram as suas últimas palavras antes de sucumbir. Com essa cena teatral, o deputado tornou-se um mártir que, derramando seu sangue por um ideal, foi imolado diante das pessoas nas ruas de Aracaju. A morte de Fausto Cardoso pôs fim aos interesses da oposição em Sergipe, que via em seu líder um farol que a guiou perante as trevas *olimpistas*.

A morte de Fausto Cardoso foi sentida em diversas partes do país. Na então capital federal, Rio de Janeiro, a imprensa noticiava o fatídico desfecho do líder sergipano; nas tribunas

¹⁸⁵ A própria revista *O Malho* redigiu um texto em sua “*Chronica*” noticiando a presença de Fausto Cardoso e das autoridades depositas em uma reunião tida como familiar na casa do capitão do Porto onde o Presidente e o vice assinaram e deram ciência em seus atos de renúncia. Ver: CHRONICA. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano V, n. 205, 18 de agosto de 1906. p. 4.

¹⁸⁶ OLIVA, op. cit., p. 211; PRADO, op. cit., p. 30.

¹⁸⁷ A TRAGÉDIA DE SERGIPE. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano V, n. 213, 13 de outubro de 1906. p. 25.

da Câmara e do Senado, parlamentares discursavam emocionados, louvando as faces política e intelectual do falecido colega. Era o clima de comoção que se espalhava pelos Palácios Tiradentes e Monroe, sedes das duas câmaras legislativas do parlamento brasileiro. Não poderia ser diferente, afinal Fausto era um parlamentar respeitado, um exímio orador que mantinha uma relação de cordialidade com os demais colegas. Um intelectual, poeta e líder político que para muitos era a esperança de um novo Sergipe. A revista *O Malho*, que acompanhou através das suas caricaturas o desenrolar da política sergipana, também prestou homenagens¹⁸⁸ a Fausto Cardoso, publicando um texto telegráfico que foi acompanhado por uma fotografia do deputado (figura 21).

Figura 21 – O Dr. Fausto Cardoso, morto na Capital de Sergipe no dia em que ali foi reposta a autoridade legal desse estado, por ordem do Congresso Nacional, 1906

O MALHO

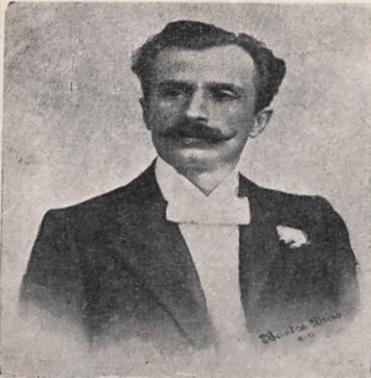
O «SABONETE SANITARIO» SERVE PARA LAVAR REGENASCIDOS

A VIAGEM DO DR. AFFONSO PENNA



EM BELÉM:—Grupo tirado em casa do consul de Portugal no Paris, por ocasião do almoço oferecido aos representantes da imprensa da comitiva presidencial.

A TRAGEDIA DE SERGIPE



O DR. FAUSTO CARDOSO, MORTO NA CAPITAL DE SERGIPE NO DIA EM QUE ALLI FOI REPOSTA A AUTORIDADE LEGAL DESSE ESTADO, POR ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL.

O Dr. Fausto Cardoso era deputado federal por aquelle Estado.

Pensador illustre, mentalidade juridica de grande qualite, poeta de largos vãos, orador vibrante, imaginoso e fluente, representou brilhantissimo papel como cientista, litterato e parlamentar.

Temperamento de franco luctador, animado por um espirito irrequieto, mettu-se de mais nos circulos dantescos do inferno politico, clieffando moralmente o pronunciamiento da opposição, que obrigou o presidente e vice-presidente legaes a renunciarem os seus cargos.

O resultado foi a intervenção federal com os successos deploraveis em virtudes dos quaes perdeu a Republica um soldado valente e corajoso, e o Brazil um nome illustre.

Ideia nitida do temperamento do Dr. Fausto Cardoso é a sua resposta ao general Firmino Rego, quando este se retirava após haver lhe aconselhado obediencia ao governo federal: *O general cumpra o seu dever, que eu cumprirei o meu, salvando a dignidade de minha terra; prepare os seus soldados, porque eu vou morrer na praça publica!*

Elixir de Nogueira do SILVEIRA encontrado em todo o Brazil.



Chrispim A. Rios

Autor do infallivel Vermifugo denominado Vermifugol Rios. Medicamento puramente vegetal, inoffensivo, vantajosamente conhecido e reputado como Salvador das crianças

Fonte: A TRAGEDIA DE SERGIPE. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 209, 15 de setembro de 1906. p. 32.

¹⁸⁸ A TRAGEDIA DE SERGIPE. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 209, 15 de setembro de 1906. p. 32.

A fotografia nos mostra Fausto Cardoso mirando o horizonte, com o olhar de alguém que pensava no futuro, e as vestimentas davam-lhe uma aura de respeitabilidade, afinal, para além de parlamentar, ele era um renomado intelectual sergipano. É interessante apontar que as fotografias de homens da elite, políticos, intelectuais e empresários eram geralmente captadas de busto, pois, de acordo com Carvalho (2008), “no retrato masculino o que importa é a sua individualidade construída pela expressão facial única, apresentada como uma assinatura, enquanto o corpo é praticamente neutralizado”¹⁸⁹. Junto com a fotografia (Figura 21), a revista publicou o seguinte texto:

O Dr. Fausto Cardoso era deputado federal por aquelle Estado. Pensador illustre, mentalidade juridica de grande quilate, poeta de largos vôos, orador vibrante, imaginoso e fluente, representou brilhantissimo papel como cientista literato e parlamentar. Temperamento de franco luctador, animado por um espirito irrequieto, meteu-se de mais nos círculos dantescos do inferno politico, chefiando moralmente o pronunciamento da opposição que obrigou o presidente e vice-presidente legaes a renunciarem os seus cargos. O resultado foi a intervenção federal com os successos deploraveis em virtudes dos quaes perdeu a Republica um soldado vcalente e corajoso, e o Brazil um nome illustre. Ideia nítida do temperamento do Dr. Fausto Cardoso é a sua resposta ao general Firmino Rego, quando este se retirava após haver-lhe aconselhado obediência ao governo federal: *O general cumpra o seu dever, que eu cumprirei o meu, salvando a dignidade de minha terra; prepare seus soldados, porque eu vou morrer na praça publica!* (O malho, 1906, p. 32).

As características de Fausto Cardoso são descritas com esmero pelo pasquim, afinal, como já foi apresentado nestes escritos, o deputado era presença constante nos mais importantes círculos da Capital Federal w possuía grande prestígio entre seus pares intelectuais e parlamentares. Sua atuação ativa e constante na política sergipana o levou à morte, porém não ao esquecimento, e, de uma forma ou de outra, o “Herói de Sergipe”, como era conhecido por muitos, entraria para a história.

O assassinato de Fausto Cardoso não ficaria impune. Para os seus correligionários, a ordem para atirar no líder da revolta partiu do Monsenhor Olímpio Campos, que também pagou com a vida o preço do seu envolvimento direto ou indireto no desfecho da revolta. Era tarde do dia 9 de novembro de 1906 no Rio de Janeiro, que se enfeitava para a cerimônia de posse de Afonso Pena¹⁹⁰ como sexto presidente do Brasil, a qual ocorreria seis dias depois. O Monsenhor

¹⁸⁹ CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Edusp, 2008. p. 224.

¹⁹⁰ “Afonso Augusto Moreira Pena nasceu em Santa Bárbara do Mato Dentro, atual município de Santa Bárbara (MG), no dia 30 de novembro de 1847, filho de Domingos José Teixeira da Pena e de Ana Moreira Teixeira Pena. Seu pai, português de nascimento, seguiu inicialmente a carreira militar, mas depois a abandonou. Era proprietário de terras e de uma lavra de ouro. Sua mãe provinha de uma importante família mineira que tinha o controle político sobre o município de Santa Bárbara. Foi deputado geral por Minas Gerais (1878-1884); ministro da Guerra (1882); ministro da Agricultura (1883-1884); ministro do Interior (1885); deputado geral por Minas Gerais (1886-1889);

Olímpio Campos havia regressado à capital para a abertura dos trabalhos no Senado e para participar da transmissão de cargo.

O desfecho trágico do sacerdote-senador já se anunciava, ecoando a fatídica partida de Fausto Cardoso meses antes em Aracaju. Os filhos do falecido deputado, Humberto e Armando, acompanhados de um primo, o atingiram com tiros e golpes de faca, deixando-o ensanguentado no calçamento da Praça XV (antiga Praça do Paço). Testemunhas contiveram os assassinos, enquanto a ausência de policiais tornava a cena ainda mais caótica. Posteriormente, após um período de prisão, os filhos de Fausto Cardoso e Délio Guaraná enfrentaram um julgamento no qual foram absolvidos, escapando da pena de prisão de 30 anos requerida pela promotoria.¹⁹¹

A repercussão desse evento causou indignação em Sergipe. Alguns acreditavam que Fausto instruíra seus filhos a culpar o senador caso algo lhe acontecesse, enquanto outros viam os jovens como peças nas maquinações políticas que levaram à execução do líder político em praça pública como retaliação aos eventos de agosto do mesmo ano. Essa dualidade de interpretações reflete a complexidade do cenário político da época e a intensidade das rivalidades que culminaram em tragédia.

O Monsenhor Olímpio Campos completamente ensanguentado foi levado para uma drogaria próxima em busca de ajuda médica, porém não resistiu e ali mesmo sucumbiu à morte, começando assim sua jornada para o outro mundo. O brutal assassinio do líder político sergipano causou enorme comoção em todo o país, e a imprensa não tardou a noticiar o ocorrido nas ruas da Capital Federal. A revista *O Malho*¹⁹² representou o assassinio através das seguintes caricaturas.

presidente do estado de Minas gerais (1892-1894); presidente do Banco da República (1894-1898); vice-presidente da República (1902-1906) e Presidente da República (1906-1909). Morreu no dia 14 de junho de 1909 no palácio do Catete, após ser acometido de forte pneumonia. O agravamento da doença se deu em razão da perda de seu jovem filho Álvaro, da morte de um irmão querido e, certamente, da impossibilidade de fazer seu sucessor. Seu mandato foi concluído pelo vice-presidente Nilo Peçanha” Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PENA.%20Afonso.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2023.

¹⁹¹ OLIVA, op. cit., p. 228.

¹⁹² O ASSASSINATO DE MONSENHOR OLYMPIO DE CAMPOS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 218, 17 de novembro de 1906. p. 17.

Figura 22 – O Assassinato de Monsenhor Olympio Campos (1), 1906

O MALHO

O ASSASSINATO DE MONSENHOR OLYMPIO DE CAMPOS

Os filhos do Dr. Fausto Cardoso resolveram vingar a morte de seu pai que, como os leitores sabem, foi vítima da carabina de um soldado da força federal, sob o comando do general Firmino Rego, na ocasião em que este dava suas ordens para que fosse desocupado o palácio do governo, em Aracajú, afim de dar posse ás autoridades legaes, depostas, em virtude de um movimento revolucionario, a que não fora estranho o malgrado deputado.

Com esta idéa fixa, os filhos dessa victima da politica encontraram, no dia 9, o senador mosenhor Olympio de Campos, chefe politico de Sergipe, irmão do governador legal; e, vendo nelle a pessoa sobre quem deveria recahir o peso da vingança, assassinaram-no com treze ferimentos de tiro de revolver e faca!

O facto doloroso causou enorme sensação, commettido como foi numa praça de grande movimento, ás 2 horas da tarde, contra um homem revestido do habito de ministro da igreja e que, afinal, era um senador da Republica.

Monsenhor Olympio de Campos procurou fugir dos seus aggressores e dizem que tambem defender-se com mais energia: ponto esse que pouco importa á parcialidade alarmante com que o facto foi apreciado.

O Malho lamenta profundamente esse crime que não aproveitou a ninguém, manchando a vida de dous ou tres moços e as paginas da politica republicana, tão cheias de *Saude e fraternidade...* no papel.

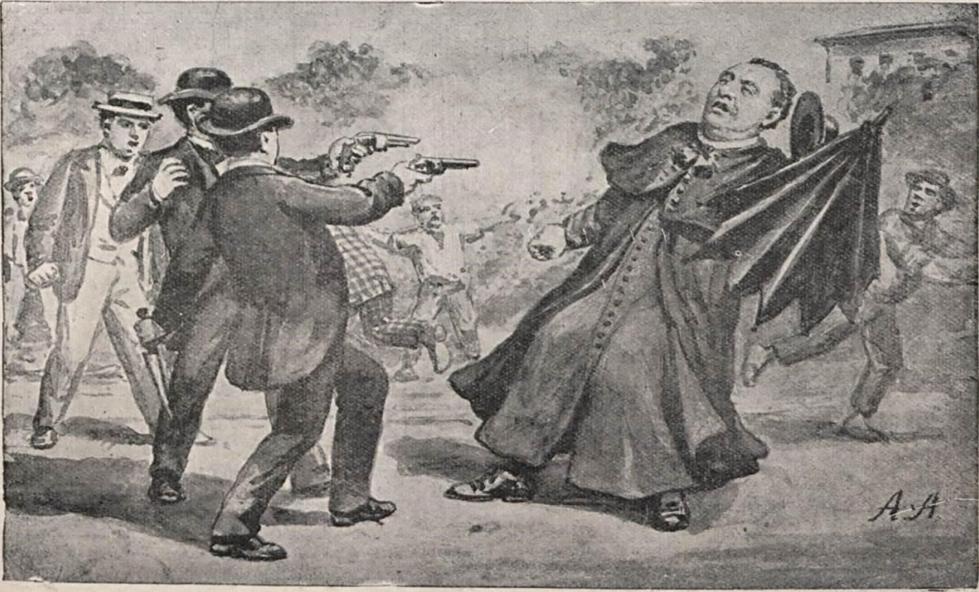
Devemos todos fazer votos e quebrar lanças para que se não implantem estes costumes selvagens num paiz que tanto se preza de ser civilisado.

Fazemos nossas as palavras de Ruy Barbosa no Senado.

«Levantando a sessão em obediencia ao acto do Senado, exprime não só a má-gua do Senado pela perda de um dos seus membros mais respeitaveis, como justo horror desta assemblea pelo crime odioso e selvagem, que com sacrificio de um innocente, revoltou na sociedade brasileira os seus sentimentos de justiça e de humanidade.»



Monsenhor Olympio de Campos
SENADOR FEDERAL POR SERGIPE E CHEFE POLITICO DE
INCONTESAVEL VALOR E NOMEADA

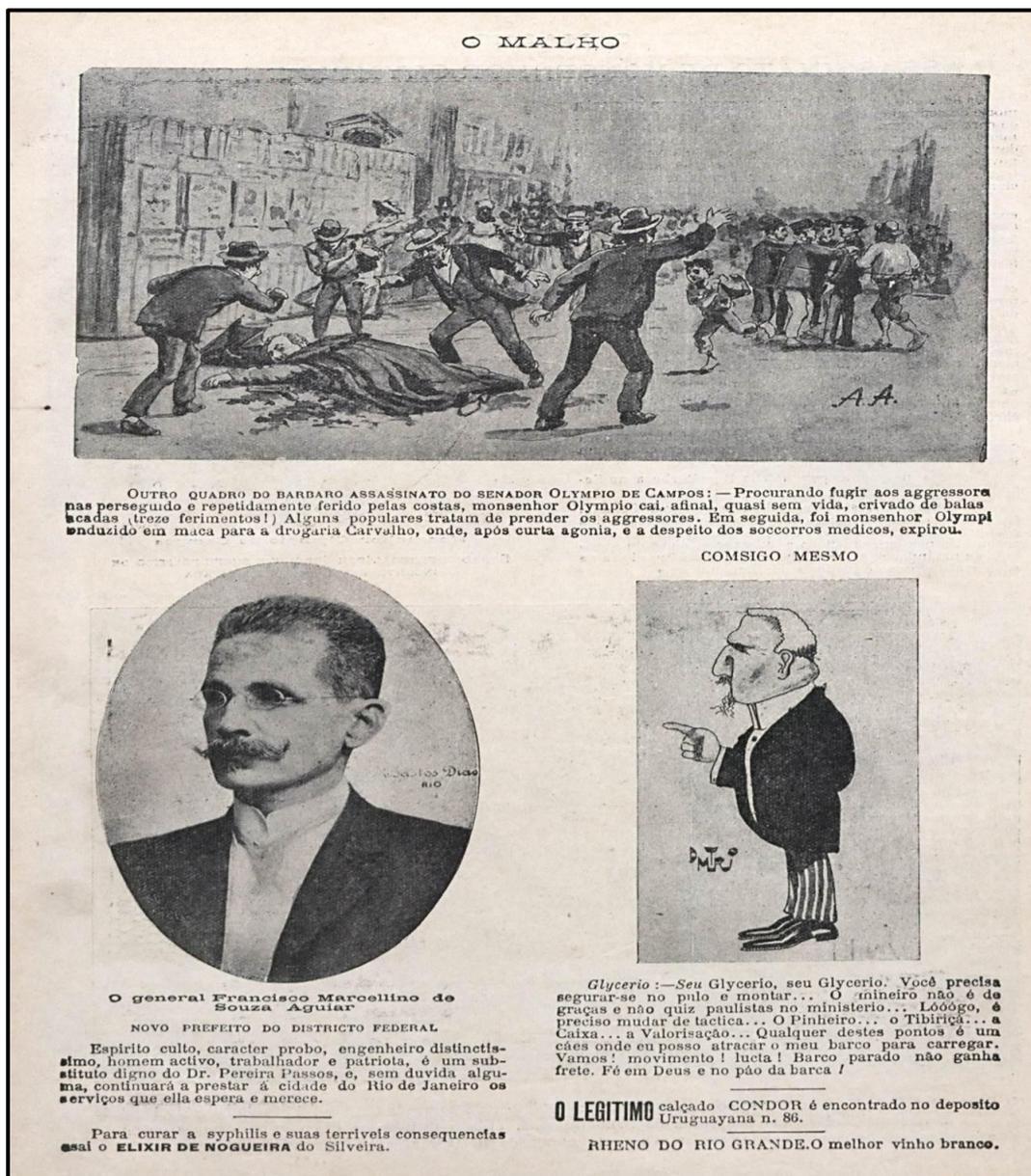


NA PRAÇA QUINZE DE NOVEMBRO (ANTIGO LARGO DO PAÇO): —Humberto e Armando Cardoso, filhos do fallecido deputado Dr. Fausto Cardoso, em companhia de Delio Guaraná, atacam mosenhor Olympio de Campos, produzindo-lhe ferimentos que lhe causaram a morte. A' falta de policia, transeuntes espavoridos procuram acudir.

Fonte: O ASSASSINATO DE MONSENHOR OLYMPIO DE CAMPOS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 218, 17 de novembro de 1906. p. 17.

NA PRAÇA QUINZE DE NOVEMBRO (ANTIGO LARGO DO PAÇO): - Humberto e Armando Cardoso, filhos do fallecido deputado Dr. Fausto Cardoso, em companhia de Delio Guaraná, atacam mosenhor Olympio de Campos, produzindo-lhe ferimentos que lhe causaram a morte. Á falta de policia, transeuntes espavoridos procuram acudir.

Figura 23 – O Assassinato de Monsenhor Olympio Campos (2), 1906



Fonte: O ASSASSINATO DE MONSENHOR OLYMPIO DE CAMPOS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 218, 17 de novembro de 1906. p. 18.

OUTRO QUADRO DO BARBARO ASSASSINATO DO SENADOR OLYMPIO DE CAMPOS: - Procurando fugir aos agressores, mas perseguido e repetidamente ferido pelas costas, monsenhor Olympio cai, afinal quasi sem vida, crivado de balas e facadas (treze ferimentos!) Alguns populares tratam de prender os agressores. Em seguida foi monsenhor Olympio conduzido em maca para a drogaria Carvalho, onde, após curta agonia, e a despeito dos socorros médicos, expirou.

O periódico carioca possuía em sua equipe editorial grandes nomes da caricatura brasileira na virada do século XIX para o XX como, por exemplo, Ângelo Agostini (1843-1910), que foi o responsável por assinar as duas caricaturas que representavam o assassinato do Monsenhor Olímpio Campos. O intuito do caricaturista em produzir duas imagens do evento

era criar uma narrativa gráfica sequencial que apresentasse de maneira impactante como ocorreu o assassinio, e, “apesar de Agostini não fazer uso dos balões, seus quadrinhos demonstravam um domínio soberbo da técnica de contar graficamente uma história”¹⁹³.

É importante salientar que os textos que seguem as ilustrações não foram escritos por Agostini, mas servem para situar os leitores ante os fatos e ajudar na leitura das caricaturas. Outro ponto a ser evidenciado é que antes dessas caricaturas o desenrolar da política sergipana e os enredos da Revolta Fausto Cardoso eram representados de forma cômica, pois a revista utilizava o humor gráfico para informar a população dos acontecimentos do país, principalmente no campo político. Entretanto, quando nos deparamos com os quadros do brutal assassinato de Olímpio Campos, vamos perceber que não há nenhum elemento humorístico neles; são cenas que causaram impacto nos que folhearam *O Malho*, que, à maneira cômica e, por fim, trágica, representou graficamente um acontecimento insurgente no pequeno estado do então norte brasileiro. Assim como o fez com Fausto Cardoso, o pasquim publicou uma fotografia de busto do senador.

O que diferencia a fotografia de Fausto Cardoso da de Olímpio Campos são as vestes de ambos. O monsenhor trajava uma batina, vestimenta usual dos sacerdotes, afinal, mesmo sendo um padre, ele fazia parte da política, pois, mesmo com o fim do padroado, quando o Estado intervia na igreja, os sacerdotes puderam atuar para além dos altares e púlpitos dos seus templos, muitos eram intendentes (prefeitos), deputados e/ou senadores, como fora o fotografado. O olhar sério, fitando o horizonte, mostra que o monsenhor crê no porvir, no futuro que se avizinha em sua frente. As duas fotografias recebem a mesma assinatura, a dos fotógrafos Bastos Dias¹⁹⁴, famosos por fotografar a elite carioca no início do século passado e que possuíam um concorrido estúdio localizado na Rua Gonçalves Dias, número 52 (mais tarde muda para o número 50), no centro do Rio de Janeiro.¹⁹⁵

As reações pelo assassinato de Olímpio Campos não diferem das da morte de seu adversário quase três meses antes. Deputados e senadores usaram as tribunas para prestar solidariedade à família Campos, principalmente ao presidente do estado e irmão do falecido. Ruy Barbosa o chamou de “um dos membros mais respeitáveis” do Senado e repudiou o crime,

¹⁹³ VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. O humor gráfico no Brasil pela obra de três artistas: Angelo Agostini, J. Carlos e Henfil. *Revista USP*, v. 88, p. 38-49, 2010.

¹⁹⁴ Trata-se dos fotógrafos Bernardino Bastos e Felicindo Dias, que tinham um estúdio fotográfico no Rio de Janeiro, onde registraram várias personalidades da política e da cultura nacional. Ver: KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: Fotógrafos e Ofício da Fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002. p. 78.

¹⁹⁵ É comum encontrar nas revistas ilustradas *Fon-Fon* e *O Malho* anúncios do estúdio do referido fotógrafo.

classificando-o como “odioso e selvagem”¹⁹⁶. *O Malho* sintetizou o acontecimento em um texto publicado junto com a foto de Monsenhor Olímpio Campos e as caricaturas de Ângelo Agostini.

Os filhos do Dr. Fausto Cardoso resolveram vingar a morte de seu pai que, como os leitores sabem, foi vítima da carabina de um soldado da força federal, sob o commando do general Firmino Rego, na ocasião em que este dava ordens para que fosse desocupado o palácio do governo, em Aracajú, afim de dar posse ás autoridades legaes depostas, em virtude de um movimento revolucionario, a que não fora estranho o malgrado deputado. Com esta idéa fixa, os filhos dessa vítima da politica encontraram, no dia 9, o senador monsenhor Olympio de Campos, chefe político de Sergipe, irmão do governador legal; e, vendo nelle a pessoa sobre quem deveria recahir o peso da vingança, assassinaram-no com treze ferimentos de tiro de revolver e faca! O facto doloroso causou enorme sensação, commettido como foi numa praça de grande movimento, ás 2 horas da tarde, contra um homem revestido do habito de ministro da igreja e que, afinal, era um senador da Republica. Monsenhor Olympio de Campos procurou fugir dos seus agressores e dizem que também defender-se com mais energia: ponto esse que pouco importa á parcialidade alarmante com que o facto foi apreciado. *O Malho* lamenta profundamente esse crime que não aproveitou a ninguém, manchando a vida de dous ou tres moços e as paginas da política republicana tão cheias de *Saude e fraternidade...* no papel. Devemos todos fazer votos e quebrar lanças para que se não implantem estes costumes selvagens num paiz que tanto se preza ser civilizado (O Malho, 1906, p. 17).

As mortes dos principais líderes políticos sergipanos não seriam esquecidas, mesmo no *post-mortem* seus nomes eram evocados, levando à baila das discussões questões como “quem mandou matar Fausto Cardoso?”, “seus filhos encerraram a vida de Olímpio Campos a mando de seu próprio pai?” e “qual a participação do General Firmino Rego na morte do então deputado?” Esses são questionamentos feitos até os dias atuais, e, pelo visto, Fausto Cardoso e Olímpio Campos não descansaram em paz após 117 anos passados.

3.4 O “POST-MORTEM” DO CONFLITO

Aracaju, 20 de novembro de 1906. Sob um céu escuro e carregado de nuvens de chuva, pessoas aguardavam a chegada do corpo do falecido senador e sacerdote católico, Monsenhor Olímpio de Sousa Campos. A escuridão do céu mesclava-se com as roupas de luto que vestiam a maioria dos presentes e os véus pretos que cobriam as cabeças das senhoras. Era uma típica manhã de primavera sergipana, quando os dias eram “*entre cortados por mommentaneos pés d’água*”, e as tardes, “*apagadas, de comunicativa tristeza e céu enturvecido*”¹⁹⁷. Parece que o

¹⁹⁶ O ASSASSINATO DE MONSENHOR OLYMPIO DE CAMPOS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 218, 17 de novembro de 1906. p. 17.

¹⁹⁷ O TEMPO. *Correio de Aracaju*, Aracaju, ano I, n. 8, 22 de novembro de 1906. p. 2.

tempo favoreceu o cenário de consternação que recaía sobre a capital de Sergipe. o luto era visto no céu e na terra, poderia ter dito alguma pessoa.

O jornal *Correio de Aracaju* dedicou a maioria de suas páginas para relatar as exéquias de Olímpio Campos¹⁹⁸, desde sua chegada à cidade até seu sepultamento na então Igreja Matriz, que, em 1910, quatro anos depois, seria elevada à condição de Catedral, com a criação da Diocese de Aracaju¹⁹⁹. Por isso recorreremos ao referido pasquim para nos situar e compreender os ritos *post-mortem* que foram realizados no funeral do monsenhor.

Ante-hontem ás 10 horas da manhã, após a cerimonia religiosa resada por 18 sacerdotes, desembarcou na ponte da Alfandega, onde o *Esperança* atracou, o cadáver de Monsenhor Olympio Campos, senador federal, que veio do Rio embalsamado, por ordem do seu digno irmão desembargador Guilherme Campos presidente do Estado. Na ponte da Alfandega estava presente o sr. dr. Guilherme Campos e todo o mundo official e os representantes do *Jornal de Noticias*, *Gazeta do Povo* da Bahia e *Correio de Aracaju*. [...] O corpo do extinto sacerdote e senador por Sergipe foi levado ao coche por uma commissão de amigos dedicados e d'alli transportado para a igreja Matriz que se achava ricamente aparamentada para recebel-o. Foi assim organizado o prestito: Entre duas aulas de pessoas todas as classes sociaes seguiu o féretro, que sobre o carro fúnebre, artisticamente ornado, deixava a todos uma impressão de sentimento doloroso. Adiante, carregado por quatro senhoras, ia uma charola formada por um bello ajuntamento de grinaldas de *biscuit*, de onde pendiam laços de fita preta com honrosas inscripções doiradas. Em segundo logar, também carregada por quatro senhoras, ia outra charola de semelhante formato, cujas capellas, se nos não equivocamos, eram offerecidas pelos mais íntimos amigos politicos do inditoso chefe. Após, seguia ainda um outro andor todo trajado de fino crepe, sobre cujos frôcos salientava-se um retrato a lapis, talvez de um côvado de tamanho, do Monsenhor Olympio Campos. Atraz, puxado por muitas pessôas gradas do nosso meio, rodava lentamente, religiosamente, o carro fúnebre que conduzia o cadáver do distincto sacerdote (*Correio de Aracajú*, 1906, p. 2).

O jornal descreve minuciosamente todos os detalhes das cerimônias fúnebres que foram realizadas para o Monsenhor Olímpio Campos quando o caixão chega à sua terra natal. Percebamos a magnitude das exéquias, que uniam os campos político e religioso, afinal não era apenas um simples sacerdote que estava sendo velado, mas também um senador da República e chefe político de Sergipe. O povo, habitantes da capital e do interior, se fez presente em diversos momentos do funeral que durou dois dias, mostrando o prestígio que o falecido possuía, apesar dos trágicos acontecimentos da revolta e do atraso econômico e social vivenciado em seu governo e nos sucessores do *Olimpismo*. Mas, muito mais do que isso, na

¹⁹⁸ MONSENHOR OLYMPIO CAMPOS. *Correio de Aracaju*, Aracaju, ano I, n. 8, 22 de novembro de 1906. p. 2.

¹⁹⁹ ANDRADE, Péricles. **Sob o olhar diligente do pastor**: a Igreja Católica em Sergipe: Editora UFS, 2010; CAVALCANTE, Bruna Morrana dos Santos. **Riqueza e Sociedade na Comarca de Aracaju**: um estudo sobre a dinâmica familiar da primeira elite de Aracaju (1885-1889). Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

Primeira República era comum a espetacularização da morte, principalmente entre as classes dominantes, algo herdado do período imperial, como nos mostram Schwarcz e Starling:

Os ritos fúnebres numa Monarquia são instrumentos dinásticos. Eles pretendem assegurar a continuidade da realeza e, em torno do corpo místico e sagrado do soberano, os jogos simbólicos – políticos, sociais e discursivos – ganham lugar na imaginação dos súditos. A força política do ritual monárquico está sustentada na liturgia da ininterrupção do poder, cujo cerimonial insere o corpo do rei na dimensão de um tempo e de uma história que lhe são anteriores e prosseguirão no futuro – morto, ele é o dínamo que mobiliza as forças sociais de um Reino ou Império. Já a República, ao contrário, transformou o culto dos mortos célebres em expressão de patriotismo. A liturgia cívica e sua celebração intenciona despertar no homem comum o sentimento de cidadão, isto é, de que todos pertencem a uma mesma comunidade política. Tal como ocorre no ritual monárquico, também o funeral republicano intenta produzir uma ritualização do tempo. Mas o significado é de certa maneira distinto: o tempo dos homens é momentaneamente abandonado para que a população possa experimentar o tempo eterno da Pátria e da República (2020, p. 294).

É perceptível que, mesmo com a mudança de regime, os ritos fúnebres na República possuíam os mesmos simbolismos que os da Monarquia. Enquanto na realeza os eventos – nascimentos, batismos, casamentos e funerais – são realizados para se eternizar no imaginário dos súditos e transferir para o próximo monarca todo o capital simbólico exercido pelo antecessor falecido, no republicanismo a exaltação do defunto era o que movia as exéquias, rememorar os seus feitos em vida, dar-lhe uma despedida solene e com a presença das pessoas, pois, na Primeira República, “a morte foi capaz de aglutinar uma quantidade relativa de pessoas nas cerimônias fúnebres”²⁰⁰ como uma forma de respeito a quem partia e aos seus. Conclui-se que a morte também é uma celebração que perpetua a memória dos falecidos. *O Malho* publicou²⁰¹, quase quatro meses depois, uma fotografia das celebrações fúnebres do Monsenhor Olímpio Campos; através dessa fonte visual podemos constatar que a matéria publicada no jornal sergipano dialoga com a imagem encontrada na revista carioca.

²⁰⁰ CERQUEIRA, Rafael Santa Rosa. **Nos domínios de Hades**: a representação social da Morte em Aracaju/SE durante a Primeira República. 109 f. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014. p. 75.

²⁰¹ UM CORTEJO FUNEBRE, EM ARACAJÚ, CAPITAL DE SERGIPE. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 234, 9 de março de 1907. p. 26.

Figura 24 – Um cortejo funebre, em Aracajú, capital de Sergipe, 1907



Fonte: UM CORTEJO FUNEBRE, EM ARACAJÚ, CAPITAL DE SERGIPE. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 234, 9 de março de 1907. p. 26.

Tomados pelo luto, empunhando guarda-chuvas e estandartes, os sergipanos aguardaram a chegada daquele que foi o chefe político do estado em um período turbulento para Sergipe. O povo, a igreja e os políticos se reuniram em um dia cinzento e chuvoso para se despedir do senador Olímpio Campos. A revista faz uma pequena, porém precisa, descrição do evento em Aracaju:

Vista tomada por ocasião do desembarque do corpo embalsamado do Monsenhor Olympio de Campos, no momento em que orava o talentoso litterato Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles. Mais de 1.500 pessoas fizeram parte deste funebre cortejo. Havia signaes de lucto por toda a parte. Os combustores da illuminação estavam cobertos de crêpe. De armas em funeral a força do Estado aguardou o cortejo, incorporando-se-lhe depois. Nota: Como sabem os leitores, Monsenhor Olympio de Campos, senador federal e chefe politico de valor incontestavel, fora assassinado aqui, no largo do Paço, próximo á rua Primeiro de Março. Embalsamado e conduzido para o último repouso na terra de seu berço, recebeu de seus conterrâneos as sentidas homenagens de que esta photographia é um pallido echo (*O Malho*, 1907, p. 26).

As homenagens fúnebres²⁰² seguiram com a realização de uma “*Via Crucis*” pelas principais ruas do Tabuleiro de Pirro. Na Igreja de São Salvador, primeira matriz de Aracaju, foi rezada uma das estações, simbolizando a fé católica que era professada e da qual o Monsenhor Olímpio Campos fora sacerdote. Ao encenar os últimos passos de Cristo antes de sua morte no funeral do mencionado líder político, os *olimpistas* desejavam transmitir para os presentes a imagem de um redentor ao falecido senador, que, imitando o martírio do filho unigênito de Deus, derramou seu sangue por Sergipe.

Em frente ao Palácio do Governo, outra estação, do lugar onde governara o estado por quatro anos (1899-1902), o ataúde recebeu as honras da guarda de plantão. Em frente à casa do falecido, a penúltima estação fora rezada, e, segundo noticiou o *Correio de Aracajú*, amigos e vizinhos choravam e lamentavam a perda, muitos foram acometidos por ataque de síncope e delírios devido à consternação.

Por fim, a última estação teve lugar na Igreja Matriz, onde os restos mortais do senador foram colocados sob um cadafalso na câmara ardente do templo e expostos para visitação pública até o dia do sepultamento. Às 8h da manhã do dia 21 de novembro de 1906, tiveram início as despedidas finais a Olímpio Campos com a celebração do *Réquiem*, e, por fim, ao descer para o jazigo aos pés do altar de Nossa Senhora da Pureza, o *Memento Mori* (“Lembre-se de que é mortal”) fora interpretado, comovendo a todos os presentes. Finalmente, Olímpio de Sousa Campos deixava a dimensão terrena em busca da eternidade e um espaço na memória dos sergipanos.²⁰³

Lamentavelmente, quando cotejamos a revista *O Malho*, não encontramos menções ou fotografias das cerimônias fúnebres do deputado Fausto Cardoso, mas Oliva (1985, p. 220) nos faz justiça ao dizer que “o enterro de Fausto Cardoso selou com pombas de vitória o final da revolta. Liderados por Gumersindo Bessa, os faustistas preparam verdadeira apoteose, só comparável à festa de seu desembarque”. Assim como Olímpio Campos, missas foram celebradas em honra à memória do seu rival todo dia 28 de cada mês, como também versos compostos em sua homenagem e até uma rosa fora batizada com seu nome, a “rosa Fausto Cardoso”²⁰⁴.

Se o pasquim carioca não fez as devidas honrarias a Fausto Cardoso em seu funeral, tal como realizou para Olímpio Campos, faria dez anos após os desfechos sangrentos da revolta.

²⁰² Sobre os rituais do funeral de Olímpio Campos ver: MEDINA, Ana Maria Fonseca; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **As Exéquias do Monsenhor Olympio Campos**. Aracaju: Criação Editora, 2024.

²⁰³ Os acontecimentos aqui descritos podem ser encontrados no jornal *Correio de Aracaju*. Ver: MONSENHOR OLYMPIO CAMPOS, op. cit., p. 2-4.

²⁰⁴ OLIVA, op. cit., p. 221.

O Malho publicou²⁰⁵ em suas páginas a inauguração de uma estátua do deputado sergipano, uma homenagem dos antigos correligionários, os *faustistas*. Tal feito, nas palavras de Prado (2009, p. 101), só foi possível graças ao fim do domínio dos *olimpistas* no governo do estado em 1911.

Figura 25 – FAUSTO CARDOSO (1), 1912²⁰⁶



Fonte: FAUSTO CARDOSO. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 528, 26 de outubro de 1912. p. 12.

²⁰⁵ FAUSTO CARDOSO. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 528, 26 de outubro de 1912. p. 12.

²⁰⁶ Legenda: Inauguração da estatua de Fausto Cardoso em Aracajú, a 7 de Setembro d'este anno: instantaneo tiradi no momento em que Dr. Olegario Dantas discursava.

Figura 26 – FAUSTO CARDOSO (2), 1912²⁰⁷

Fonte: FAUSTO CARDOSO. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 528, 26 de outubro de 1912. p. 13.

Para a confecção da estátua, os antigos correligionários de Fausto Cardoso organizaram uma lista de donativos entre a população com o intuito de arrecadar fundos para erguer o monumento na Praça do Palácio – que mais tarde seria rebatizada com o nome do falecido deputado –, um ponto estratégico e carregado de significados, pois, além de estar localizada no coração de Aracaju e ser o principal local onde as sociabilidades urbanas eram tecidas e onde estavam as sedes dos três poderes, foi lá onde ocorrera anos antes o desfecho da revolta, o idílio

²⁰⁷ Legenda: Em Aracajú, a 7 de Setembro d'este anno, no momento da inauguração da estatua de Fausto Cardoso: o Dr. Guimerindo Bessa, fazendo o seu discurso, 1912.

de Fausto com a morte. Assim, erguer um monumento ao “Herói de Sergipe” naquele espaço era “como se Fausto Cardoso recepcionasse aqueles que desembarcavam na cidade pela Ponte do Imperador, fazendo-lhes lembrar os acontecimentos de 1906”²⁰⁸. Ainda dialogando com Prado (2009, p. 104), as arrecadações superaram as expectativas; houve doações de sergipanos que residiam em outros estados, como também de pessoas ligadas politicamente ao *Olimpismo*; estas, por sua vez, preferiram o anonimato temendo represálias, que ainda eram constantes. O autor também nos diz:

Em novembro de 1911, decorridos apenas sete meses do lançamento das listas e sem qualquer tipo de ajuda financeira do Governo, a quantia arrecadada já era suficiente para pagar a estátua. Precisamente no dia 23 daquele mês, Ceciliano Vasconcellos, representante comercial da Comissão Promotora em São Paulo, celebrava o contrato com o escultor Lorenzo Petrucci. Pelos termos desse contrato, o valor de 25.500\$000 (vinte e cinco contos e quinhentos mil réis) a ser pago pela estátua seria quitado em quatro parcelas. No começo de 1912, Olegário Dantas, presidente da comissão, viajaria a São Paulo e aprovaria o modelo previamente avaliado por Ceciliano Vasconcellos que, em telegrama destinado à comissão, afirmava ser a estátua “rigorosamente fiel à fisionomia de Fausto”. Segundo Armindo Guaraná, foi de Olegário Dantas a idéia de erigir o monumento a Fausto Cardoso. Todavia, a documentação consultada não permite saber se foi dele também o projeto que definiu a forma com que Fausto Cardoso seria representado na estátua. A avaliação positiva do modelo era um indício de que tinha sido feliz a escolha do artista a quem foi confiada a estátua. Um dos expoentes no cenário artístico da *Belle Époque* paulistana, o escultor italiano Lorenzo Petrucci havia se destacado em duas grandes exposições coletivas realizadas em São Paulo: a Exposição de Belas-Artes e Artes Industriais (1902) e a Exposição Brasileira de Belas-Artes (1911). O trabalho realizado pelo escultor, que veio a Sergipe dirigir a montagem do monumento e aguardou a sua inauguração, mereceu da imprensa o reconhecimento de que fizera “obra de inexcusável valor” e em virtude da “perfeição de seu trabalho” recebeu da comissão promotora uma menção honrosa na sua última ata de reunião (Prado, 2009, p. 105-106).

Sob a nossa ótica, a escolha do artista foi certa, uma vez que ele assinou inúmeras obras que ornamentaram a São Paulo da *Belle Époque*, e ter um trabalho de sua autoria na pequena Aracaju era abrilhantar sua paisagem urbana. Salientamos que apenas em 1919, com o arrefecimento da epidemia de gripe espanhola e a melhora econômica das finanças estaduais, a capital vivenciaria sua bela época tardia em uma atmosfera de otimismo e transformação urbana²⁰⁹, encetada por uma equipe de arquitetos paulistas também de origem italiana, como o escultor da estátua de Fausto Cardoso. Logo, ousamos dizer que Lorenzo Petrucci foi o precursor da *Belle Époque* aracajuana.

²⁰⁸ PRADO, op. cit., p. 106.

²⁰⁹ Sobre as transformações urbanas de Aracaju e sua *Belle Époque* ver: CRUZ, Jeferson Augusto da. **Uma mão de verniz sobre o Tabuleiro de Pirro: Ecos da Belle Époque em Aracaju (1918-1926)**. Teresina: Editora Cancioneiro, 2022.

Após todos os preparativos, que incluíram desde a transladação dos restos mortais de Fausto Cardoso e Nicolau Nascimento, para serem depositados na base do monumento, até a recepção organizada para a família do deputado, que desembarcou em Aracaju vinda do Rio de Janeiro para testemunhar a inauguração, que, finalmente, ocorreu no dia 8 de setembro, data que por sinal diverge da publicada nas legendas das fotos pela revista *O Malho*, de fato o evento realmente seria realizado no Dia da Independência do Brasil, que nesse período ainda não era considerado feriado nacional, e, por conta disso, mesmo sendo um sábado, o comércio da capital funcionava. Atendendo a pedidos dos comerciantes, a cerimônia foi transferida para o dia seguinte, um domingo, o que garantiu a presença expressiva dos aracajuanos.²¹⁰ Porém, o atraso nas comunicações e as informações desencontradas resultaram na publicação na revista carioca com a data anterior. As festividades da inauguração da estátua transcorreram no dia 8 de setembro de 1912, seis anos após os eventos trágicos. Era um dia de celebrações regado a discursos emocionados, fogos de artifício, músicas entoadas pela banda marcial da Polícia Militar. Para encerrar o dia, houve uma quermesse, seguida de uma exibição cinematográfica em um dos cinemas locais.²¹¹

Não foi apenas uma inauguração, mas a exaltação da memória de alguém que para alguns era considerado um herói, para outros um idealista e para seus opositores um aventureiro que levou o estado de Sergipe ao caos, que culminou nos desfechos trágicos que sucederam. No entanto, ao erguerem uma estátua de Fausto Cardoso, seus amigos e companheiros de luta queriam mostrar que as lembranças daquele 28 de agosto de 1906 estavam vivas e que os ideais de seu líder não pereceram com ela. O monumento servia como um farol que guiaria os sergipanos para longe da escuridão. O ato de erguer uma estátua em homenagem ao seu líder não ficou restrito apenas aos *faustistas*, pois, em 1916, após nove anos realizando arrecadações de fundos, os *olimpistas* ergueram um monumento em homenagem ao Monsenhor Olímpio Campos em frente à catedral de Aracaju. De acordo com Prado (2009, p. 121-143), a ideia de erguer uma estátua em homenagem ao Monsenhor Olímpio Campos começou a ser gestada em 1907, na esteira da inauguração dos “Jardins Olímpio Campos”, ou seja, foi anterior à de Fausto Cardoso. Os mesmos moldes de arrecadação de fundos realizados para a confecção do monumento ao deputado foram realizados pela comissão *Olimpista*, mas a crise econômica que se abatera sobre Sergipe devido à seca, a baixa popularidade do governo de Guilherme Campos, que perseguira os opositores ligados ao *Faustismo*, e a falta de auxílio financeiro das gestões

²¹⁰ Giliard da Silva Prado (2009, p. 108) cotejou essas informações nos seguintes jornais sergipanos: *Diário da Manhã* e *Estado de Sergipe*. Tais afirmações foram consultadas e verificadas nos referidos impressos.

²¹¹ PRADO, op. cit., p. 108-109.

posteriores foram alguns dos fatores que impossibilitaram a homenagem ao senador ser realizada em tempo hábil como a de seu adversário político. Um artista no Rio de Janeiro foi contratado para moldar a estátua, e, assim como Lorenzo Petrucci, o responsável pela estátua do líder do *Olimpismo* era de origem italiana, chamado Rodolpho Bernardelli. Eram novas batalhas que seriam travadas, mas desta vez no campo da memória.

Contudo, os desdobramentos fatídicos da Revolta Fausto Cardoso não ficariam esquecidos na memória dos sergipanos e, quiçá, do restante do país, pois, mesmo após o *Post-Mortem* do conflito, a revista *O Malho* recebeu inúmeros telegramas questionando sobre a morte de Fausto, como, por exemplo, de um certo “Zé” natural da Bahia. Em resposta, o pasquim publicou em sua coluna “Caixa de *O Malho*”²¹² o seguinte texto:

Si ha responsaveis pela morte do mallogrado Dr. Fausto Cardoso, procura-os entre os que o animaram com sua aprovação ou com o seu silencio a chefiar moralmente a cilada policial que depoz a legalidade. Não consta que o *blóco* tivesse feito isso. A tua teimosia em igualar os casos de Sergipe e Matto Grosso assemelha-se á do peor cego... A tua censura ao Congresso faz rir: é a do procurador de Bocage... A vingar a tua theoria da não intervenção, teríamos o Brazil dividio nas taes *pequenas patrias dos positivos* desfructaveis. Quanto a olygarchias e falta de character, sim, senhor – lavraste um tento; é uma patifaria, Zé, uma grossa bambochata!... (1906, p. 19).

Pela resposta dada ao referido leitor baiano, podemos perceber que ele contactou a revista para fazer acusações, para alguns infundadas, sobre a morte do deputado Fausto Cardoso, ou seja, ainda se buscava um responsável pelo disparo feito pelo oficial do Exército e que culminou no fim do líder sergipano. A ausência de um culpado específico levou ao assassinato do Monsenhor Olímpio Campos meses depois no Rio de Janeiro. Para o pasquim carioca, o único culpado pela morte de Fausto Cardoso foi ele mesmo ao achar que os eventos no Mato Grosso reverberariam da mesma forma em Sergipe, quando o único fator similar foi o desfecho trágico porque a oligarquia *olimpista* prevaleceu. Após receber um número significativo de correspondências que tinham como conteúdo a procura ou atribuição de um culpado para o desfecho trágico da revolta, a revista publicou a seguinte nota:

As innumeradas cartas que temos recebido e a representação por illustres sergipanos dirigidas ao presidente da Republica convenceram-nos de que, infelizmente, não se tratou de um homicídio involuntario, como se fez crer a informação do Sr. General Firmino Rego, commandante da expedição militar e encarregado de repôr as autoridades legaes... pacificamente (O Malho, 1906, p. 25).

²¹² CAIXA DE O MALHO. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, n. 2010, 22 de setembro de 1906. p. 19.

Através desse excerto, é perceptível que *O Malho* mudou de opinião sobre o atentado em Aracaju, talvez por influência da “Colônia sergipana” no Rio de Janeiro, a qual informava a imprensa carioca e a classe política sobre os acontecimentos no longínquo estado do então norte do Brasil. Mas é necessário frisar que esse reduto de conterrâneos era muito ligado ao falecido deputado e que, provavelmente, eles informavam os acontecimentos de acordo com sua ótica pessoal e baseada nos relatos dos correligionários de Fausto Cardoso em Sergipe.

Além de *O Malho*, a *Revista da Semana* fez menção ao desfecho da revolta em Sergipe²¹³; em duas páginas ela noticiou a morte de Fausto, e no texto havia fotos do deputado com amigos e seus familiares. Por sua vez, em seu número 340, de 18 de novembro de 1906, o periódico publica uma foto, em apenas uma página, do ataúde do Monsenhor Olímpio Campos na Igreja de São Pedro no Rio de Janeiro, antes de ser trasladado para Sergipe²¹⁴. Tempos depois, em 14 de abril de 1917, quase 11 anos após a revolta, a revista *Fon-Fon* publicou uma fotografia de Fausto Cardoso quando criança ao lado de sua mãe. Foi o único achado que remete ao líder político sergipano. Na legenda estava escrito: “Fausto Cardoso, o saudoso deputado e valente orador Sergipano, falecido prematuramente há cerca de 12 anos. – A fotografia reproduz Fausto Cardoso, quando criança, ao lado de sua progenitora”²¹⁵.

Mas o fato é que *O Malho* informou, de maneira mais ampla, através de caricaturas, fotos e pequenos, porém significativos, textos o desenrolar das tensões no campo político sergipano no início do século XX e a culminância dos embates travados entre *Olimpistas* e *Faustistas*, como também as reações em seu *Post-Mortem*, mostrando assim que o culto à memória dos dois líderes permanecia vivo. Atualmente, no coração da cidade de Aracaju, Fausto Cardoso e Olímpio Campos estão frente a frente mais uma vez, representados pelas suas estátuas erguidas nas praças que levam seus nomes.

Por fim, podemos nos questionar sobre a finalidade de analisar caricaturas e fotografias de uma revolta quando o objetivo principal destes escritos é entender o que levou a cidade de Aracaju a ser presença constante nas páginas de folhetins cariocas no início do século XX. Apesar de os acontecimentos do conflito terem sido amplamente divulgados como se tivessem ocorrido de norte a sul de Sergipe, seu desenrolar e seu desfecho se deram na capital. Isso possivelmente impulsionou a publicação de outros assuntos sobre a urbe, assim como fez o campo intelectual no capítulo anterior. Em suma, o movimento insurgente contribuiu para

²¹³ O CASO DE SERGIPE, *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 329, 02 de setembro de 1906, p. 7-8.

²¹⁴ FIM DE UM DRAMA POLÍTICO, *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 340, 18 de novembro de 1906, p. 4.

²¹⁵ REMINISCENCIAS. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 15, 14 de abril de 1917. p. 30.

projetar negativamente a cidade de Aracaju, os aracajuanos e os sergipanos na imprensa nacional. Era preciso “limpar” a imagem sanguinária que se alastrou sobre a capital, assim como sobre o estado, algo que aconteceria quase duas décadas depois com o processo de modernização²¹⁶ da cidade. Esse assunto será abordado no próximo capítulo.

²¹⁶ Repetindo o gesto de Garanhuns, cidade localizada no agreste de Pernambuco, quando realizou uma vasta programação para celebrar o primeiro centenário da Independência do Brasil em 1922 e apresentar-se como uma cidade “moderna, higiênica e civilizada”. No entanto, o intuito era passar uma borracha em um fatídico evento conhecido como Hecatombe de Garanhuns, uma chacina que vitimou de uma só vez líderes políticos da cidade serrana pernambucana em 1917. O referido acontecimento recebeu atenção de toda a imprensa nacional, assim como a Revolta Fausto Cardoso em Sergipe. Ver: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros; CARDOSO, Igor. Na “Florescente Cidade Serrana”: celebrações do centenário da independência do Brasil em Garanhuns (Pernambuco, 1922). **Revista de História Municipal**, Recife, v. 13, n. 39, p. 155-171, mar. 2023.

4 “FON-FON EM SERGIPE”: Relatórios ilustrados de gestão nas páginas da revista carioca (1925-1926)

*Do Sergipe, a illustre e encantadora “fracçãozinha do Brasil”, póde-se dizer, sem lisonja, que é um nobre Estado fecundo de corpo e alma – fecundo de corpo em seu territorio uberrimo, que dá de tudo, em “quantum” e em “qualis”, do mais puro e do melhor, principalmente assucar e algodão; e fecundo de alma, pelos frutos da sua alta intelligencia, pela constante floração espiritual dos seus poetas, dos seus philosophos, dos seus juristas, dos seus historiadores, dos seus sociólogos, dos seus sabios.*²¹⁷

A década de 1920 traz consigo novidades e acontecimentos por todo o território nacional: as celebrações do primeiro centenário da Independência estavam sendo desenhadas, e a visita dos Reis da Bélgica, Albert I (1875-1934) e Elisabeth (1876-1965)²¹⁸, sacudiu de comentários o campo político, afinal era a primeira vez que monarcas reinantes pisavam em solo brasileiro após o fim da monarquia e com banimento da família imperial – revogado nesse mesmo ano²¹⁹. Em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo, um evento no campo cultural “abarcando apresentações musicais, palestras, récitas de poesia, além de uma exposição com uma centena de obras de arte. Patrocinada por figuras eminentes da burguesia paulista e realizada no Theatro Municipal”²²⁰ se intitulou como Semana de Arte Moderna e buscou cunhar uma nova identidade cultural para o Brasil em seus cem anos de Estado-Nação.

Tal evento não passou despercebido aos olhos de um beligerante Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), que nutria uma antipatia pelos modernistas paulistas devido à ligação desse grupo com a aristocracia cafeeira decadente; ao mesmo tempo, o carioquíssimo Lima Barreto sentia uma aversão ao bovarismo e ao elitismo, que segundo ele, estavam presentes nos intelectuais e artistas da “Paulicéia”²²¹.

Dentro dessa atmosfera que agitava os movimentos culturais, como também o campo político, em todo o país as principais cidades e capitais continuavam buscando se tornar modernas, e Aracaju continuava em cena. Após o desfecho dantesco da Revolta Fausto Cardoso no início do século XX, transcorrido em praça pública, era preciso retirar da capital as imagens violenta e sanguinária que foram atribuídas por conta do fatídico evento em 1906. Era

²¹⁷ RIQUEZA SERGIPENSE, *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 13, 28 de março de 1925, p. 55.

²¹⁸ Sobre esse acontecimento ver: FAGUNDES, Luciana Pessanha. **Uma República em festa!**: a visita dos reis da Bélgica ao Brasil (1920). São Paulo: Dialética, 2022. 264 p.

²¹⁹ JÚNIOR LIMA, Carlos; SCHWARCZ, Lilia Moritz; STUMPF, Lúcia Klück **O Sequestro da Independência**: uma história da construção do mito do Sete de Setembro. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 123

²²⁰ CARDOSO, op. cit., p. 18.

²²¹ SCHWARCZ, op. cit., p. 447.

necessário mostrar ao Brasil que a modernidade havia chegado às terras sergipanas, e os veículos propícios para essa finalidade foram as revistas ilustradas.

Em 24 de outubro de 1918, assumia a presidência de Sergipe, para um mandato de quatro anos, o coronel José Joaquim Pereira Lobo (1864-1933)²²², que chegou em um momento delicado na saúde pública: a pandemia de gripe espanhola, que ceifou vidas em diversas partes do globo, como também na menor unidade da federação brasileira. Estima-se, de acordo com o historiador Ibarê Dantas (2004)²²³, que 997 (novecentas e noventa e sete) pessoas sucumbiram por conta da *influenza* e que mais de 20 mil casos foram registrados em todo o estado.

Uma cidade que se queria moderna e urbanizada não poderia conviver com surtos epidêmicos que levassem a óbito sua população. Destarte, em menos de um ano de governo Pereira Lobo autoriza as obras de reforma urbana de Aracaju, porém o intuito não era apenas uma questão de saúde, pois a ideia central era modernizar a cidade para os festejos e celebrações do centenário da emancipação política de Sergipe em 1920. Não é intento destes escritos apresentar a reforma urbana capitaneada por Pereira Lobo, tampouco os seus resultados, pois seria retornar a caminhos já percorridos²²⁴, e isso tornaria este trabalho repetitivo. Entretanto, não nos impede de retornarmos aos acontecimentos, uma vez que dessa forma compreenderemos alguns dos motivos que levaram Aracaju a figurar nas páginas das revistas ilustradas meticulosamente utilizadas nesta pesquisa.

As ações de Pereira Lobo à frente do governo o projetaram nacionalmente, principalmente as obras da reforma urbana em Aracaju e os preparativos para as celebrações da efeméride da emancipação realizada em 24 de outubro de 1920. Às vésperas do evento, as imprensas local e nacional publicaram matérias enaltecendo a administração e o presidente. Encontramos um desses textos na revista *O Malho*²²⁵.

²²² “Filho do capitão Joaquim José Pereira Lobo e D. Joanna Rosa Pereira Lobo, nasceu na cidade de S. Christóvão a 23 de Dezembro de 1864. Verificou praça a 2 de Novembro de 1882, matriculando-se na Escola Militar do Rio de Janeiro, que cursou desde 1883 até 1888, quando se passou para a Escola Superior de Guerra, onde completou seus estudos em Fevereiro de 1889. [...] Em 1896 foi eleito Deputado á Assembléa Legislativa de Sergipe para o biennio de 1897-1898, e pouco tempo depois Vice-Presidente do Estado. Nessa qualidade teve de assumir, no anno seguinte, as funções do cargo de Presidente por lh’as haver passado, em virtude de licença, Presidente Dr. Martinho Garcez, [...] Eleito senador por seu Estado em 19 de Novembro de 1914, renunciou a senatoria depois de ter assumido o Governo do Estado para o qual fora eleito em 1918, terminando o governo a 24 de Outubro de 1922” (Guaraná, 1925, p. 169-170).

²²³ DANTAS, op. cit., 125, p. 37.

²²⁴ Sobre a reforma urbana de Aracaju capitaneada por Pereira Lobo, ver: CRUZ, op. cit., p. 69-110.

²²⁵ SERGIPE EM PLENA PROSPERIDADE: A administração do Sr. Pereira Lobo, *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 944, 16 de outubro de 1920, p. 28.

Figura 27 – Sergipe em plena prosperidade: a administração do Sr. Pereira Lobo, 1920

O Malho

SERGIPE EM PLENA PROSPERIDADE

A ADMINISTRAÇÃO DO SR. PEREIRA LOBO

O Sr. Pereira Lobo, presidente do Estado de Sergipe, com a sua recente mensagem, que tantos factos compendia e tantas idéas aventa, torna-se entre os administradores do Brasil uma das personalidades de mais relevo e mais dignas de sympathia.

Disposto a realizar na sua terra uma obra politica de criação, tendo em vista não só as necessidades presentes, mas as que se relacionam com o futuro, lançando em bases solidas os princípios da grandeza espiritual e material do Estado — o Sr. Pereira Lobo não tem poupado esforços na prosecução do seu elevado objectivo, conduzindo com maestria os elementos de acção que encontrou e fazendo surgirem outros das proprias circunstancias, para a obtenção do exito. Na mensagem já se consignam os resultados das suas iniciativas encaminhadas em varias direcções, todas abrangendo no campo das possibilidades praticas do Estado os pontos essenciaes do seu progresso. Instrucção, estradas, saneamento, embelezamento, construção de edificios na capital, abertura de canaes, desenvolvimento de rios navegaveis,apparelhos agricolas, auxilios e estímulos á lavoura, ensino civico e aperfeiçoamento dos methodos nas escolas, culto á memoria dos sergipanos notaveis — tudo enfim que possa concorrer para o enriquecimento geral e para a melhoria das condições de vida da população, sua eficiencia, conforto e contentamento, todo o conjuncto dos problemas effectivos do Estado tem sido tentado e continúa a ser praticado com mão firme e animo clarividente pelo illustre chefe do poder executivo da pequena, energica e brilhante unidade da Federação. E' uma orientação equilibrada a do Sr. Pereira Lobo, quer no ponto de vista propriamente administrativo, quer no ponto de vista politico, servindo de um lado os interesses do povo em geral, estimulando a produção, a economia e as exigencias concretas do desenvolvimento do Estado e do outro ao congraçamento, á harmonia e á plenitude de satisfação da familia sergipana, onde, (pode dizer-se) não ha descontentes.

As unicas vozes discordantes, provenientes de despeitos e rivalidades pequeninas, que ao começo do quadriennio quebravam a unanimidade dos applausos em torno do governo — tiveram que emudecer por falta de eco, senão pelo reconhecimento de que Sergipe não teve ainda situação que mais proficuamente correspondesse aos appellos do seu povo.

E a verdade é que o Sr. Pereira Lobo tem uma virtude que mais do que qualquer outra o torna querido entre os sergipanos: é a sua sinceridade, é a lealdade do seu caracter.

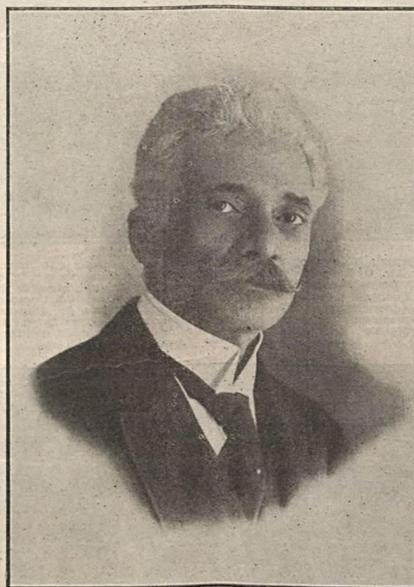
Soldado culto, espirito ardente, formado na escola da honra, republicano desde menino, orador fluente e brilhante, que fala sempre a linguagem do coração — por isso sempre agrada e empolga — o illustre engenheiro militar acha-se num posto que lhe é grato a todas as suas aspirações de moço e de patriota e propicio ao exercicio de todas as suas faculdades de homem publico.

A idéa do bem de Sergipe não lhe apparece um escopo como muitos outros, mas como um ideal luminoso, a que elle se dedica com todas as forças do seu espirito e com todo o ardor do seu coração.

Para elle, governar a sua terra é cumprir um sacerdoçio, com a gratificação de todas as energias physicas e mentaes, devotar-se emfim, de manhã á noite, com o entusiasmo de um crente exercendo os actos da religião que abraçou. Por isso que está no governo para servir ao povo, é elle o presidente democrata a quem todos podem procurar-o e ouvir, com quem todos podem comunicar-se, no mutuo desejo de cooperar para a felicidade da terra.

Sergipe não tem dividas, suas rendas crescem, todos os seus interesses e problemas estão sendo attendidos. E' um Estado modelo entre os pequenos Estados da União.

O Sr. Pereira Lobo, o presidente que realiza esta actualidade feliz, é o obreiro do futuro, o creador do novo Sergipe ancioso de gloria, em plena expansão da sua vitalidade esplendida e do seu genio.



DR. PEREIRA LOBO
Presidente do Estado de Sergipe

Fonte: SERGIPE EM PLENA PROSPERIDADE: A administração do Sr. Pereira Lobo. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 944, 16 de outubro de 1920, p. 28.

É perceptível no texto de *O Malho* o quanto possuía um carácter apologético, pois enaltece e celebra a pessoa do presidente e menciona alguns dos seus feitos em áreas consideradas importantes, com ênfase no “*saneamento, embellazamento, contrucção de edificios na capital*”. Cria-se, portanto, a representação de um bom governante, dizendo que

“*não ha descontentes*” no estado, sendo que seus opositores eram silenciados e jornais que publicassem críticas à sua administração eram empastelados e seus donos partiam de Sergipe. Estávamos no contexto da Primeira República, e o presidente sergipano era um militar, por isso ações de silenciamento contra opositores, como as citadas, eram corriqueiras. Nada de novo no *front!*

É intrigante lermos um texto desse cunho justamente nas páginas da revista *O Malho*, que, como vimos anteriormente, tinha como principal função em seu editorial a crítica humorística e, na maioria das vezes, ácida contra a classe política no nascente regime republicano. Logo, percebemos que tais escritos se tratam de uma matéria paga com o intuito de glorificar a imagem de um governante, prática corriqueira que perdura até os dias atuais.

A imprensa ajudou a disseminar as transformações no espaço urbano e, ao mesmo tempo, enaltecia e celebrava os administradores públicos, responsáveis por porem o projeto de remodelação urbana em funcionamento. A presença constante de agentes do campo político reforça a hipótese dessas matérias pagas com o intuito de mostrar ao restante do país que, assim como suas congêneres, “Aracaju também moderniza-se”.

No centro do texto, uma foto de perfil com ares aristocráticos de um circunspecto e sisudo Pereira Lobo, que estava elegantemente vestido, com cabelos e bigode arrumados, munindo-se com um olhar altivo e penetrante mirando diretamente para a câmera. Esses são elementos usados para impressionar, técnicas comumente utilizadas nos primórdios da fotografia.²²⁶

Em 24 de outubro de 1922, Pereira Lobo transmite a chefia do governo para seu sucessor, o professor e ex-senador Maurício de Graccho Cardoso (1874-1950)²²⁷, e coube a ele dar continuidade às obras inacabadas da capital deixadas por seu antecessor, porém ele estende para outras partes do estado seu projeto modernizador, não ficando restrito apenas a Aracaju, e, obviamente, inteirou o país de suas ações administrativas através das revistas ilustradas. Dessa forma, o intuito deste capítulo é apresentar como o mencionado processo modernizador e a incessante busca pelo progresso contribuíram para a publicação de um significativo número de fotografias vinculadas a textos na revista *Fon-Fon* e como isso ajudou a projetar Sergipe para

²²⁶ SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 108.

²²⁷ “Filho do professor Brício Cardoso 9 [...] e de D. Mirena Cardoso, nasceu em 9 de agosto de 1874 na cidade de Estância. [...] Nascido de uma família de brilhantes tradições intelectuais no Estado, iniciou muito cedo a vida á que o atraíha desde menino, - a vocação das boas letras, recebeu deles o exemplo de amor à causa pública, interessando-se precocemente pela política, na qual tiveram em Sergipe situações de destaque [...]”. Foi senador, deputado por Sergipe e pelo Ceará, vice-presidente e, por um curto período, presidente do Ceará e presidente de Sergipe. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 227.

além dos seus limites naturais, evidenciando que, assim como outras partes do país, o menor estado da federação seguia os passos dos seus congêneres em busca da prosperidade.

4.1 O GOVERNO DE GRACCHO CARDOSO EM (RE)VISTA

Como mencionado anteriormente, Graccho Cardoso tomou posse como Presidente do Estado de Sergipe em outubro de 1922, ano do centenário da Independência do Brasil, e as celebrações continuavam na baila das discussões dentro e fora do campo político. A necessidade de levar o país ao progresso era assunto de pautas frequentes, e usar a efeméride para essa finalidade foi uma forma de driblar as instabilidades políticas²²⁸ vivenciadas no governo federal, encabeçado pelo Presidente Epitácio Pessoa (1865-1942)²²⁹.

Retornando ao início do governo Graccho Cardoso, a revista *Fon-Fon* não tardou a publicar algo que remetesse a esse momento em Sergipe, e, dias depois, em edição datada de 4 de novembro de 1922²³⁰, o semanário carioca dava o tom da sinfonia que seria tocada pela nova administração e apresentava os seus regentes: os agentes políticos da nova gestão.

²²⁸ Greves operárias, Revolta do Forte de Copacabana (05/07/1922) e a criação do Partido Comunista do Brasil (PCB) foram alguns dos fatores que causaram a instabilidade na gestão epitacista (1919-1922). Ver: SCHWARCZ, op. cit., p. 444.

²²⁹ “Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa nasceu em Umbuzeiro (PB) no dia 23 de maio de 1865, filho do coronel da Guarda Nacional e senhor de engenho José da Silva Pessoa e de sua segunda mulher, Henriqueta Barbosa de Lucena, ambos descendentes de proprietários rurais pernambucanos. Caçula de cinco irmãos, perdeu os pais, vítimas da varíola, aos sete anos de idade, e foi entregue aos cuidados do tio materno, Henrique Pereira de Lucena, depois barão de Lucena, então presidente da província de Pernambuco. [...] Após concluir o curso de humanidades, Epitácio ingressou, em 1882, na Faculdade de Direito do Recife, onde também estudavam na época Graça Aranha e Sílvio Romero. Obrigado a dar aulas particulares para custear suas despesas, nos três primeiros meses do ano de 1883 foi também promotor em Ingá (PB). Bacharelou-se em novembro de 1886. [...] Um mês depois de formado, foi nomeado promotor público em Bom Jardim (PE), ali permanecendo até fevereiro de 1887, quando foi transferido para a cidade do Cabo (PE). Em junho de 1889, após uma contenda em torno de um processo criminal com o juiz de direito Francelino Teixeira de Sá, que repercutiu na imprensa de Recife, pediu demissão do cargo, e no início de novembro embarcou para o Rio de Janeiro, com o objetivo de tentar uma nova nomeação em Minas Gerais ou em São Paulo. Chegando ao Rio, através de seu irmão mais velho, o tenente José Pessoa, estabeleceu imediato contato com o marechal Deodoro da Fonseca, também amigo pessoal do barão de Lucena. Proclamada a República alguns dias depois e instalado o governo provisório de Deodoro, José Pessoa foi escolhido ajudante de ordens do presidente, enquanto Epitácio obtinha trânsito fácil no palácio do Itamarati, sede do governo republicano”. Foi deputado na assembleia que promulgou a primeira Constituição da República, também ocupou os cargos de Ministro da Justiça (1898-1901), Procurador-Geral da República (1902-1905), Ministro do Supremo Tribunal Federal (1902-1917), Presidente da República (1919-1922) e, por fim, Senador pela Paraíba em dois mandatos (1913-1919 e 1924-1930). Faleceu em Petrópolis/RJ no dia 13 de fevereiro de 1942. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PESSOA,%20Epitácio.pdf>; Acesso em: 20 set. 2023.

²³⁰ A NOVA ADMINISTRAÇÃO DE SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVI, nº 44, 04 de novembro de 1922, p. 55.

Figura 28 – A Nova administração de Sergipe, 1922

A NOVA ADMINISTRAÇÃO DE SERGIPE



DR. HUNALD CARDOSO
SECRETARIO GERAL DO ESTADO





DR. BAPTISTA BITTENCOURT
PREFEITO DE ARACAJU

Mas ha uma circumstancia especialissima que faz acreditar, não só na esperanza de um fecundo quadriennio, mas tambem na realidade mesma da sua objectivação. E' que o novo Presidente de Sergipe, com um bello passado politico e com as suas esplendidas idéas de governo, foi procurar para as pôr em execução, espiritos mocos. O que vale dizer: a administração terá a experiencia e a capacidade do seu eminente director, fortalecida, para a acção, pelo entusiasmo e dedicação da mocidade.

Os auxiliares de governo do Dr. Graccho Cardoso, si bem que jo-

Vem de tomar posse do governo de Sergipe o illustre Dr. Graccho Cardoso. Esse facto não pôde cingir se á banalidade do noticiario politico, porque, na personalidade do novo Presidente sergipano, se acham reunidas taes qualidades, meritos tão seguros e dotes singulares de administrador, que o põem acima dos comentarios vulgares ou de favor.

Realmente, para bem gerir aquelle Estado nordestino, na figura do seu actual Presidente se encontra a tradição brihante de um antigo parlamentar, affeito ás necessidades do paiz: alli tambem se concretizam os nobres predicados de um professor de direito; nella ainda se depara a experiencia de um homem de governo, adquirida em longos annos de administração federal e estadual, tanto no Rio como no Ceará.

Tudo isso se vê superiormente confirmado na esplendida plataforma de governo que o Dr. Graccho Cardoso acaba de lêr, por occasião da sua posse.

vens, não são nomes desconhecidos no paiz. O Dr. Hunald Cardoso, que vem de ser empossado na secretaria geral do Estado é uma lucida penna de jornalista que até agora secretariava o *Sergipe-Jornal*, em Aracajú. Foi tambem fiscal federal do Ensino junto aos Lyceus de Alagoas e Sergipe. Ainda ha pouco dirigiu, com superior criterio, a representação de Sergipe na Exposição do Centenario. O Dr. Baptista Bittencourt, que continúa como intendente de Aracajú, é ai da deputado á Assembléa Sergipana, da qual é o *leader* actual. O Dr. Cyro Cordeiro de Farias, que assumiu a Chefa de Policia do Estado, já exerceu o lugar de official de gabinete do Ministerio da Agricultura, nas administrações José Bezerra, Pereira Lima, Simões Lopes e Pires do Rio.

O Dr. Claudio Ganns, que em Sergipe se retuariará a Presidencia do Estado, é nosso antigo collega de imprensa no Rio, onde trabalhou, no *Imparcial* e nesta casa, á qual serviu como secretario de redacção durante 3 annos.

A nova administração sergipana acha-se por tal forma constituída, de maneira a inspirar confiança no povo daquelle Estado, pelas virtude e predicados dos seus componentes, e, pelo nome que á chefa e pelo dos seus auxiliares directos, fadada a realizar, no pequeno Estado do norte, uma grande obra de benemerencia e patriotismo.



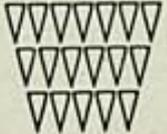
DR. CYRO C. FARIA
CHEFE DE POLICIA



DR. GRACCHO CARDOSO
PRESIDENTE DE SERGIPE



DR. CLAUDIO GANNS
SECRETARIO DA PRESIDENCIA



Assim como sua contemporânea *O Malho* fez quando enalteceu o presidente Pereira Lobo e sua administração, a *Fon-Fon* não poupou sedas e as rasgou em forma de textos elogiosos a Graccho Cardoso, destacando suas qualidades, que, segundo a revista, eram “*meritos tão seguros e dotes singulares de administrador, que põem acima dos comentarios vulgares ou de favor*”²³¹. É possível que o texto tenha sido redigido para pôr fim às dúvidas que pairavam em torno da capacidade de governança do presidente Graccho, uma vez que, mesmo sendo sergipano oriundo de uma prestigiada família do ramo educacional, a atuação política dele se deu, em sua totalidade, fora do estado natal, apesar de ter ocupado cadeiras de deputado federal e senador por ele.

Cabe destaque para os outros membros do governo, que eram possuidores de “*espíritos moços*”, em uma alusão à juventude desses agentes políticos. Apresentar-se como uma administração composta por jovens era uma forma de inspirar confiança no povo, uma vez que o governo de Pereira Lobo era majoritariamente constituído de homens mais maduros.

Era também uma forma de mostrar que o velho e/ou antigo ficou no passado e que a “ *fina flor*” da juventude do campo político sergipano possuía talento e experiência para pôr em prática as “*esplendidas idéas de governo*” de Graccho Cardoso. Na História republicana, é costumeiro apresentar o velho como sinônimo do passado e do atraso em contraposição ao jovem, que representa a vitalidade e a força para alcançar os objetivos e, por que não, a modernidade tão almejada. Tais práticas perduram até os dias atuais!

Para ilustrar o enaltecedor texto da *Fon-Fon*, fotografias dos principais membros do governo estão nas extremidades, e no centro, em tamanho maior, se encontra a foto do presidente empossado, que, assim como os demais, está elegantemente vestido, afinal a imagem não poderia ser meramente ilustrativa, deveria impactar, impressionar o leitor, e, como uma invenção moderna, a fotografia era “*a imitação mais perfeita da realidade*”²³², e era isto que deveria transmitir: a realidade do governo novo, jovem, com vitalidade, que tomava posse e que colocaria em prática seu discurso de progresso.

A busca pelo almejado progresso seria um mantra cantado religiosamente durante a gestão Graccho Cardoso, que garantiu que continuaria as obras de remodelação da capital deixadas por seu antecessor, mas o intuito era que todo o estado recebesse as melhorias advindas da modernidade, e, para difundir isso pelo Brasil, o presidente de Sergipe contou com o apoio esfuziante da revista *Fon-Fon*, e a ponte com o semanário deve-se à atuação do secretário da

²³¹ A NOVA ADMINISTRAÇÃO DE SERGIPE, op. cit. p. 55.

²³² DUBOIS, Philippe. *O Ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. p. 27.

presidência, o advogado e jornalista carioca Cláudio Ganns²³³, que trabalhou na revista durante três anos como secretário de redação. Ganns estreitou laços de amizade com Graccho durante a estadia no Rio de Janeiro quando o sergipano exercia os mandatos parlamentares e por isso foi convidado a compor o governo. Era unir o útil ao agradável, sem dúvida!

Cabe destacar também a presença de Hunald Santa Flor Cardoso (1894-1972)²³⁴, irmão mais novo do presidente e que mais tarde, como veremos, ocupará a intendência municipal de Aracaju. Apesar da mocidade, o jovem advogado já carregava alguns méritos em sua trajetória como, por exemplo, dirigir a representação de Sergipe na Exposição Internacional do Centenário da Independência realizada no Rio de Janeiro em 7 de setembro de 1922, quase um mês antes da posse do seu irmão na presidência de Sergipe.

Mas o que levou Graccho Cardoso a buscar na revista *Fon-Fon* o veículo necessário para mostrar os trabalhos de sua administração e, dessa forma, vincular o estado de Sergipe na

²³³ Cláudio Ganns foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Sobre ele encontramos um pequeno texto biográfico no site da referida instituição: “Nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1896, e faleceu em 8 de julho de 1960, na mesma cidade. cursou o Colégio Diocesano e São José (1907/1912). Ingressou na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do RJ, formando-se bacharel em 1917. Desde estudante, manifestou vocação para as letras, tendo sido diretor da revista acadêmica *A Época*. Exerceu a advocacia e o jornalismo, até ser convidado pelo presidente do Estado de Sergipe (Graccho Cardoso) para secretário do Governo (1922). Nomeado procurador do Estado, no RJ, continuou a zelar pelas tradições sergipanas. Incumbiu-se de editar as obras de Tobias Barreto. Ao mesmo tempo praticava a profissão de advogado, que levou a cargo de relevo na “Equitativa”, companhia de seguros, e, mais tarde, à presidência da Sociedade Brasileira de Direito Aeronáutico. Ingressou no IHGB como sócio honorário em 15 de dezembro de 1939, passou a efetivo em 26 de junho de 1940, a benemerito em 15 de agosto de 1949 e a grande-benemerito em 15 de dezembro de 1959. Dirigiu a revista, a princípio interinamente. A respeito escreveu Max Fleiuss em 21 de outubro de 1941: “Ao partir, no mês de junho, para os Estados Unidos, em comissão do Governo, solicitei ao nosso presidente Macedo Soares a designação de Cláudio Ganns para me substituir interinamente na direção da Revista e tanto critério e brilhantismo tem ele patenteado nesse posto que não me apressei, nem me apressarei em reassumi-lo. Cláudio Ganns deve nele permanecer”. E na realidade, assim aconteceu. Somente em 1947, e também por motivo de ausência do país, foi criada direção trina, tendo Ganns a seu lado o general Estevão Leitão de Carvalho e Leopoldo Feijó Bittencourt. Rapidamente, a publicação que vinha com atraso de muitos números foi colocada em dia, sem dúvida grande serviço prestado ao Instituto. Pertenceu também ao IHG/Uruguai, ao IAB, ao IH/Petrópolis, ao IHG/SC, ao Instituto do Ceará, à Sociedade Brasileira de Geografia, à Sociedade Capistrano de Abreu, à Sociedade Brasileira de Direito Aeronáutico. Representou esta última agremiação em muitos congressos (Taormina, Montreal, México, Rio de Janeiro, Madri). Participou do Colóquio Luso-Brasileiro de Washington e colaborou no de Lisboa. Realizou na Sorbonne um curso de cinco palestras sobre a história do Brasil (1954/55). Além de inúmeros artigos, publicou: *Autobiografia do visconde de Mauá*, com prefácio e notas de autoria, RJ: Z Valverde, 1941 – *Derrotero General de la Costa del Brasil y Memorial de las grandezas de Bahia*, de Gabriel Soares de Sousa, com introdução e notas ed. Pela Cultura Hispânica, Santander, 1956 – *Contribuição para o estudo de Rio Branco*, Bibliografia, 1945 – *A Proclamação da Maioridade*. Estão relacionados cerca de 30 artigos e conferências publicadas”. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/claudioganns.html>. Acesso em: 20 set. 2023.

²³⁴ “Filho do professor Brício Cardoso [...] e D. Mirena Cardoso, nasceu a 2 de Setembro de 1894. Feitos os preparatórios, frequentou as Faculdades Livre de Direito de Fortaleza e Porto Alegre, recebendo nessa ultima, o grau de Bacharel a 30 de Novembro de 1918. Nomeado Secretario Geral do Governo de Sergipe em Outubro de 1922, foi exonerado por Decreto de 4 de Agosto de 1923, por ter aceitado o lugar de Director do Banco Estadual de Sergipe [...]”. Foi prefeito (intendente) de Aracaju (1925-1926), Desembargador do Tribunal de Justiça de Sergipe, ocupado dez vezes a presidência dessa casa e, por conta disso, assumiu o governo de Sergipe (1945-1946). Faleceu em 24 de junho de 1972 na capital sergipana. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 121 e disponível em: <https://www.tjse.jus.br/portal/poder-judiciario/ex-presidentes/1-ex-presidentes/detail/14-des-hunald-santafior-cardoso>. Acesso em: 21 set. 2023.

imprensa nacional? Para responder a esse questionamento, vamos avançar dois anos após sua posse, mais precisamente para o dia 13 de julho de 1924, quando eclodiu em Aracaju a Revolta Tenentista²³⁵.

No dia mencionado no parágrafo anterior, militares de baixa patente do 28º Batalhão de Caçadores tomaram o poder do estado, sitiaram a capital²³⁶ e depuseram e prenderam o titular do governo, o presidente Graccho Cardoso. Porém, ao saber dos fatos ocorridos em Sergipe o Presidente da República, Artur Bernardes (1875-1955)²³⁷, solicitou que o movimento fosse sufocado, e coube aos contingentes da Bahia, de Alagoas, de Pernambuco e da Paraíba, liderados pelo General Marçal de Faria, essa tarefa.²³⁸

²³⁵ Sobre a revolta tenentista no estado ver: DANTAS, Ibarê. **Tenentismo em Sergipe: Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930**. 2. ed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda, 1999.

²³⁶ A revista *Fon-Fon* publicou, tardiamente, em 1º de novembro de 1924, fotos das tropas leais ao movimento tenentista marchando sobre as ruas da capital, mostrando uma Aracaju completamente sitiada e num clima belicoso. Ver: A REVOLTA EM SERGIPE. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XVIII, nº 44, 1 de novembro de 1924. p. 58-61

²³⁷ “Artur da Silva Bernardes nasceu em Viçosa (MG) no dia 8 de agosto de 1875, filho de Antônio da Silva Bernardes e de Maria Aniceta Pinto Bernardes. Seu pai era português e exerceu, desde meados do século XIX, a profissão de solicitador em diversas comarcas da Zona da Mata mineira, terminando por se fixar em Viçosa, onde foi o primeiro advogado provisionado e, finalmente, promotor de justiça. Sua mãe pertencia à família dos Vieira de Sousa, fundadores de Rio Casca, cidade próxima de Viçosa. Fez seus primeiros estudos na própria Viçosa, e em fins de 1887, aos 12 anos de idade, foi matriculado no Colégio do Caraça, tradicional instituição dos missionários lazaristas em Minas Gerais. [...] Em 1896, ainda antes de concluir os preparatórios, matriculou-se como aluno ouvinte no primeiro ano da Faculdade Livre de Direito junto com outros companheiros, entre os quais Raul Soares, que o acompanharia longamente na vida política. O objetivo era prestar os exames finais do primeiro ano em segunda época, uma vez concluídos os preparatórios. Feitas todas as provas com êxito, em abril de 1897 Bernardes e seu grupo foram efetivamente integrados à turma do segundo ano da faculdade. Foi nesse momento, num clima que ainda refletia a agitação do governo de Floriano Peixoto (1891-1894), que começou a participar da vida pública. [...] No terceiro ano do curso, em 1898, a capital do estado foi transferida para a Cidade de Minas — denominação original de Belo Horizonte, implantada no antigo Curral del Rei — e para aí foi também a Faculdade de Direito. Em fevereiro de 1899, Bernardes estreou no foro criminal em Viçosa, contracenando com seu pai, promotor de justiça e, conseqüentemente, acusador do réu que o filho defendia. No mesmo ano transferiu-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, indo juntar-se a Raul Soares. Para se sustentar, obteve um lugar de revisor no Correio Paulistano, órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP). [...] Em São Paulo, tornou-se prestigiado entre os colegas, tendo sido escolhido para discursar na Festa da Chave, tradicional comemoração de encerramento do curso. Em dezembro de 1900 recebeu o diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais e voltou imediatamente para sua terra, onde foi recebido com manifestação na estação ferroviária e um baile à noite: era o primeiro filho de Viçosa a diplomar-se em direito desde a instalação da comarca. Abriu seu escritório de advocacia ainda antes do fim do ano. Durante dois anos e meio Bernardes exerceu a advocacia, viajando constantemente pelas comarcas vizinhas. Católico praticante, seu nome figurava sistematicamente nas comissões de festejos da Semana Santa e de outras manifestações religiosas. Começou também a colaborar no semanário Cidade de Viçosa, do poderoso chefe político local Carlos Vaz de Melo. Sua ligação com Vaz de Melo se tornaria bem mais estreita em julho de 1903, quando se casou com uma de suas filhas, Clélia Vaz de Melo”. Foi Deputado e Senador por Minas Gerais por diversas legislaturas, Presidente do Estado de Minas Gerais (1918-1922) e Presidente da República (1922-1926). Faleceu no Rio de Janeiro em 23 de maio de 1955. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BERNARDES,%20Artur.pdf>. Acesso em: 2 out. 2023.

²³⁸ DANTAS, op. cit., 1925, p. 137.

A ação militar legalista obteve sucesso, e, em 4 de agosto de 1924, Graccho Cardoso reassumia suas funções como presidente do estado²³⁹; no entanto, o retorno não foi fácil, pois agora ele teria que enfrentar a ferrenha oposição, que o acusava de omissão perante a revolta dos tenentes, e isso provocou um desgaste na imagem dele. Sobre essa situação o historiador Ibarê Dantas nos explica:

O governo de Graccho Cardoso até julho de 1924, não obstante ter sofrido um ou outro desgaste, fora marcado por otimismo em suas realizações, espontaneidade em suas iniciativas e acima de tudo pelo apoio moral mais ou menos generalizado da população, em face de suas obras. Após a Revolta essa atmosfera favorável à administração diminuiu sensivelmente (1999, p. 166).

A citação acima é importante para compreendermos que a gestão de Graccho Cardoso começou com uma certa tranquilidade e com apoio da população sergipana, “chegando mesmo a conquistar-lhe a simpatia”²⁴⁰ e também do seu antecessor, o então senador Pereira Lobo. Entretanto, antes da revolta a relação dos dois estava estremecida, e a imprensa do estado já falava em rompimento, mas os dois políticos permaneciam em um silêncio sepulcral.

O fato é que o novo presidente era a antítese de seu antecessor, que, segundo Dantas (1999), “deixou um rastro de muitas antipatias e inimizades, Graccho Cardoso tratou de governar a seu modo”²⁴¹ com auxiliares jovens, como já vimos, mas também trazendo para seu entorno desafetos declarados do senador e ex-presidente Pereira Lobo. Para além disso, continuou as obras inacabadas da gestão anterior, porém deixando sua marca e levando para si os créditos. Obviamente o rompimento não tardaria.

Após a revolta, o rompimento foi anunciado, e o senador Pereira Lobo tornou-se uma das vozes opositoras ao governo, fazendo com que os principais veículos da imprensa, que antes faziam sombra a Graccho Cardoso e sua “fecunda administração”, tecessem críticas corrosivas à gestão estadual. Um desses jornais, o *Sergipe Jornal*, passou a ser dirigido por Antônio Batista Bittencourt (1893-?)²⁴², que foi intendente de Aracaju (1919-1923) e genro do senador Pereira

²³⁹ Segundo a historiadora Andreza Maynard, a deposição e o retorno de Graccho Cardoso ao governo foram noticiados pela imprensa nacional e internacional. Ver: MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **A Caserna em Polvorosa**: a revolta de 1924 em Sergipe. 2008. 129 f. Dissertação (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. p. 24.

²⁴⁰ DANTAS, op. cit., 1925, p. 169.

²⁴¹ Idem, p. 168.

²⁴² “Filho de Fausto Baptista Bittencourt e D. Carolina Augusta Pereira Bittencourt, nasceu em Aracajú a 2 de abril de 1893. Foi alumno do “Atheneu Sergipense” e em continuação dos seus estudos na Capital Federal foi nomeado por portaria de 13 de Abril de 1911 escrevente da Fabrica de Cartuchos e Artefactos de Guerra do Realengo, classificado em primeiro lugar no concurso que prestou. No exercício desse cargo até 1912, passou a amanuense interino em Janeiro de 1913; 3º official da secretaria em 1914, 2º official interino em Março de 1916 e em Novembro de 1919 posto á disposição do Governo do Estado para tomar parte na Assembléa Legislativa, não mais voltando a funcionar nesse estabelecimento. Os seus deveres de empregado na Fabrica de Cartuchos não o

Lobo²⁴³. Com os principais jornais de Sergipe nas mãos de ferrenhos opositores, a única saída para Graccho Cardoso foi buscar na imprensa de circulação nacional essa ajuda necessária para mostrar não apenas ao estado, mas também ao Brasil, que o seu governo, apesar da Revolta Tenentista, estava no rumo certo.

Contando com a perspicaz ajuda do seu Secretário da Presidência, Cláudio Ganns, o presidente Graccho encontrou na esfuziante revista ilustrada *Fon-Fon* o meio de comunicação adequado para refazer a imagem de Sergipe e, conseqüentemente, de Aracaju após mais um movimento revoltoso com derramamento de sangue, tal qual foram os acontecimentos de 1906. Porém, o presidente queria se isentar de qualquer culpa atribuída a ele quando fora deposto pelos tenentes e, com a publicidade do semanário carioca, ele unia o útil ao agradável. Estava, assim, com a faca e o queijo nas mãos, como versa o dito popular.

Nos próximos itens deste capítulo, veremos como a imagem de Sergipe foi vinculada nas páginas de papel cuchê e adornadas da revista ilustrada *Fon-Fon* e como as fotografias ajudaram a projetar positivamente um estado que se dizia estar nos impulsos do progresso e em busca da civilização.

4.2 “SERGIPE SOB OS IMPULSOS DO PROGRESSO”

Foi na década de 70 do Oitocentos, ainda no Império, que a noção de “Progresso” ganhou impulso no Brasil, fomentada pela classe política e pela elite cafeeira do oeste paulista. Nesse período, tal entendimento andava lado a lado com a ideia de civilização, pois ambas “estavam ligadas as dimensões moral, comportamental, cultural, estética, político-social e material”²⁴⁴. Tais conceitos estavam unidos, um completava o outro ou, melhor dizendo, eram dependentes e não existia progresso sem civilização. Esse último, no entender do sociólogo alemão Nobert Elias (2011), “refere-se a uma grande variedade de fatos”²⁴⁵, ou seja, possui

impediram de fazer o curso da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, na qual lhe foi conferido o grau de bacharel em Dezembro de 1918. Nomeado Intendente do município de Aracajú por decreto de 3 de fevereiro de 1919 conservou-se no exercício desse cargo até 29 de Dezembro de 1923, quando foi exonerado por haver pedido. Membro efectivo do Conselho Superior do Ensino por decreto de Dezembro de 1922, deputado estadual nos tres triennios de 1917 a 1925 e presidente da Assembléa na ultima legislatura, foi eleito deputado federal para 12ª legislatura de 1924-26. Quando acadêmico, foi vice-presidente da Associação Brasileira de Estudantes, é sócio correspondente do Instituto do Ceará e efectivo do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe”. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 14-15.

²⁴³ DANTAS, op. cit., 1999. p. 171.

²⁴⁴ AZEVEDO, André Nunes de. **A grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro**: Pereira Passos: Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016. p. 48.

²⁴⁵ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. p. 23-25.

significados diferentes para as nações ocidentais das quais o Brasil ambicionava seguir os passos. A França, diga-se de passagem, era o modelo principal almejado pela ambição tropical.

Com a mudança do regime monárquico para o republicano, a ideia de progresso não perdeu força; pelo contrário, estava ligada umbilicalmente à gênese da república no Brasil. O país só alcançaria o famigerado progresso quando rompesse com suas tradições da monarquia e seu passado colonial.

O conceito de progresso na República apresentou algo distinto do que perdurara durante o Império: enquanto na Monarquia esse conceito era “para além do significado de desenvolvimento material”²⁴⁶, no regime republicano eles estavam vinculados fortemente. Outro ponto digno de nota é que, nos tempos da Coroa, progresso e civilização andavam juntos, como vimos anteriormente, porém, no entendimento do novo regime, aquela só era alcançada através do progresso.

Da mesma maneira que outros lugares do país buscavam nos padrões franceses um exemplo do processo civilizador a ser seguido, Sergipe não seria um ponto fora da curva e obviamente seguiu os mesmos passos em direção ao progresso tão ansiado pelas elites política e econômica do Brasil. É interessante percebermos como a busca incessante pelo progresso estava estampada nas páginas da imprensa nacional e como ela ajudou a disseminar essa ideia de norte a sul do país.

Um exemplo disso é como a revista *Fon-Fon* se mostrou útil não apenas para a administração de Graccho Cardoso, mas também para difundir pelo país que o pequeno estado da federação estava alinhado e em busca dos “*impulsos do progresso*”, como nos mostram as 37 páginas da reportagem do referido semanário em seu número 35, datado de 29 de agosto de 1925²⁴⁷.

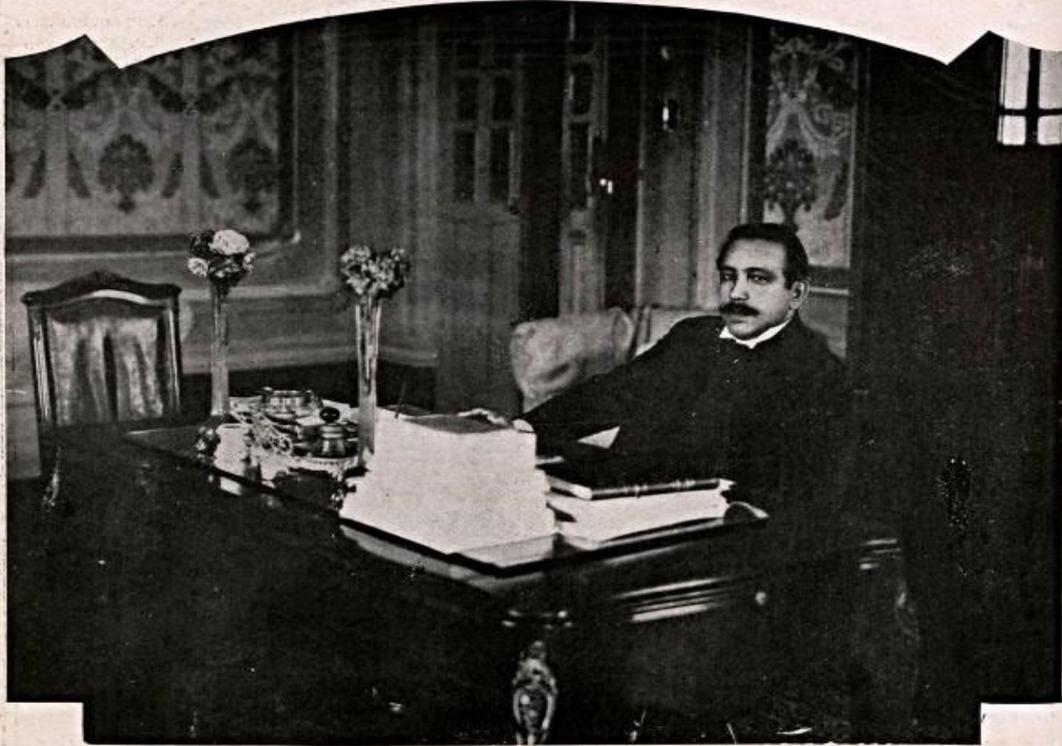
²⁴⁶ AZEVEDO, op. cit., p. 48.

²⁴⁷ SERGIPE SOB OS IMPULSOS DO PROGRESSO. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 48-85.

Figura 29 – Sergipe sob os impulsos do progresso (1), 1925

FON-FON — 48 29 - Agosto - 1925

SERGIPE SOB OS IMPULSOS DO PROGRESSO



O exmo. sr. dr. Graccho Cardoso, em seu gabinete de trabalho, no palácio presidencial de Aracajú.

O EMINENTE dr. Mauricio Graccho Cardoso em boa hora escolhido pelos sergipanos para dirigir os destinos políticos de sua terra, é um administrador esclarecido e laborioso, que vem realizando um governo fecundo e brilhante, cheio de empreendimentos notáveis e de grandes e salutares benefícios para a pequena, mas próspera unidade da Federação.

Em menos de tres annos de gestão, tem S. ex. effectuado uma série interminavel de reaes, varios melhoramentos naquelle florescente Estado do norte, cujas energias vitaes cooperam, efficientemente, com o illustre chefe do executivo estadual, para o resurgimento de uma terra que agora

caminha, desembaraçada e feliz, na senda luminosa do verdadeiro progresso.

O Estado de Sergipe muito ha



Deputado Manoel Dantas, presidente da Assembléa Legislativa.

lucrado com a administração proficua do dr. Graccho Cardoso.

Assumindo o governo em outubro de 1922, o illustre estadista começou logo sua administração augmentando as rendas do Estado, fazendo resgate de apolices, de fórma que todas as fontes de riqueza despertassem e entrassem em franca actividade.

Com taes recursos e com a mais segura direcção, conseguiu elle o perfeito equilibrio orçamentario, tendo, em consequencia, todas as despezas pagas em dia, e ainda augmentou de 1/3 os vencimentos de todo o funcionalismo estadual.

Tambem s. ex. scube cercar-se de auxilios capazes de comprehender-lhe os intuitos de reorganiza-

Fonte: SERGIPE SOB OS IMPULSOS DO PROGRESSO. Revista *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 48-85.

Figura 30 – Sergipe sob os impulsos do progresso (2), 1925

29 - Agosto - 1925

49 - FON-FON

dor que muito hão concorrido, com a sua comprovada competencia, para os impulsos de progresso que ora se operam no territorio sergipano.

Possuidor de uma pasmosa energia, de uma vontade sem limites, ponde o benemerito presidente de Sergipe, projectar e executar os grandes melhoramentos do Estado.

Entretanto, não foi sómente o progresso material da capital do Estado que teve o carinho do doutor Graccho Cardoso. Todo o interior de Sergipe usufrue, neste momento, uma grande copia de



realizações que absolutamente não conhecia.

Haja vista os innumeros melhoramentos de que foram dotados os sertões sergipanos, ampliando as construções de suas cidade, villas e arraes, a par de outros empreendimentos que só vieram beneficiar as suas populações.

Póde-se dizer que muitas das regiões do interior do Estado ganharam em progresso, dentro do curto prazo de governo do eminente sr. dr. Graccho Cardoso, o que em muitos annos ainda não haviam alcançado.

Esses melhoramentos trouxeram um grande desenvolvimento á industria, á lavoura e ao commercio. Estradas de rodagem foram rasgadas em grandes extensões, ligando povoações e cidades de



modo a permittir a intensificação de um intercambio directo por via terrestre, não só em dorso de animats como em viaturas. Outros obstaculos foram também praticamente resolvidos, nesse ponto, com as cõstruções de pontes sobre os rios mais importantes que fertilizam os sertões e banham o territorio de Sergipe.

Varias remodelações soffreram os ramos da administração do governo, como sejam a organização dos serviços de manutenção da ordem, instrução publica, etc.

Emfim, o presidente do Estado soube comprehender as necessidades das populações do interior, beneficiando-as dentro das possibilidades financeiras dos cofres publicos estaduais.



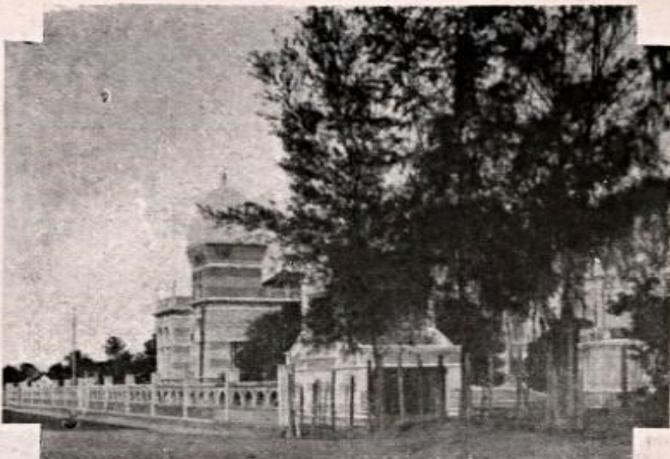
INSTITUTO PEREIR, HORTAS

NOTAVEL criação do illustre presidente de Sergipe é o Instituto Parreiras Horta dirigido pelo sabio que lhe dá o nome, e que tão grandes e assignalados beneficios vem prestando aos sergipanos.

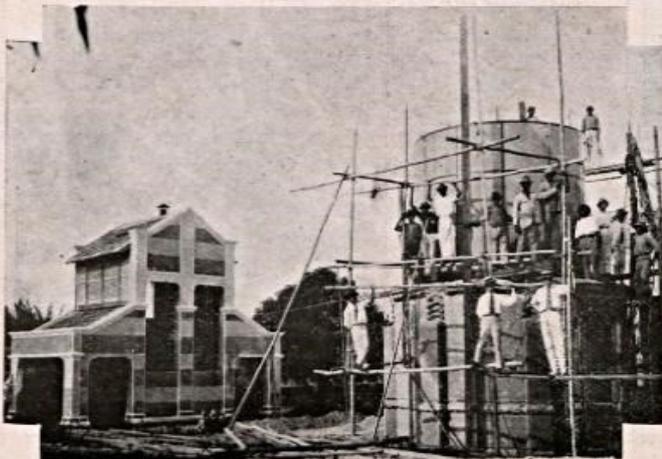
Nelle, todas as vacinas são encontradas e são feitas as analyses biologicas, produzindo, tambem, o soro anti-rabbico.

Só mesmo uma creatura privilegiada de dotes excepcionaes póde, em tres annos, conceber e executar melhoramentos de tão grande benemerencia

4



Vista lateral do Instituto Parreiras Horta, em Aracajú.



Instituto Parreiras Horta. Montagem de uma usina de açú feita por alumnos do Instituto Coelho e Campos.

Ao lermos a reportagem, temos a impressão de estarmos diante daquelas enormes e enfadonhas mensagens presidenciais, ou relatórios de governo, que eram lidas na Assembleia Legislativa de Sergipe diante dos deputados na sessão de abertura das atividades parlamentares. Entretanto, a quantidade significativa de fotografias nos poupa da exaustão que é ler relatórios de gestão. De fato, um texto fartamente ilustrado foi uma estratégia muito bem planejada pela gestão de Graccho Cardoso, pois dessa forma o leitor não se sentiria cansado ao ter contato com a matéria da *Fon-Fon*, muito pelo contrário, poderia despertar nele uma certa curiosidade acerca do pujante estado de Sergipe, afinal “toda imagem nos oferece algo para pensar”²⁴⁸, ou seja, as fotografias não foram postas nas páginas apenas de forma ilustrativa, mas com o intuito de fazer com que os ávidos leitores do periódico carioca fizessem uma espécie de viagem e fossem levados a todo aquele ambiente de progresso, modernização e civilização pretendido pelos agentes políticos em questão.

No topo da primeira página, encontramos a fotografia do presidente Graccho Cardoso em seu gabinete, que deseja transmitir a imagem de um governante que estava constantemente trabalhando “para a pequena, mas prospera unidade da Federação”²⁴⁹, porém ela é ao mesmo tempo convidativa, como se o mandatário nos convidasse a conhecer os trabalhos empreendidos por sua gestão em Sergipe e na sua capital, o que não deixa de ser verdade, pois o texto, apesar de apologético e tendencioso, confirmando que se trata de uma matéria paga, aponta algumas realizações tidas como exitosas pela administração.

Ao mesmo tempo, constata-se na página outra fotografia, em menor tamanho, do deputado Manoel Dantas (1874-1937)²⁵⁰, presidente da Assembleia Legislativa à época e, até

²⁴⁸ SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. *In*: SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 21.

²⁴⁹ SERGIPE SOB OS IMPULSOS DO PROGRESSO, op. cit. p. 48.

²⁵⁰ “Nasceu em Santa Rosa de Lima, povoado do município de Divina Pastora, na região central de Sergipe, no dia 22 de dezembro de 1874. Filho de tradicional família de proprietários de terras, entrou na política partidária na primeira década do século XX. Foi vereador e depois prefeito de Capela, e deputado estadual em Sergipe por mais de uma legislatura. Como presidente da Assembleia Legislativa do estado, na sucessão do presidente estadual Maurício Graccho Cardoso, em 24 de outubro de 1926 assumiu o governo do estado em lugar do presidente eleito, Ciro Franklin de Azevedo, que, com a saúde debilitada, foi empossado em 6 de novembro seguinte, afastou-se em dezembro e faleceu em 16 janeiro de 1927, provocando a realização de nova eleição. Eleito com o apoio do presidente Washington Luís (1926-1930), Manuel Dantas tomou posse como presidente de Sergipe em 5 de março de 1927. Em seu governo, manteve a maior parte do secretariado anterior e reuniu em torno de si alguns simpatizantes do tenentismo, movimento político que havia abalado Sergipe chegando a interditar o governo de Maurício Graccho Cardoso de 13 de julho a 2 de agosto de 1924. Segundo Ibarê Dantas, durante sua administração Sergipe enfrentou dificuldades econômicas, especialmente devido às secas de 1926 e 1928, que afetaram a produção de açúcar, principal suporte da economia local. O banditismo do grupo de Lampião também começou a marcar presença no interior do estado, desafiando as autoridades. No final de seu governo, os partidários da Aliança Liberal em Sergipe o acusaram de representar os estreitos interesses das oligarquias. Na escolha de seu sucessor, em 1930, obteve de Washington Luís a indicação de seu correligionário Francisco de Sousa Porto, afinal eleito no pleito de março. Com a vitória da revolução de outubro, porém, Washington Luís foi deposto, Getúlio Vargas assumiu o poder, e os governantes estaduais foram substituídos por interventores. Em Sergipe, uma série de

então, aliado de Graccho Cardoso. Entende-se que, com a fotografia do parlamentar, apesar de estar em um ângulo inferior à do presidente, se pretendia enfatizar que executivo e legislativo andavam juntos, eram parceiros nos empreendimentos, entretanto o primeiro foi que levou todos os créditos e louros possíveis.

Há alguns elementos nas páginas da revista, além das fotografias, que chamam atenção e serão presenças constantes nas matérias sobre Aracaju. Referimo-nos aos ornamentos que ladeiam e se mesclam com as imagens e os textos. Esses adornos fazem parte da arte gráfica que vigorou no início do século passado e foram fortemente influenciados pelo *Art Nouveau*. Esse estilo artístico não ficou restrito à arquitetura, mas se expandiu tanto nas artes gráficas quanto na moda do entresséculo. Nas fontes tipográficas, utilizadas principalmente nos títulos das matérias, é possível notar os elegantes e rebuscados contornos da nova arte que emergia.

As revistas ilustradas acompanharam as transformações da época, trazendo novidades em seus projetos gráficos que colaborariam com a difusão da modernidade no país. O estudioso Rafael Cardoso (2009) nos diz que a “fartura e originalidade na ornamentação das páginas”²⁵¹, somando-se a outros elementos como papel colorido (a impressão em papel *offset* chega ao Brasil em 1922), tintas metálicas, experiências com cor nas imagens e no texto, ajudaram a “seduzir o público consumidor com temas insinuantes, ilustrações caprichadas, cores vivas e acabamentos reluzentes”²⁵², elementos que evocavam a modernidade estampada em páginas periódicas.

De fato, as revistas ilustradas foram mais do que meros repositórios de imagens e textos; elas foram agentes ativos na disseminação da modernidade, incorporando e difundindo tendências artísticas e culturais que moldaram a sociedade e o imaginário coletivo da época. Elas foram as principais representantes de uma modernização cosmopolita que emergia no século XX, como também suas principais propagadoras país afora.

Retomando a matéria da *Fon-Fon* sobre as obras de Graccho Cardoso em Sergipe, é possível vermos que, na página seguinte, se iniciam os relatos dos principais feitos da administração Graccho Cardoso, e, obviamente, não poderia faltar a “Joia da Coroa” do

governantes provisórios se sucedeu a partir de 17 de outubro, até que, em 16 de novembro, tomou posse como interventor Augusto Maynard Gomes (1930-1935). Em virtude da revolução que marcou o fim da Primeira República, Manuel Dantas deixou Sergipe e passou a viver em Minas Gerais, afastado da política. Faleceu em Belo Horizonte no dia 5 de junho de 1937”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DANTAS,%20Manuel.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2023.

²⁵¹ CARDOSO, Rafael. Origens do projeto gráfico no Brasil. In: CARDOSO, Rafael (Org.) **Impressos no Brasil (1808-1930)**: destaque da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009. p. 82

²⁵² Idem, p. 83.

presidente, a construção do Instituto Parreiras Horta, que, nas palavras da *Fon-Fon*, foi a “notável criação do presidente de Sergipe”²⁵³. A referida instituição foi responsável pela criação de vacinas e soros, como também por coordenar a reforma sanitária promovida pelo governo, que encontrou uma estrutura de saúde pública deficitária e a capital em péssimas condições sanitárias.²⁵⁴

Para dirigir o instituto, Graccho Cardoso escolheu um dos discípulos do afamado médico sanitarista Oswaldo Cruz (1872-1917), o também médico carioca Paulo de Figueiredo Parreiras Horta (1884-1961)²⁵⁵ – por sinal, há uma fotografia dele no corpo do texto da revista –, detentor de um currículo vasto e invejável. Parreiras Horta migrou para Aracaju e supervisionou pessoalmente a construção da sede da mencionada instituição de saúde.

Meses antes da publicação do texto/relatório de gestão, mais precisamente em março de 1925, o poeta e colaborador da revista *Fon-Fon*, o sergipano Hermes Fontes, publicou reportagens fotográficas em dois números do periódico²⁵⁶ acerca da excursão que fez à sua terra natal após 25 anos de ausência. Detalhadamente, ele descreveu as suas impressões sobre o governo de Graccho Cardoso através de um robusto material fotográfico e quase ausente de textos.

Entretanto, o Instituto Parreiras Horta chamou a atenção do poeta, que o denominou “Instituto Manguinhos do Estado” e comparou o seu diretor a Oswaldo Cruz²⁵⁷. Pretensiosa ou não, essa assertiva de Hermes Fontes pode ser justificada pela arquitetura da sede da instituição, como também pelos trabalhos desenvolvidos pelo então presidente. Foi a única obra do governo que mereceu notas textuais, e, obviamente, o “Príncipe dos Poetas” fez alguns registros fotográficos do imponente prédio e de seu interior para assim corroborar seus escritos na *Fon-Fon* que também rasgavam sedas em nome do presidente e evocavam a ideia de progresso.

²⁵³ SERGIPE SOB OS IMPULSOS DO PROGRESSO, op. cit. p. 49.

²⁵⁴ Sobre a reforma sanitária promovida por Graccho Cardoso e as condições sanitárias de Aracaju na década de 1920, ver: SANTANA, Antônio Samarone. **As febres do Aracaju**: Dos miasmas aos micróbios. Aracaju: O Autor, 2001.

²⁵⁵ Médico sanitarista, pioneiro da medicina científica em Sergipe. Nasceu no Rio de Janeiro, então Corte Imperial, em 24 de janeiro de 1884. Realizou intensos trabalhos de sanitarismo na saúde pública de Sergipe durante a gestão de Graccho Cardoso e ajudou na criação do Instituto Pasteur, que leva seu nome até os dias atuais. Faleceu no Rio de Janeiro aos 77 anos, vitimado por uma cardiopatia, em 29 de julho de 1961. Ver: BATISTA, Henrique. **Parreiras Horta**: Vida e obra. Pioneiro da medicina científica em Sergipe. Brasília: CFM, 2023.

²⁵⁶ “FON-FON” EM SERGIPE: A presidência de Graccho Cardoso através da excursão Hermes Fontes. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 11, 14 de março de 1925, p. 59-64 e “FON-FON” EM SERGIPE: A presidência de Graccho Cardoso através da excursão Hermes Fontes. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 12, 21 de março de 1925, p. 59-64.

²⁵⁷ “FON-FON” EM SERGIPE: A presidência de Graccho Cardoso através da excursão Hermes Fontes. op. cit. 14 de março de 1925, p. 57.

Figura 31 – Pavilhão central do Instituto “Parreiras Horta”, 1925



Fonte: “FON-FON” EM SERGIPE: A presidência de Graccho Cardoso através da excursão Hermes Fontes. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 11, 14 de março de 1925.

De arquitetura mourisca, porém em menores proporções, o prédio da instituição sergipana lembra algumas características do Pavilhão Mourisco, sede do Instituto Manguinhos no Rio de Janeiro e fundado por Oswaldo Cruz em 1905, mas, com a conclusão de suas obras em 1918, sua inspiração veio do Palácio de Alhambra em Granada, na Espanha.²⁵⁸ Alguns elementos arquitetônicos do Instituto Parreiras Horta de fato nos remetem ao seu congênere carioca como, por exemplo, a abóbada sobre a única torre e os frontões arredondados sobre as janelas e portas. Porém, um elemento em particular pouco descontextualiza a arquitetura, mas se remete ao governo Graccho Cardoso: a águia sobre o pórtico de entrada era um símbolo da gestão e estava presente na maioria dos prédios públicos inaugurados pelo presidente.

²⁵⁸ SANTOS, Ricardo Augusto dos. **100 anos do Castelo da Fiocruz**: os pedreiros do Castelo da Avenida Brasil. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/>. Acesso em: nov. 2023.

É cabível apontar que, mais uma vez, o Rio de Janeiro era uma constante na administração estadual, seja na equipe de auxiliares formada por Graccho, seja na arquitetura dos prédios públicos, o que não foi diferente em outros estados e cidades/capitais do país, pois, apesar de ter passado por uma reforma urbana em 1903 que serviu como ponto irradiador para as demais, duas décadas depois a Capital Federal ainda era tida como um exemplo a ser seguido²⁵⁹. Afinal, o “Rio de Janeiro era considerado uma espécie de vitrine cultural para o restante do país”²⁶⁰.

Isso dialoga com o conceito de apropriação difundido por Chartier (2002) e amplamente devassado pela Historiografia, que, segundo o historiador francês, é “uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”²⁶¹. Logo, é a forma como o campo político sergipano se apropria dos discursos de progresso, modernização e civilização presentes na reforma urbana carioca e como são adequados à realidade local, que não é a mesma da Capital Federal naturalmente.

Contudo, o fato de criar uma instituição de saúde seguindo os moldes da que havia na capital da República foi digno de méritos, pois o “Manguinhos sergipano” contribuiu não apenas como um Instituto Pasteur e com a fabricação de soros e vacinas, mas também com o desenvolvimento sanitário e da saúde pública em Sergipe. Ele foi responsável por debelar focos das febres que acometiam a população aracajuana e se soma ao sucesso do Instituto Parreiras Horta a criação de uma vacina contra febre tifoide, a primeira no Brasil, repetindo assim o feito de Oswaldo Cruz ao produzir uma vacina contra a febre amarela no início do século, motivo de uma revolta, diga-se de passagem.

A saúde pública e o saneamento tiveram a atenção do governo de Graccho Cardoso, sendo que, para se alcançar o progresso, era necessário ter condições de higiene e salubridade em boas condições, algo que o governante não encontrou em Sergipe ao assumir a chefia do executivo. Por isso, para além da reestruturação da saúde com a fundação do Instituto Parreiras Horta, ele empreendeu uma reforma sanitária em diversas partes do território sergipano, e, é claro, isso também foi noticiado nas páginas da revista *Fon-Fon*, que, além de ilustrar com fotografias das obras, salientou o quanto ela levaria ao tal desejado progresso citado inúmeras

²⁵⁹ SEVECENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos. In: SEVECENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 522.

²⁶⁰ CAMPOS, Daniela Queiroz. **Entre o Eucronimo e o Anacronismo**: percepções da imagem na coluna garotas do Alceu. 2014. 397 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. p. 66.

²⁶¹ CHARTIER, op. cit., p. 68.

vezes pelo periódico em suas páginas. A imagem que segue (figura 32) apresenta a matéria publicada com as respectivas fotografias dos serviços de profilaxia e saneamento rural.

Figura 32 – Prophylaxia e Saneamento Rural, 1925

**Sergipe
sob os
impulsos
do
progresso**



Um flagrante da distribuição de tubos para o saneamento rural de Sergipe.

A situação do Estado, como acontece no geral com as regiões do Norte, salvo poucos pontos de esplêndida situação topográfica, exigia grandes melhoramentos e, às vezes, radicais transformações. Regiões havia, onde se tornava necessário o levantamento do terreno para a completa extinção de pantanos e baixadas.

Para tudo elhou o presidente Graeco Cardoso.

Em longa faixa de terreno alagadiço, próximo à capital, foram feitos os aterros que se tornavam necessários; executou-se a canalização de rios, cujas águas, em épocas de grandes chuvas, estendendo-se pelas margens, davam origem à formação de mangues e alagadiços.

Os postos diversos, espalhados pelo Estado, permitem à população obter recursos que se tornam necessários para a completa extinção de endemias ou de prejuízos químicos.

É digno de encomios a acção do doutor Graeco Cardoso, principalmente agora que, tratando-se da formação de uma raça nossa, se pretende expurgar do seio de nosso povo esses tipos atrofiados e inutilizados pela verminose e pela ankylostomias, tipos que, muitas vezes, a própria fecundidade do território deger...

A campanha pelo saneamento, ora empreendida em Sergipe, apresenta-se com os mais lisonjeiros resultados.

O dr. Graeco Cardoso, ao delinear o seu grande empreendimento, tinha a certeza plena de que lutaria com grandes obstáculos, formados pelo espirito acanhado do povo, receoso de explorações desconhecidas e refractario, algumas vezes, aos modernos empreendimentos. E é justamente o facto de ter vencido esse espirito contrario o que vem aumentar a benemerencia da acção desenvolvida.

Procedendo a higienização do territorio sergipano, o notavel administrador consagrou-se á gratidão incondicional de todos os seus conterraneos.

AGUAS E ESGOTOS

Outro serviço de alta relevancia, e que mereceu o mais acurado estudo por parte do governo de Sergipe, foi a reforma completa, radical e inadiavel, de abastecimento de agua e de esgotos da capital, orçado em cerca de cinco mil contos de réis, estando actualmente muito adiantado e entregue á conhecida capacidade do illustre engenheiro brasileiro, dr. Saturnino de Brito, que o projectou e o executa.



Saneamento. Distribuição de tubos: serviço agora quasi finalizado e tornou esplendida a situação do Estado.





Obras do serviço de saneamento. Filares para linhas adductoras. A' esquerda, a linha adductora já existente.

**PROPHYLAXIA E
SANEAMENTO
RURAL**

CONSERVANDO auxilio do governo federal, creou o presidente Graeco Cardoso, sob scientificas orientações, o Serviço de Prophylaxia e Saneamento Rural do Estado, serviço esse de alcance incontestado e seu valor já se faz notar, transformando por completo a cidade de Aracajú tornando-a salubre, livre de endemias.

Agora, está esse serviço entregue ao doutor José Alencar Teixeira Coimbra, tendo como Inspector geral o dr. Caetano Gomes e sub-inspectores, na capital, os Drs. Mario Macedo Costa, Oscar Nascimento e Lauro Hora.

O dr. Orlando Ribeiro tem a incumbência da fiscalização de generos alimenticios da capital e seus arredores.

No interior do Estado, mantém a Prophylaxia, nos postos creados, os seguintes medicos: Drs. Simão Sobral, (Estancia); Antonio Carlos e Etelvino Guimarães; (Propriá).

Pela criação desse inestimavel melhoramento tem merecido o illustre dr. Graeco Cardoso os maiores applausos dos sergipanos.

Estão sendo construidos grandes reservatorios, e os que já existiam estão sendo reformados e em todos collocados aparelhos para filtração da agua que abastecerá a capital. Será completamente substituída a rede actual para distribuição de agua á cidade.

Da visita que fizemos aos serviços, trouxemos optima impressão.

A enorme somma que o Estado terá que dispendir em tão uteis melhoramentos, será grandemente compensada pelos beneficios colhidos.

Além do serviço de aguas e esgotos de Aracajú, por suggestão do presidente Graeco Cardoso, acaba de ser organizada uma empresa particular entre industriaes e fazendeiros de Forte da Folha, para resolver a questão de abastecimento d'agua aquella cidade do interior do Estado.

Está quasi completamente levantado o capital necessario á realização de mais esse melhoramento publico, cujas obras começarão brevemente, sob os auspicios do governo do Estado.

Citres centros populosos do interior gozarão, tambem, ainda no governo do illustre presidente, desse grande melhoramento. Assim ficará resolvido, de maneira satisfactoria, um dos grandes problemas mo-

Outro aspecto da distribuição de tubos para o serviço de saneamento do Estado.

A palavra progresso aparece em diversos momentos no texto, inicialmente no título como uma estratégia para chamar a atenção do leitor, assim ele teria conhecimento dos acontecimentos em Sergipe e constataria que o estado estava de fato em busca do progresso. O texto da *Fon-Fon* mostra as melhorias empreendidas por Graccho Cardoso no âmbito da saúde pública, do saneamento e do abastecimento de água para a capital e o interior. Esses eram problemas que assolavam a população há muito tempo, desde a fundação de Aracaju no século XIX. No decorrer do texto, é possível constatar o quanto a revista enaltece não apenas as obras, mas também o presidente, seu principal executor, um gesto claro para evidenciar a quem possuía a paternidade dos trabalhos em questão.

Dessa forma, Graccho Cardoso garantia para si os méritos e, ao mesmo tempo, rebatia as acusações feitas por seus adversários na imprensa local. Entretanto, a *Fon-Fon* deixa claro que o governo federal auxiliou nas obras, o que não poderia ser diferente, afinal ele “era identificado pela sociedade brasileira como operador do progresso, pois desenvolvia uma série de empreendimento no âmbito da reforma urbana que eram associados à esfera material da sociedade”²⁶², ou seja, o governo do estado poderia executar as obras, mas os créditos também deveriam ser atribuídos ao presidente da República, afinal era dele a responsabilidade de conduzir o país ao progresso em busca da civilização.

Sandra Pesavento (2002) afirma que cabia aos agentes políticos a propagação do ideal de Progresso, e era através dos documentos oficiais, dos jornais e das revistas ilustradas que acontecia essa disseminação²⁶³. Ao nos depararmos com a repetição constante do mencionado conceito nos textos publicados pela *Fon-Fon* sobre a administração de Graccho Cardoso em Sergipe, somos obrigados a concordar com a historiadora, pois, ao que parece, havia uma necessidade de incutir nos leitores os rumos progressistas que o estado vinha tomando. Aprender por repetição é uma técnica, mas induzir a algo é uma incógnita.

A segunda vez que constatamos a palavra progresso na matéria está no final do texto, no último parágrafo, quando é salientada a “grande importancia para o progresso economico do Estado”²⁶⁴ das obras realizadas pelo governo. Logo, a ideia de progresso está alinhada ao desenvolvimento da economia sergipana, que, por sua vez, estava ligado ao discurso higienista da época, materializado nas obras de saneamento realizadas tanto no interior quanto na capital,

²⁶² AZEVEDO, op. cit., p. 168.

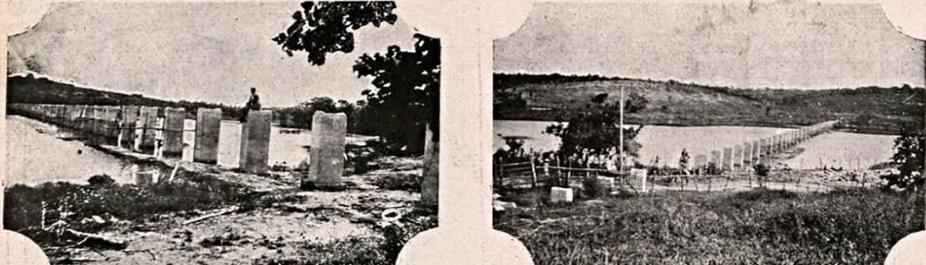
²⁶³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano**: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 317.

²⁶⁴ SERGIPE SOB OS IMPULSOS DO PROGRESSO, op. cit., p. 60.

esta, por sua vez, não padeceria das constantes epidemias pelas quais era acometida desde sua fundação.

Figura 33 – Aguas e Esgotos, 1925

FON-FON — 60 29 - Agosto - 1925



Saneamento. Pilares para as linhas adductoras que passam sobre a Lagôa da Estiva.

Outra vista dos pilares construidos na Lagôa da Estiva para as linhas adductoras do Saneamento.

dermos, qual seja a quasi completa esterilização da agua.

As installações, já feitas ou ainda em projecto, permitem vêr o quão perfeito é o melhoramento idealizado pelo presidente Graccho Cardoso.

A canalização é feita em tubulações de grande diametro e a filtração, em pavilhões apropriados, é um dos mais completos serviços.

Os reservatorios, projectados e executados pelo dr. Saturnino de Brito, obedecem ás mais exigencias da engenharia.



As rédes de esgotos, estendendo-se por sob a capital e já iniciadas em varias cidades do interior, attendem a uma premente necessidade de muitos annos e, alliadas ao serviço de Prophylaxia e Saneamento, muito concorrem para a hygienização do Estado.

O acabamento desses trabalhos collocará Sergipe em admiravel situação entre os demais Estados.

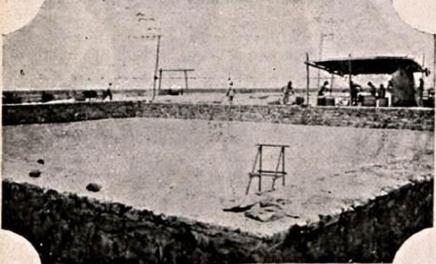
Todos os serviços projectados attendem perfeitamente ás necessidades existentes e são de grande importancia para o progresso economico do Estado.



Saneamento. Reservatorio do Cruzeiro, em construção.



Construção da nova linha adductora.



Aspectos das obras do Reservatorio do Cruzeiro.



Outra vista das mesmas obras. (Renovação dos projectos de aguas e esgotos, executados sob a direcção do dr. Saturnino de Brito).

Fonte: AGUAS E ESGOSTOS, *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 59-60.

As fotografias que compõem ricamente o texto do semanário carioca não foram utilizadas à toa, elas tiveram o papel de mostrar o desenrolar das obras relatadas no texto e sua importância, principalmente para Aracaju, que necessitava passar por melhorias em suas

estruturas sanitárias, afinal uma cidade que não atendesse aos preceitos higienistas em voga na época não alcançaria o progresso e, tampouco, seria considerada “civilizada”. O uso se repetiria em outros escritos da *Fon-Fon* sobre Sergipe e sua capital, pois, no entender de Martins,

Acrescente-se que a formulação da idéia urbana, atrelada à idéia de sanitária encontrou na fotografia o recurso ideal de sua propagação, reproduzindo imagens quase imaculadas, no cenário traçado a compasso, sugerindo asseio, relações civilizadas e castas, conforme inspiração do utilitarismo inglês (2008, p. 473).

Através da fotografia e sua publicação nas revistas ilustradas, o governo encontrou o recurso ideal para a propagação de seus feitos, principalmente nas áreas consideradas importantes, ou seja, as que guiariam para o progresso e, conseqüentemente, para o ideal de civilização almejado. As fotografias estampadas na matéria da *Fon-Fon* mostram um estado em constante trabalho de melhorias no saneamento, como também de abastecimento de água para a população, que convivia há muito tempo com a escassez desse recurso.

O progresso, nesse contexto, anda de mãos dadas com as práticas sanitárias e de higiene que ganharam força no Brasil nos anos finais do século XIX e no início do XX, tendo como principal característica a saúde dos habitantes das cidades²⁶⁵, principalmente aquelas que passavam por um processo de urbanização, afinal a cidade que se queria moderna não deveria ser acometida por cóleras e sua população deveria atender aos requisitos vigentes pelo higienismo em voga, pois corpos conspurcados e vitimados por doenças não poderiam conviver em uma sociedade civilizada.

Apresentar-se como um estado, ou cidade, saneado e que estava seguindo os padrões higienistas da época era algo necessário, na visão do campo político, para a busca da civilização. Mas, muito mais do que isso, era necessário limpar o ambiente urbano, evitar a propagação de doenças e evitar o adoecimento da população, algo que não era visto com bons olhos por aqueles que buscavam o progresso através das obras de saneamento.

Para reforçar a busca pelos “*impulsos do progresso*”, Graccho Cardoso contratou os trabalhos do mais renomado engenheiro sanitário da época, Saturnino de Brito²⁶⁶, responsável pelos mais avançados projetos de saneamento em diversas cidades brasileiras²⁶⁷. A escolha pelo afamado engenheiro não se deu por acaso; para além dos diversos projetos empreendidos por

²⁶⁵ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 31.

²⁶⁶ Sobre Saturnino de Brito em Aracaju, ver: CRUZ, op. cit., p. 151.

²⁶⁷ NASCIMENTO, Nilo de Oliveira; BERTRAND-KRAJEWSKI, Jean; BRITTO, Ana Lúcia. Águas urbanas e urbanismo na passagem do século XIX ao XX: o trabalho de Saturnino de Brito. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 102-133, jan./jun. 2013.

ele, Saturnino representava e materializava em suas obras ideais como progresso, modernidade e civilização.

Ao cooptá-lo, o governo passava uma mensagem clara, divulgada no semanário carioca em texto e fotografia, de que Sergipe estava seguindo os passos de seus congêneres, afinal os projetos “do dr. Saturnino de Brito, obedecem ás mais exigencias da engenharia”²⁶⁸. Isso era um prato cheio para os anseios da administração de Graccho Cardoso.

Entretanto, o desejado vento progressista não sopraria sobre o então estado do norte brasileiro se não houvesse uma economia pujante que favorecesse as arrecadações governamentais. Era preciso mostrar que, apesar de obras tão onerosas ao erário estadual e federal, Sergipe estava em prosperidade econômica, e isso favorecia tanto a imagem da respectiva unidade da federação quanto a do seu presidente, que buscava se firmar como um governante reformador e progressista perante o país e seus opositores, que constantemente o atacavam nos meios de comunicação do período.

A economia sergipana na década de 20 do Novecentos ainda possuía algumas características da que perdurou durante o século XIX: o cultivo de cana-de-açúcar era a mola propulsora econômica do estado, seguida pelo algodão, que, apesar de ser chamado pejorativamente de cultura de pobre, por ser desenvolvido em pequenas propriedades, rendia bons números à economia. Em seguida, vinha a pecuária, que era uma das atividades consideradas importantes, sendo que, no período abordado, houve um crescimento considerável desse setor²⁶⁹, apesar de uma boa parte das terras cultiváveis já ser ocupada pelas plantações de cana e algodão.

Através do parágrafo anterior, constatamos que os setores que mais produziam na economia de Sergipe eram, majoritariamente, ligados ao campo, e isso não passou despercebido pela *Fon-Fon*, que apresentou em suas páginas essas atividades econômicas e enfatizou as ações do governo para desenvolvê-las a contento para garantir a estabilidade e, possivelmente, a prosperidade econômica do estado.

A *Fon-Fon* nos mostra (figura 34) como o governo atuou para o desenvolvimento da cultura algodoeira em Sergipe, que, segundo o periódico, “vinha sendo feita de modo ainda rudimentar, com grande prejuízo para a produção da preciosa malvácea”²⁷⁰. Graccho Cardoso tinha bons motivos para impulsionar a plantação de algodão, apesar de figurar em segundo lugar

²⁶⁸ SERGIPE SOB OS IMPULSOS DO PROGRESSO, op. cit., p. 60.

²⁶⁹ Sobre o a economia de Sergipe durante a Primeira República, ver: DANTAS, op. cit., 2004, p. 49, e PASSOS SUBRINHO, Josué. **História Econômica de Sergipe**. Aracaju: Programa Editorial da UFS, 1987.

²⁷⁰ A CULTURA DO ALGODÃO EM SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 61-62.

na economia sergipana, pois, após a Primeira Guerra Mundial, o algodão passou a ser comercializado internamente para atender à demanda das fábricas de tecido, que surgiam em boa parte do território nacional²⁷¹, que, por sua vez, exportavam os tecidos para os países que, após o conflito, passaram por uma escassez têxtil.

Figura 34 – A Cultura do Algodão em Sergipe (1), 1925



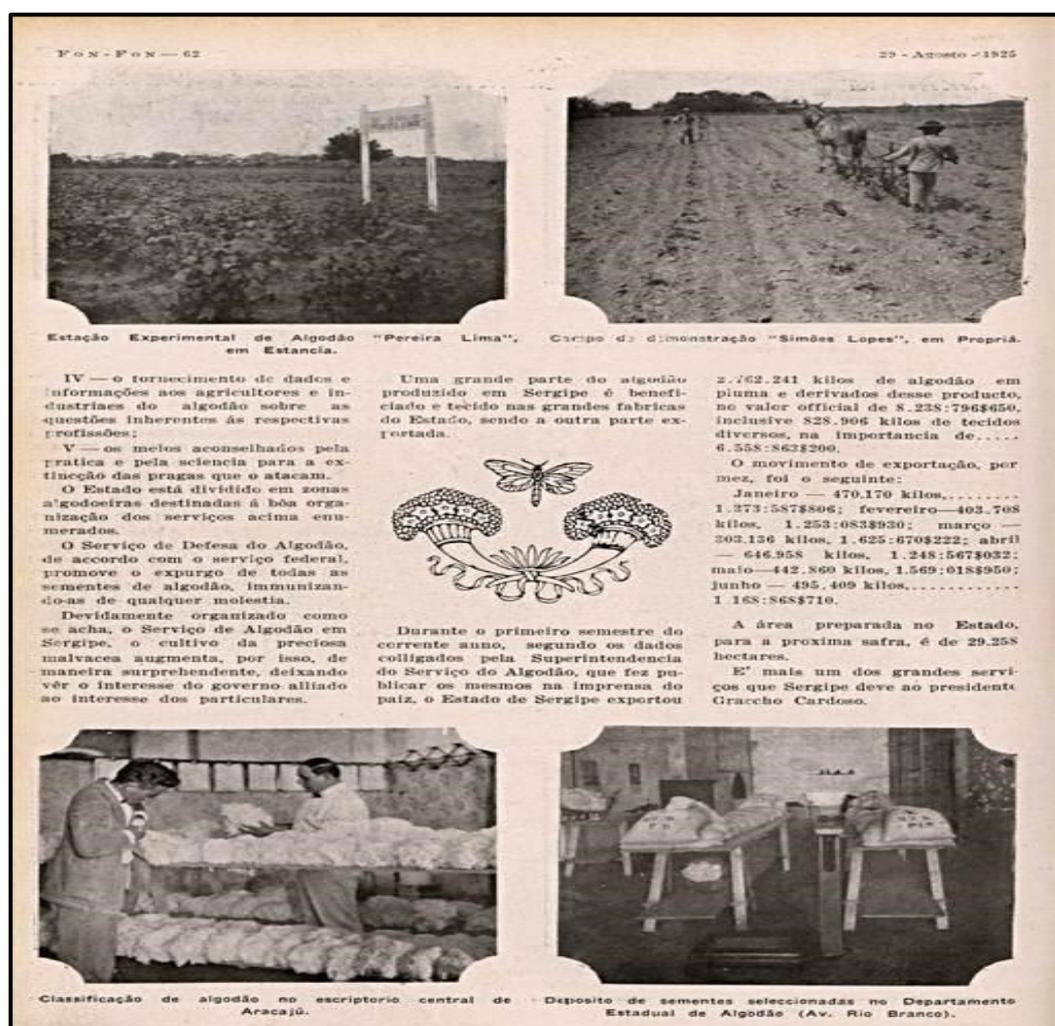
Fonte: A CULTURA DO ALGODÃO EM SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 61-62.

²⁷¹ O historiador Ibarê Dantas diz que em 1924 houve um aumento vertiginoso na receita estadual com a venda do algodão para o mercado interno, pois a venda do produto chegou a alcançar 450%. Ver: DANTAS, op. cit., 1999, p. 42.

As fotografias presentes no texto nos mostram o plantio do algodão em alguns municípios sergipanos; ao mesmo tempo, o texto discorre sobre as ações do governo nessa área como, por exemplo, a contratação de um técnico americano para dirigir os trabalhos de classificação da malvacea, a criação de uma usina modelo de beneficiamento e as vantagens obtidas junto à União. Segundo a revista, “Sergipe é a primeira unidade da federação que instituiu uma classificação oficial do algodão”²⁷².

É claro que o estado não conseguiria tais êxitos sem a ajuda da União, que, por sinal, é mencionada vez ou outra no enfadonho e apologético texto da *Fon-Fon*, afinal não se pode esperar muito de matérias pagas pelo campo político. Retornando às páginas do periódico, recorreremos à próxima imagem (figura 35) para entender a importância do algodão para a economia sergipana durante o governo de Graccho Cardoso.

Figura 35 – A Cultura do Algodão em Sergipe (2), 1925



Fonte: A CULTURA DO ALGODÃO EM SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 61-62.

²⁷²A CULTURA DO ALGODÃO EM SERGIPE, op. cit., p. 51.

Em outro trecho da matéria, são colocadas fotografias das estações experimentais de algodão no interior, talvez com o intuito de passar ao leitor o quão vasta era a produção da planta e que ela abrangia todos os territórios do estado, que “*está dividido em zonas algodoeiras*”²⁷³, como enfatiza a revista. As fotografias que estão na parte inferior da página, por sua vez, mostram os cuidados com o algodão após a colheita e como suas sementes eram acondicionadas nas repartições responsáveis para, em seguida, serem distribuídas para o plantio de uma nova safra.

Essas fotografias não estão na reportagem por acaso; sua finalidade é mostrar como Sergipe se converteu em um promissor produtor de algodão naquele período, o que favoreceu a economia, como bem expôs a *Fon-Fon* ao detalhar o movimento da exportação entre janeiro e junho de 1925. Sem dúvida foi um crescimento para as finanças estaduais²⁷⁴.

As duas principais fábricas de Sergipe, para onde a maior parte do algodão beneficiado era destinada²⁷⁵, estavam localizadas em Aracaju e, durante as primeiras décadas do século XX, foram fontes de emprego para a população, principalmente para as pessoas que residiam no interior do estado e migravam para a capital em busca de novas oportunidades de emprego. Possibilitar o fortalecimento da cultura algodoeira era ter uma economia estável e que renderia impostos ao estado, afinal a busca pelo progresso não era barata.

A atuação de Graccho Cardoso no campo da educação também obteve espaço nas páginas do periódico carioca²⁷⁶, haja vista que em seu governo foi realizada uma reforma nos currículos escolares sergipanos²⁷⁷. Entretanto, não objetivamos realizar novas discussões ou repetir análises que foram feitas em trabalhos anteriores²⁷⁸, mas isso não nos impede de usá-los como interlocutores quando analisarmos as fotografias e os textos vinculados na revista *Fon-Fon*.

²⁷³ A CULTURA DO ALGODÃO EM SERGIPE, op. cit., p. 62.

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ Uma parte da produção era destinada às fábricas locais e a outra era destinada à exportação. Ver: DANTAS, op. cit., 1999, p. 42.

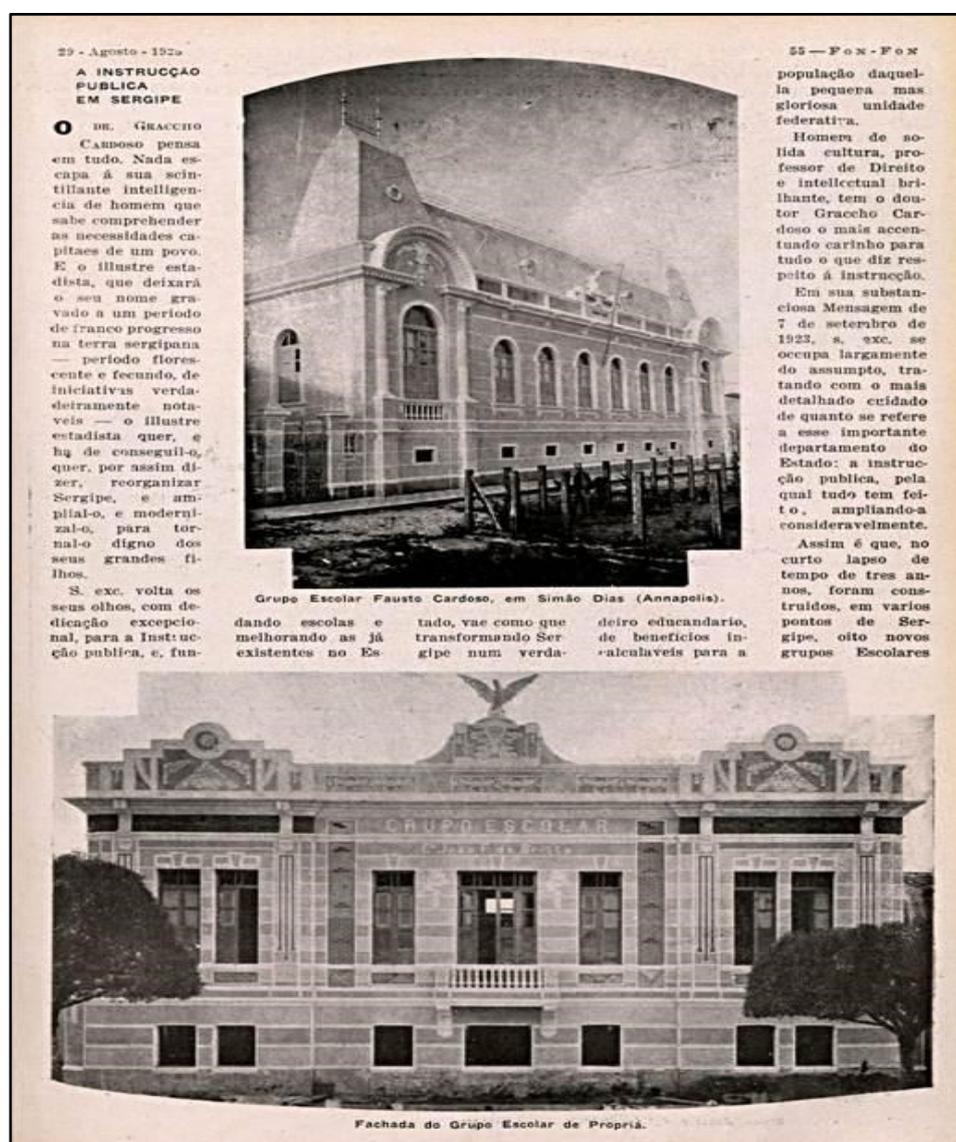
²⁷⁶ A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 55-57.

²⁷⁷ Sobre a reforma educacional promovida por Graccho Cardoso em Sergipe, ver: AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **A Modernidade no governo Graccho Cardoso (1922-1926) e a Reforma Educacional de 1924 em Sergipe**. Natal: EDUFERN, 2013.

²⁷⁸ Os historiadores Magno Santos e Crislane Azevedo realizaram eloquentes e importantes pesquisas sobre o campo educacional sergipano na Primeira República, principalmente sobre os grupos escolares criados nesse período na gestão Graccho Cardoso. Ver: SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da Modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipano (1911-1926)**. São Cristóvão: EDUFS, 2013, e AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930): cultura escolar, civilização e escolarização da infância**. Natal: EDUFERN, 2009.

O interesse de Graccho Cardoso por mudanças na educação não foi algo, digamos, inesperado. Por ser oriundo de uma família de notórios professores, a exemplo de seu pai e seu avô, o presidente demonstrou diversas vezes em suas mensagens para a Assembleia Legislativa a necessidade da reestruturação do campo educacional sergipano. Assim sendo, em 1924, apesar da instabilidade política causada pelo Movimento Tenentista, Graccho Cardoso iniciou a reforma no Ensino Primário²⁷⁹, mas foram os grupos escolares que se tornaram mais uma “Joia da Coroa” de sua administração e, evidentemente, figuraram em páginas periódicas, como nos mostra a fotografia seguinte (figura 36):

Figura 36 – A Instrução Pública em Sergipe (1), 1925



Fonte: A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM SERGIPE. Revista *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 55-57.

²⁷⁹ AZEVEDO, op. cit., 2013, p. 99.

Apesar do texto extremamente elogioso redigido pela *Fon-Fon*, é consenso entre os pesquisadores do campo político de Sergipe na Primeira República que Graccho Cardoso não poupou esforços para colocar em prática seus projetos para a melhoria da educação no estado em princípios da década de 1920. O periódico carioca afirma que “Antes da entrada do actual governo, o que havia em Sergipe, com relação á Instrucção, deixava muito a desejar”²⁸⁰, assertiva transmitida pelo governo ao denunciar a situação da instrução pública primária no início do mandato em 1922²⁸¹.

Contudo, não nos esqueçamos de que no campo político o estabelecimento de uma imagem em oposição a outra é uma prática que perdura até a atualidade, ou seja, para justificar suas ações e ganhar apoio público, os governantes costumam desqualificar e/ou criticar as gestões dos seus antecessores, legando aos que passaram a culpa pelos infortúnios recaídos sobre a administração da vez. Mesmo sendo aliado de seu antecessor no início de sua administração, Graccho Cardoso não eximiu das críticas o então senador Pereira Lobo, afinal ambos tinham formas de pensar e governar antagônicas, o que provocaria algum tempo depois os constantes embates entre eles e seus respectivos apoiadores.

Retornando ao texto da revista, encontramos fotografias dos afamados grupos escolares, alguns já existiam e foram reformados pelo governo, enquanto outros foram inaugurados. Para tal feito, residências de particulares foram adquiridas²⁸², o que pode explicar a monumentalidade de sua arquitetura, para servirem de sede do que Magno Santos (2013) denominou como “Ícones da Modernidade”²⁸³.

Nas mencionadas fotografias, é possível constatar a imponência arquitetônica dos grupos escolares, que mais se assemelhavam a grandes e imponentes palacetes ao invés de escolas, o que não deixava de ser ambas as coisas, afinal era um palacete que abrigava a mais nobre das funções: o ato de educar. Provavelmente este era o pensamento do governo da época: nobilitar a educação e assim lhe conferir um lugar de destaque perante os feitos da gestão Graccho Cardoso.

O texto da *Fon-Fon*, por mais elogioso que fosse, aponta os melhoramentos na educação promovidos durante os anos iniciais da década de 1920 e, apesar de afirmar que a instrução pública antes de Graccho Cardoso, ou seja, nos governos anteriores, era deficitária e deixava a desejar, o periódico carioca menciona timidamente e em poucas linhas a atuação do ex-

²⁸⁰ A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM SERGIPE, op. cit., p. 55.

²⁸¹ AZEVEDO, op. cit., 2013, p. 67.

²⁸² Idem.

²⁸³ SANTOS, op. cit., p. 106.

presidente Rodrigues Dória²⁸⁴ (1908-1911), que iniciou a construção de grupos escolares em Aracaju, que era o “palco das melhorias governamentais concernentes à educação”²⁸⁵ naquele momento. O então mandatário capitaneou a Regulamentação do Ensino Primário de 1911, que para alguns foi a primeira reforma no âmbito educacional em Sergipe durante a Primeira República.²⁸⁶

O que difere a administração de Graccho Cardoso da do seu antecessor 11 anos antes é o fato de o primeiro ter inaugurado e construído os imponentes grupos escolares em outras cidades do estado, retirando a exclusividade de Aracaju. Outro fator importante que contribuiu para a expansão desses estabelecimentos de ensino foi que a situação financeira de Sergipe a partir de 1922 estava favorável, diferentemente dos modestos recursos existentes durante a gestão de Rodrigues Dória. Mas o presidente da vez queria para si todo o mérito, distanciando-se dos seus antecessores, que, como nos mostra o periódico carioca, pouco ou nada fizeram.

“A instrução é uma verdade no Estado de Sergipe, pois está disseminada por todos os cantos, mesmo pelos mais longíquos, graças á tenacidade de um governo conscio de seus deveres como é o do dr. Graccho Cardoso”²⁸⁷. Apologético, mas verídico, é o texto anterior, pois, se munindo da lufada de ar fresco que soprou na economia sergipana, Graccho Cardoso pôde construir em outros municípios – Simão Dias, Propriá, Capela, São Cristóvão e Lagarto são os que têm fotografias na revista, mas além desses já existiam oito grupos escolares na capital e nas cidades de Estância, Neópolis (Villanova) e Boquim²⁸⁸. Era a educação modernizadora espalhando-se pela menor unidade da federação através da construção de imponentes prédios, seguindo o modelo paulista, que serviriam como escolas.

²⁸⁴ “Filho de Gustavo Rodrigues da Costa Doria e D. Maria Soledade Costa Doria, nasceu em 25 de Junho de 1859 na cidade de Propriá. Fez os preparatórios de 1875 e 1878 no Atheneu de Aracajú e matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1877, recebendo o grau a 16 de Dezembro de 1882, sempre com provas distintas. [...] Em 30 de Dezembro de 1897 foi eleito deputado federal por Sergipe, que por quatro legislatura lhe renovou o mandato. Representou o Governo de Sergipe no Congresso medico de S. Paulo, escrevendo por esta ocasião uma memoria sobre toxemia e crime. Apresentado pelo partido dominante de Sergipe, candidato ao lugar de presidente, foi eleito, sem competidor, em 30 de Julho de 1908, tomando posse a 24 de Outubro do mesmo anno. Esteve na Europa em passeio de recreio nos anos de 1911 à 1913 e durante esse tempo escreveu para o ‘Diario da Bahia’ cartas sob a epigraphe ‘De Paria’, com as iniciaes – R. D Socio honorario do Instituto Historico e Geographico de Sergipe e correspondente em 1918 da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Representou a Faculdade de Direito e o Instituto Geographico e Historico da Bahia no 2º Congresso Scientifico Internacional Pan-Americano reunido em Washington a 27 de Dezembro de 1915. Socio effectivo do mesmo instituto em Março de 1916, membro correspondente da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 1918. Neste mesmo anno foi eleito pela opposição deputado federal pelo seu Estado para o triennio de 1918-1920”. Faleceu em Salvador/Bahia em 14 de janeiro de 1938. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 181-182.

²⁸⁵ AZEVEDO, op. cit., 2013, p. 53.

²⁸⁶ Idem, p. 56.

²⁸⁷ A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM SERGIPE, op. cit., p. 56.

²⁸⁸ AZEVEDO, op. cit., 2013, p. 111.

Figura 37 – A Instrução Publica em Sergipe (2), 1925

FON-FON-56

29 - Agosto - 1925



funcionavam principalmente no interior, em salas antigas, onde o ar e a luz nunca penetraram. Em ambiente assim, era natural que as crianças não sentissem a alegria que só ultimamente vieram a conhecer.

Entretanto, os esforços dos últimos governos desde a presidência Rodrigues Dória melhoraram um pouco esse estado de coisas.

Além dos Grupos Escolares existe, em Sergipe, o Atheneu Sergipense, inaugurado em 3 de fevereiro de 1871, e consagrado ao ensino de preparatórios. Era o único órgão, com caracter official, que, havia mais de meio seculo, merecia as attentões dos governos da antiga provincia.

Grupo Escolar Coelho e Campos, em Capelinha.

e duas Escolas-Reunidas; na capital, os Grupos — *Dr. Manoel Luiz*, *José Araujo Ferraz*, *General Valadão* e *General Siqueira*; no interior, os Grupos de São Christovão, Estancia, Propriá, Lagarto, Annapolis e as Escolas-Reunidas de Santo Amaro e de Buquim, que são, hoje, frequentadas por uma multidão de crianças, avidas de instrução, e onde encontram excelentes professores, conforto e hygiene.

A instrução é uma verdade no Estado de Sergipe, pois está disseminada por todos os cantos, mesmo pelos mais longinquos, graças á tenacidade de um governo conscio de seus deveres como é o do dr. Graccho Cardoso.

Antes da entrada do actual governo, o que havia em Sergipe, com relação á instrução, deixava muito a desejar. As escolas primarias



Grupo Escolar Vinario Barroso, em São Christovão.

Em abril de 1923, pelo decreto n.º 798, o actual governo desintegrou delle o curso commercial, o qual passou a ter existencia independente, convertido em escola commercial, sendo de todo mod-



Grupo Escolar Sylvio Romero, em Lagarto.



Fonte: A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 55-57.

Essa mesma educação modernizadora não consista apenas em oferecer esses suntuosos e imponentes palacetes como sedes de estabelecimento de ensino, mas também propiciar condições de hygiene necessárias para o desenvolvimento educacional, afinal o higienismo não estava restrito às ruas e demais estruturas urbanas, seus preceitos se faziam presentes tanto em

residências particulares quanto em prédios públicos. A ausência de alguns preceitos higienistas nas instituições de ensino em outras localidades do estado é evidenciada pela *Fon-Fon* em seu texto quando o periódico afirma: “As escolas primárias funcionavam principalmente no interior, em salas antigas, onde o ar e a luz nunca penetram”²⁸⁹. A construção dos grupos escolares no interior deveria seguir os mesmos padrões estéticos e higienistas dos que funcionavam na capital, uma vez que “os prédios deveriam ser instrumentos que propiciassem o controle dos corpos e a higienização física e moral”²⁹⁰.

As referidas instituições educacionais não deveriam impressionar apenas pela opulência de sua arquitetura ou pelos preceitos higiênicos que deveriam ser seguidos em suas obras, mas também pelo controle da própria higiene pessoal dos alunos, afinal o cidadão moderno deveria manter seu corpo saneado e/ou incorrupto das enfermidades que assolavam a população. Era necessário extirpa-las para assim se chegar ao progresso almejado pelos governantes republicanos, e a educação teve papel importante nesse processo.²⁹¹

Ao analisarmos as fotografias (figuras 38 e 39), não é difícil notar alguns elementos que evidenciam, em sua arquitetura, a inserção dos preceitos de higiene como, por exemplo, a significativa quantidade de janelas, o que propiciava a entrada de luz e a circulação da ventilação, dois fatores inexistentes nas escolas do interior sergipano, como informou o periódico carioca. Salta aos olhos a existência de porões na maioria dos grupos escolares, elemento usado em grande medida nas unidades existentes na capital. O uso dos porões tinha por finalidade manter o piso elevado do solo, evitando, assim, as enfermidades oriundas do chão²⁹². Na cidade erguida sobre charcos, pântanos e mangues, à margem direita do rio Sergipe, que fora castigada por epidemias desde o seu nascedouro em meados do século XIX²⁹³, tal subterfúgio arquitetônico era de grande valia, pois é “melhor prevenir do que remediar”, diz o ditado.

Nas fotografias dos grupos escolares publicadas na *Fon-Fon*, nos chama atenção a forma como foram captadas com o intuito de mostrar a monumentalidade dos edifícios, por isso os

²⁸⁹ A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM SERGIPE, op. cit., p. 56.

²⁹⁰ SANTOS, op. cit., p. 112.

²⁹¹ De acordo com Magno Santos, os alunos matriculados nos grupos escolares deveriam estar vacinados e passavam constantemente por avaliações de higiene tanto pelos professores quanto por médicos, com o intuito de evitar a proliferação de epidemias que assombravam feito fantasmas a capital e o interior de Sergipe desde o século XIX. Ver: SANTOS, op. cit., p. 114.

²⁹² Idem, p. 120.

²⁹³ Sobre as epidemias e rituais fúnebres na Aracaju oitocentista, ver: CAVALCANTE, Bruna Morrana Santos. **Epidemias e Transformações Fúnebres na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Aracaju (1855-1896)**. 2023. 307 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

prédios foram captados em formato horizontal, pois “abarcam continuidades maiores”²⁹⁴ da arquitetura dos prédios e dos elementos urbanos que os circundam, como calçamentos e jardins, indispensáveis no processo de remodelação das cidades. Dessa forma, “é impossível não observar que essas grandes estruturas monumentalizam o espaço urbano”²⁹⁵ e que em certa medida contrastavam com algumas cidades do interior, que, diferentemente de Aracaju, não passaram por reformas urbanas significativas, mantendo seu casario simples e sem requintes arquitetônicos.

A significativa quantidade de fotografias dos grupos escolares presentes nas páginas da *Fon-Fon* – além das unidades de ensino erigidas no interior –, a revista publicou três imagens dos grupos construídos pelo então presidente do estado em Aracaju. Sem deixar de lado o tom elogioso obviamente, o texto ressalta “[...] as preocupações principais do governo profícuo do eminente dr. Graccho Cardoso, que nesse sentido vem desenvolvendo em Sergipe uma ação eficientemente patriótica”²⁹⁶. A publicação de meia dúzia de imagens fotográficas dos grupos escolares construídos pelo governo em questão foi meticulosamente pensada, assim como as demais publicações que envolvem o campo político e seus agentes, pois, além de o regime republicano acreditar que o progresso só seria alcançado através da educação, a imponente arquitetura das escolas servia para impressionar tanto os habitantes da capital quanto dos interiores que receberam esse “regalo” do governo estadual, pois “a República se fez mostrar pela magnitude dos prédios escolares”²⁹⁷.

O material fotográfico impresso na revista carioca ajudaria não apenas para ilustrar a matéria, mas servia para maravilhar os olhos dos seus leitores e, ao mesmo tempo, estabelecer o poder político do seu realizador, afinal, segundo Chartier, “[...] a imagem é simultaneamente a instrumentalização da força, o meio da potência e sua fundação em poder”²⁹⁸. Foi através do uso exacerbado de fotografias vinculadas nas revistas ilustradas que o então presidente sergipano quis recuperar a sua reputação após os episódios da Revolta Tenentista de 1924, que lhe rendeu críticas ferozes dos opositores de Graccho Cardoso. Tal estratégia serviu para mostrar aos sergipanos e aos demais brasileiros que o governo estava atuando, mesmo com os resquícios de uma temporária ruptura institucional.

²⁹⁴ POSSAMAI, Zita Rosane. Narrativas fotográficas sobre a cidade. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 55-97, 2007. p. 64

²⁹⁵ Idem.

²⁹⁶ A INSTRUCÇÃO PUBLICA EM SERGIPE, op. cit., p. 57.

²⁹⁷ SANTOS, op. cit., p. 130.

²⁹⁸ CHARTIER, op. cit., 2002, p. 165.

De fato, Graccho Cardoso tirou proveito da construção dos grupos escolares em seu governo, pois, no período que compreende os anos de 1923 a 1926, foram erguidos 11 novos prédios que serviriam como instituições de ensino, sendo sua maioria construídos no interior do estado²⁹⁹, por isso outro consenso na historiografia sergipana é o de que não houve outro governante durante os primórdios republicanos em Sergipe que soube explorar de forma perspicaz os benefícios que os grupos escolares somariam ao seu capital político, pois eles “também serviram com ícones da propaganda das lideranças políticas da República”³⁰⁰.

Outra obra amplamente explorada pela revista foi a construção da Penitenciária Modelo. A *Fon-Fon* dedicou três páginas com 12 fotografias divididas sobre elas que mostravam as obras adiantadas da instituição carcerária. Ao assumir o governo em 1922, de acordo com Mariana Góis (2019), Graccho Cardoso “mostrou-se perplexo com as condições em que os sentenciados viviam”³⁰¹ devido à falta de higiene e ao ambiente insalubre da então Cadeia de Prisão³⁰².

No entanto, possivelmente havia outra situação que preocupava o governante: a localização da cadeia que ficava no centro da capital, que, por sua vez, passava por mais um processo de remodelação urbana que se baseava tanto em preceitos de higiene quanto morais, por isso era necessário remover do Tabuleiro de Pirro os detentos “que subvertiam a ordem ora estabelecida”³⁰³, como também as classes populares que viviam nos arrabaldes da prisão e que, com suas práticas perigosas, eram consideradas uma ameaça para a cidade. Era uma verdadeira “limpeza” que seria posta em prática seguindo o exemplo do Rio de Janeiro, quando demoliu os cortiços e casarões no início do século passado³⁰⁴ na reforma urbana de Pereira Passos.

O corpo conspurcado não apenas pelas doenças e patologias, mas também por vícios que afrontavam a ordem, deveria ser afastado, ficar fora da vista e do contato com indivíduos que viviam sob a lei e os modelos estabelecidos, para que esses não fossem corrompidos e se tornassem degenerados. Por isso, nada mais conveniente que afastá-los da cidade, que estava

²⁹⁹ Tanto Crislane Azevedo (2009) quanto Magno Santos (2013), baseados nos relatórios de gestão do Presidente Graccho Cardoso (1922-1926), atestam esse quantitativo de grupos escolares construídos pelo governo em questão.

³⁰⁰ SANTOS, op. cit., p. 131.

³⁰¹ GÓIS, Mariana Emanuelle Barreto de. “**Nas muralhas sombrias**”: experiências carcerárias na penitenciária modelo, Aracaju/se, 1926-1955. 2019. 231 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019. p. 36.

³⁰² A Revista *Fon-Fon* fez um relato parecido em suas páginas: “Verificou que o edifício destinado aos que cumprem pena não correspondia, em absoluto, aos fins de seu destino”. Ver: A PENITENCIÁRIA DE SERGIPE. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 52.

³⁰³ Idem.

³⁰⁴ CHALHOUB, op. cit., p. 26; SANTUCCI, Jane. **Cidade Rebelde**: as Revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 98.

em busca do progresso. Desta feita, a construção da Penitenciária Modelo pautou-se, inicialmente, em levar a uma distância considerável os infringentes. No entanto, a revista mencionou uma “atenção ferida pela sorte dos infelizes condenados, cuja moral só pode ser erguida pela bondade e pela persuasão”³⁰⁵. Não é nosso intento questionar os reais motivos que levaram o presidente Graccho Cardoso a construir um novo estabelecimento carcerário, mas o contexto da época era de afastar aqueles que não estavam aptos a viver em uma sociedade que se denominava moderna. Vejamos algumas imagens da Penitenciária Modelo.

Figura 38 – A Penitenciária de Sergipe (1), 1925



Fonte: A PENITENCIÁRIA DE SERGIPE. Revista *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 52.

³⁰⁵ A PENITENCIÁRIA DE SERGIPE, op. cit., p. 52.

Figura 39 – A Penitenciária de Sergipe (2), 1925



Fonte: A PENITENCIÁRIA DE SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 52.

Com uma arquitetura que se assemelha a uma inexpugnável fortaleza medieval, talvez para transmitir a ideia de que ninguém poderia fugir ou entrar, a Penitenciária Modelo incorporou os adjetivos modernos atribuídos aos prédios da gestão de Graccho Cardoso. Seu nome reflete a pretensão de ser uma unidade prisional moderna e, conforme o periódico, “capaz de rivalizar com as dos países onde penitenciarismo merece real atenção”³⁰⁶, uma ousada ambição.

³⁰⁶ A PENITENCIÁRIA DE SERGIPE, op. cit., p. 52.

Como dito anteriormente, a nova penitenciária deveria ser construída afastada do centro urbano pelas justificativas já mencionadas, por isso o local escolhido ficava situado a pouco mais de quatro quilômetros da capital, entre as zonas norte e oeste, numa localidade chamada Alto do Pindaíba (atual Bairro América). A enorme estrutura do edifício e dos seus pavimentos não seria apenas para manter os detentos encarcerados, muito pelo contrário, havia um processo de ressocialização que consistia em aulas, oficinas e até mesmo celebrações religiosas, pois havia uma capela em suas dependências, como é constatado em uma das fotografias da figura 38, para que os presos pedissem perdão não apenas por seus crimes terrenos, mas também pelos seus pecados.

É interessante notarmos que o texto da *Fon-Fon* enfatiza as questões de higiene do prédio, o que o diferenciava da antiga cadeia. Na prisão anterior, além da superlotação das celas, compartilhadas por menores, adultos e alineados, as condições de higiene não eram as melhores. Como citado anteriormente, “as latrinas ficavam nos interiores das celas e produziam uma exalação insuportável devido à falta de esgotos apropriados”³⁰⁷. Isso não era nada apropriado para uma cidade que se desejava moderna e contrariava o discurso higienista, que atribuía aos odores pútridos a principal causa das doenças urbanas. Por isso, a construção de uma nova unidade afastada de Aracaju, que se modernizava, foi a melhor saída para evitar possíveis epidemias no futuro.

Todo o país atendia ao Código Penal Republicano de 1890³⁰⁸, o que entusiasticamente é descrito na revista: “De sobejo o dr. Graccho Cardoso mostra conhecer o que são as prescrições e as necessidades do moderno systema penitenciário, como juriconsulto, e administrador que realmente é”. Dessa forma, o governo só seguia uma legislação que estava sendo colocada em prática em outros estados, dentro das suas realidades, naturalmente.

Em suma, a construção da Penitenciária Modelo fazia parte, assim como escolas, hospitais, institutos de saúde, daquilo que chamamos de ação modernizadora do governo de Graccho Cardoso e que se propagou pelo Brasil graças à publicidade e ao poder de alcance que a revista *Fon-Fon* possuía. Era necessário mostrar que a modernidade e o progresso estavam em diversas áreas e em todo o território do estado de Sergipe, não apenas em sua capital.

Ao longo de quatro dezenas de páginas, foram apresentados outros feitos da administração de Maurício de Graccho Cardoso. Destacam-se a criação do Banco Estadual de

³⁰⁷ GÓIS, op. cit., p. 35.

³⁰⁸ Idem, p. 36.

Sergipe³⁰⁹, do Hospital de Cirurgia³¹⁰ e da Maternidade³¹¹; a fundação da Faculdade de Direito³¹², do Instituto de Química³¹³ e do Centro agrícola “Epitácio Pessoa”³¹⁴. Além disso, houve investimentos significativos na agricultura e na pecuária do estado³¹⁵, assim como o incentivo à imigração de colonos alemães³¹⁶, ideia que não vingou devido ao clima quente.

Houve ainda a fundação do Patronato de São Maurício, onde meninos desamparados eram internos e recebiam “educação e preparo para se tornarem homens que possam prestar serviços á sua Patria”³¹⁷, e do Instituto Coelho e Campos, uma espécie de escola técnica que capacitaria rapazes em cursos de “officinas de funilaria, forja mechanica, modelação, fundição, serraria, marcenaria e carpintaria”³¹⁸. Tais cursos nos levam a crer que esses rapazes serviriam de mão de obra para as fábricas existentes em Sergipe, como também para os trabalhos realizados na reforma urbana de Aracaju, capitaneada por Graccho Cardoso e seu irmão, Hunald Santaflor Cardoso, agora elevado à condição de Intendente Municipal, uma espécie de prefeito da época, como veremos mais à frente nestes escritos. Por fim, a abertura de estradas e rodagens que ligariam um município ao outro, facilitando assim a rota comercial entre eles, como também com a capital.³¹⁹

Os feitos citados nos parágrafos anteriores foram acompanhados de fotografias, evidenciando o uso imprescindível desse material como uma forma de comprovar visualmente o que estava sendo lido na revista. Elencamos alguns dos trabalhos feitos pela gestão Graccho Cardoso (educação, saúde e economia) por alguns pontos: primeiro pela atenção que o referido governante direcionou para as áreas mencionadas e pela quantidade de fotografias que foram vinculadas aos textos de cada uma delas nas páginas do periódico carioca.

A presença constante da palavra “Progresso”, repetida diversas vezes no texto, sugere que o êxito dos trabalhos elencados faria com que Sergipe alcançasse o desejado progresso. Ao publicizar suas ações na revista ilustrada *Fon-Fon*, um importante veículo de comunicação na

³⁰⁹ BANCO ESTADUAL DE SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 50.

³¹⁰ HOSPITAL DE CIRURGIA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 51.

³¹¹ MATERNIDADE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 51.

³¹² ESCOLA DE DIREITO. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 57.

³¹³ INSTITUTO DE QUIMICA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 63.

³¹⁴ CENTRO AGRICOLA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 64.

³¹⁵ AGRICULTURA E PECUARIA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 66

³¹⁶ IMMIGRAÇÃO. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 66.

³¹⁷ PATRONATO DE SÃO MAURÍCIO. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 67.

³¹⁸ INSTITUTO COELHO E CAMPOS. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 68

³¹⁹ ESTRADA E RODAGENS. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 70

divulgação das ideias de modernidade e progresso³²⁰, o governo transmitia a mensagem de que o menor estado da federação não estava aquém dos ideais pregados pela República. Ele seguia passo a passo seus congêneres, que também divulgavam seus “relatórios ilustrados” de gestão em periódicos importantes com circulação em todo o território nacional.

Em 24 de outubro de 1926, após um acordo com seu outrora aliado e então desafeto, o então senador Pereira Lobo, Graccho Cardoso deixa a presidência do estado de Sergipe e, mais uma vez, se muniu das páginas da *Fon-Fon* para relatar as suas ações à frente do executivo estadual, assim como fez seu antecessor quando utilizou a revista *O Malho* (figura 29) para enaltecer sua administração. Em um número menor de páginas, duas, para sermos exatos, Graccho Cardoso sintetizou as principais ações durante o quadriênio em que esteve Presidente do Estado do Sergipe³²¹, como veremos na figura que segue.

O conteúdo da mensagem publicada na *Fon-Fon* foi um recorte feito do discurso presidencial proferido por Graccho Cardoso na Assembleia Legislativa em 2 de outubro daquele ano, às vésperas de encerrar seu mandato. Obviamente, o mandatário elencou pontos que achou importantes para serem publicados no periódico carioca com o intuito de louvar os feitos de sua gestão no executivo estadual. A revolta de 19 de janeiro de 1924, fio condutor da Revolta Tenentista em Sergipe, também foi mencionada na mensagem publicada na revista, talvez como uma forma de dizer que, apesar dos acontecimentos insurgentes, Sergipe, sob a batuta de Graccho Cardoso, conseguiu superar as adversidades e progredir nos diversos setores cuidadosamente mencionados um por um tanto na mensagem destinada aos parlamentares quanto no periódico carioca.

No centro da segunda página, uma fotografia do presidente ilustrava a matéria; nela é perceptível um Graccho Cardoso com feições mais sisudas e aparência cansada, algo que destoa completamente de outra fotografia na mesma revista no início do mandato (figura 30), na qual se via um discreto contentamento em seu rosto por iniciar uma administração que levaria o progresso ao estado. Mas o cansaço aparentemente representado na foto não foi por acaso, afinal Graccho Cardoso foi deposto do governo, algo que desgastou sua imagem política, e ainda teve de enfrentar críticas ácidas e frequentes da oposição e da imprensa sergipanas, sendo que

³²⁰ CAETANO, Vívian Marcello Ferreira. **Relações de poder, gênero e condição feminina na imprensa carioca: *O Malho*, *Careta* e *Fon-Fon* (1910-1950)**. 2021. 221 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, RJ, 2021. p. 11.

³²¹ A MENSAGEM DO PRESIDENTE GRACCHO CARDOSO. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XX, nº 40, 02 de outubro de 1926, p. 61-62.

algumas vozes contrárias antes lhe rendiam capciosos elogios, como o senador Pereira Lobo, entre outros.

Figura 40 – A Mensagem do Presidente Graccho Cardoso (1), 1926

FON-FON

A MENSAGEM DO PRESIDENTE GRACCHO CARDOSO

Ao apresentar ao Congresso Estadual de Sergipe a derradeira mensagem historiando o que foi a sua acção no ultimo anno governamental, o sr. dr. Graccho Cardoso, m. d. presidente daquela unidade da Federação, diz do muito que empreendeu á custa de ingentes esforços e sacrificios.

Aos nossos leitores deixamos a liberdade de analysar os actos desse governo no seu ultimo periodo, affirm de que possuem julgar o que foi a administração proficiosa de um homem probo e de viva percepção governativa, tal o presidente do Estado de Sergipe, cujo periodo governamental expira a 24 de outubro entrante.

Os trechos que se seguem foram extrahidos dos mais importantes assumptos tratados na mensagem em questão

OBRAS DO PORTO DE ARACAJÓ

Sobre o assumpto, teve o governo a grata noticia communicada no telegramma que vae reproduzido:

"Rio, 19 de agosto de 1926 — A um projecto abrindo creditos attender despesas construção estradas ferreas Haquí a São Borja, no Rio Grande, acabo de apresentar, subscripta também demais membros lançada, accordo desejo nosso eminente amigo dr. Cyro Azevedo, seguinte emenda, que terá pareceres Comissões Obras Publicas e Finanças e para cuja approvação conto apolo "leader" maioria: "E o governo autorizado a executar por administração ou por contracto as obras do porto de Aracajó, cujo projecto e cujo orçamento já foram approvados pelo decreto n.º 17.973, de 21 de outubro de 1925, podendo, para isso, abrir desde já os creditos ou realizar as operações de credito que forem necessarias, até a importância de cinco mil contos de réis." Fica assim respondido cabogramma de ontem prezado amigo, a quem envio affectuosos abraços. — *Gentil Tavares.*"

REVOLTA DE 19 DE JANEIRO

Sob este titulo, a mensagem historia os acontecimentos occorridos no Estado e que tiveram origem no quartel do 28.º B. C., onde se achavam recolhidos, respondendo a processo, alguns officiaes que tomaram parte na revolta de 13 de julho de 1924.

Transcreve em seguida a mensagem o telegramma dirigido naquella oportunidade pelo presidente da Republica ao presidente do Estado, precedido das seguintes palavras:

"Do inclyto patriota presidente Arthur Bernardes, recebeu o presidente do Estado o telegramma infra, vibrante laudo de incentivo a todos quantos, por envolverem uma farda, assumiram o compromisso de honra com a disciplina e a legalidade:

"Rio, 21 janeiro — A victoria das armas legais, constitue justo motivo para que eu me congratule com v. excia. pela correção e lavuura com que se houve a pollela de Sergipe na resistência ao ataque lançado que lhe fez o 28.º B. C. na manhã do dia 19. Comprido nobremente o seu dever, a força policial tambem deu marginal exemplo de honra e lealdade digno de ser imitado. Vou renovar providencias para que sejam fornecidas ao seu governo as armas e munições constantes do seu pedido. Cordenes saudações. — *Arthur Bernardes.*"

HOSPITAL DE CIRURGIA

Constituiu notavel acontecimento a solemnhidade inaugural do Hospital de Cirurgia, fundação de beneficencia, constituída pelo Estado, destinada a prodigalizar assistencia medico-cirurgica, de accordo com os ensinamentos e metodos da technica moderna, a indolentes, mantida, porém, uma secção de pensionistas, nos termos da lei n.º 906, de 29 de outubro de 1925, e art. 27 do Codice Civil Brasileiro.

A Associação Hospital de Cirurgia é administrada por um Conselho Deliberativo, estando a sua parte tecnica confiada á abalizada proficiência do illustre cirurgião patriota dr. Augusto Cesar Leite.

SUCCESSO PRESIDENCIAL DO ESTADO

Quissem circunstancias, as quaes não esqueceremos jamais de bendizer, que da firme attitudem que mantivemos por libertar Sergipe da revivescencia do satrapismo que o ameaçava na solução do problema presidencial, para essa investidura suprema surgisse a candidatura do nosso eminente compatriota dr. Cyro Franklin de Azevedo, nome aureolado por um longo passado de serviços ao país e com insuperaveis responsabilidades na proclamação do regimen.

Devemos todos nos congratular com os resultados desse advento, já agora brilhantemente legitimado por 11.689 suffragios, attestado eloquente de que, após tantos annos de esterilidade civica, achamos, afinal, o unico ponto de partida para o meridiano verdadeiro das instituições.

EPHEMERIDE CIVICA

Sob este titulo a mensagem se refere á visita feita pelo presidente eleito da Republica, sr. Washington Luiz, ao Estado de Sergipe. As manifestações feitas por esta occasião ao futuro presidente pelo governo e o povo do Estado, revestiram excepcional significação de carinho e apreço. S. excia. foi recebido no cives pelos representantes da autoridade e de todas as classes sociais, seguindo após aclamações para o palacio do governo, onde ficou hospedado.

Após ligeiro repouso e uma breve

visita ás dependencias do palacio do governo, o sr. presidente do Estado convidou o dr. Washington Luiz a visitar os novos reservatorios dos serviços de abastecimento de agua da capital, a que s. excia. resolveu dar a denominação de "Reservatorios Washington Luiz", para perpetuação da ephemeride que se festejava.

O dr. Washington Luiz foi all recebido pelos Drs. Povoas de Brito e Oscar de Mendonça, engenheiros da Commissão de Saneamento de Aracajó, sob cuja zelosa direcção correm aquelles serviços.

Já ali estacionavam numerosas pessoas que, á chegada de s. excia. ergueram entusiasticos vivas.

O sr. Washington Luiz examinou detidamente todas as obras desses grandes reservatorios, em cimento armado, concluido o que se realizou a cerimonia de inauguração da placa commemorativa do nome de s. excia.

Agradecendo a homenagem, o sr. Washington Luiz pronunciou as seguintes palavras:

"Benemerito é o governo que realiza obras taes: benemerito porque demonstra cuidar da saúde e bem estar do seu povo; benemerito ainda porque a effectua dentro dos recursos naturaes do Estado.

Agradecendo as formosas palavras do orador que me acaba de saudar e sensível ás palmas com que me acclamam, a ellas me associo, para transmitil-as com mais fervor se possível, ao administrador que dentro dos molestos recursos do seu orçamento construiu melhoramentos de tamanho vulto."

MUNICIPIO DA CAPITAL

Além dos empreendimentos da alçada exclusiva do Estado e dos quaes noutros capitulos vos falaremos, a cidade de Aracajó, durante o quadriennio que está a findar, foi objecto tambem dos nossos mais instantes cuidados, passando, como é notorio, nos logares mais movimentados e de maior importancia, por transformações radicaes que muito e muito a embelezaram e hygienizaram.

FINANÇAS

Para se ter uma idéa do vigor das finanças de Sergipe, basta assinalar que a receita orçada no ultimo decennio foi de réis..... 43.693:957\$158, com a média annual de 4.269:395\$715, sendo a receita arrecadada no mesmo decurso de tempo de 60.436:941\$978, em uma média annual de 6.043:694\$107. O "superavit" entre as receitas arrecadadas e as orçadas, nesse decennio, foi, pois, de 16.762:983\$920, com uma média annual de réis... 1.647:983\$329.

VALOR DA EXPORTAÇÃO

O valor da exportação em 1925 elevou-se a 20.893:594\$502; produzindo rendas no total de réis..... 3.253:963\$898, contra o de réis... 3.199:575\$356, em 1924, demonstrando uma differença a mais de

Fonte: A MENSAGEM DO PRESIDENTE GRACCHO CARDOSO. Revista *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XX, nº 40, 02 de outubro de 1926, p. 61.

Figura 41 – A Mensagem do Presidente Graccho Cardoso (2), 1926

FON-FON

14:392332, em favor do exercício findo.

Assim, diante da exposição feita, não nos arreceiamos de afirmar que é promissora a situação financeira do Estado.

BANCO DO ESTADO DE SERGIPE

Na ordem dos melhoramentos administrativos inspirados no critério exacto das necessidades que vieram preencher, destaca-se sem dúvida, o Banco Estadual de Sergipe.

São sobejamente conhecidos os motivos que ocorreram para que o governo procurasse atrair para o Estado capitães estrangeiros com o fim de criar um Banco que reservasse parte dos seus capitães a empréstimos pouco onerosos à lavoura e indústria sergipanas.

Torna-se, pois, escusado repetir o que, em ocasiões anteriores já foi feito, no sentido de explicar novamente as razões, em que nos baseamos para aconselhar a adopção dos favores que determinaram a capitalistas francezes a fundar, nesta capital, um estabelecimento de crédito com as obrigações daquele encargo.

Ao preconizarmos essa medida administrativa era nosso intuito facilitar a criação de um instituto modelar. Felizmente, os factos vão demonstrando que caminha para concreta e perfeita realidade o optimismo das nossas esperanças.

Apenas passou por leve modificação o plano primitivo, conforme vos demos conta em nossa ultima mensagem. Com effecto, em virtude de difficil collocação das apolices emitidas pelo Estado para o fim de preencher as condições de seu contrato, desistiu este de emitir as 15.000 apolices restantes das 25.000 autorizadas por força da lei n. 827, de 19 de março de 1923, e decreto n. 805, de 24 de abril de 1924, tomando, em compensação, o compromisso de completar em dinheiro, mediante prestações mensaes de 165 contos de réis, o capital em participação iniciado.

Convém considerar que o Estado era obrigado a ter sempre um capital igual ao dos accionistas. Era, de facto, uma aspiração indesejavel de nossa parte, por permittir, assim, o Banco, prestar mais largos e proveitosos beneficios aos lavradores de nossa terra, não experimentados agora com a desvalorização de seus principaes artigos agricolas: o algodão e o assucar.

Como é corrente, vem funcionando já no Rio de Janeiro a Agencia do Banco Estadual de Sergipe, que muito contribuirá para desenvolver e facilitar o movimento entre a Capital Federal e o nosso

Estado, com evidente proveito para o commercio e classes produtoras.

Conclue a mensagem com o agradecimento do presidente do Estado ao Congresso Estadual pelo concurso que lhe prestou durante a sua administração, o qual lhe permittiu a realização do programma que se havia traçado ao assumir o governo. E remata com o seguinte trecho, que resume a obra realizada pela administração sergipana, nos ultimos quatro annos:

"E o programma que executamos se ostentará, então, em toda a sua amplitude: os serviços de abastecimento de aguas remodelados; renovados os de luz e instituidos os de tracção electrica; a Penitenciaría Modelo, o Banco Estadual de Sergipe, o Hospital de Cirurgia, o Instituto Parrelhas Horta, o Instituto Arthur Bernar-

des, o Instituto Profissional Coelho e Campos, o Patronato de Menores Francisco Sá, o Orphanato para meninas desvalidas; o Departamento Estadual do Algodão, os melhoramentos do Centro Agricola e do Quissaman; a Inspectoria de Terras, Mattas e Estradas, o ensaio de colonização estrangeira, o palacete da Intendencia Municipal, o Mercado Publico, o Matadouro Modelo, as obras de adaptação do quartel da força militar, a estatua ao general Valladão, as reformas da Assembléa Legislativa, do Tribunal da Relação, da Recebedoria Estadual e do palacio do governo; o Atheneu Pedro II, os grupos escolares Dr. Manoel Luiz, General Valladão, José Augusto Ferraz e a construcção, iniciada, do grupo General Siqueira, na capital; grupos escolares Fausto Cardoso, em Annapolis; Sylvio Romero, em Lagarto; Gumerçindo Bessa, em Estancia; Vigario Barroso, em São Christovão, e Coronel João Fernandes, em Propriá; e as escolas reunidas Severiano Cardoso, em Boquim, e Esperidião Monteiro, em Santo Amaro; installação de luz electrica no Centro Agricola Epitacio Pessoa e nos cidades de S. Christovão, Estancia, Lagarto, Capela, Loreas, S. Paulo e Villanova; 38.725m.2,44 de calcamento e 18.135m.2,98 de arlandamento na capital; o arlandamento da praça Fausto Cardoso, completamente renovada; as estradas de rodagem de Aracaju-São Christovão; de Aracaju-Laranjeiras; de Itabaianinha-Campos; de Lagarto-Annapolis; de Capela-Dorea, e o proseguimento dos trabalhos da de Laranjeiras-Itabaiana-S. Paulo, e os ramaes Aracaju-Penitenciaría Modelo, Aracaju-Jabotiana-Cabrita e S. Christovão-Christo Redemptor; a erecção da capella de S. Mauricio no batalhão policial militar e do monumento a Christo; o rejuvenescimento do professorado primario, a criação da Escola de Commercio Conselheiro Orlando, da Faculdade de Pharmacia e Odontologia Annibal Freire, e do curso de artes femininas, na Escola Normal; a edição das obras de Tobias Barreto e do Dicionario Biobibliographico Sergipano, do desembargador Armindo Guanarã; o augmento, em geral, de cerca de 40 % nos vencimentos dos empregados do Estado e as garantias juridicas asseguradas aos mesmos com a decretação do Estatuto dos Funcionarios.

E os factos demonstrarão que, para todo esse resultado, o governo que finalisa a sua tarefa não contractou emprestimo nem augmentou impostos.

São estas as despedidas que do intimo vos endereço."



Dr. Graccho Cardoso



Fonte: A MENSAGEM DO PRESIDENTE GRACCHO CARDOSO. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XX, nº 40, 02 de outubro de 1926, p. 62.

Ao utilizar as páginas da revista ilustrada *Fon-Fon* apresentando os feitos de sua gestão, Graccho Cardoso não só rebatia os jornais sergipanos, como também impulsionava a imagem de Sergipe para outras partes do Brasil, mostrando que, apesar das turbulências políticas, o

estado seguia os passos das demais unidades da federação que buscavam o progresso e a modernidade. No período que compreende o quadriênio do seu mandato, nos primeiros anos da década de 1920, houve uma quantidade significativa de publicações na imprensa, principalmente no Rio de Janeiro, nascedouro das principais revistas ilustradas do país.

Como já foi mencionado, é consenso no campo historiográfico sergipano que a administração de Graccho Cardoso se notabilizou como uma das mais proficuas da Primeira República, pois, de acordo com Dantas, “pelo menos na durante a história republicana, até então, nenhum governante apresentara um acervo de obras tão vasto, sobretudo na capital”³²². Ao publicar seus trabalhos na revista *Fon-Fon*, através da influência que seu secretário Cláudio Ganns e do poeta sergipano radicado no Rio de Janeiro, Hermes Fontes, tinham na redação do periódico, Graccho apresenta não apenas o estado, mas também sua capital, Aracaju, que, com as reformas realizadas sobre sua batuta, estendem um tapete de boas-vindas para aqueles que, porventura, nos “loucos anos 20” não a conheciam. O discurso de modernidade e a visualidade urbana de Aracaju nas revistas ilustradas serão assunto para o próximo capítulo destes escritos.

³²² DANTAS, op. cit., 1999, p. 174.

5 “A CIDADE COMO PALCO”: Visualidade urbana e modernidade na capital sergipana em páginas periódicas

*[...] a cidade de Aracajú presta-se, melhor do que nenhuma outra, a ser embellezada e vir ser um grande centro. [...] Ha na cidade lindas praças, de grandes proporções e em quasi todas ha monumentos colocados pelos sergipanos para perpetuar feitos de seus filhos. Muitas dessas praças estão soffrendo radical reforma pela prefeitura, sendo que a que defronta o palácio será embellezada e reformada e nella colocadas estatuetas e vasos decorativos.*³²³

Assim como em outras cidades brasileiras, os anos de 1920 foram importantes para Aracaju, pois tal qual algumas capitais, o constante barulho dos martelos e formões, que soava como uma sinfonia, produzido pelas reformas urbanas e planejadas pelo campo político fazia surgir uma nova urbe que deveria “dançar conforme a música” entoada pelo desejado e alvissareiro progresso. Praças eram remodeladas e arborizadas seguindo os preceitos higienistas, que aconselhavam espaços verdes no cenário urbano com o intuito de purificar o ar e evitar os temidos miasmas³²⁴, que tanto assombravam uma cidade erigida sobre dunas e mangues, além de embelezar as principais áreas urbanas. O bronze das estátuas reluzia sobre o sol da capital sergipana, mas não conseguia rivalizar à altura com o verdejante arvoredo que fora plantado.

A “Barbosópolis”, como era chamada Aracaju em alusão ao seu fundador, Inácio Joaquim Barbosa, ou a “Tabaroa vestida de chita e calçada de tamancos”, como sarcasticamente ironizou o juiz Gumercindo Bessa, nasceu sob a égide de ideais modernos 65 anos antes, ainda em meados do Oitocentos e durante o período monárquico. Porém, ela renascia, desta vez nos “loucos anos 20” do século posterior, quando o regime político e os conceitos de modernidade eram outros.

Como vimos anteriormente, Aracaju passou por duas significativas reformas urbanas, a primeira com o intuito de celebrar o centenário da independência de Sergipe e a segunda, que na verdade foi a continuação da anterior, porém sob uma nova administração. Tais reformas seguiam o ritmo frenético que era exigido na atmosfera da modernidade que se respirava nas décadas iniciais do século passado.

³²³ PREFEITURA DE ARACAJU. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 74.

³²⁴ Sobre o ajardinamento das praças e suas finalidades ver: PAULA, Zuleide Casagrande de. **A Cidade e os jardins: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial** (1915-1986). São Paulo: Editora Unesp, 2008, e DOURADO, Guilherme Mazza. **Belle époque dos jardins**. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

Era evidente que as reformas urbanas não passariam despercebidas pela imprensa, principalmente nas páginas das revistas ilustradas da época. Afinal, as modificações nos espaços citadinos eram de interesse desses veículos de comunicação, seja para tecer críticas ferozes às obras e/ou aos agentes públicos responsáveis, como fez a revista *O Malho* nas obras de remodelação do Rio de Janeiro realizadas pelo prefeito Pereira Passos³²⁵, ou para publicar textos extremamente elogiosos, como fez a *Fon-Fon* durante a gestão Graccho Cardoso em Sergipe.

Essas revistas desempenhavam um papel crucial na formação da opinião pública e na disseminação de ideias sobre o progresso urbano e o papel do governo na transformação das cidades. Ao destacarem as mudanças urbanísticas, elas influenciavam diretamente a percepção da sociedade sobre as políticas públicas e as figuras políticas envolvidas. Portanto, o acompanhamento das reformas urbanas era uma prioridade para esses periódicos, que se esforçavam para retratar de forma precisa e impactante as transformações em curso nas cidades brasileiras.

De toda forma esses periódicos produziram um significativo material imagético e textual que nos possibilita entender como se desenrolaram essas reformas, pois “através da imprensa que a população pode acompanhar as transformações do cenário urbano, que se refletiram no cotidiano dos habitantes”³²⁶. As revistas ilustradas serviram como um canal primordial de comunicação, mas, ao mesmo tempo, serviram para apresentar novas necessidades sociais baseadas na modernidade que surgiram nas primeiras décadas do século passado.

As transformações do cenário urbano de Aracaju também foram registradas nas páginas da revista ilustrada *Fon-Fon*, apresentando uma quantidade salutar de fotografias das obras realizadas pela intendência municipal em parceria com a presidência do estado, evidenciando, assim, mais uma vez, o uso desse periódico em favor do campo político sergipano.

O uso constante da fotografia, como vimos em páginas anteriores, demonstra a necessidade de disseminar visualmente as reformas realizadas na capital de Sergipe e enaltecer os agentes políticos responsáveis por tais feitos, obviamente! No entanto, havia também a tarefa de construir uma imagem de cidade moderna, conseqüentemente “a fotografia ganha um espaço de circulação, amplia a gama de seus usos sociais e assume um novo estatuto em relação aos

³²⁵ JUSTEN, op. cit.

³²⁶ MONTEIRO, Charles. Fotografia e crônica: a construção de uma visualidade urbana moderna de Porto Alegre nas revistas ilustradas nos anos de 1920. *Revista ArtCultura*, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 155-166, jul./dez, 2014. p. 159.

textos”³²⁷, afinal eram tempos considerados modernos, e os registros fotográficos faziam parte deles.

É válido apontar que, antes das reformas urbanas em Aracaju, existia uma constante comunicação entre a população da capital e as revistas analisadas nesses escritos para além dos campos intelectual e político, como fora apresentado anteriormente, no capítulo dois, para sermos exatos. Essas sociabilidades eram constituídas através de envio de fotografias de pessoas anônimas ou de figuras locais relevantes e de textos, como poemas e charadas, esses últimos encontrados fartamente nas páginas de *O Malho*.

Diante do exposto, este capítulo tem a intenção de apresentar, por meio da análise dessas fotografias, como se constituiu a visualidade urbana de Aracaju na década de 1920 e como o conceito de modernidade se articulava nas revistas e na cidade que se queria moderna, preparando-se tal qual um palco onde se encenavam as novidades da época. Ao mesmo tempo, pretende-se investigar como eram tecidas as comunicações entre os aracajuanos, que denominamos como “animadores culturais”, e as supracitadas revistas ilustradas cariocas *Fon-Fon* e *O Malho*.

5.1 A MODERNIDADE VINHA DOS CÉUS

Aracaju, quarta-feira, 18 de julho de 1923. O pequeno Mário é acordado nas primeiras horas do amanhecer por seu pai, o senhor Antônio. Era preciso estar de pé logo cedo para se prepararem para o memorável dia que despontava para os sergipanos que residiam na capital. Antes do desjejum, o garoto fora vestido rigorosamente pela atenta e perfeccionista mãe, Dona Maria, tratada na intimidade por Mariazinha. As vestimentas deveriam ser impecáveis, afinal o dia era de celebração.

Não demorou muito, e logo saíram da sua residência, um formoso sobrado, ou a “casa dos beirais vermelhos”, conhecida por Vila Cabral, que se situava ao final da antiga rua Itabaianinha, esquina com a Avenida Coelho Campos³²⁸. A família tinha pressa, desejava chegar o mais depressa possível à Praça Fausto Cardoso (antiga Praça da República) para tomar o melhor lugar que pudesse garantir uma visão privilegiada do evento que se aproximava.

A praça estava lotada por uma multidão que aguardava o momento desde o dia anterior, quando fora anunciado o evento. Para garantir um número considerável de espectadores,

³²⁷ MONTEIRO, op. cit., p. 156.

³²⁸ A narrativa criada para este tópico foi baseada na obra da memorialista Ana Medina. Ver: MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Mário Cabral**: Vida e Obra. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2010.

algumas medidas foram tomadas: as aulas foram suspensas, o comércio não abriu, os funcionários públicos em sua maioria foram dispensados dos seus serviços, assim como os operários das fábricas de tecidos que funcionavam na capital³²⁹. Foi um dia festivo em meados da semana.

No balcão do Palácio do Governo, o presidente Graccho Cardoso e o intendente de Aracaju, Adolfo Espinheira Freire de Carvalho, estavam estrategicamente posicionados e elegantemente trajados e, assim como a população, ambos estavam aguardando ansiosos por esse momento. Na verdade, Graccho já havia sido informado, via telegrama, no dia anterior, como noticiou o jornal *Sergipe Jornal*³³⁰, por isso tratou de tomar as medidas necessárias, junto com a Intendência, para que aquele dia fosse celebrado e recordado não apenas em Sergipe, mas também em todo o país.

Era uma manhã de sol tendo o céu límpido, quase sem nuvens; apesar de ser inverno, parecia que não haveria chuva para estragar o espetáculo daquele dia tão ansiado pelos presentes. Eram quase 8 horas quando se ouve o barulho de motores; em um gesto uniforme, os olhares são direcionados para o alto, e em questão de minutos quatro hidroaviões modelo *Curtiss F5L* surgem nos céus de Aracaju, que festeja freneticamente; era a primeira vez que máquinas voadoras pousavam em terras, ou melhor, águas sergipanas, sendo que aterrissaram no rio Sergipe. Em 1922, um avião sobrevoou a capital sergipana³³¹, no entanto não pousou – para o descontentamento das pessoas que, em pouco mais de um ano, regozijaram ao ver as aeronaves deslizarem pelas águas escuras do estuário.

A festividade seguia, fogos de artifício foram disparados, os sinos da catedral repicaram exaustivamente, os apitos das fábricas silvaram, as pessoas balançavam bandeirolas e gritavam esfuziantes. Era a chegada de uma máquina que representava os novos tempos, que, por sua vez, se caracterizavam pela velocidade dos sistemas de transportes, das comunicações e das informações. Era a exaltação da vida moderna que despontava em Aracaju, apesar de a capital possuir alguns elementos que remetiam à modernidade como, por exemplo, a eletricidade, o cinema e o automóvel, esse último chega às ruas da cidade dez anos antes das aeronaves, em 1913, causando “frisson àqueles que observavam pela primeira vez”³³². O desembarque dos

³²⁹ MEDINA, op. cit., p. 130.

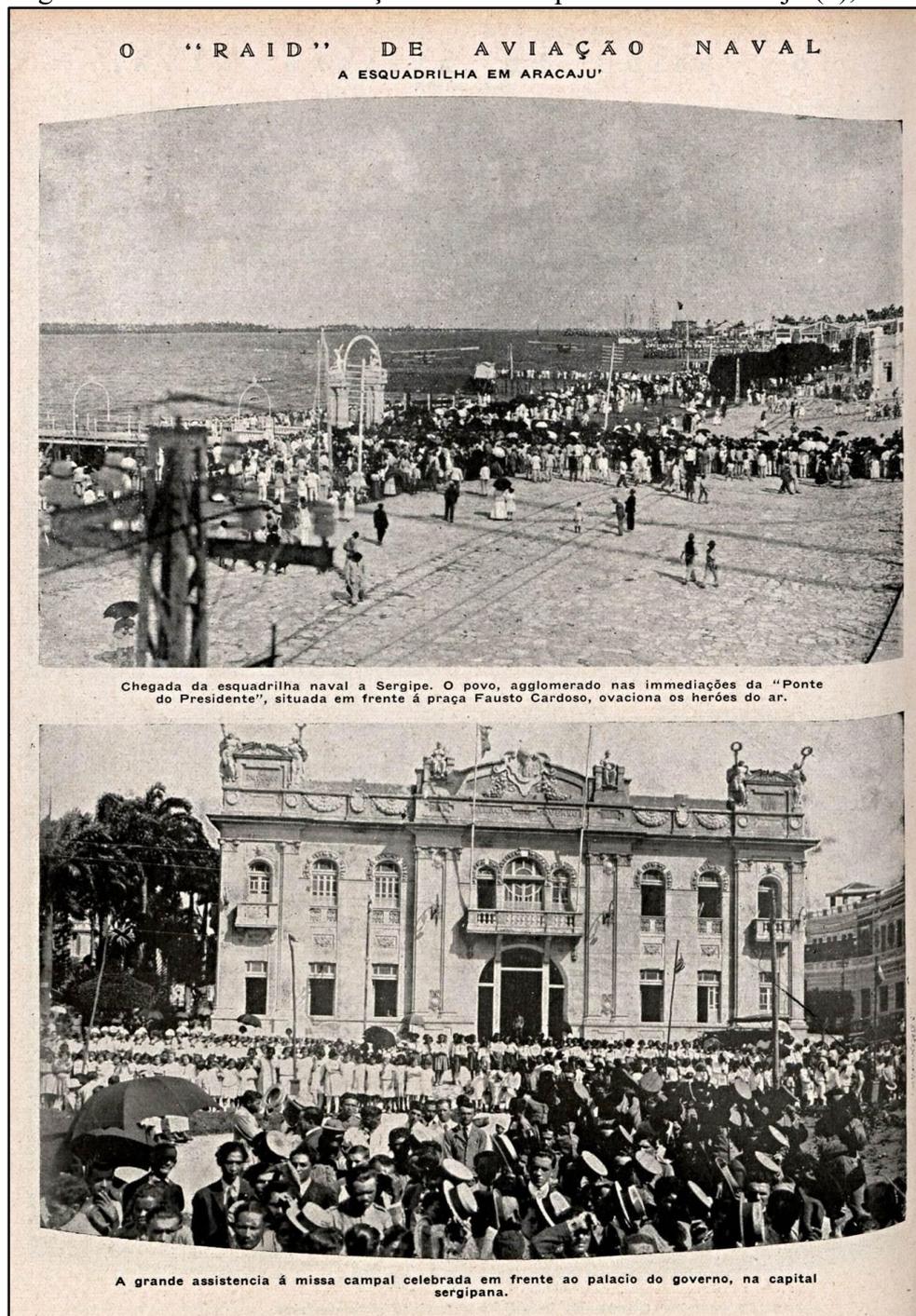
³³⁰ O periódico sergipano em um curto e singelo informe no início da segunda coluna anunciava: “Segundo telegrama recebido pelo exm. Sr. Presidente do Estado, os aviadores navaes prometem levantar vôo amanhã às 7 horas para esta capital. Os signaes de aviso são os já estabelecidos”. Ver: AVIADORES NAVAES. *Sergipe Jornal*, Aracaju, ano 11, nº 665, 17 de julho de 1923. p. 1.

³³¹ CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. 3. ed. Aracaju: Sercore Artes Gráficas Ltda, 2002. p. 144.

³³² MAYNARD, Andreza Santos Cruz. “A 10 quilômetros por hora”: automóveis em Sergipe no início do século XX. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, n. 38, 2009. p. 141.

hidroaviões em terras sergipanas foi motivo de júbilo para os aracajuanos, e evidentemente esse momento festivo renderia registros fotográficos nas páginas da revista *Fon-Fon*³³³ como o que segue:

Figura 42 – O “Raid” de aviação naval: a esquadilha em Aracaju (1), 1923



Fonte: O “RAID” DE AVIAÇÃO NAVAL: a esquadilha em Aracaju. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 11 de agosto de 1923, p. 63.

³³³ O “RAID” DE AVIAÇÃO NAVAL: a esquadilha em Aracaju. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 11 de agosto de 1923, p. 63.

As duas primeiras fotografias publicadas na revista mostram o momento em que os aviadores são recebidos pela população de Aracaju na Ponte do Imperador, que, apesar do nome, não é uma ponte, mas sim um atracadouro feito para receber Dom Pedro II quando visitou a então província de Sergipe em 1860 e que, nesse período, não possuía a estrutura de concreto e ferro que aparece na imagem, mas de madeira e bem simples³³⁴, afinal a capital tinha quase cinco anos desde sua fundação, ainda estava sendo construída e, nas palavras do monarca: “Ainda há o que fazer!”³³⁵

Nos chama atenção a legenda abaixo da primeira foto, visto que a *Fon-Fon* nomeia o monumento como “Ponte do Presidente”, pois recordemos que, após a proclamação da República, ruas, logradouros, edifícios, entre outros monumentos cujos nomes remetiam à monarquia e/ou à família imperial foram mudados com o intuito de apagar toda e qualquer lembrança do antigo regime, afinal “a república surgia como um recurso à modernidade, à racionalidade nas relações, um sinal de novos tempos”³³⁶. Era uma memória que se sobrepunha à outra, como já vimos. Com a revogação do banimento da família imperial em 1922, diversos monumentos em todo o país voltaram a usar suas denominações de outrora.

Mas retornemos às festividades e aos seus registros fotográficos. Ao pousarem nas águas do rio Sergipe, os aviadores e demais tripulantes, liderados pelo capitão de mar e guerra, o catarinense Protógenes Guimarães³³⁷ – que coincidentemente foi um dos participantes da

³³⁴ MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju: J. Andrade, 1999. p. 27, e CRUZ, op. cit., p. 89.

³³⁵ BEDIAGA, Begonha. **Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)**. Petrópolis: Museu Imperial, 1999. Disponível em: <https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/VOL05.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

³³⁶ SCHWARCZ, op. cit., 1998, p. 469.

³³⁷ “Protógenes Pereira Guimarães nasceu no Desterro, atual Florianópolis, em 8 de maio de 1876, filho de José Pereira Guimarães, oficial de Marinha, e de Maria Leopoldina Duarte da Silva Guimarães. Começou a carreira militar em fevereiro de 1891 ao matricular-se na Escola Naval. Em 1895 foi promovido a guarda-marinha e em 1897 serviu a bordo dos cruzadores Quinze de novembro e Benjamin Constant. Promovido em dezembro de 1897 a segundo-tenente, logo foi transferido para o encouraçado Riachuelo e, em seguida, para o cruzador-torpedeiro Timbira (1898). Em junho de 1899 passou para o brigue Pirajá, sendo promovido em dezembro a primeiro-tenente. [...] Fez parte do Movimento Tenentista em 1924 onde deveria assumir o comando do couraçado São Paulo no dia 21 de outubro e dar uma salva de artilharia para acionar o levante em diferentes pontos do Distrito Federal. Entretanto, a polícia carioca descobriu a conspiração e prendeu os principais cabeças na noite de 20 de outubro. [...] Ficou preso até janeiro de 1927. Posto em liberdade, em menos de uma semana foi pronunciado pelo Supremo Tribunal Federal e novamente detido. Em 21 de maio de 1927, foi libertado. Em virtude de seu envolvimento na ação revolucionária, foi reformado em junho de 1928 no posto de contra-almirante com a graduação de vice-almirante. [...] Com a Revolução de Outubro de 1930, a deposição de Washington Luís e a ascensão de Getúlio Vargas, Protógenes Guimarães foi anistiado em novembro daquele ano e voltou à ativa no posto de contra-almirante. Em 26 de novembro tomou posse como diretor-geral da Aeronáutica, permanecendo no cargo até junho de 1931. Nesse momento, foi nomeado ministro da Marinha, recebendo a pasta do vice-almirante Conrado Heck. [...] Em 25 de setembro de 1935 foram realizadas na Assembleia fluminense as eleições para o governo do estado, marcadas por atos de violência que chegaram a provocar ferimentos à bala em um dos deputados do PSF e no próprio general Barcelos. O almirante Protógenes Guimarães venceu o pleito, mas a UPF entrou com recurso denunciando as precárias condições de segurança sob as quais este se realizara, conseguindo que a Justiça Eleitoral anulasse os resultados e convocasse novas eleições. [...] Na segunda votação, realizada em 12 de novembro de

Revolta Tenentista no Rio de Janeiro, então Capital Federal, e que, em Sergipe, depôs Graccho Cardoso da chefia do governo estadual em 1924, como vimos anteriormente –, foram recebidos pela população, que os ovacionava com intensos gritos de “Viva os heróis!”, afinal era uma proeza inimaginável naquele início de século um homem realizar voos em uma máquina de ferro e chegar ao solo ileso.

Uma missa em ação de graças fora celebrada, como nos mostra a fotografia na parte superior da página da *Fon-Fon* (figura 43), em agradecimento pela chegada dos aviadores, ou, talvez, pelas prodigiosas máquinas, afinal o regozijo da população era por conta delas. Na porta principal do palácio, o presidente do estado e o intendente de Aracaju os aguardavam para os devidos cumprimentos e discursos que se seguiriam. Para o contentamento dos presentes, um dos tripulantes dos hidroaviões era o tenente José Lobo, tenente e filho do antecessor de Graccho Cardoso e então senador Pereira Lobo, por isso que o governante o proclamou como o “primeiro sergipano a chegar pelos ares em Aracaju”³³⁸, o que supostamente é verídico, pois não há registros de outros que tenham realizado tal feito antes dele até então.

Dezessete anos antes, no Campo de Bagatelle, em Paris, o brasileiro Alberto Santos Dumont (1873-1932) havia realizado tal proeza a bordo do avião inventado por ele, o 14-Bis. Esse evento reuniu uma multidão incrédula com a possibilidade de o voo se concretizar; entre elas estava uma exilada princesa imperial do Brasil, Isabel de Bragança (1846-1921), que se somou aos presentes para assistir à proeza do compatriota. Desde então as tentativas de voos tornaram-se constantes, principalmente entre longas distâncias, com o intuito de aferirem os limites que as máquinas voadoras, uma das mais celebradas invenções da modernidade, podiam alcançar, ou seja, até onde se podia chegar com os aviões e de que forma eles poderiam contribuir para a comunicação e interação entre os povos.

É válido salientar que foi durante a Revolução Científico-Tecnológica, um desdobramento da Segunda Revolução Industrial (1850-1945), responsável por propiciar “o domínio e a exploração de novos potenciais energéticos em escala prodigiosa”³³⁹, que os aviões

1935, Protógenes Guimarães foi eleito governador do Rio de Janeiro por uma diferença de um único voto. [...] Em 10 de novembro de 1937, foi finalmente desfechado o golpe do Estado Novo, que deu início a uma ditadura que se prolongaria até 1945. Com o golpe e com o agravamento das condições de saúde do almirante Protógenes Guimarães, o governo do estado do Rio foi entregue ao interventor Ernâni Amaral Peixoto. Protógenes Guimarães faleceu no Rio de Janeiro no dia 6 de janeiro de 1938”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GUIMARÃES,%20Protógenes.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

³³⁸ BARRETO, Luiz Antônio. **Os 50 anos do Aeroporto**. 2008. Disponível em: <http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=274&titulo=Aracaju150anos>. Acesso em: 14 fev. 2024.

³³⁹ FERRARESI, Carla Miucci. **Papéis normativos e práticas sociais: cinema e a modernidade no processo de elaboração das sociabilidades paulistanas na São Paulo dos anos de 1920**. 2007. 2 v. Tese (Doutorado) – Programa

começaram a surgir, porém não apenas eles, mas também outros meios de transporte, como os já citados automóveis, trens expressos e transatlânticos. Além dos meios de comunicação como telégrafo e telefone, por fim se propagou a iluminação elétrica³⁴⁰, pondo fim ao uso das luminárias a óleo, que exalavam mau cheiro pelas ruas e residências urbanas.

A travessia do oceano Atlântico a bordo de um avião era uma proeza tentadora nos anos de 1920 que culminou em acidentes mortais, pois “quatro experientes pilotos americanos e dois franceses já haviam perdido a vida tentando a façanha e o trajeto era considerado impossível”³⁴¹. No entanto, quando um jovem carteiro consegue sair de Nova York até Paris pelos céus, sendo aclamado ao chegar à França³⁴², as possibilidades de cruzar a imensidão azul aumentam. Desse modo, em 1922 os portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral fizeram a travessia Lisboa-Rio, contornando boa parte do litoral brasileiro. Foi justamente o avião dos referidos lusitanos que sobrevoou Aracaju, como falamos anteriormente, causando fascínio nos seus habitantes, que o viram “rasgar” os céus da capital. Esse feito foi amplamente noticiado pela imprensa da época, principalmente pelas revistas ilustradas que norteiam estes escritos.³⁴³

Antes da realização das travessias pelo Atlântico, a nascente aviação brasileira já havia pensado em expedições similares, porém contornando o litoral do país, com o intuito de “[...] ser conhecido pelos habitantes daquelas regiões do país por onde passaremos, si bem que eles não possam ter uma noção precisa da perfeição dos modernos aparelhos”³⁴⁴. Os *Raids* da aviação serviram justamente para apresentar de norte a sul do Brasil as maravilhas do novo meio de transporte que representava a modernidade e as mudanças vertiginosas que transcorriam com o passar dos primeiros anos do século XX.

A palavra *Raid*, que em tradução direta do inglês significa incursão, foi utilizada para nomear essas aventuras aéreas e certamente tem ligação com a Primeira Guerra Mundial, quando os aviões foram utilizados, pela primeira vez, durante o conflito bélico e após isso ganharam cada vez mais notoriedade, mas ainda eram um meio de transporte desconhecido para muitos. Por isso, ao estarem diante de uma invenção da modernidade, até então pouco conhecida, isso era motivo de festa para os aracajuanos.

de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 14.

³⁴⁰ HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 51.

³⁴¹ SEVCENKO, op. cit., p. 589

³⁴² Idem.

³⁴³ “DEMOS LUGAR AO NOME LUSITANO”. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 25, 24 de junho de 1922, p. 25-35 e UMA BANDEIRA AO “BAGÉ”. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 1043, a7 de setembro de 1922, p. 34.

³⁴⁴ AVIAÇÃO: Ao longo da costa brasileira – Um “Raid” do Rio ao Recife. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 18, 17 de abril de 1920, p. 17-19.

É interessante pensar que essa modernidade euforicamente celebrada e que causava fascínio em tempos de outrora era motivo de sentimentos contrários à fascinação, e o medo era um deles. Como exemplo disso citamos a primeira exibição cinematográfica, cujo filme era *A chegada do trem na estação*, dos irmãos franceses Auguste (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948), ocorrida em 28 de dezembro de 1895³⁴⁵: ao verem a projeção do trem ser exibida, os espectadores correram em pânico, achando que a locomotiva sairia da tela e esmagaria a todos os presentes. Esse impacto ou choque geral, como nomeou Nicolau Sevcenko (1998, p. 517-518), causou, em seguida, um aumento de pessoas que gostariam de ver as imagens em movimento, ou seja, as exibições cinematográficas.

Trazemos outro exemplo, mas de repulsa: as invenções advindas da modernidade do século XX extraídas da série televisiva³⁴⁶ britânica *Downton Abbey*³⁴⁷ em que relembramos o episódio no qual Lady Violet Crawley, Condessa Viúva de Grantham, interpretada pela atriz britânica Maggie Smith (1934), fica horrorizada com a instalação de iluminação elétrica na residência rural da família e, quando lhe é oferecido o serviço para sua casa, ela exclama: “Não! Não posso ter eletricidade em casa. Não conseguiria dormir. Todos esses vapores se espalhando!” Os tais vapores citados pela personagem se referem aos que eram exalados pelos motores de combustão responsáveis por geração de energia, uma vez que esta ainda não era produzida por hidrelétricas.

A aristocrática personagem de Julian Fellowes, ao usar o telefone pela primeira vez, não esconde a sua aversão ao aparelho: “Isto é um instrumento de comunicação ou de tortura?!” Mas Lady Violet também reconhece que o mundo está se transformando e que, segundo ela, “os jovens estão calmos em relação à mudança!” De fato! As gerações que nasceram próximo e/ou nos primeiros decênios do século passado puderam vivenciar mais de perto e efusivamente os experimentos da modernidade que “os bons tempos” do século XIX haviam criado, afinal,

³⁴⁵ SEVCENKO, op. cit., p. 517.

³⁴⁶ Valemo-nos dessa produção audiovisual como exemplo a ser citado partindo da premissa de que, segundo Marc Bloch (2001, p. 79), “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. Logo, os filmes, séries, telenovelas, entre outros, podem ser considerados como fontes audiovisuais. No caso da série mencionada, seu caráter ficcional, no entender de Marcos Napolitano (2018, p. 236), lhe concede “[...] uma identidade de documento estético, portanto, à primeira vista, subjetivo”, por isso essa particularidade nos ajuda a compreender as representações históricas e da modernidade do marco temporal analisado neste trabalho. Ver: BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 79, e NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo Contexto, 2018. p. 236.

³⁴⁷ DOWNTON ABBEY. Reino Unido. 2010-2015. 47-93 min. Gênero: Drama Histórico. Direção: Brian Percival, Ben Bolt, Brian Kelly, Andy Goddard, James Strong, Ashley Pearce. Roteiro: Julian Fellowes. Produção: Julian Fellowes, Gareth Neame, Rebecca Eaton. Companhias Produtores: ITV Studios, Carnival Films, WGBH-TV. Colorido. Sonoro. Elenco: Hugh Bonneville, Elizabeth McGovern, Maggie Smith, Michelle Dockery, Laura Carmichael, Jessica Brown Findlay, Dan Stevens, Rob James-Collier, Jim Carter.

de acordo com Eugen Weber (1988, p. 284), ao citar o *Guide Hachette*³⁴⁸ da Exposição Universal de 1900 em Paris³⁴⁹, o período em questão foi “‘o mais fértil em descobertas, o mais prodigioso nas ciências’ que o mundo já conhecera”³⁵⁰. Por nascerem em uma época em ebulição, a juventude tinha mais afinidade, se assim podemos dizer, com as invenções modernas que surgiam, diferentemente dos demais que, porventura, vieram ao mundo em boa parte do período que durou o Oitocentos.

Era a mudança que chegava à nova centúria como sinais de novos tempos e que nem sempre foi recebida com entusiasmo, mas em Aracaju, por sua vez, foi recebida com euforia pela população, como a fotografia na parte superior da página evidencia: oficiais da Marinha (provavelmente por conta do uniforme) perfilados abriam caminho para os pilotos e tripulantes da esquadrilha naval passarem entre a multidão que se exprimia para os ver de perto e, segundo o periódico carioca, “ovacionava os heroes do ar”³⁵¹.

Mas o avião não foi a única invenção moderna levada pelos visitantes, entre eles estava o sírio Jorge Kfuri (1893-1965)³⁵², que imigrou para os trópicos ainda criança e se naturalizou brasileiro em 1923. Além de piloto da esquadrilha da Marinha brasileira, se notabilizou como fotógrafo, e sob sua lupa foram feitas as primeiras fotografias aéreas do Rio de Janeiro em 1916, que, por sinal, são as mais conhecidas atualmente.³⁵³ Na sua viagem para Sergipe, trouxe consigo uma câmera e, assim como fizera na capital do país anos antes, Kfuri fez o que possivelmente são os primeiros registros aéreos de algumas partes do território sergipano e da cidade de Aracaju, como mostra a fotografia na parte inferior da página extraída da *Fon-Fon*.

³⁴⁸ PARIS EXPOSITION 1900 (Org.). **Guide Pratique Du Visiteur**: De Paris et de L’Exposition. 1. ed. Paris: Hachette & Cie, 1900. 526 p. v. 1. Disponível em: <https://archive.org/details/parisexposition00pari>. Acesso em: 12 mar. 2024.

³⁴⁹ Sobre o referido evento, Michele Petry (2016) nos diz: “Caracterizada por uma conjuntura política e econômica estável, assim como por um círculo cultural e artístico profícuo, a Paris do final do século XIX vivia uma bela época: possuía motivos para celebrar o seu passado recente e vislumbrar um futuro promissor. Expressão icônica daquele tempo, a Exposição Universal de 1900 compunha a primeira seção da exposição Paris 1900, intitulada Paris, vitrine do mundo, a qual fora apresentada ao público do século XXI por meio de um conjunto documental de desenhos, aquarelas, fotografias, jornais e souvenirs no intuito de fazer com que ‘o visitante de 2014 se colocasse na pele daquele de 1900’ e conhecesse o complexo projeto em torno daquela Exposição”. Ver: PETRY, Michele Bete. **Revistas como exposições: arte do espetáculo e arte nova** (rio de janeiro, 1895-1904). 2016. 319 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. p. 103.

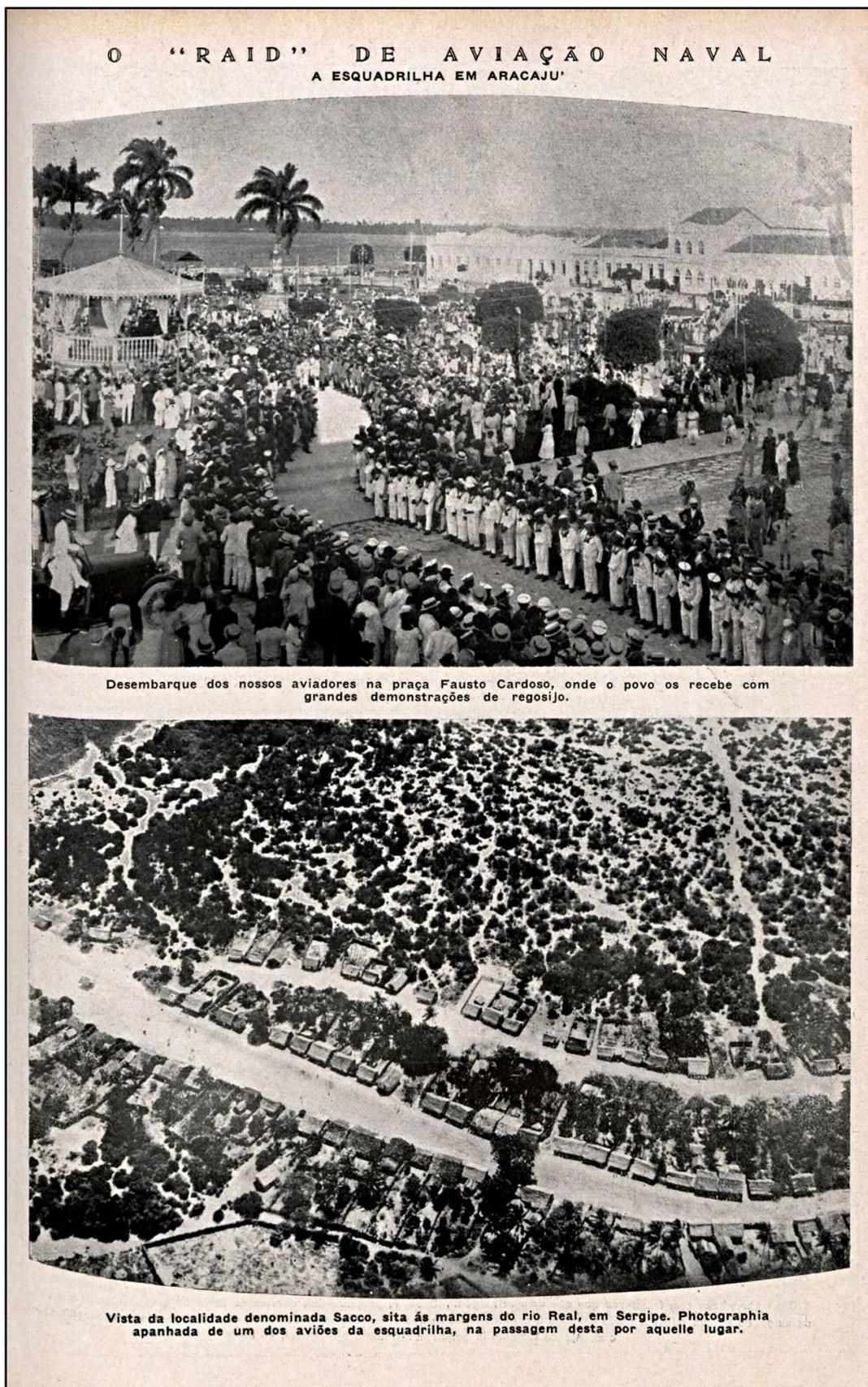
³⁵⁰ WEBER, Eugen. **França Fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

³⁵¹ O “RAID” DE AVIAÇÃO NAVAL: a esquadrilha em Aracaju, op. cit., p. 64.

³⁵² WANDERLEY, Andrea C. T. **Cronologia de Jorge Kfuri (1893-1965)**. 2021. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=20878>. Acesso em: 14 fev. 2024.

³⁵³ Idem.

Figura 43 – O “Raid” de aviação naval: a esquadilha em Aracaju (2), 1923



Fonte: O “RAID” DE AVIAÇÃO NAVAL: a esquadilha em Aracaju. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 11 de agosto de 1923.

O registro aéreo feito por Kfuri mostra uma pequena comunidade localizada às margens do rio Real, próximo à sua foz, limite natural que separa os estados de Sergipe e Bahia, ou seja, a porta de entrada da menor unidade da federação no trecho sul-norte. Talvez a natureza exuberante do que atualmente chamamos de Praia do Saco, com suas dunas de areias brancas, e o encontro das águas verdejantes do rio com o oceano Atlântico tenham atraído a atenção do fotógrafo, que, decerto, visitava pela primeira vez aquelas plagas e não perdeu a oportunidade de eternizar aquele momento através do ato fotográfico.

Apesar de ser uma invenção da modernidade que antecede o avião que chegou às terras brasileiras no século XIX, mais precisamente em 1833, com a chegada do francês Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879)³⁵⁴ e do daguerreótipo em 1839³⁵⁵, a fotografia ainda causava fascinação em muitos no início do século XX, principalmente naqueles que, porventura, não possuíam condições financeiras de obter um registro fotográfico de si próprio, afinal era um processo dispendioso. Retornando às fotografias aéreas, recorreremos mais uma vez a Zita Possamai (2007), que nos explica a finalidade de se obter registros dessa natureza. No entender da historiadora:

[...] a vista aérea pretende abarcar considerável contiguidade espacial em uma única tomada. [...] a vista aérea revela uma das maiores peculiaridades das vistas urbanas, qual seja a sua capacidade de redução da escala colossal da cidade, tornando perceptíveis aspectos do desenho urbano. [...] A vista aérea ao privilegiar uma macrovisão do urbano em detrimento de estruturas que possam ser valorizadas, como edificações mencionadas anteriormente, contribui para a percepção da ideia de cidade na perspectiva da nascente disciplina do urbanismo que passava a pensá-la em sua totalidade, buscando resolver os seus problemas urbanos através da elaboração de planos a serem concretizados ao longo de várias décadas e não por ações pontuais isoladas (Possamai, 2007, p. 70).

As fotografias aéreas das cidades serviram para evidenciar a proximidade dos espaços urbanos em uma única fotografia, mas, ao mesmo tempo, serviram para apresentar uma vista mais ampla e a monumentalidade da urbe, que, apesar de relativamente pequena, se torna colossal vista de cima. Tal fator deixou a população aracajuana intrigada e encantada ao ver a capital sergipana de um ângulo diferente, talvez nunca antes visto por eles. É válido afirmar que esses registros também ajudariam os urbanistas a desenvolverem ações que contribuíssem para o desenvolvimento de uma cidade que, assim como Aracaju, passava por constantes processos de reforma em sua estrutura naquelas décadas iniciais do século passado, afinal essas

³⁵⁴ Sobre Hercule Florence, ver: KOSSOY, Boris. **Hercules Florence – 1833**: a descoberta isolada da fotografia no Brasil. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

³⁵⁵ TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos**: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889). Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 95.

fotografias são a “síntese da modernidade por representarem o dinamismo e o movimento, fruto das alterações urbanas, e por possibilitarem incorporar diferentes pontos de vista sobre a cidade de um ponto de observação também móvel”³⁵⁶. Logo, a fotografia feita do avião era a combinação ideal para se pensar a cidade moderna. As fotografias que seguem (figuras 45 e 46) foram registradas por J. Kfuri e publicadas na *Fon-Fon*³⁵⁷ e nos mostram imagens de Aracaju vista do alto.

Figura 44 – Aspectos da Capital Alagoana (1), 1923



Fonte: ASPECTOS DA CAPITAL ALAGOANA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 11 de agosto de 1923, p. 64.

³⁵⁶ POSSAMAI, op. cit., p. 70.

³⁵⁷ ASPECTOS DA CAPITAL ALAGOANA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 11 de agosto de 1923, p. 64-65.

Figura 45 – Aspectos da Capital Alagoana (2), 1923



Fonte: ASPECTOS DA CAPITAL ALAGOANA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 11 de agosto de 1923, p. 65.

As fotografias publicadas no periódico carioca revelam uma Aracaju que adentra os anos de 1920, se expandindo para além dos limites existentes em seu nascedouro em meados do século XIX; ao mesmo tempo, nos mostram uma cidade que, apesar das reformas urbanas pelas quais vinha passando, estava em constante embate com as condições geográficas onde fora edificada, pois é notório nas imagens a presença de areais devido às inúmeras dunas que

existiam em seu entorno, mas isso não a impediu de crescer e realizar reformas em sua estrutura e, apesar das intervenções feitas, manteve o traçado em forma de tabuleiro de xadrez, conforme pensado por Sebastião José Basílio Pirro³⁵⁸, engenheiro que a planejou em 1855.

A imagem na parte inferior da página (figura 45) nos deixa em dúvida acerca da área que foi fotografada, pois, de acordo com o texto da legenda, está se referindo a um possível bairro cujo nome era “*São Christovam*”, mas não há registros na historiografia sergipana de nenhuma menção ou referência à referida localidade. No entanto, possivelmente essa área refere-se aos bairros que conhecemos atualmente por América e Cirurgia, pois por estarem no prumo, ou seja, no caminho que levava à antiga capital, essa região poderia ser denominada dessa forma. Mas esse não seria o único erro encontrado nesse material fotográfico. Percebamos que o título dado no início da página refere-se à capital do estado vizinho, Alagoas, ao invés da sergipana, algo que foi corrigido no número posterior da *Fon-Fon*³⁵⁹.

Retornando aos outros registros fotográficos (figura 46), nota-se que o afamado Tabuleiro de Pirro é fotografado em suas principais áreas: as Praças Olímpio Campos e Fausto Cardoso, onde os poderes político e religioso são representados através dos Palácios do Governo e da Assembleia Legislativa, como também da Catedral diocesana. Foi nesses espaços que revoltas ocorreram e onde a população se reunia para as principais festividades que ocorriam naquele período. A chegada dos hidroaviões foi um desses momentos de intensas comemorações. Veem-se pousadas no rio Sergipe duas das máquinas voadoras que participaram do afamado *Raid* da aviação, o que nos faz perceber que houve uma estratégia no ato de fotografar a cidade do alto tendo as aeronaves nesse local. Essa seria uma forma de dizer que os tempos modernos chegaram a Aracaju.

As celebrações dessa chegada se desenrolaram ao longo de 11 dias, entre bailes e cerimônias no Palácio do Governo, missas nos coretos das praças³⁶⁰, visitas dos aviadores a outros municípios sergipanos e mais exposições aéreas pelos céus de Aracaju. De fato, foi um acontecimento que deveria ser entusiasticamente celebrado pelas representações da modernidade que ele encarnava, como discurremos anteriormente. Vale destacar que o *Raid*

³⁵⁸ Não encontramos dados biográficos sobre Pirro; o pouco que se sabe é que ocupou a vice-presidência da província do Amazonas entre 1866-1867, anos depois de ser cooptado por Inácio Barbosa para planejar a nova capital de Sergipe. Ver: GALVÃO, Miguel Archanjo. **Relação dos cidadãos que tomaram parte no governo do Brasil no período de março de 1808 a 15 de novembro de 1889**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1894. p. 48.

³⁵⁹ O periódico ilustrado fez a seguinte retificação: “No nosso último numero, por um lamentável engano das legendas e títulos das fotografias sobre o ‘*raid*’ da nossa Aviação Naval ao norte, sahiram as palavras ‘capital alagoana’, em lugar da capital sergipana. Desfazemos, em tempo, o equivoco que a maldosos poderia parecer outra coisa, em se tratando de Aracaju, capital de Sergipe”. Ver: ALAGÔAS-SERGIPE. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 01 de setembro de 1923, p. 68.

³⁶⁰ MEDINA, op. cit., 2010, p. 129, e DANTAS, op. cit., 2004, p. 56-57.

Rio-Aracaju realizou a proeza de ter sido o primeiro voo de quadroum grupo de aeronaves da Aviação Naval a atingir mais de três mil quilômetros (ida e volta), como nos mostra a tabela abaixo:

Tabela 1 – Raids realizados pela Aviação Naval até o ano de 1923

Ano	Aeronave	Objetivo atingido	Distância Percorrida (em Km)				
			0	500	1000	1500	2000
1916	Curtiss F	Angra dos Reis/RJ	■				
1919	Curtiss HS-2L	Ilha Grande/RJ	■				
	Curtiss HS-2L	Santos/SP	■				
1920	Macchi M.9	Rio Grande/RS	■	■	■		
1923	Curtiss F-5L	Aracaju/SE	■	■	■	■	■

Disponível em: https://www.naval.com.br/anb/ANB-historico/ANB-hist05_raids.htm. Acesso em: 10 mar. 2024.

No início de agosto de 1923, após uma alegre estadia em Sergipe, os aviadores navais retornam ao Rio de Janeiro e, assim como em Aracaju, foram recebidos por uma cidade em festa que celebrava um feito que, até então, não havia sido realizado por nenhum aviador brasileiro. A população carioca encheu as ruas da Capital Federal para conduzir com honras os “*Heroes do ‘Raid’ Aereo Rio-Aracaju*”³⁶¹, como os intitulou a Revista *Fon-Fon*, até o Club Naval³⁶², cuja sede localiza-se, até hoje, na Avenida Rio Branco (outrora Avenida Central), uma das principais artérias urbanas criadas na reforma de Pereira Passos (1836-1913) na então Capital Federal brasileira. A fotografia (figura 47) que segue apresenta um desses momentos festivos.

³⁶¹ AOS HEROES DO “RAID” AEREO RIO-ARACAJU. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 36, 08 de setembro de 1923, p. 34.

³⁶² O BRASIL QUE VOA: o regresso da Esquadrilha naval. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 33, 18 de agosto de 1923, p. 37-39.

Figura 46 – Aos Heroes do “Raid” Aereo Rio-Aracaju, 1923³⁶³



Fonte: AOS HEROES DO “RAID” AEREO RIO-ARACAJU. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 36, 08 de setembro de 1923, p. 34.

O ápice dessas celebrações em solo carioca foi o jantar oferecido aos aviadores, retratado na imagem acima, pelos membros do Aero-Club Brasileiro, que teve a participação de Santos Dumont³⁶⁴ (sentado ao meio), que na ocasião parabenizou os colegas pelo honroso feito em terras sergipanas. Analisando a fotografia, vemos homens elegantemente vestidos, em

³⁶³Legenda: Pessoas que tomaram parte no banquete há dias oferecido, pelo Aero-Club Brasileiro, no Jockey Club, ao commandante Protogenes Guimarães e aos outros officiaes do “raid” aviatório Rio-Aracajú.

³⁶⁴BANQUETE NO PALACE HOTEL. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 1.095, 08 de setembro de 1923, p. 37.

posições quase similares, e, apesar de ser um momento festivo, é visível em suas expressões que poucos esboçam um sorriso. Talvez o riso fosse algo subversivo no ato fotográfico da década de 1920.

Mil e quinhentos quilômetros da irradiante Rio de Janeiro até a pequena Aracaju, o jovem Mário tomava nota em um caderno, que lhe servia de um improvisado diário, dos acontecimentos que agitaram a capital sergipana em meados de 1923. Apesar da tenra idade, o menino despertou logo cedo o dom da escrita e redigia os principais eventos que se desenrolaram à sua volta com o intuito de jamais esquecer e, assim, transmiti-los para as gerações futuras³⁶⁵.

É bem verdade que alguns dos fatos aqui narrados podem não ter ocorrido como os descrevemos, no entanto, segundo Carlo Ginzburg (2007), na historiografia atual, existe a premissa de que o investigador não deve se deter apenas às questões de certeza, mas também abrir espaço para as dúvidas, as possibilidades³⁶⁶. Obviamente que não fugiremos do que nos é apresentado através das fontes, mas isso não nos impede de construir uma narrativa baseada nos testemunhos do passado. Seja como for, são inquestionáveis as reações sentidas pela população de Aracaju com a chegada dos hidroaviões. Era uma cidade em festa que recebia a modernidade vinda do céu, literalmente.

5.2 “A MODERNA CAPITAL DE SERGIPE”

Como mencionado anteriormente nestes escritos, as revistas ilustradas tiveram um papel importante no que se refere à propagação de novos hábitos que surgiam com o século XX, ligados umbilicalmente às mudanças advindas da modernidade. Mas é importante afirmar que os periódicos não foram os únicos meios impressos de propagar a imagem de Aracaju e, também, de Sergipe pelo país, quiçá fora dele.

Em 1920, em meio ao afã dos trabalhos realizados para as comemorações do centenário da emancipação do estado, o então presidente Pereira Lobo solicitou ao jornalista, escritor e

³⁶⁵ Mário Cabral (1914-2009) relatou a chegada do *Raid* da aviação naval em duas de suas obras. Ver: CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. 3. ed. Aracaju: Sercore Artes Gráficas Ltda, 2002, e CABRAL, Mário. **Espelho do tempo**. Salvador: Artes Gráficas e Indústria Ltda., 1998.

³⁶⁶ GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades. In: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 311.

advogado Clodomir Silva (1892-1932)³⁶⁷ a confecção do *Álbum de Sergipe*³⁶⁸, uma vasta e importante publicação composta por mais de 300 páginas e 380 fotografias que apresentava dados históricos, econômicos, geográficos e administrativos do estado. Para além disso, o autor faz alguns esboços biográficos de sergipanos que se notabilizaram fora do torrão natal, como, por exemplo, Tobias Barreto (1839-1889)³⁶⁹, Silvio Romero (1851-1914)³⁷⁰ e Horácio Hora (1853-1890)³⁷¹.

Certamente quando nos referimos à palavra álbum imaginamos algo semelhante a um livro com folhas brancas, fotografias coladas sobre elas e ausente de textos ou legendas em alguns dos casos. Porém, além de inúmeros parágrafos informativos, Clodomir Silva ilustrou ricamente a publicação em questão com fotografias das cidades, vilas, povoados e arraiais sergipanos existentes em 1920, como também de pessoas ligadas aos campos intelectual e

³⁶⁷ “Clodomir de Souza e Silva. Filho de Eugenio José da Silva e D. Argemira de S. Pedro e Silva, nasceu no Aracajú a 20 de Fevereiro de 1892. Estudou preparatorios no ‘Atheneu Sergipe’, estabelecimento que deixou de frequentar no quinto anno, depois da reforma ‘Rivadavia’ que estabeleceu os exames vestibulares nas escolas superiores. Não descendendo de paes abastados cedo teve de enfrentar as duras realidades da lucta pela vida. Norteou a sua actividade para as caixas typographicas e dahi passou ao jornalismo a que se consagrou. [...] A 4 de Novembro de 1916 foi nomeado redactor-secretario do jornal official do Estado ‘O Estado de Sergipe’, cabendo-lhe neste character, ocupar interinamente o logar de director por espaço de um anno. A 30 de Março de 1918 foi nomeado professor adjuncto da cadeira de portuguez do Atheneu Sergipense, sendo depois designado para ter exercicio na escola de commercio ‘Conselheiro Orlando’, quando foi creado o referido estabelecimento, onde leciona actualmente (1924). Foi um dos fundadores do ‘O Necdallus’, de que foi director e redactor do ‘Correio de Aracajú’, de 1911 a 1918. Redigiu em Aracajú diversos periódicos literários e humorísticos, entre os quaes, ‘O Tagarella’, *A Rua*, *A Trombeta*, *O Espião*, *Vida Sergipana*, *Heliantho*, e *A Semana*. Tem usado na imprensa os pseudonymos Essielle e João das Cubas. É um dos redactores do *Sergipe-Jornal*, director da *A Folha* e o quarto annista da Faculdade de Direito do Recife. Nomeado em Dezembro de 1920 membro substituto do Conselho Superior do Ensino deixou de tomar posse para não perder o mandato de deputado que exercia, eleito para a legislatura de 1920 a 1922. Este mandato de deputado lhe foi renovado para a legislatura de 1923 a 1925. No primeiro anno da legislatura de 1920 a 1922 foi eleito segundo secretario da mesa”. Faleceu de febre tifoide em 10 de agosto de 1932. Ver: GUARANÁ, op. cit., p. 55.

³⁶⁸ SILVA, Clodomir. *Álbum de Sergipe (1820-1920)*. Aracaju: Imprensa Oficial, 1920.

³⁶⁹ Jurista, poeta e entusiasta da Escola do Recife. Segundo Guaraná (1925, p. 272), “O maior dos sergipanos pelo talento e pela erudição, nasceu em Campos a 7 de Junho de 1839 e falleceu no Recife a 26 de junho de 1889, pronunciando ao expirar estas palavras: - tudo tem sua logica, até a morte!... Filho do antigo escrivão de orphão daquella villa, hoje prospera cidade do Sul do Estado, Pedro Barreto de Menezes e D. Emereciana Barreto de Menezes, passou a infância no seio da família de quem recebeu os uteis conselhos e as primeiras lições de educação doméstica”.

³⁷⁰ “Filho do portuguez André Ramos Roméro e D. Maria Vasconcellos da Silveira Ramos Roméro, nasceu na villa, hoje cidade do Lagarto a 21 de abril de 1851, e falleceu no Rio de Janeiro a 18 de Julho de 1914, ás seis horas da tarde. Usando o nome de Sylvio Vasconcellos da Silveira Ramos estudou preparatórios no Rio de Janeiro de 1863 a 1867, no antigo collegio “Atheneu Fluminense”, dirigido pelo Monsenhor Antônio Pereira dos Reis, e direito na Faculdade do Recife, onde recebeu o gráo de bacharel a 12 de Novembro de 1873”. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 263.

³⁷¹ “Filho de Antonio Esteves de Souza e D. Maria Augusta da Hora [...] nasceu a 17 de Setembro de 1853 em Larangeiras e falleceu em Pariz no dia 1º de Março de 1890. Naquella cidade fez os estudos primários na aula publica do professor Justino Gomes Ribeiro, mas pouco, aplicado ás letras a que jámais se afeiçoou, preferia na sua experiencia infantil malbaratar o tempo, esboçando no papel e nas ardósias, nas paredes e nas calçadas das casas as linhas mais ou menos regulares das pequenas figuras espontaneamente delineadas pelo lápis de novel desenhista. Esses ensaios reveladores das qualidades superiores com que a natureza o dotou, prenunciavam o futuro pintor, eleito genio da arte, para mais tarde reproduzir na tpeela os belos quadros o haviam de immortalizar”. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 120.

político, obviamente. Afinal, foi um material solicitado pelo governo com o intuito de não apenas celebrar a efeméride de emancipação, mas de enaltecer aqueles que detinham o poder, como o presidente Pereira Lobo, que gostaria de ver sua ação modernizadora ser mostrada em todo o país e perpetuada além dos tempos.

Aracaju, na condição de capital, é quem abre as páginas dedicadas às cidades e vilas de Sergipe. Textos, como uma extensa resenha histórica, dividem os espaços do álbum com fotografias registradas especialmente para ilustrar a publicação. Nesses registros fotográficos que fazem parte do *Álbum de Sergipe*, nos deparamos com imagens do cenário urbano aracajuano em 1920, com destaque para os espaços, monumentos e edificações ligados intrinsecamente ao poder público como, por exemplo, os palácios, as praças e os jardins, porém compõem esse significativo acervo fotos das residências particulares da elite (em sua maioria em arquitetura eclética, estilo em voga na época), das festividades, das estudantes na Escola Normal e até projetos que não vingaram, como o Teatro São Cristóvão.

A publicação de álbuns como esse era mais uma forma de mostrar o pequeno estado ou, como nos diz Possamai (2005), de “aproximar o mundo e as coisas até então desconhecidas”³⁷² e, tal qual as revistas ilustradas, contribuiu para a construção da imagem de uma cidade moderna, buscando “legitimar interesses, projetos e a visão do mundo de determinados grupos que estão à frente das comemorações, geralmente associados ao poder político na conjuntura histórica de cada município”³⁷³. Logo, era de interesse dos governantes a difusão dessas publicações com o intuito de mostrar em outros lugares do país as realizações de suas administrações e, com isso, ganharem prestígio em níveis maiores da hierarquia político-administrativa como, por exemplo, na esfera federal.

A publicação do *Álbum de Sergipe* de Clodomir Silva foi muito bem recebida e celebrada pelo governo de Pereira Lobo, mas, apesar de sua importância³⁷⁴, não foi o único material de natureza fotográfica no estado, visto que alguns anos depois foi publicado o *Álbum Fotográfico de Aracaju*³⁷⁵, em 1931, no período histórico brasileiro denominado Segunda República Brasileira ou Era Vargas (1930-1945), como é comumente conhecido, em que, assim

³⁷² POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos** - Porto Alegre, décadas 1920 e 1930. 2005. 2 v. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. p. 137.

³⁷³ KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Cidades em álbuns comemorativos: história, memória e visualidade. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo/RS, v. 2, n. 7, p. 273-290, set. 2013.

³⁷⁴ A importância do *Álbum de Sergipe* para o campo historiográfico sergipano é tamanha que mais duas edições foram publicadas após quase cem anos do número inaugural: a primeira em 2017 pela prefeitura da cidade de São Paulo em parceria com a Biblioteca Mário de Andrade e o Tribunal de Contas do Estado de Sergipe. A segunda em 2020 pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em meio às comemorações do bicentenário da emancipação política do estado.

³⁷⁵ **Álbum Fotográfico de Aracaju [Iconográfico]**. Aracaju, SE: Casa Amador, 1931.

como na Primeira República, os integrantes do campo político desejavam apresentar seus feitos através de álbuns fotográficos dos estados e cidades. No *Álbum Fotográfico de Aracaju*, estão contidas imagens das principais ruas e logradouros e as principais repartições públicas da capital, dispostas em 40 páginas sem textos longos, apenas legendas mostrando os nomes dos monumentos, locais registrados e, na primeira página, as fotografias do interventor federal em Sergipe, Augusto Maynard Gomes (1886-1957)³⁷⁶, e do prefeito de Aracaju, Camilo Calazans³⁷⁷. Repete-se, desse modo, o mesmo *modus operandi* dos seus antecessores durante a Primeira República, buscando se legitimar através da fotografia nos álbuns das vistas urbanas. Como se vê, mudam-se os governantes, mas se mantêm as mesmas estratégias de dominação.

É conveniente apontar que a publicação de álbuns com fotografias dos espaços urbanos não foi um privilégio de Sergipe e suas cidades; em outros estados essa prática se tornou corriqueira na primeira metade do século XX³⁷⁸, principalmente em efemérides que evocassem o histórico desses locais, e as coleções fotográficas contidas nos álbuns eram uma forma de mostrar o antes e o depois dos espaços ou o quanto eles mudaram com o passar dos anos, afinal o uso da fotografia consistia em preservar detalhes do passado das cidades, como também captar a sua evolução³⁷⁹.

O surgimento da fotografia no século XIX coincide com o crescimento das principais metrópoles europeias; desta feita, o ato de registrar as transformações realizadas nesses espaços urbanos se tornou primordial para que o antes e o depois das cidades fossem divulgados, pois

³⁷⁶ “Filho de Manuel Gomes da Cunha e de Teresa Maynard Gomes. Nasceu no engenho Campo Redondo, de propriedade de seu pai, no município de Rosário do Catete (SE), em 16 de fevereiro de 1886. Depois de cursar o Ateneu Pedro II, ingressou em 1902 na Escola Tática de Realengo, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Dois anos depois participou da Revolta da Vacina, juntando-se com mais cerca de cem colegas aos alunos da Escola Militar da Praia Vermelha, que entraram em choque com as forças legalistas em protesto contra a vacinação antivariólica obrigatória decretada pelo governo de Rodrigues Alves (1902-1906). Derrotado o movimento, os estudantes do Realengo e da Praia Vermelha foram transferidos para a Escola Militar de Porto Alegre, sendo depois desligados do Exército, enquanto as duas escolas do Rio de Janeiro eram fechadas”. Durante o Movimento Tenentista de 1924 em Sergipe, foi oposição ao governo de Graccho Cardoso e um dos responsáveis pela deposição do então presidente, por isso foi preso após o levante em São Paulo e em seguida transferido para o Rio de Janeiro. Com a subida de Vargas ao poder, foi nomeado Interventor de Sergipe. Ao deixar o governo, ocupou o cargo de senador até sua morte no Rio de Janeiro no dia 12 de agosto de 1957. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GOMES,%20Augusto%20Maynard.pdf>.

Acesso em: 27 mar. 2024.

³⁷⁷ Não foram encontrados dados biográficos sobre Camilo Calazans; sabe-se que foi nomeado por Augusto Maynard Gomes para prefeito de Aracaju e ficou no cargo de 1930 a 1933.

³⁷⁸ Podemos citar Zita Rosane Possamai, que realizou um extenso trabalho sobre Porto Alegre em 1920 e 1930, um período em que, segundo a autora, a capital do Rio Grande do Sul se intitulava “Monumental, Bela e Ordenada”. Ver: POSSAMAI, Zita Rosane. Ensaio de um olhar moderno: imagens fotográficas no álbum *Porto Alegre* de Virgílio Calegari, **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo/RS, v. 2, n. 7, p. 41-53, set. 2013. Luciana Moura Ferreira analisou as fotografias do álbum comemorativo de Sobral no Ceará, publicado em virtude do centenário da referida cidade em 1941. Ver: FERREIRA, Luciana Moura. Olhar, ouvir e desvelar: fragmentos da cidade no Álbum do Centenário de Sobral – 1941. **Revista Historiar**, Sobral/CE, v. 3, n. 5, 2011.

³⁷⁹ POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia e Cidade. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 67-77, jan./jun. 2008. p. 68.

“[...] a fotografia se colocou como instrumento capaz de construir uma representação visual do urbano”³⁸⁰, colaborando assim com a sua disseminação. Com isso, notamos a importância da fotografia na construção da visualidade das cidades e na possível preservação de sua memória.

Enquanto nos trópicos, de acordo com Possemai (2008), na segunda metade do século XIX, “havia a comercialização de vistas urbanas avulsas ou reunidas em álbuns fotográficos”³⁸¹, podemos entender isso da seguinte maneira: o Brasil estava se estabelecendo como Estado-Nação após os turbulentos anos do Primeiro Reinado e do período regencial, por isso a publicação de álbuns fotográficos das cidades brasileiras permitia conhecer, por via imagética, outros lugares de um país com dimensões territoriais gigantescas e, ao mesmo tempo, “possuir uma representação visual fotográfica era sinônimo de grande prestígio”³⁸².

A presença de Sergipe e Aracaju em registros fotográficos é datada também da segunda metade do Oitocentos, mais precisamente 1870. Essa afirmação é embasada quando cotejamos uma curta, porém rica em valor histórico, publicação dessa época. Nos referimos a *Província de Sergipe*³⁸³, que, dividida em 14 páginas, possui provavelmente os registros fotográficos mais antigos do estado. Sua autoria é desconhecida, mas o acervo de imagens que a compõem pertencem a Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, o Barão Homem de Melo (1837-1918)³⁸⁴, antes de integrar parte do acervo da Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo,

³⁸⁰ POSSAMAI, op. cit., 2008, p. 68.

³⁸¹ Idem, p. 71.

³⁸² Idem.

³⁸³ **Província de Sergipe**. Sergipe: 1870.

³⁸⁴ “O Barão Homem de Melo (Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo), advogado, historiador, cartógrafo, político e professor, nasceu em Pindamonhangaba, SP, em 1º de maio de 1837, e faleceu em Campo Belo, hoje Homem de Melo, RJ, em 4 de janeiro de 1918. Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo (1858), regressou à terra natal, onde foi eleito presidente da Câmara Municipal para o biênio de 1860 a 1861. Tendo concorrido ao concurso de professor de História Universal do Colégio Pedro II, foi nomeado catedrático em 9 de novembro de 1861 e exonerado, a pedido, em 20 de fevereiro de 1864. Presidiu a Província de São Paulo (1864), a do Ceará (1865-1866), a do Rio Grande do Sul (1867-1868) e a da Bahia (1878). No Rio Grande do Sul, em apenas três meses conseguiu levantar, organizar e expedir o 3º Exército para o teatro de guerra no Paraguai, a mando do General Osório. Eleito deputado à Assembleia Geral Legislativa pela Província de São Paulo, para a legislatura de 1867 a 1868, teve o seu mandato cassado, pela dissolução da Câmara; a província renovou-lhe, porém, esse mandato, na legislatura de 1878 a 1881. Por duas vezes exerceu o cargo de diretor do Banco do Brasil (1869-1874 e 1876-1878). De 1873 a 1878 exerceu a inspetoria da instrução pública primária e secundária do Rio de Janeiro, sob o gabinete João Alfredo. Durante esse quinquênio foi também presidente da Companhia da Estrada de Ferro São Paulo-Rio de Janeiro, que lhe deve à conclusão de suas obras. Como presidente da Província da Bahia (1878), ali prestou assinalados serviços à capital, ligando a cidade baixa à cidade alta pela Rua da Montanha, depois Barão Homem de Melo. Em 28 de março de 1880 foi nomeado Ministro do Império do Gabinete Saraiva, permanecendo no posto até a queda do gabinete, em 3 de novembro de 1881; foi por duas vezes, no mesmo gabinete, Ministro interino da pasta da Guerra. A República o afastou da política ativa, devolvendo-o ao magistério, às ciências e às artes. Ainda em 12 de abril de 1889, data da fundação do Colégio Militar, o Barão Homem de Melo foi nomeado seu professor de História Universal e de Geografia. Em 1896, falecendo Raul Pompeia, sucedeu-lhe no ensino de Mitologia na Escola Nacional de Belas Artes, da qual se fez professor catedrático de História das Artes desde 1897. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (para onde entrara em 1859), do Instituto Histórico de São Paulo e do Instituto Geográfico Argentino. Segundo ocupante da cadeira 18, foi eleito em 9 de dezembro de 1916, na sucessão de José Veríssimo, mas faleceu antes de tomar posse. Deveria ser recebido pelo acadêmico

quando a capital sergipana debutava em seus 15 anos de fundação e ainda estava em ritmo lento de obras em sua estrutura urbana.

Outro trabalho que nos ajuda a sustentar a afirmação é o *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: Fotógrafos e Ofício da Fotografia no Brasil (1833-1910)*, uma vasta pesquisa de autoria de Boris Kossoy³⁸⁵ que nos apresenta os estabelecimentos fotográficos no Brasil juntamente com as biografias dos seus fotógrafos. Em suas páginas constatamos em Sergipe, durante os anos de 1870 a 1879, a presença dos seguintes profissionais: Benjamim Francisco Brandão³⁸⁶, Francisco Vidal Pratas³⁸⁷ e Pedro Gonçalves da Silva³⁸⁸. Apesar da atuação desses profissionais em terras sergipanas na década de 70 do século XIX, não podemos afirmar quem foi o autor das fotografias do acervo pertencente ao Barão Homem de Melo e que ilustraram a obra *Província de Sergipe*. No entanto, isso nos mostra que antes das revistas já havia circulação de fotografias da capital de Sergipe em publicações diferentes dos periódicos aqui trabalhados.

Mas as revistas se tornaram o canal de comunicação preferido do campo político, principalmente para a difusão da modernidade. Primeiro pelo seu periodismo, o que as

Félix Pacheco”. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/barao-homem-de-mello/biografia>. Acesso em: 30 mar. 2024.

³⁸⁵ KOSOY, Boris. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: Fotógrafos e Ofício da Fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

³⁸⁶ “Fotógrafo em atividade em Sergipe no ano de 1878”. Seu estúdio fotográfico situava-se na Rua de Maroim, s/n em Aracaju. Ver: BRANDÃO, Benjamim Francisco. In: KOSOY, op. cit., p. 89.

³⁸⁷ “Pesquisadores da fotografia em Alagoas informam que Pratas era fotógrafo ambulante e que atuou na Província entre 1872 e 1876. Em 1873 anunciava-se no almanaque local (*Almanach Administrativo da Província de Alagoas*, 1877). Neste ano teria realizado vistas do cemitério público de Maceió e da fábrica de tecidos de algodão da Companhia União Mercantil, fotos essas que foram apresentadas na Exposição de História do Brasil em 1881. Seu sucessor no estabelecimento da Rua da Boa Vista, 80 teria sido João Gaston. No ano de 1877 já anunciava suas atividades em Sergipe como retratista e garantia ‘a perfeição e duração dos retratos, por ter grande practica de 12 annos não só nesta Província, como na [...] das Alagoas, e recebendo os productos fotográficos directamente de Pariz’. Neste anúncio Pratas oferecia sua coleção de 18 vistas da Província pelo preço de 20\$000 (vinte mil réis). Quatro anos depois informava a abertura de seu estabelecimento à Rua São Cristóvão, onde tirava retratos pelos ‘systemas Crozat e Bombê’. Acrescentava ainda que possuía vistas das principais cidades e vilas da Província”. Ver: PRATAS, Francisco Vidal. In: KOSOY, op. cit., p. 263.

³⁸⁸ “Foi itinerante por várias províncias do Nordeste. A primeira referência a sua atividade é registrada em Feira de Santana no ano de 1877, quando divulgava por um periódico local a ‘photografia glacé [...] o mais bello systema de retratos’, deixando ‘a perder de vista tudo quanto até hoje se ha conhecido’. Divulgação semelhante de seus serviços o fotógrafo fazia no ano seguinte em Maroim, na Província de Sergipe; esclarecia ao público que se achava de passagem e permaneceria ‘poucos dias’ na cidade. Na Bahia foi sucessor de Eduardo Vecchi, o qual, por sua vez, sucedeu a Antônio Lopes Cardoso a partir de 1881. Seu estabelecimento era anunciado em diferentes momentos sob os nomes de Photographia Nacional e Photographia Gonsalves. Nos anos 1880 prosseguem suas itinerâncias pelo interior de Sergipe, embora estivesse baseado em Salvador, com estabelecimento à Rua Carlos Gomes, 116, em 1881. Transferiu-se em seguida para a Rua Direita de Palácio, 8, anunciando-se como Antiga Casa Lopes Cardoso, local onde permaneceu vários anos. Em 1884 apresentava-se rapidamente em Maroim, Sergipe, na mesma Rua do Sol onde estivera anos antes. No ano seguinte, na Bahia, divulgava seus retratos vitrificados ‘de perpetua duração [...] fixados a fogo’ através do ‘melhor processo fotográfico até hoje conhecido, o esmalte fotográfico’; podia ser utilizado para ‘copiar o original, ou uma tela’, além de se prestar para anéis, brincos, botões e broches. Três anos mais tarde continuava promovendo suas ‘fotografias inalteráveis’. Ver: SILVA, Pedro Gonsalves da. In: KOSOY, op. cit., p. 294.

diferencia dos livros, pois semanalmente um novo número estava à disposição dos leitores, o que possibilitava a publicação de novas matérias e fotografias das cidades brasileiras, até mesmo estrangeiras, que passavam por reformas urbanas, fazendo com que outras partes do país tomassem conhecimento dessas “informações sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos”³⁸⁹.

Outra contraposição entre o livro/álbum e a revista é que a última se notabilizou pelo baixo custo de sua publicação e por sintetizar em pouco espaço os acontecimentos tidos como importantes para a época. Para além do exposto, a quantidade de imagens fotográficas entre os textos atraía cada vez mais adeptos da leitura leve, ilustrada e informativa, presente nos periódicos, que cada vez mais se “distinguia do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos”³⁹⁰. Destarte, as revistas ilustradas se tornaram os arautos da modernidade, por assim dizer.

O conceito de modernidade teria que estar presente não apenas nas obras urbanas da cidade que a almejava, que eram consideradas os pontos culminantes de um processo modernizador, ou a materialização dele, pois, assim como o ideal de Progresso, o moderno e suas variantes³⁹¹ deveriam ser vinculados a tudo que fizesse menção a Aracaju, que se remodelava na década de 20, como, por exemplo, textos e fotografias publicados na imprensa, nas revistas ilustradas, para sermos mais precisos, e através delas transmitir o cotidiano da capital de Sergipe para outros lugares.

A modernidade aqui deve ser entendida, nas palavras de Charles Monteiro (2014), “como expressão de uma nova sensibilidade e de novas práticas sociais vinculadas a um ideário político, que visa à inserção do Brasil no contexto internacional”³⁹², e tal qual o ideal de progresso, cabia aos agentes políticos, somados às revistas ilustradas, anunciarem os tempos modernos e seus desdobramentos que se avizinhavam no horizonte.

Assim ocorreu em Aracaju em 1925. Aproveitando-se das publicações feitas na revista *Fon-Fon* para mostrar os feitos do governo em algumas partes do estado, Graccho Cardoso apresenta os trabalhos realizados na capital, o que não poderia ser diferente, pois, como mencionando anteriormente, nenhum outro governante havia feito obras tão vastas em Aracaju

³⁸⁹ MARTINS, op. cit., p. 40.

³⁹⁰ Idem.

³⁹¹ Segundo Marshall Berman (1986), a modernidade possui duas variações: modernização e modernismo. A primeira está ligada a descobertas científicas, avanço da industrialização, transformações demográficas, crescimento do espaço urbano, velocidade das comunicações, expansão do capitalismo, apogeu dos Estados-Nação e difusão dos movimentos sociais de massa. O segundo, por sua vez, é o resultado do processo de modernização, quando o indivíduo cria mecanismos para vivenciar o processo de modernização e tece um vocabulário específico que o ajuda a traduzir toda atmosfera moderna que o antepassa. Ver: BERMAN, op. cit., p. 129.

³⁹² MONTEIRO, op. cit., p. 157.

como ele. Era momento de publicizar esses trabalhos estampando-os nas páginas do periódico carioca.

Mas partamos do princípio antes de imergirmos na “Moderna Capital de Sergipe” através da revista ilustrada supracitada, pois é preciso tomarmos nota de alguns acontecimentos no campo político para compreendermos quais fatores foram determinantes para publicações da visualidade urbana de Aracaju serem amplamente divulgadas em um periódico afamado como o foi a *Fon-Fon*.

Em 20 de março de 1925, Graccho Cardoso nomeia³⁹³ o seu irmão, Hunald Santa-Flor Cardoso, que até então fazia parte da administração estadual, para o cargo de Intendente Municipal de Aracaju, o que corresponde atualmente ao prefeito³⁹⁴. A figura do Intendente surge com a Primeira República, quando as Câmaras Municipais, responsáveis pela administração das cidades e vilas durante o Império, foram consideradas obsoletas e sua forma de gerir o executivo era decadente, segundo o novo regime³⁹⁵.

Repetindo um gesto similar ao de Graccho Cardoso (figura 30) no início do mandato, o periódico carioca, em meio às matérias sobre a administração do presidente em questão, insere o mano Hunald em suas páginas (figura 48) como uma forma também de projetá-lo no cenário político, apresentando as obras realizadas pela Intendência em sua gestão, que seria curta. Mas, além disso, Graccho queria um nome de confiança para capitanear os trabalhos de remodelação urbana em Aracaju enquanto ele levava sua ação modernizadora Sergipe adentro. Ao escolher o irmão como chefe do executivo aracajuano, o poder estava em família, literalmente. Vejamos o que foi publicado nas páginas da *Fon-Fon*.

³⁹³ Durante a Primeira República (1889-1930) era atribuída aos presidentes dos estados a função de nomearem os chefes do executivo municipal. Não haviam eleições diretas ou indiretas para o respectivo cargo. Ver: SANTOS, Renato Marinho Brandão. A gestão da cidade: o papel da Intendência Municipal na construção de uma Natal Moderna (1890-1930). **Revista Espacialidades**, Natal/RN, v. 2, n. 1, p. 1-21, 2009.

³⁹⁴ A Revista *Fon-Fon* refere-se a Hunald Santa-Flor Cardoso como prefeito, mas em outros momentos como Intendente. Usaremos esse último termo, seguindo o que nos é passado pela Historiografia da Primeira República.

³⁹⁵ SANTOS, op. cit., p. 3.

Figura 47 – Prefeitura de Aracajú, 1925

FON-FON — 74 29 - Agosto - 1925

PREFEITURA DE ARACAJÚ

ENTREGUE á reconhecida competência do dr. Hunald Cardoso, prefeito da cidade, Aracajú tem sido completamente reformada e já é, hoje, uma das mais bellas cidades do Norte.

Trilhando pelo mesmo caminho do dr. Graccho Cardoso, o prefeito da capital constrôe, reforma, em margem direita do rio Sergipe, contando hoje com uma população de 60.000 mil almas, a mais linda topographia, ruas largas e bem traçadas, com praças admiraveis, a cidade de Aracajú presta-se, melhor do que nenhuma outra, a ser embelezada e vir ser um grande centro.

Fausto Cardoso, com a denominação de Avenida Barão do Rio Branco e d'ahi até seu termino, com o nome de Avenida Ivo do Prado.

Esse logradouro constitue uma das grandes bellezas de Aracajú. Ha na cidade lindas praças, de grandes proporções e em quasi



Dr. Hunald Cardoso, prefeito de Aracajú, é uma das figuras de maior destaque na administração Graccho Cardoso.

belleza a cidade que foi confiada á sua competente administração.

Entre a prefeitura e o governo do Estado existe um prévio accordo afim de ser preparada convenientemente a metropole de Sergipe, notando-se, por isso, uma passmosa actividade em todos os seus serviços.

Fundada em 1855 pelo dr. Ignacio Joaquim Barbosa e edificada á

A' semelhança do que se faz no Rio de Janeiro, construiu o prefeito, ao longo do rio, uma soberba avenida, magnificamente pavimentada, arborizada e ajardinada, ainda não totalmente concluida, mas já offerecendo bello golpe de vista. De proporções grandiosas, a esplendida avenida irá da entrada da barra ao bairro industrial, passando pela praça

todas ha monumentos collocados pelos sergipanos para perpetuar feitos de seus filhos. Muitas dessas praças estão soffrendo radical reforma pela prefeitura, sendo que a que defronta o palacio será embelezada e reformada e nella collocadas estatuetas e vasos decorativos.

A nova praça Pinheiro Machado, onde se acha a estatua de Tobias

Fonte: PREFEITURA DE ARACAJU, *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 74.

Diferentemente da foto inaugural do mandato de Graccho Cardoso (figura 30), na qual ele se encontrava ladeado por fotografias de seus principais auxiliares, a de Hunald Cardoso, por sua vez, ocupa sozinha a maior parte da página. Em formato oval e com adornos laterais convenientemente adicionados à imagem, nela se vê um homem que, apesar da juventude,

possuía a intenção de se apresentar como um gestor competente e comprometido. As suas feições extremamente circunspectas transparecem uma certa sobriedade, algo que todo político da época deveria transmitir, além dos olhos fixos para a lente, como quem desejava penetrar no olhar do leitor e assim passar segurança e, por que não, confiança.

Trajado elegantemente para o ato fotográfico, é concebível pensar que esse registro imagético teve a intenção de impressionar e foi feito justamente com a finalidade de ilustrar a matéria elogiosa da *Fon-Fon*; prova disso, além das vestimentas, são os outros elementos que compõem o cenário da foto, como, por exemplo, o plano de fundo, mas também o cabelo meticulosamente penteado e untado com algo similar às pastas capilares atuais e, por último, o lenço cuidadosamente dobrado e acondicionado no bolso esquerdo do paletó. Se o intuito era impressionar quem porventura folheava as páginas da revista, é provável que o objetivo foi alcançado, pois, como diz o dito popular “a riqueza está nos detalhes!”

Os ornamentos e molduras que circundam a fotografia ajudam a destacá-la, como se o intuito fosse chamar a atenção do leitor, algo que seguirá nas demais fotografias de políticos e nas páginas da *Fon-Fon*. Como vimos anteriormente, o uso desses elementos, além de atender a um novo projeto gráfico que emergia no Brasil do século passado, servia para seduzir e atender às exigências do público brasileiro. Além disso, era amplamente usado nas revistas ilustradas. É válido salientar que, no século XIX, já havia circulação de revistas ilustradas; porém, não havia a mesma tipografia gráfica, tampouco o uso de uma quantidade satisfatória de fotografias, o que as diferenciava das revistas do século passado. Havia poucos detalhes também em seus textos.

E, por falar em detalhes, é impossível não tomarmos nota do já mencionado texto apologético da *Fon-Fon*, pois, assim como fizeram com o presidente do estado, o periódico carioca não poupou adjetivos enaltecendo para o Intendente/Prefeito de Aracaju. O artigo, além de enaltecer a “reconhecida competência do dr. Hunald Cardoso”³⁹⁶, evidencia a parceria entre os gestores-irmãos na remodelação da capital, atribuindo ao Intendente os méritos dos inúmeros trabalhos realizados, talvez numa tentativa de projetá-lo politicamente, afinal Hunald não era um político tal qual seu irmão, mesmo fazendo parte do seu secretariado e convivendo no campo político por conta deste, não se deixou picar pela mosca azul da política, mesmo ela pavoneando sobre ele. Essa estratégia de difundir a imagem do irmão associando-o às reformas urbanas aracajuanas poderia ser também uma maneira de prepará-lo como seu sucessor na presidência, afinal o quadriênio terminaria no ano seguinte e, certamente, Graccho Cardoso

³⁹⁶ PREFEITURA DE ARACAJÚ, op. cit., p. 74.

desejaria um nome de confiança ocupando o governo. Mas não foi isso que aconteceu, são apenas conjecturas.

Há de se destacar, no texto da revista, a comparação entre as obras realizadas no Rio de Janeiro por Pereira Passos, mais precisamente a abertura da Avenida Central, com o embelezamento da Avenida Barão do Rio Branco em Aracaju, que, segundo o periódico, era “magnificamente pavimentada, arborizada e ajardinada”. Como dito anteriormente nestes escritos, as analogias com a então Capital Federal eram frequentes, e os jornais sergipanos também as reproduziam desde a época de Pereira Lobo³⁹⁷, afinal ela foi o epicentro dessa atmosfera modernizadora que tomou conta das demais capitais dos estados brasileiros. Apesar de o Rio de Janeiro servir como exemplo para as reformas urbanas em outros pontos do país, obviamente cada lugar as realizou conforme as suas condições financeiras e adequando às suas realidades.

Não é intenção do presente trabalho discorrer sobre esse processo de reforma, embelezamento e urbanização em Aracaju, como já dissemos anteriormente, mas entender como as representações visuais da capital de Sergipe publicadas em periódicos de circulação nacional colaboraram com a propagação de ideais modernos, afinal eles serviram como “instrumento de informação que contribuiu para a difusão do pensamento de progresso”³⁹⁸ no âmbito urbano no início do século passado.

Dito isso, retornemos à revista. Sob o título “Aracajú Remodelada”, a *Fon-Fon* publicou, em agosto de 1925, uma série de fotografias dos principais trabalhos realizados no espaço urbano da capital sergipana e que foram realizados tanto nas ruas e praças quanto nos prédios de repartições públicas e residências de particulares. Esse último interpretamos como uma forma de mostrar que a reforma de Aracaju não ficou concentrada apenas ao espaço público, mas partiu para as dimensões do privado. Deveras, a modernidade deveria se estender para todos os espaços, principalmente os privilegiados. Na imagem que segue (figura 48), são apresentadas duas fotografias que nos ajudam a compreender como esse processo reformador modificou a paisagem urbana de Aracaju e contribuiu para a propagação do discurso de uma

³⁹⁷ O jornal *Correio de Aracaju* publicou a seguinte nota: “[...] A modéstia relativa dessa obra si a quiséssemos comparar com as que realizaram Haussmann, em Paris; Lauro Muller, Pereira Passos e Paulo Frontin, no Rio – o que é impossível – transforma-se, todavia, em grandeza admirável quando consideramos em face dos diminutos recursos com que s. ex. o dr. Pereira Lôbo e empreendeu e a realizou”. Ver: A CAPITAL DE SERGIPE. *Correio de Aracaju*, Aracaju, ano 13, n 2969, 25 de setembro de 1920, p. 01.

³⁹⁸ MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias da vida social**: identidades e visibilidades nas imagens publicadas na revista do globo (Rio Grande do Sul, década de 1930). 2011. 290 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2011. p. 145.

cidade que estava em constantes transformações advindas do que se convencionou chamar de modernidade, ou, melhor dizendo, de uma bela época.

Figura 48 – Aracajú Remodelada, 1925



Fonte: ARACAJU REMODELADA, Revista Fon-Fon, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 75.

A imagem é uma página retirada da *Fon-Fon* na qual alguns elementos nos chamam atenção: o primeiro é o título, “Aracaju remodelada”, que deseja transmitir que a cidade não possuía as feições antigas, que estava repaginada, utilizando um termo atual. Remodelar-se era

uma forma de se revestir de um novo significado, de abandono do passado e do que possivelmente remetia ao atraso. Trocando em miúdos, remodelar significava sair bem na foto, literalmente.

As fotografias dispostas na página da revista mostram dois edifícios construídos durante a dobradinha Graccho-Hunald nos executivos estadual e municipal e apresentam a nova sede da Intendência/Prefeitura de Aracaju e o Mercado Municipal³⁹⁹. Na fotografia superior, é possível observarmos que o imponente prédio teve suas obras concluídas, o que difere da seguinte, na parte inferior da página, em que vemos um mercado ainda em construção. Isso é constatado ao localizarmos na fotografia alguns trabalhadores em atividade, como também pelos andaimes de madeira, uma escada posta horizontalmente aos pés desse estrado posicionado no lado esquerdo do registro fotográfico e, por fim, ausência de telhas nas coberturas laterais e sobre o prédio.

Podemos interpretar que a forma como as fotografias foram colocadas na página teve a intenção de mostrar que, apesar da conclusão da obra de um prédio, neste caso a sede do executivo, a cidade seguia sendo remodelada, estava em constante transformação, e tais trabalhos não cessariam até atingir boa parte da cidade. Era a “cidade monumental, bela e ordenada” que se transformava para atender aos preceitos modernos e aos grupos dominantes da época. É interessante notarmos que os textos que acompanham as fotografias, apesar de estarem em menor proporção que elas, não se referem às ilustrações, mas aos outros trabalhos que foram realizados em Aracaju. No entanto, devido ao tamanho e à disposição em que se encontram as fotografias, isso fazia com que os leitores se atentassem a elas, o que torna os escritos algo irrisório, quase imperceptível, afinal “é impossível não observar que essas grandiosas estruturas monumentalizam o espaço urbano”⁴⁰⁰.

As fotografias nas páginas seguintes possuem essa estratégia, ou algo que se assemelha a um “antes e depois”, porém o intuito é o mesmo: apresentar uma cidade em constante mudança e que está buscando modernizar-se através das obras que foram executadas em sua estrutura

³⁹⁹ Não nos deteremos a falar copiosamente sobre os prédios, temendo repetir o que fora realizado em trabalhos anteriores, mas é cabível pontuar que a nova sede da intendência “recebeu a denominação de Palácio Inácio Barbosa em alusão ao fundador de Aracaju e, diferente do grandioso Palácio do Governo (atualmente Palácio Olímpio Campos), não possuía características que atribuíssem pompa à sua arquitetura, que lembrava as construções neoclássicas, sem muitos ornamentos, o que tirava um pouco do seu esplendor. Porém, a grandiosidade do edifício chamava atenção, juntamente com as duas esculturas representando as famosas águias, símbolo da gestão Graccho Cardoso. Provavelmente, é o único a possuir duas esculturas dessas aves, enquanto os outros apenas uma reina sobre suas fachadas”. Sobre o mercado “possuía uma grande estrutura, assim como outros que foram construídos em reformas urbanas pelo país, como, por exemplo: os mercados de Belém (Mercado Ver-o-Peso) e Manaus (Mercado Municipal Adolpho Lisboa), e ‘tomava uma área de 5.168 m². Tornava-se, pois, mais uma obra monumental da administração Graccho Cardoso”. Ver: CRUZ, op. cit., p. 142 e 1154.

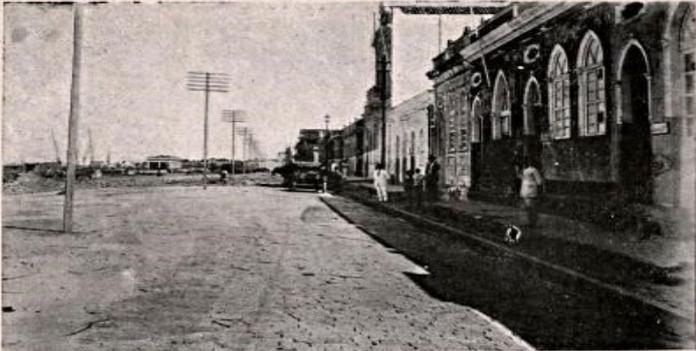
⁴⁰⁰ POSSAMAI, op. cit., 2007, p. 64.

urbana. Comparar o que foi feito com o que se encontrava, para além de deixar evidentes as obras empreendidas, era uma forma sutil que os agentes políticos encontraram para deslegitimar os seus antecessores, e, nesse contexto de confronto com a imprensa sergipana, essa foi a forma concebida pelo então grupo governista ao utilizar o periódico carioca como método de defesa por assim dizer. Observemos as imagens seguintes:

Figura 49 – Calçamento da cidade (1), 1925

FON-FON — 76

29 - Agosto - 1925



ficando caro seu transporte e mão de obra.
Mas o Governo não olha despesas quando se trata de serviços de real utilidade, principalmente de Aracajú, que é como sala de visitas do progressista Estado de Sergipe.

Nem era de esperar outra coisa de um sábio governo que quer mostrar ao viajante uma cidade modernizada, como está sendo a Capital do Estado.

Seguindo parênteses com o esforçado governo, os particulares já vão compreendendo que é preciso construir prédios bons e assim começam a aparecer, em Aracajú, lindas construções privadas onde se notam architectura e bom gosto. Entre ellas citaremos: A Asso-

Avenida Ivo Prado. O calçamento a paralelepípedos iniciado pela outra ponta.



Aspecto das obras de remodelação de Aracajú. Trecho da cidade proximo á praça Fausto Cardoco, na occasião do início dos melhoramentos.

ciação Commercial, imponente edificio, em vias de ser inaugurado, de solida construcção, de sobrias e elegantes linhas, auxiliado em grande parte pelo governo do Estado.




A linda rua Ipatatuba vista de um dos torreões do Mercado Municipal, destacando-se, á direita, o novo edificio da Associação Commercial.

Fonte: ARACAJU REMODELADA. Revista *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925.

Figura 50 – Calçamento da cidade (2), 1925

29 - Agosto - 1925

77 - FON-FON

luto, á já grande população da capital, existia um antigo mercado, sem os devidos preceitos de hygiene, pequeno e mal collocado; pensou, então, o infatigavel presidente, de accordo com o prefeito da cidade, em dotar Aracajú de um mercado onde tudo fôsse moderno e perfeito.

Sem se preocupar com a formidavel despeza, que uma construção dessa natureza traria ao Estado, o dr. Graccho Cardoso resolveu que fôsse ella immediatamente estudada, correspondendo ás condições da Capital.

Occupando uma área de cerca de cinco mil e cem metros quadrados, acha-se quasi concluido o bello edificio, para o mercado,



O novo calçamento de Aracajú — Rua de Itabaiana, calçada a paralelepípedos. Ao lado o assentamento dos trilhos para os bondes electricos.



Outro trecho da rua Itabaiana completamente calçado.



Avenida Ivo Prado. Começo de calçamento novo, ajardinagem e arborização. Ao fundo, o velho edificio da Alfandega, que impede a continuação da avenida.

Nessas mesma condições entra-se o Collegio N. S. de Lourdes, que tambem mereceu o amparo decidido da actual administração, no seu levantamento.

Não correspondendo, em abso-



As fotografias mostram o processo de calçamento das principais ruas de Aracaju, que a revista descreve como “o mais antiquado possível”⁴⁰¹. A substituição do calçamento atendia tanto a padrões estéticos quanto higienistas, pois ruas empoçadas, além de ficarem cobertas de lama, poderiam ser foco de doenças e proliferar epidemias.⁴⁰² Mas vamos nos ater à fotografias dispostas nas páginas da *Fon-Fon*. É interessante como elas foram colocadas uma sobre a outra, criando uma sequência entre elas, porém as cenas registradas são distintas.

O primeiro registro fotográfico (canto esquerdo superior) mostra um trecho da Avenida Ivo do Prado devidamente calçado, estando a outra ponta, mais ao fundo, em obras. Ao meio, a segunda imagem apresenta outra parte da cidade, mais precisamente próximo à Praça Fausto Cardoso, e deixa evidente o exaustivo trabalho de substituição do calçamento através das pedras, possivelmente quebradas e empilhadas, visíveis em grande parte da fotografia.

A terceira e última fotografia (canto inferior direito) retrata a rua Pacatuba (atual José do Prado Franco), só que em um ângulo feito de cima, em uma das torres do Mercado Municipal, que, como mencionamos e a própria foto deixa evidente, estava também em obras de construção. É possível ver que a referida rua não estava sendo calçada como as demais, ou tal processo teria chegado à sua finalização, possivelmente os trabalhos do mercado atrapalhariam o calçamento da rua e vice-versa, pois seria muita bagunça em um único espaço, similar à Torre de Babel das passagens bíblicas. Por fim, vê-se um detalhe no registro que não passa despercebido: trata-se do prédio recém-construído da Associação Comercial de Sergipe, anteriormente fotografado em sua totalidade por Hermes Fontes e publicado nas páginas da *Fon-Fon* no mês de março de 1925 em decorrência de uma excursão realizada pelo “Príncipe dos Poetas brasileiros” ao seu torrão natal.⁴⁰³

A forma como as fotografias foram dispostas nas páginas foi, de um certo modo, intencional; percebamos que há uma espécie de conexão entre elas, pois, como mencionamos anteriormente, era uma maneira de mostrar os trabalhos de remodelação em seus diversos estágios: antes, durante e depois das obras. Era uma cidade em que, assim como afirmou o Imperador Dom Pedro II em seu nascedouro no século XIX, “havia muito que se fazer” e que estava sendo feito, registrado e publicizado nas páginas da revista *Fon-Fon*.

A presença de ornamentos florais e uma espécie de leão serve como uma vinheta ou um emblema decorativo e foram usados para embelezar as páginas e dar um toque artístico ao

⁴⁰¹ ARACAJU REMODELADA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 74.

⁴⁰² Sobre as obras do calçamento de Aracaju em 1925, ver: CRUZ, op. cit., p. 137-138.

⁴⁰³ “FON-FON” EM SERGIPE: A presidência Graccho Cardoso através da excursão Hermes Fontes. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 13, 28 de março de 1925, p. 55.

layout das revistas. Esses elementos serviam para criar uma identidade visual única para a revista, diferenciando-a de outras publicações, e ajudavam a demarcar seções diferentes ou destacar partes específicas do conteúdo. O leão, especificamente, pode simbolizar força, coragem e nobreza, atributos que poderiam ser associados à imagem da revista ou aos temas abordados em suas páginas. Seu estilo ornamental sugere, mais uma vez, a influência do *Art Nouveau*, caracterizado por linhas fluidas e formas naturais estilizadas. Portanto, a imagem do leão na revista *Fon-Fon* não é apenas um elemento decorativo, mas também uma representação dos valores e da estética da época em que a revista foi publicada. A inclusão de tais ornamentos realçava a experiência de leitura, tornando as publicações mais atraentes e visualmente interessantes para os leitores daquele período.

Essa mesma estratégia repete-se nas fotografias da página seguinte (figura 51), que mostra dois registros da rua de Itabaiana e um da Avenida Ivo do Prado. No primeiro (canto superior direito), vemos a mencionada via pública em obras com seu calçamento parcialmente retirado. O segundo (ao meio), por sua vez, apresenta um trecho com os trabalhos devidamente concluídos. Na terceira e última foto da página, temos o registro do novo calçamento da Avenida Ivo do Prado, e, como salienta a legenda da imagem, a “ajardinagem e arborização” que estavam sendo realizadas simultaneamente com os serviços de pavimentação das ruas, praças e avenidas aracajuanas, como veremos nas páginas mais à frente destes escritos.

Nas fotografias apresentadas nas respectivas páginas da *Fon-Fon* (figuras 50 e 51), é possível constatar a presença de alguns elementos que servem para atestar, digamos, essa modernidade que se materializava nas obras de remodelação; referimo-nos aos automóveis (nas primeiras fotografias da figura 50), postes de iluminação e trilhos para os bondes elétricos. Esses signos da modernidade significaram uma espécie de novidade para Aracaju, pois chegaram à capital de Sergipe entre as décadas de 1910 e 1920.⁴⁰⁴ A presença dos elementos considerados modernos nas fotografias, somando-se às obras de calçamento, transmite a mensagem de que a modernidade se fazia presente no espaço urbano, seja nas obras de remodelação ou no uso dos aparatos citados anteriormente.

⁴⁰⁴ Segundo Fabrícia de Oliveira Santos (1999, 2003), a energia elétrica foi instalada em Aracaju em 1913, no governo de Siqueira de Menezes (1911-1914), que, apesar de aperfeiçoá-la, algumas zonas da cidade permaneciam com antigos lampiões a gás. Os bondes de tração animal foram substituídos pelos elétricos na década de 1920 no governo de Graccho Cardoso. Ver: SANTOS, Fabrícia de Oliveira. “**Hygiene, saúde e beleza**”: preocupações eugênicas nos periódicos sergipanos de Aracaju (1910-1920). 1999. 110 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1999. p. 23, e SANTOS, Fabrícia de Oliveira. “Luz eléctrica, asseio e prontidão”: fragmentos da modernização de Aracaju em jornais e revistas. *Revista do Aracaju*, Aracaju, v. 60, n. 10, p. 239-259, jul. 2003.

É visível também a presença de transeuntes na maioria das imagens fotográficas. Eles são vistos transitando sobre as ruas, praças e avenidas em remodelação e servindo como testemunhas oculares desse processo reformador na urbe, justificado pela busca da modernidade que se espelhou pelo Brasil. Chama-nos atenção a quantidade inexpressiva de trabalhadores das obras e de mulheres nos registros fotográficos, salvo em raras exceções, a saber, na fotografia da construção do Mercado Municipal (figura 49) e na construção dos coretos da Praça Fausto Cardoso, que veremos mais adiante, nesses casos é possível notar homens trabalhando.

As mulheres, por seu turno, são identificadas uma única vez na fotografia da rua de Itabaiana (centro da figura 51), na qual é possível ver uma delas acompanhada por uma criança (lado esquerdo da fotografia) e, mais ao fundo (lado direito), apesar de a qualidade da foto não favorecer a constatação, é possível notar duas figuras femininas caminhando pela calçada. A presença de mulheres, principalmente das camadas elitizadas da sociedade, no espaço urbano ainda era algo não visto com bons olhos nas décadas iniciais do século XX, pois mulher de estrato social elevado não poderia andar sozinha pelas ruas, deveria estar acompanhada por um homem⁴⁰⁵, preferencialmente da família e mais velho. É válido salientar que a própria revista *Fon-Fon* recomendava que as mulheres não deveriam sair desacompanhadas pelas ruas. Afinal, o conceito de mulher moderna difundido pelo periódico carioca era aquele em que ela estava sob a dominação patriarcal, ou seja, a mulher deveria ser um modelo de virtude e, por possuir uma natureza frágil, deveria ser constantemente protegida pelo homem.⁴⁰⁶

Obviamente a realidade das mulheres pobres era o contrário das abastadas, na medida em que o processo de urbanização das cidades colaborou com a migração de pessoas do campo que foram habitar as zonas citadinas em busca de trabalho e melhores condições de subsistência. Dentro desse contexto, de acordo com Rachel Soihet (2008), foram “as mulheres que sofreram o maior ônus”⁴⁰⁷, visto que precisavam se lançar no espaço hostil das ruas para oferecer seus serviços de “lavadeiras, engomadeiras, doceiras, bordadeiras, floristas, cartomantes e os possíveis biscates que surgissem”⁴⁰⁸, do contrário eram levadas ao que chamavam de “práticas condenáveis”⁴⁰⁹, ou seja, a prostituição.

⁴⁰⁵ CRUZ, Jeferson Augusto da. Mulheres em revistas: representações femininas na revista ilustrada *Fon-Fon*. **Politeia - História e Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 252-262, 27 abr. 2023.

⁴⁰⁶ CAETANO, Vivian Marcello Ferreira. **Modernidade, gênero e condição feminina nas páginas da Revista Fon-Fon (1910-1920)**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. p. 64.

⁴⁰⁷ SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary del (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 365.

⁴⁰⁸ Idem.

⁴⁰⁹ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista**. Brasil 1890-1930. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 116.

Entretanto, mesmo que algumas não exercessem a “profissão mais antiga do mundo”, as mulheres pobres e desacompanhadas sofriam represálias das forças policiais e, até mesmo, de outros homens. Os argumentos aqui expostos nos ajudam a compreender suas ausências no espaço urbano e, por consequência, em algumas fotografias. Desta feita, é necessário frisar que as cenas escolhidas para compor as imagens “dão visibilidade a sujeitos e comportamentos socialmente desejados, retirando da cena urbana aqueles sujeitos e situações que se desejava invisíveis”⁴¹⁰.

A presença desses sujeitos desejados nas imagens fotográficas pode ser considerada mais uma estratégia salutar da administração pública, pois, além de conferir “grande dinamicidade à imagem visual da cidade”⁴¹¹, a foto transmitia a mensagem de aprovação da população que acompanhava as obras, a qual era passada pelos agentes políticos envolvidos nesse processo, afinal o espaço urbano “não é uma área aleatória, mas determinado largo especialmente preparado, remodelado, embelezado e modernizado para recebê-las”⁴¹².

Além das ruas e avenidas, as praças foram objeto de interesse durante a reforma urbana de Aracaju, uma vez que sua arborização e seu ajardinamento contribuíam para, segundo o discurso higienista da época, purificar o ar e evitar a proliferação das doenças que dele vinham. O ajardinamento e a arborização dos espaços públicos eram uma realidade na Europa, principalmente na Inglaterra, onde o binômio natureza e urbanização andava lado a lado desde o século XVII, ou seja, quase duzentos anos antes mesmo da afamada reforma urbana de Paris realizada por Haussmann⁴¹³, que serviu como referencial para muitas cidades.

As praças eram espaços privilegiados, pois sobre os seus calçamentos ocorriam os principais acontecimentos de uma cidade, desde festas de toda natureza (como a chegada dos aviões em 1923) até velórios de personalidades locais (a exemplo das exéquias do Monsenhor Olímpio Campos em 1906). Dessa forma, podemos afirmar que nesses lugares as sociabilidades da cidade eram inauguradas como uma nova forma de vivenciar a modernidade, afinal “espaços, ideias e práticas são a tríade que embasa a análise da formação do contexto urbano”⁴¹⁴.

Sociabilidades são entendidas nesses escritos como as formas que os indivíduos encontram para assimilar um processo de construção de relações sociais⁴¹⁵ e, no entender de O’Donnell (2008), elas emergem “como fruto de um contexto moderno feito de novos espaços

⁴¹⁰ POSSAMAI, op. cit., 2007, p. 73.

⁴¹¹ Idem.

⁴¹² Idem.

⁴¹³ PAULA, op. cit., p. 93.

⁴¹⁴ O’DONNELL, op. cit., p. 59.

⁴¹⁵ SIMMEL, op. cit.

e ideias, constituindo-se como prática urbana por excelência”⁴¹⁶, ou seja, espaços urbanos, como as praças, eram fundamentais para o desenvolvimento da sociabilização⁴¹⁷, já que era através das interações desenvolvidas nesses locais que os habitantes das cidades absorviam as mudanças que a modernidade trazia em seu bojo, no entanto nem todos estavam propensos a vivenciar tais transformações por não terem condições materiais e financeiras ou por serem considerados inadequados, sujeitos indesejáveis que eram direcionados aos lugares afastados da área remodelada. A modernidade era excludente, nem todos estavam aptos a vivenciá-la ou sequer transitar pela urbe e suas praças reformadas. A imagem⁴¹⁸ seguinte (figura 52) nos mostra uma das diversas praças construídas e/ou remodeladas de Aracaju.

As fotografias contidas nas páginas da revista apresentam as obras de construção da Praça Pinheiro Machado (atualmente denominada Praça Tobias Barreto), que, segundo a *Fon-Fon*, “*tinha proporções grandiosas e, depois de terminadas, será uma das mais importantes das cidades do norte*”⁴¹⁹. A imagem fotográfica feita de cima não destaca a grandiosidade mencionada pelo periódico, mas se torna elucidativa ao evidenciar alguns dos prédios da administração pública que estão localizados no entorno da praça. É importante ressaltar que, diferentemente de outras capitais, as edificações de Aracaju, da época em questão, não possuíam uma arquitetura colossal, ou seja, se limitavam a ter um ou dois andares; por isso, as fotografias registradas de um ângulo concedem uma certa imponência a algumas edificações ao mesmo tempo que revelam a diminuta dimensão de outras.

As duas fotografias contidas na página (figura 51) não nos dão a dimensão total da praça, porém é possível constatar alguns elementos que evidenciam os trabalhos de sua construção. Como menciona o periódico carioca, é possível ver a criação dos canteiros e algumas mudas de árvores sobre eles, que foram plantadas justamente para seguir os preceitos de saúde pública mencionados anteriormente, pois “a higienização e o embelezamento da cidade são motivos essenciais para o investimento nessas áreas”⁴²⁰. Nota-se, ao mesmo tempo, a ausência de ruas pavimentadas no seu entorno, mas isso é justificado tendo em vista que a localidade que atualmente é o bairro São José estava em processo de expansão⁴²¹, o que explica também um número pequeno de residências, como mostra a fotografia na parte inferior da página.

⁴¹⁶ O'DONNELL, op. cit., p. 59.

⁴¹⁷ De acordo com Carla Ferraresi (2007, p. 13), sociabilização pode ser entendida “como uma espécie de adestramento pelo qual o indivíduo é levado a interiorizar normas, valores, atitudes, papéis, saberes e habilidades”. Ver: FERRARESI, op. cit.

⁴¹⁸ JARDINS DE ARACAJU. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 78.

⁴¹⁹ ARACAJU REMODELADA, op. cit., p. 75.

⁴²⁰ POSSAMAI, op. cit., 2007, p. 72.

⁴²¹ ROCHA, Ronaldo Ribeiro. A grande festa do centenário da independência de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, v. 1, n. 48, 2018, p. 162.

Figura 51 – Jardins de Aracaju, 1925

FON-FON-78

29 - Agosto - 1925

JARDINS DE ARACAJU



Vista de uma parte da praça Pinheiro Machado, em construção.



onde o povo poderá, dentro em breve, abastecer-se de tudo o que desejar.

O mercado de Aracaju é, talvez, o melhor que existe no Norte. Todo de cimento armado, com quatro fachadas iguaes, todo rodeado de terraços muito confortaveis, tendo ao centro uma torre de vinte metros de altura encimada por um grande relógio de quatro faces, está sendo construído pela municipalidade e directamente fiscalizado pelo dr. Hunald Cardoso.

As photographias que illustram estas pallidas impressões de Ara-

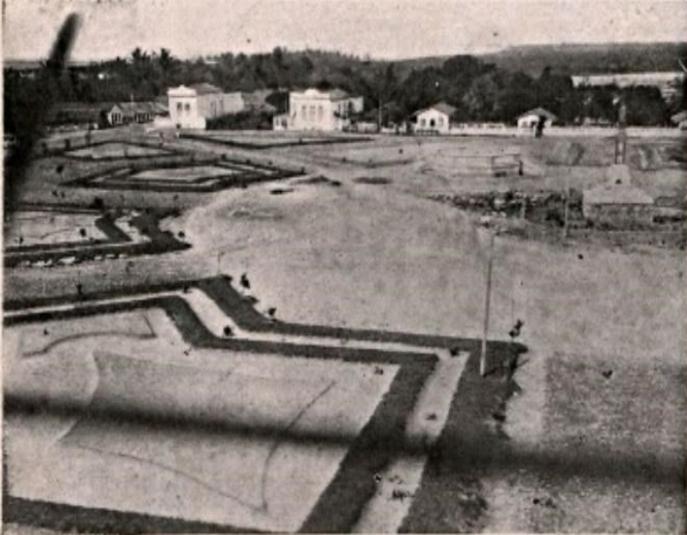


Projecto de remodelação dos coretos da praça principal da capital sergipana.

do Estado, a maior boa vontade para que sejam realidades, o mais breve possível, o hotel e o theatro.

E todos esses melhoramentos, esses empreendimentos, tudo, emfim, está sendo feito sem um real de emprestimo, sem augmento de impostos, o que prova ser: o doutor Graccho Cardoso um estadista de verdade, uma assombrosa intelligencia realizadora, um homem de vontade.

Ha ainda em Aracaju muitos outros edificios taes como: o Palacio da Presidencia, a Assembléa Legislativa, a Bibliotheca Estadual, a Cathedral, a igreja de São Salvador, o novo Quartel de Policia, o Hospital Santa Isabel, a Delegacia Fiscal, o Banco Estadual



Outro lado da praça Pinheiro Machado. A' direita, o monumento a Tobias Barretto.

Ao centro da praça, é possível ver o primeiro monumento erguido em homenagem ao intelectual sergipano Tobias Barreto⁴²², líder e integrante da Escola de Recife⁴²³ que teve seus restos mortais trasladados para Sergipe em 24 de outubro de 1920, em meio às comemorações do centenário da independência do estado, para serem depositados “no supedâneo de sua estátua em meio à grande romaria cívica”⁴²⁴. As praças, ao que parece, também eram lugares onde os mortos repousavam; há alguns exemplos dessa assertiva na capital de Sergipe: os restos mortais de Inácio Barbosa, fundador de Aracaju, e do líder político e deputado federal Fausto Cardoso repousam sob os monumentos dedicados à evocação de suas memórias erguidos em praças públicas.

Há também na página da revista (figura 51) a imagem do projeto de um dos coretos que ocupam a Praça Fausto Cardoso que também passou por importantes transformações durante as obras de remodelação. Os referidos gazebos são adornados com esculturas de bronze que “seguram” suas colunas e estão presentes até hoje no logradouro. Foram construídos seguindo os preceitos da arquitetura eclética, estilo que vigorou não apenas em Sergipe no início do século XX, mas em todo o Brasil⁴²⁵, e que foi adotado em inúmeras reformas urbanas. Esse

⁴²² Jurista, poeta, filósofo e jornalista que nas, palavras de Armindo Guaraná (1925), foi “O maior dos sergipanos pelo talento e pela erudição, nasceu em Campos a 7 de Junho de 1839 e faleceu no Recife a 26 de Junho de 1889 [...] Filho do antigo escrivão de orphão daquela villa, [...] Pedro Barretto de Menezes e D. Emerenciana Barreto de Menezes. Passou a infância no seio da família, de quem recebeu os uteis conselhos e as primeiras lições de educação doméstica. Terminados em 1850 os estudos primários, seguiu para Estância, onde cursou até 1852 a aula de latim regida pelo Padre Domingos Quirino de Souza, depois bispo de Goyaz, frequentando simultaneamente a aula de musica do maestro Marcello de Santa Fé; e de 1858 a 1854 continuou a estudar latinidade no Lagarto com o Padre José Alves Pitangueira. [...] Depois de ter passado por serias dificuldades economicas, voltou a Campos, onde permaneceu até o fim de 1862, quando partiu para a cidade do Recife, destinada a ser de futuro o teatro dos seus triumphos scientificos. [...] Obtida a carta de bacharel continuou a residir por alguns anos no Recife, abrindo um collegio no qual as cadeiras de francês, latim, rhetorica, filosofia e mathematicas elementares. Em 1872 deixou aquella capital com destino á Escada, cidade central de Pernambuco, na qual teve residencia por espaço de quasi dez anos. De 1874 a 1880 dedicou-se especialmente ao jornalismo, tendo publicado nos periodicos que ali fundou artigos magistraes, mais tarde reproduzidos nos ‘Estados Allemães’ sob o título – Delictos por omissão. Foi deputado provincial na legislatura de 1879-1880 e em 1882 fez sensacional concurso na Faculdade de Direito para preenchimento de uma cadeira vaga, cuja nomeação deveu ao espirito recto do Imperador Dom Pedro II, a despeito da opposição do ministro do Império. [...] Com o seu ingresso para o corpo docente da Faculdade operou-se uma radical transformação no ensino da Philosophia do direito. [...] Enthusiasta do pensamento alemão foi no seu tempo o brasileiro mais conhecido na pátria de Yehring onde éra considerado como um jurista eminente e philosopho acatado. [...] O seu devotamento pela sciencia cultivada no paiz da sua maior predileção induzia-o a estudar consigo mesmo a língua allemã para melhor apprehender o pensamento dos escriptores, que nella explanaram as suas idéas e doutrinas [...] para que a sua fama corresse mundo, não precisou viajar, fazendo alarde dos seus conhecimentos adquiridos no estudo das sciencias, nem se esforçou por demonstra-los nos comícios nas conferencias publicas. [...] A maior parte da existência passou-a no Recife, sua pátria intelectual, daqual apenas se retirou temporariamente em 1883 para visitar Sergipe pela única vez depois de uma ausencia de quase vinte anos”. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 271-274.

⁴²³ Movimento sociocultural que nasceu no âmbito da Faculdade de Direito do Recife. Ver: SCHWARCZ, op. cit., 1993, p. 192.

⁴²⁴ DANTAS, op. cit., 2012, p. 83

⁴²⁵ FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 131-143, 1993.

modelo arquitetônico se fez presente em diversos monumentos da capital sergipana, desde prédios públicos até residências privadas.

A mencionada praça carrega em suas pedras as memórias dos acontecimentos mais marcantes da história de Aracaju. Naquele local, ainda no século XIX, quando a capital se erguia lentamente sob as margens do rio Sergipe, o Imperador Dom Pedro II desembarcou na então província. Décadas depois, já instaurada a República, os acontecimentos das Revoltas de Fausto Cardoso (1906) e Tenentista (1924) fizeram-na de principal palco para o desenrolar dos seus desfechos. Sem mencionar as festividades que por ali se realizam até os dias atuais, desde janeiro – com a festa de Bom Jesus dos Navegantes – até dezembro, com as celebrações natalinas. Se a praça dedicada a Fausto Cardoso foi digna de nota, é claro que a do seu rival político não seria esquecida, pelo menos pelas páginas da revista *Fon-Fon*, que publicou uma fotografia feita de uma das torres da Catedral Metropolitana, como veremos na imagem (figura 52).

Seguindo o mesmo modelo das fotografias da Praça Pinheiro Machado (figura 51), as fotos foram feitas de cima; para além do que já foi explicado sobre esse método, ele possibilita a “apreciação de muitos ângulos de visão [...] tornando perceptíveis aspectos do desenho urbano”⁴²⁶ até então não vistos em outras tomadas, o que contribuiu para os trabalhos de arquitetos e urbanistas nos processos de remodelação urbana. Nenhum detalhe deveria passar despercebido aos olhos desses profissionais.

A primeira imagem fotográfica (parte superior da página), além de priorizar a praça, contempla quem a visualiza com a paisagem composta pelo rio Sergipe ao fundo e pelo extenso coqueiral do então povoado Barra dos Coqueiros (atualmente município), como também de alguns prédios públicos (Palácio do Governo e Biblioteca) e, por fim, a estátua do Monsenhor Olímpio Campos ladeada por imensas palmeiras imperiais. O segundo registro fotográfico (parte inferior da página), por sua vez, retorna à Praça Fausto Cardoso e ao casario que a circunda e evidencia também um trecho da rua de Japarutuba, porém no horizonte se vê, mais uma vez, a barra do curso d’água que banha a capital. A última foto, em menor tamanho, que compõe o material diverge das demais, mostrando não um dos logradouros em questão, mas trabalhadores na obra de melhoramento de um dos coretos.

⁴²⁶ POSSAMAI, op. cit., 2007, p. 70.

Figura 52 – A Moderna Capital de Sergipe (1), 1925

29 - Agosto - 1925

79 - FON-FON

A MODERNA CAPITAL DE SERGIPE

de Sergipe, a Escola Normal, o Paço Municipal, os novos Grupos Escolares e tantos outros que escapam a uma simples reportagem.

Além de que, convém que digamos para bem da verdade, não nos é possível, nas poucas linhas que enchem estas paginas, producto de uma admiração sincera e merecida, pelas idealizações de um cerebro creador, dar mais do que uma idéa pallida de tudo que de grandioso ora se faz no pequeno e bem fadado Estado do norte, em boa hora entregue á gestão sabia de um de seus mais sábios filhos.

O dr. Graccho Cardoso, si apprehende e organiza, si reforma e modifica, faz-o consciente e sensatamente, sem se descuidar um só momento da estabilidade economica de seu torrão, estabilidade

agora motivo de real orgulho, razão de justo desvanecimento.

O dr. Graccho conseguiu mais, levou avante o seu programma de realizações.

Foi-lhe possível, com esforço regulado, obter o apoio franco de capitalistas das cidades e do interior, que se lançaram com afincio á grande obra de remodelação.

As estradas que surgem abrindo sulcos no solo da terra virgem, as ruas que se alinham no centro das cidades renovadas, os céus que se perfilam fazendo face ás ondas revoltas os aos rios cascateantes, emolduram-se de vivendas ricas,

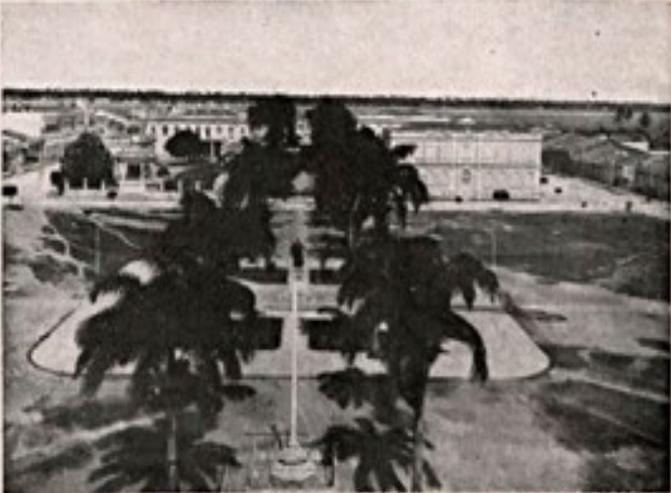
essa que elle conseguiu tornar realidade patente, de premente necessidade que era.

O melhoramento de Sergipe faz-se com methodo, com esthetica, com economia, muito embora se trate de obras de vulto.

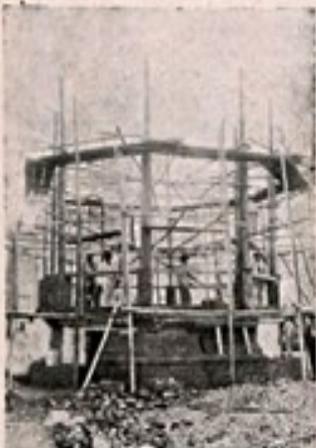
Construir sem exhaurir os cofres publicos, dar conforto e segurança ao povo, sem que esse mesmo povo venha a sentir os effeitos de um arrojo temerario, é o grande segredo dos administradores de pulso, dos financistas de real valor, como o é o actual presidente de Sergipe.

O Estado renasce agora, sob outro aspecto, para outra vida, aspirando idéaes altaneiros que vê já quasi satisfeitos.

A capital que se desenvolve, tem



Vista apanhada da torre da Cathedral, vendo-se, á direita, a Bibliotheca Publica e, ao centro, a estatua do padre Olympio de Campos.



Execução do artistico melhoramento.




Vista apanhada da torre da igreja de São Salvador. Vê-se parte da rua Japaratuba e da praça Fausto Cardoso. Ao fundo, a barra do rio Cotiguipe.

Fonte: A MODERNA CAPITAL DE SERGIPE. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 80.

Talvez a disposição dessas fotografias tivesse por finalidade chamar a atenção do leitor da revista, apresentando uma cidade que se modernizava com construções, monumentos e praças, que estava em constante transformação, buscando melhoramentos em sua estrutura urbana, mas, apesar disso, possuía belezas naturais que, somadas à urbe, se tornavam algo atrativo, ou convidativo, para os que não a conheciam. Essa hipótese é reforçada por uma parte do texto da *Fon-Fon*⁴²⁷ que acompanha as referidas ilustrações:

Sempre, em todas as épocas, os factores que mais afastaram do Norte brasileiro a imigração e os capitaes estrangeiros, foram a insalubridade e a dificuldade de meios. Principalmente para o europeu, habituado ao pandemônio das grandes cidades, onde se têm a embriaguez do tumulto e a febre das uzinas e fabricas, os campos extensos do norte, as grandes planicies onde a solidão impressiona, os pantanos de onde o moscardo traz os germens máus, foram sempre motivos formadores do afastamento e do abandono. A propaganda malévola que contra nós é feita no exterior, aliada a reaes prejuizos climatericos, afugentam de nosso território os braços experimentados do velho mundo, braços de que realmente precisamos. Sergipe conseguiu combater os factores contrarios, agindo como agiu (*Fon-Fon*, 1925, p. 80).

Através desse texto, é possível saber mais um dos motivos que levaram o governo a investir na publicidade dos seus feitos nas páginas da imprensa carioca. Além de rebater as críticas oriundas da imprensa local, era preciso atrair para Sergipe investidores e, além disso, imigrantes europeus (asiáticos e africanos eram tidos como responsáveis pelo contágio por determinadas doenças, por isso sua imigração não era incentivada)⁴²⁸ que pudessem trabalhar, principalmente nas áreas rurais, tal qual se fez nos estados do Sul.

No entanto, é preciso nos atentarmos a um dado importante: durante as primeiras décadas do século XX, o Brasil intensificou o discurso ideológico do branqueamento social, que já era discutido na segunda metade do século anterior. Era necessário “purificar” o Brasil, tornando sua população majoritariamente branca, e a vinda de europeus foi uma das medidas adotadas para essa finalidade – os políticos eram orientados na seleção do que chamavam de “boa raça”⁴²⁹. De fato, o governo sergipano incentivou a imigração alemã para o estado, recebendo 18 famílias alemãs, totalizando 85 colonos, e a eles foram destinados lotes de terra para que pudessem trabalhar, como foi noticiado pela *Fon-Fon*⁴³⁰.

De toda forma, o projeto não prosperou, pois a maioria dos imigrantes alemães deixou Sergipe em pouco tempo tendo o Sul do país como destino; pois eles eram de origem urbana,

⁴²⁷ A MODERNA CAPITAL DE SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 80.

⁴²⁸ SCHWARCZ, op. cit., 1993, p. 303.

⁴²⁹ Idem.

⁴³⁰ IMMIGRAÇÃO. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 66.

ou seja, não estavam familiarizados com os trabalhos no campo⁴³¹. O fato é que a propaganda da “Moderna Capital de Sergipe” continuou a ser amplamente disseminada pelo periódico carioca, mostrando suas ruas pavimentadas, arborizadas, ajardinadas, seus prédios públicos e suas residências privadas esteticamente modificados, atendendo à arquitetura em voga, o que pode explicar o trecho do texto: “*Sergipe conseguiu combater os factores contrarios, agindo como agiu*”, ou seja, mostrando sua capital cada vez mais modificada, buscando insistentemente seguir os conceitos de progresso e modernidade que suas congêneres dentro e fora do país seguiam.

A palavra “moderna”, assim como suas variantes, estava entrelaçada ao texto e às fotografias de Aracaju na *Fon-Fon*, visto que era preciso vincular e difundir cada vez mais o ideal de modernidade que se materializava através dos inúmeros trabalhos de remodelação, reforma, melhoramento e que eram registrados nas fotografias publicadas na revista, criando assim uma visualidade urbana desejável e em conformidade com os padrões da época. A imagem seguinte (figura 53) traz uma nova composição fotográfica das ruas da capital com obras concluídas.

As quatro imagens fotográficas dispostas na página da revista estão em menor tamanho se comparadas às que vimos anteriormente nestes escritos. Uma parte do texto evidencia a finalidade dessas e outras fotos publicadas na *Fon-Fon*⁴³². De acordo com a matéria, “As photographias com que ilustramos esta acanhada notícia, servem para provar palidamente a verdade do que affirmamos, a realidade de tudo que se tem feito”⁴³³. Deveras, as fotografias foram ali publicadas com o intuito de mostrar o que estava sendo feito, com um discurso pré-pronto que os agentes políticos queriam transmitir, mas é necessário questionarmos se “como um mecanismo para suscitar os desejos do espectador”⁴³⁴ as respectivas fotografias tiveram êxito na missão de divulgar as obras do governo e da intendência, passando a tão almejada imagem de cidade moderna que queriam.

⁴³¹ NASCIMENTO, Jorge. Carvalho do. Notas para o estudo da imigração alemã em Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v. 35, p. 151-177, 2006.

⁴³² A MODERNA CAPITAL DE SERGIPE, op. cit., p. 80.

⁴³³ Idem.

⁴³⁴ MITCHELL, William John Thomas. O que as imagens realmente querem? *In*: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 165.

Figura 53 – A Moderna Capital de Sergipe (2), 1925



Fonte: A MODERNA CAPITAL DE SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925.

Bem, em parte podemos dizer que sim, tendo em vista a infrutífera tentativa da imigração alemã para Sergipe, mas, no que compete à capital, afirmamos que os trabalhos de

remodelação tiveram um efeito positivo, pois, como mencionado, ela se beneficiou desse projeto, sendo um alento após as querelas no âmbito político que projetaram negativamente a imagem do estado pelo Brasil.

As fotografias (figura 54) mostram dois dos principais logradouros da cidade que tiveram suas obras concluídas e foram mencionados constantemente nas páginas do periódico carioca, a Avenida Rio Branco e a Praça Fausto Cardoso. Os motivos que possivelmente levaram esses locais a aparecerem constantemente na revista se devem à importância como centro político que a Praça Fausto Cardoso possuía por abrigar as sedes dos poderes executivo e judiciário e pela relevância como local de sociabilidade, como discorrido anteriormente neste trabalho. A Avenida Rio Branco, por sua vez, carrega o simbolismo de ser um dos mais disputados logradouros da Aracaju dos anos 20; os moradores que habitavam seu casario faziam parte da elite política e econômica do estado.

É possível identificar nas imagens a presença de transeuntes (nas duas fotografias na parte inferior da página) e de pessoas sentadas nos bancos da Ponte do Imperador (primeira fotografia na parte superior), que parecem estar posando para o fotógrafo. Era preciso vivenciar as ruas, praças, entre outros espaços que foram transformados, tendo como uma das principais justificativas torná-los convidativos não só para os visitantes, mas também para quem residia na capital e em outros municípios sergipanos. Afinal, como dizia João do Rio, “[...] a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!”⁴³⁵ Era também nas ruas que o processo modernizador se manifestava, seja nos automóveis que por elas transitavam ou nas sociabilidades que eram forjadas pelos moradores da “Moderna Capital de Sergipe”.

Obviamente essas inúmeras obras confeririam notoriedade ao campo político, responsável por levá-las adiante, por isso ao longo do texto a *Fon-Fon* tecia inúmeros elogios aos irmãos Cardoso: “O Norte e o Brasil orgulhar-se-ão de Sergipe, se ha de orgulhar de seus administradores [...] O dr. Graccho Cardoso foi o bemfeitor primacial do todo o Estado, como o dr. Hunald Cardoso foi o bemfeitor da grande capital”⁴³⁶. De fato, a revista não foi uma exclusividade para a cidade, decerto que os agentes políticos tiveram um espaço dedicado a eles nas páginas da revista, por isso há algumas matérias com fotos deles entre as obras, como a que segue⁴³⁷:

⁴³⁵ RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 25.

⁴³⁶ A MODERNA CAPITAL DE SERGIPE, op. cit., p. 80.

⁴³⁷ ALGUNS VULTOS ILUSTRES DA POLÍTICA SERGIPANA. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 81.

Figura 54 – Alguns vultos ilustres da Política Sergipana, 1925

29 - Agosto - 1925 81 - FON - FON

ALGUNS VULTOS ILLUSTRES DA POLITICA SERGIPANA

Tudo isso é uma consequência logica, um efeito real da obra gigantesca quasi levada a termo. E era preciso que assim se fizesse.

A obra intelligente do esforço administrador não podia ser lançada em terreno esteril e infeundo.

Só com o apoio intelligente e franco do povo se consegue a finalização dos grandes empreendimentos.

* * *

Principalmente a reforma da capital foi estudada e compreendida antes de ser levada a efeito.



Senador Lopes Gonçalves.

empenho e tratada com carinho, visando o que melhor serviria para a situação topographica da cidade.

As estradas que foram abertas, rompendo elevações ou desbravando chapadas, devem servir zonas futuras, onde o progresso não se estabelecia pela falta duvidosa de condução, muitas vezes pelo inacessível das regiões, productoras.

As estradas de hoje, bem tratadas e largas permitem o trafego seguro de automoveis e facilitam o transporte.

Resolve-se assim um dos maiores problemas, dos logares afastados do littoral.



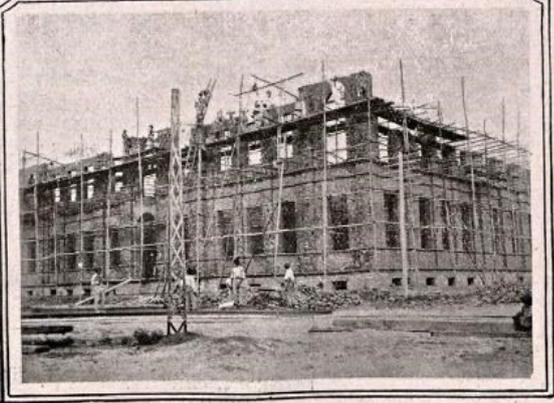
Dr. Gilberto Amado, deputado federal.

Embora atacada em diversos pontos a um só tempo, a reforma do Estado, sob qualquer ponto de vista, obedece a um plano certo e um só traçado.

As praças e ruas que se ostentam garridas e bellas no sombreamento da vegetação que as enfeita, obedece a uma esthetica que foi discutida com



Dr. Gentil Tavares, deputado federal.



O novo edificio, em construcção, do Atheneu Sergipense (gymnasio official de ensino secundario), situado na Avenida Rio Branco, fronteiro ao rio Sergipe.

Não é uma obra falha e apressada o que se faz no seio do Estado. Partiu-se de um principio determinado para um fim certo e previsto, com um desideratum firmado e resolvido.

De pouco ou nenhum resultado seria o trabalho feito com a pressa de quem occulta um erro ou mascara um defeito.

As ruas de Aracajú, amplas e bem feitas, devem abolir ou, pelo menos, suavizar, em um futuro bem proximo, o desesperador problema da falta de espaço que asphixia e difficulta a vida nas grandes cidades.

Mereceu tambem especiaes cuidados a iluminação da cidade, que foi completamente modernizada.

Fonte: ALGUNS VULTOS ILUSTRES DA POLÍTICA SERGIPANA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 81.

As fotografias de políticos do estado de Sergipe destacadas na página da *Fon-Fon* junto com a imagem de mais uma importante obra do governo, o novo prédio do Atheneu Sergipense, do qual falaremos mais à frente, eram mais uma estratégia utilizada para dar visibilidade a esses

“vultos ilustres” e, ao mesmo tempo, uma maneira de lhes agradecer pelo apoio destinado à ação modernizadora de Graccho Cardoso e de relacioná-los, sem maiores menções, como outros artífices das obras.

Certamente a fotografia do senador Lopes Gonçalves (1870-1938) não foi colocada em destaque por acaso, o que não acontece com as dos deputados federais Gilberto Amado (1887-1969)⁴³⁸ e Gentil Tavares (1892-1970)⁴³⁹. Há todo um enredo de tramas políticas que pode explicar isso. Buscando apoio do governo federal em seus projetos para Sergipe, Graccho Cardoso atendia a todos os pedidos feitos pelo Presidente Artur Bernardes e não tinha a intenção de desagradá-lo. A fim de cair nas graças presidenciais e conseguir a ajuda necessária, ele não pensou duas vezes ao acatar a indicação do mencionado senador para a cadeira no Senado que havia ficado vaga com a saída de Siqueira de Menezes no final de 1923⁴⁴⁰. É cabível informar

⁴³⁸ “Gilberto de Lima Azevedo Sousa Ferreira Amado de Faria nasceu em Estância (SE) no dia 7 de maio de 1887, filho de Melquisedec Amado de Faria e de Ana de Lima Azevedo Sousa Ferreira. Sua família produziu uma série de escritores, entre os quais seus irmãos Genolino, Gildásio e Gilson e seus primos Jorge e James Amado. Em 1902 matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, obtendo o diploma de farmacêutico no ano seguinte. Retornou então a Aracaju, onde concluiu o curso preparatório em 1904 e foi nomeado lente de ciências físicas e naturais da Escola Normal de Sergipe. Em 1905 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, e no ano seguinte passou a escrever para o Diário de Pernambuco a seção diária ‘Golpes de vista’. Após formar-se em 1909, foi nomeado promotor público em Aracaju, mas recusou o cargo, preferindo dedicar-se ao jornalismo. Seguiu para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no início de 1910, e passou a publicar no Jornal do Comércio artigos sobre literatura que lhe valeram o reconhecimento no meio literário da capital federal. Em 1911 voltou para Recife, a fim de assumir o cargo de professor substituto da cadeira de direito penal da Faculdade de Direito, para o qual fora nomeado. Em 1915 foi eleito deputado federal por Sergipe. Permaneceu na Câmara até dezembro de 1917, voltando à atividade jornalística ao fim do mandato. Em 1919 passou a redator-chefe da Época, mas continuou a escrever para diversos outros órgãos de imprensa. Novamente eleito deputado federal por Sergipe em 1921 e reeleito em 1924, permaneceu na Câmara até o final de 1926. Ocupou a cadeira nº 26 da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1963, e pertenceu a inúmeras associações, entre as quais o Instituto dos Advogados do Brasil, o Instituto de Direito Internacional e o Museu Social Argentino, do qual foi sócio correspondente desde 1923. Faleceu no Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1969”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/AMADO,%20Gilberto.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 105-106.

⁴³⁹ “Gentil Tavares da Mota nasceu em 11 de outubro de 1892 na cidade de São Paulo, filho do capitão João Tavares da Mota e de Ana Tavares da Mota. Fez os estudos preparatórios no Ateneu Sergipense, habilitando-se em humanidades. Nessa época fundou e redigiu O Necdalud, órgão defensor dos interesses dos estudantes daquela instituição, e trabalhou como professor de línguas no colégio Esperanta Klobo, em Aracaju. Estudou engenharia civil na Escola Politécnica da Bahia, graduando-se em 1917. Ainda acadêmico, em 1914 recebeu a nomeação de ajudante-secretário da Diretoria de Obras Públicas daquele estado. Em 1916 solicitou exoneração do cargo para lecionar geometria descritiva no Ateneu Sergipense. Dirigiu a Imprensa Oficial de Sergipe de 20 de março de 1918 a 16 de maio de 1922, durante o governo de José Joaquim Pereira Lobo. Integrou também o Conselho Superior de Ensino a partir de 1918, na qualidade de suplente, e foi reconduzido ao cargo por mais um biênio em 1920. Obteve o primeiro cargo eletivo em 1918, como deputado estadual em Sergipe, sendo reeleito em 1920. Em seguida representou o estado na Câmara dos Deputados em duas legislaturas consecutivas, 1922-1924 e 1924-1926. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e vice-presidente da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo. Foi também redator e diretor dos jornais O Estado do Sergipe e Correio de Aracaju. Colaborou ainda em jornais de outros estados. Na imprensa usou os pseudônimos A. Moreira e Sílvio Silva. Faleceu na cidade de Aracaju em 17/09/1970”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MOTA,%20Gentil%20Tavaresa>. Acesso em: 20 abr. 2024. Ver: GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 104.

⁴⁴⁰ GUARANÁ, op. cit., 1925, p. 186.

que o senador Augusto César Lopes Gonçalves⁴⁴¹ não era sergipano e tampouco possuía raízes ou ligações com o estado.

Isso provocou uma crise entre Graccho Cardoso e os aliados em Sergipe, principalmente com o seu antecessor, o senador Pereira Lobo, que tinha planos para essa sucessão no Senado. Ao agradar ao mandatário da nação, o governante sergipano desagradou a uma boa parcela do seu grupo político, o que motivou o rompimento entre eles⁴⁴². Esse acontecimento favoreceu as críticas destinadas a ele na imprensa local e até mesmo na nacional, pois a revista *O Malho* em sua coluna chamada “Politic’Acções” publicou algumas notas⁴⁴³ sobre o ocorrido e a reação nada cortês de Pereira Lobo diante da atitude de seu ex-aliado e sucessor.

Um dado que talvez possa parecer irrelevante, mas que pode nos ajudar a entender a disposição das fotografias: tanto Gilberto Amado quanto Gentil Tavares foram alunos do afamado Atheneu Sergipense e tiveram atuação destacada durante os anos estudantis. Talvez ao colocar suas fotos sobre a imagem da construção do novo prédio que abrigaria a instituição a revista ou o governo estivessem prestando uma discreta homenagem aos dois. Porém, não sabemos, pois o texto que segue as fotografias não menciona esse fato e destoa das ilustrações, ou seja, não há referências a elas, apenas suas legendas, infelizmente.

Deixemos os políticos e adentremos o Atheneu Sergipense, que, nas palavras de Eva Maria Siqueira Alves (2005), era “um presente para Aracaju debutante”⁴⁴⁴. Foi nos tempos do Império que Aracaju, quando contava com 15 anos de fundação, foi contemplada com a inauguração da referida instituição educacional que agregou os principais intelectuais de Sergipe entre 1870⁴⁴⁵ e 1912⁴⁴⁶, tornando-a um importante local de formação da cultura letrada sergipana. É bem verdade que esse tema fora tratado no início destes escritos (capítulo 2) e que o Atheneu raramente era mencionado nas revistas ilustradas que servem como fontes para este trabalho, porém, dada sua importância no cenário intelectual sergipano e a construção de um

⁴⁴¹ Não foram encontrados dados biográficos sobre o referido senador, apenas que era natural do Maranhão e que foi senador pelo Amazonas e por Sergipe.

⁴⁴² DANTAS, op. Cit., 1999, p. 169.

⁴⁴³ Ver: POLITIC’ACÇÕES. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 1113, 12 de janeiro de 1924, p. 39. POLITIC’ACÇÕES. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 1116, 2 de fevereiro de 1924, p. 45. POLITIC’ACÇÕES. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 1120, 1º de março de 1924, p. 40.

⁴⁴⁴ ALVES, Eva Maria Siqueira. O Atheneu Sergipense: traços de uma história. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, v. 1, n. 34, 2005, p. 133-152.

⁴⁴⁵ Fábio Alves dos Santos (2020) apresenta como a elite letrada de Sergipe no século XIX vai exercer ofício docente nos primeiros anos de funcionamento do Atheneu. Ver: SANTOS, Fábio Alves dos. **Das cadeiras isoladas ao Atheneu Sergipense: elite letrada e ofício docente em Sergipe no século XIX**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2020.

⁴⁴⁶ João Paulo Gama Oliveira (2020) traça o perfil biográfico de alguns desses intelectuais nascidos nas décadas iniciais do século XX, tendo como foco a vida estudantil no Atheneu Sergipense. Ver: OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Nas trilhas dos jovens anos escolares: itinerários de intelectuais sergipanos (1935-1945)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2020.

novo prédio para abrigá-lo na década de 1920, torna-se imprescindível uma breve incursão pelo seu histórico.

Apesar de tamanha relevância, os anos iniciais do Atheneu não foram animadores, uma vez que não possuía instalações próprias e “iniciou seus trabalhos em uma casa da Câmara Municipal, um local inadequado para as aulas, uma casa ‘arruinada e suja’”⁴⁴⁷ e dois anos mais tarde ele se muda para um prédio com melhores condições. Após três mudanças é que em 1924 o governo liderado por Graccho Cardoso resolve construir um novo prédio para a instituição escolar, sendo que o pai dele havia lecionado algumas décadas antes⁴⁴⁸ e faleceu justamente no ano de sua construção, o que nos leva a pensar que a referida edificação evocava no presidente a memória de seu genitor. As novas dependências estavam situadas na Avenida Ivo do Prado, em frente ao rio Sergipe, e embelezariam a paisagem urbana da capital, pois “a cidade de Aracaju e o Atheneu Sergipense partilham histórias de crescimentos e transformações”⁴⁴⁹. A inauguração do novo prédio ocorreu em 13 de agosto de 1926 e foi cercada de festividades por toda a cidade⁴⁵⁰, que comemorava mais um edifício moderno que viria a compor a sua paisagem urbana remodelada.

Enfim, é importante percebermos que, imitando outros processos de modernização, Aracaju se apresentava na revista ilustrada como “A Moderna Capital de Sergipe”, exibindo fotografias dos principais prédios públicos, das praças e dos seus idealizadores, deixando de lado as áreas pobres, distantes e de pouco interesse para o campo político, visto que pretendiam exibir uma “cidade urbanizada e que se pretendia moderna, expurgada do trabalho, dos conflitos e problemas sociais”⁴⁵¹. Era a cidade que, como um palco, se preparava para receber o espetáculo da modernidade.

A *Fon-Fon* traduziu, através de uma quantidade significativa de fotografias, o desejo de Aracaju de se inserir na “imagem cosmopolita, mundana, refinada e festiva associada ao clima internacional da *Belle Époque* vivenciado no Rio de Janeiro”. No entanto, os extremos da cidade e sua população pobre não figuravam nas páginas de papel couchê e adornadas. Assim como em

⁴⁴⁷ ALVES, op. cit., p. 144.

⁴⁴⁸ Sobre a atuação do professor Brício Cardoso no Atheneu Sergipense, ver: GALLY, Christianne. **Brício Cardoso: no cenário das humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2020.

⁴⁴⁹ ALVES, op. cit., p. 143.

⁴⁵⁰ De acordo com Jeferson Augusto da Cruz (2022): “Na ocasião se fez presente o então presidente eleito da República Washington Luís. A partir daquela data, a escola seria chamada por Atheneu Pedro II, em homenagem ao centenário de nascimento do monarca que ocorreu no ano anterior e que nas palavras de Graccho, era uma forma de ‘gratidão ao monarca que tanto fizera pelo progresso do Brasil’”. Ver: CRUZ, op. cit., p. 134.

⁴⁵¹ MONTEIRO, op. cit., p. 162.

outras capitais que se queriam modernas, o avesso⁴⁵² não era mostrado, apenas a utopia do moderno interessava.

O uso da fotografia para registrar as mudanças ocorridas no espaço urbano foi importante não apenas para a publicização nas revistas ilustradas, como também para produzir um acervo iconográfico que mostrasse as transformações que aconteceram naquele período, uma vez que “ao captar as imagens das mudanças em curso, acabou sendo concebida como capaz de registrar e reter a memória de diferentes aspectos das cidades brasileiras”⁴⁵³.

Não era apenas a cidade de concreto que se modernizava que tinha suas fotos publicadas nas revistas ilustradas de circulação nacional, pessoas de carne e osso também disputavam um espaço em suas concorridas páginas, enviando para as redações suas imagens fotográficas para serem vistas em todo o Brasil, quiçá no mundo. É o que veremos nas páginas que seguem.

⁴⁵² AMARAL, Aracy. A imagem da cidade moderna: o cenário e o seu avesso. *In*: FABRIS, Annateresa. (Org.). **Modernidade e modernismo no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2010. p. 81-88.

⁴⁵³ POSSAMAI, op. cit., 2008, p. 71.

6 VER E SER VISTO: aracajuanas e aracajuanos em *Fon-Fon* e *O Malho*

*Muitas vezes perguntam, principalmente do interior, quanto custa a publicação de um retrato ou grupo em suas páginas. Precisamos declarar, uma vez por todas, que as pessoas que a Fon-Fon se preza em gravar em suas páginas nada pagam por isso. É um preito que a Fon-Fon lhes presta gratuitamente e com isso se julga muito honrado.*⁴⁵⁴

A nota da *Fon-Fon* era clara: as pessoas podiam enviar suas fotografias para a redação da revista, e isso nada custaria. O periódico desejava mostrar os habitantes deste país tão diverso em suas páginas, pois ele, o pasquim, não foi apenas um espaço destinado à propagação de fotografias de cidades que passavam por reformas urbanas, nem de seus agentes políticos, de automóveis que com sua velocidade anunciavam os tempos modernos pelas ruas, tampouco de aviões que cortavam os céus levando quem estava em terra firme à euforia e, por que não, lágrimas de emoção. A modernidade era um turbilhão de sensações que os periódicos tentavam repassar através de imagens e textos.

Ninguém melhor que os habitantes das urbes que se transformavam para expressar isso enviando suas fotografias, cartas e demais impressões. Por isso semanalmente as revistas *Fon-Fon* e *O Malho* publicavam em suas colunas, cada uma à sua maneira, seguindo sua linha editorial convencionalmente, imagens fotográficas de indivíduos que estavam vivenciando toda a atmosfera de transformação que vinha ocorrendo.

Apesar de serem “argumentos poderosos na modernização da cidade”⁴⁵⁵, as fotografias de indivíduos de determinados grupos sociais contribuíram para a disseminação da modernidade, pois elas “[...] traduzem comportamentos, valores, ideias, desejos e sentimentos produzidos ao longo das décadas, compondo a cidade, seus habitantes e o seu modo de vida a partir de um certo olhar”⁴⁵⁶.

Certamente as aracajuanas e os aracajuanos não ficaram de fora e trataram de produzir seus registros da melhor maneira possível e os destinar aos periódicos. Não era apenas a capital de Sergipe que precisava ser vista além dos limites do estado, mas seus habitantes, ou uma

⁴⁵⁴ *FON-FON! PRECISA FAZER UMA DECLARAÇÃO. Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 20, 16 de maio de 1914, p. 28.

⁴⁵⁵ OLIVEIRA, Cláudia de. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In: OLIVEIRA, Cláudia et al. **O Moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 122.

⁴⁵⁶ MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no rio de janeiro, na primeira metade do século XX. 1990. 340 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Estudos Gerais Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1990.

parcela deles, fariam uso frequente de páginas periódicas tão afamadas com o intuito de se mostrarem e apresentarem suas vicissitudes e o status social de que gozavam na Aracaju das primeiras décadas do século passado.

Intenta-se, com este capítulo, apresentar como as pessoas de determinados grupos sociais de Aracaju se faziam representar nas páginas das revistas *Fon-Fon* e *O Malho*. Desse modo, almejamos compreender como os habitantes da capital de Sergipe gostariam de ser vistos para além dos limites do pequeno estado e como essas teias de sociabilidade contribuíram para o discurso de Cidade Moderna, para além das fotografias das obras de remodelação orquestradas pelo poder público e das instituições culturais do campo intelectual, como vimos ao longo destes escritos.

6.1 MULHERES: SENHORITAS E SENHORINHAS

Aracaju, rua de Santo Amaro, S/N. Dezembro de 1913. As senhoritas Candoca, Zaia e Isaura saem às pressas de um estabelecimento localizado no referido logradouro, acompanhadas pelo irmão da primeira, que as seguia esbaforido pelas ruas da capital. As moças aumentavam os passos e, temendo pisarem nas bainhas das saias, as levantaram um pouco. “Correr?!”, perguntou Isaura, mas foram advertidas por Candoca: não era de bom tom moças correrem pela cidade.

O relógio marcava 16 horas. Temiam não dar tempo, mas, para surpresa e felicidade das donzelas, conseguiram chegar ao destino final, a agência dos correios. Candoca, ofegante por conta da longa caminhada, retira zelosamente um pequeno envelope da sua bolsa e, com uma caneta emprestada por Zaia, escreve o endereço do destinatário: “Revista *Fon-Fon*. Rua da Assembléa, 46. Rio de Janeiro”. Por fim, postam o tão cuidado material: uma fotografia feita em estúdio com o propósito de ser enviada para publicação no periódico carioca.

Na Aracaju dos anos de 1910, as opções de ateliês fotográficos eram escassas. Desde 1881, um profissional possivelmente itinerante entre as províncias de Sergipe e Alagoas era Manoel Leobardo Rodrigues da Rocha (?-1908), a quem foi atribuída a autoria de diversas vistas da capital sergipana no século XIX.⁴⁵⁷ Entretanto, seu falecimento em 1908 deixou o

⁴⁵⁷ KOSSOY, op. cit., p. 278.

estabelecimento sob os cuidados de sua filha, Maria Izabel da Rocha⁴⁵⁸, que logo começou a publicar nos principais jornais locais⁴⁵⁹ anúncios informando estar

[...] competentemente habilitada a exercer a arte photographica, tendo resolvido adoptar esta profissão, continuando com o mesmo Atelier e pedindo aos dignos fregueses do seu finado pae a continuação da sua preferencia e proteção. Garante-se a máxima perfeição e maior cuidado nos trabalhos que lhe forem confiados, em vista da pratica e conhecimentos adquiridos como auxiliar do seu pae (Correio de Aracaju, 1908, p. 4).

Podemos perceber na nota uma preocupação de Maria Izabel quanto à clientela, o que é compreensível, afinal uma mulher exercendo o ofício de fotógrafa no início do século XX não era algo comum. A sociedade burguesa patriarcal da época poderia não ser receptiva, pois “desde os primórdios da fotografia, as mulheres foram valorizadas por determinadas habilidades que seriam inerentes e as tornavam aptas para o trabalho nos bastidores da fotografia”⁴⁶⁰.

Nos ateliês fotográficos, cabiam às mulheres alguns trabalhos, “como preparar o cenário da pose, ajustes na indumentária dos retratados e trabalhos de laboratório ou foto-acabamento, tais como revelação, retoque, colorização e montagem de fotos em cartões”⁴⁶¹, mas a preparação da tomada para o ato fotográfico cabia ao homem, por isso é possível afirmar que os trabalhos das mulheres nesses espaços eram uma extensão dos serviços domésticos. Por ter acompanhado o pai durante sua trajetória como fotógrafo, Maria Izabel possivelmente aprendeu com ele as técnicas de um bom “retratista” e, para garantir o pão de cada dia, resolveu manter o negócio em funcionamento sob a sua batuta, ou melhor, sua lente.

Outro fator que pode ter influenciado a seguir com a carreira foi a localização do ateliê, pois naquela época “possuir uma representação visual fotográfica era sinônimo de grande prestígio, daí a relevância do ateliê no espaço urbano”⁴⁶², logo possuir um estabelecimento fotográfico em um espaço privilegiado e estratégico da cidade era importante. O ateliê de Maria

⁴⁵⁸ De acordo com Helouise Costa (2020), “[...] era comum que as esposas e filhas de fotógrafos trabalhassem como assistentes de seus maridos e/ou progenitores, chegando até mesmo a assumir o gerenciamento dos negócios após a morte destes”. A autora faz essa afirmação ao se debruçar sobre a trajetória de quatro fotógrafas do início do século XX: Gioconda Rizzo (1897-2004), Hermínia Nogueira Borges (1894-1989), Ingeborg de Beausacq (1910-2003) e Mary Zilda Grassia Sereno (1909-1998). Ver: COSTA, Helouise. No limite da invisibilidade: mulheres fotógrafas no Brasil na primeira metade do século XX. In: ZERWES, Erika; COSTA, Helouise (Orgs.). **Mulheres fotógrafas/Mulheres fotografadas: fotografia e gênero na América Latina**. São Paulo, p. 53-70.

⁴⁵⁹ Foram publicados artigos no Correio de Aracajú e no Folha de Sergipe. Ver: PHOTOGRAPHIA LEOBARDO. **Correio de Aracajú**, Aracaju, ano III, n. 194, 27 de setembro de 1908, p. 3, e PHOTOGRAPHIA LEOBARDO. **Folha de Sergipe**, Aracaju, ano XVIII, n. 142, 24 de setembro de 1908, p. 4

⁴⁶⁰ COSTA, op. cit., p. 55.

⁴⁶¹ Idem.

⁴⁶² POSSAMAI, op. cit., 2008, p. 71.

Izabel, Photographia Leobardo, ficava localizado na rua de Santo Amaro, como vimos no início do texto, logradouro situado no centro da capital de Sergipe e próximo de espaços relevantes da cidade como, por exemplo, as Praças Olímpio Campos (da Catedral) e Fausto Cardoso (do Palácio), mas não apenas por isso: ela era transversal à rua de Laranjeiras, onde havia um importante comércio de lojas de artigos considerados de luxo, mas também os cafés, livrarias, restaurantes. Era a rua do Ouvidor aracajuana, em menor tamanho que a carioca, naturalmente.

É provável que, por não conter uma assinatura, a nossa fotógrafa tenha sido a autora da foto das senhoritas Isaura, Boto Barros, Zaia Montalvão e Candoca Menezes (figura 53) e de outras mulheres aracajuanas daquele período, visto que “devido aos costumes da época, não podiam frequentar os estúdios de fotógrafos homens sem um acompanhante do sexo masculino”⁴⁶³. A trajetória de Maria Izabel da Rocha ainda carece de maiores investigações porque pouco, ou quase nada, se sabe sobre ela e sua atuação como fotógrafa em Aracaju. Por ora, nos atentemos às imagens fotográficas que seguirão nestas páginas, sendo a primeira a das senhoritas mencionadas.

A referida fotografia (canto superior da página) foi publicada na *Fon-Fon* em 31 de janeiro de 1914⁴⁶⁴ e mostra o momento do ato fotográfico em questão. Nela vemos as tão mencionadas senhoritas aracajuanas muito bem vestidas e posando de maneira imponente para a câmera, pois a pose é um elemento-chave em que “os indivíduos buscam o melhor de si”⁴⁶⁵. Posar era, ao mesmo tempo, revestir-se com a indumentária social “ligada a padrões comuns de comportamento”⁴⁶⁶.

⁴⁶³ Idem.

⁴⁶⁴ *Fon-Fon!* em Sergipe: Senhoritas Isaura Boto Barros, Zaia Montalvão e Candoca Menezes, de Aracajú. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 5, 31 de janeiro de 1914, p. 46.

⁴⁶⁵ MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias e Códigos Culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista *Careta*. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 124-125.

⁴⁶⁶ Idem.

Figura 55 – Senhoritas Isaura Boto Barros, Zaia Montalvão e Candoca Menezes, de Aracajú, 1914



FON-FON! EM SERGIPE



Senhoritas Isaura Boto Barros, Zaia Montalvão e Candoca Menezes, de Aracajú.

tarde, prejudicar a merecida salvação da tua alma. Não vale a pena, por uma simples questão de requebros e bambolcios, arriscar-se á perda de direitos adquiridos, talvez, á custa de enormes sacrificios, porque, na minha visão de philosophia social, os direitos adquiridos, como os classicos serviços prestados á patria, são cousas que só se obtêm á custa dos referidos sacrificios enormes.

Não vale, portanto, a pena, por motivos de tango, sacrificar taes direitos.

Sou dos poucos que conhecem a abnegação lamentavel da tua vida de casada; tenho mesmo sciencia exacta e convicção inabalavel da maneira digna porque vaes percorrendo o escabroso caminho de um casamento convencional; e até posso dar testemunho da firmeza do teu passo nessa cançativa caminhada social, sem que até hoje, ao menos que eu saiba, tenhas balançaço nos sustos de um escorregão ou dado mesmo o que por ahí se chama, um mão passo.

Nunca. A tua correcção até á hora presente, tem sido tremenda.

Ora, todas essas excellentes virtudes particulares e matrimoniaes, já te dão direito a uma boa collocação, já não digo entre as onze mil virgens, seria querer muito, mas entre outras senhoras distinctas que, mesmo sem o attributo meritorio da virgindade, tambem forçosamente fizeram jús á eterna felicidade paradisiaca.

Já vês que será tolíce, por motivos de tango, perder todas estas probabilidades de uma vida branca e em paz e ir dar com o costado no inferno. Não achas?

Teu Flávio.

RUBIETES & CÔRA



Por enquanto, minha doce amiga, nada se sabe de positivo. Andam pelos jornaes boatos, afirmando que o tango foi excommungado, mas são só boatos, sem nenhum caracteristico de afirmação categorica. Entretanto, por prudencia, se te der gana de quebrar a heraldica linha do corpo no meneio colleante de um movimento de tango, muda-lhe, primeiramente, o nome e classifica-o de *one-step*, porque parece que o effeito terrivel da excommunhão não atinge á liberdade movimentada das danças americanas; limita-se apenas á feição languida e dolente do nosso tango e, talvez, do argentino tambem.

Em todo o caso, se eu já estivesse em idade de te dar um conselho, desses que, vulgarmente chamam—salutares—te diria que, por enquanto, evitasses dar á tua grande paixão choreographica qualquer movimento profano que pudesse, mais

RIO EM FLAGRANTE



Dr. Antonino Ferrari,
Director do Hospital de
S. Sebastião.

Catarrho, Tosse, Bronchite Emulsão de Scott
curam-se prompta e efficazmente com a

Fonte: *Fon-Fon!* em Sergipe: Senhoritas Isaura Boto Barros, Zaia Montalvão e Candoca Menezes, de Aracajú. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 5, 31 de janeiro de 1914, p. 46.

A fotografia possui signos sociais⁴⁶⁷ que podem dizer, ou não, muita coisa sobre o fotografado. No caso das senhoritas, é possível afirmar que faziam parte de uma família de elite da Aracaju do início do século passado. A legenda da imagem, ao destacar seus sobrenomes,

⁴⁶⁷ Signos sociais, segundo Ana Maria Mauad (1990), caracterizam-se pelos comportamentos encontrados em alguns setores das classes dominantes, que vão desde o uso de objetos de valor, visitas a lugares tidos como privilegiados, entre outras vivências. Ver: MAUAD, op. cit., p. 315.

deixa essa constatação em evidência, mas a indumentária e alguns adereços usados para o momento corroboram a análise do *status* social das moças.

Os cabelos presos atrás deveriam deixar os pescoços à mostra para que seus colares e outras joias aparecessem na fotografia. Zaia (sentada ao centro) não possui colar, ao que parece, mas sua blusa não tem mangas compridas, tal qual as de suas amigas, permitindo deixar à mostra uma pulseira. É notável o uso de outro adereço intimamente ligado ao universo feminino, o leque, comumente utilizado nos registros de mulheres. Isaura aparece portando um aberto, porém está sobre a perna esquerda, que por sinal se encontra levemente inclinada. Zaia também porta o adereço, mas, ao contrário da amiga, o mantém fechado sobre a coxa, utilizando-a como um apoio para a mão esquerda, que, por sua vez, sustenta a mão direita com o intuito de deixar o braço direito em evidência e, assim, mostrar a pulseira, como mencionamos. Nada em uma fotografia é intencional.

Todavia, apesar de adereços, joias e indumentárias, o que chama e retém as atenções em uma fotografia é o olhar, algo que Roland Barthes (1984) caracteriza como “parte da cena como uma flecha e vem me transpassar”⁴⁶⁸; logo, o olhar é a parte mais importante da fotografia, e é através dele que podemos decodificar a personalidade e, até mesmo, o estado emocional do fotografado. Um olhar diz muita coisa, já diria o dito popular.

No caso das senhoritas, seus olhares estão fixos na/para a câmera, porém cada uma o expressa de maneiras deferentes: Isaura com um olhar despreocupado com as pálpebras levemente fechadas; Zaia, por sua vez, aparece com os olhos inteiramente abertos e com um olhar vívido e atento, não queria deixar passar nenhum detalhe daquele momento. Por fim, temos Candoca, que, olhando pelos cantos dos olhos, aparenta um certo desconforto, ou melhor, impaciência, como se desejasse o término daquela sessão fotográfica, não aguentava posar por mais tempo.

O cenário é dominado por uma grande cortina ao fundo, característica comum em estúdios fotográficos do início do século XX, que frequentemente buscavam simular ambientes luxuosos para retratar pessoas de prestígio. O uso de cenários artificiais, como este, era uma prática comum em fotografias de revistas ou álbuns de famílias abastadas, reforçando a ideia de status e controlando a imagem pública dos retratados. Acima das mulheres, um ornamento que lembra uma coroa é cuidadosamente posicionado, sugerindo uma conexão simbólica com a nobreza ou um desejo de transmitir distinção e classe. O fundo com a cortina e o símbolo de coroa está em consonância com essa prática de encenar um status elevado. A atmosfera de

⁴⁶⁸ BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 46.

sofisticação é reforçada pela postura das mulheres e pelo estilo de suas vestimentas, indicando que a fotografia tinha a intenção de apresentá-las como parte de um grupo social respeitável e de alto status. Esse tipo de encenação não apenas captura um momento cotidiano, mas sim uma representação cuidadosamente construída de seu papel e relevância social, algo comum entre as elites da época.

O primeiro contato com a fotografia das senhoritas (figura 55) nos fez analisá-la atentamente e ir além dos elementos aqui mencionados. Começamos a enxergar a imagem fotográfica de outro modo e atravessá-la movidos pelo que Barthes denomina como *punctum*, que, em suas palavras, é algo que “me punge (mas também me mortifica, me fere)”⁴⁶⁹. Em síntese, é o que nos deixa intrigados a ponto de nos determos à imagem e a olharmos mais a fundo, ultrapassando o superficial.

Ao olharmos a fotografia pela primeira vez, fomos remetidos a outras imagens que nos serviram como parâmetro, ou melhor, como comparação. Uma dessas imagens foi as Três Graças, contidas no quadro *A Primavera*, do pintor italiano Sandro Botticelli (1445-1570), como vemos a seguir (figura 56).

Figura 56 – As três Graças. Detalhe do quadro *A Primavera*, de Sandro Botticelli, 1482



Fonte: VILAS-BOAS, Vitória. Trabalho de iconologia e iconografia: La Primavera, Sandro Botticelli. Instituto Politécnico de Tomar: Tomar/Portugal, 2020. p. 16.

⁴⁶⁹ Idem, p. 46-47.

Mas quem são as Três Graças? Segundo a mitologia grega, são divindades associadas à beleza que residem no Olimpo, proporcionando felicidade aos deuses e aos homens. Conhecidas como Aglaia, Eufrosina e Tália, elas representam a claridade, a alegria e o florescimento, respectivamente. As Graças têm uma forte influência nas atividades intelectuais e nas obras de arte, frequentemente acompanhando divindades como Atena, Afrodite, Eros e Dionísio.⁴⁷⁰

A presença dessas figuras mitológicas era constante nas obras do Renascimento, mas foi no quadro de Botticelli que elas ganharam notoriedade. Assim como na fotografia das sergipanas (figura 55), as Graças são representadas em número três, algo “comum nas tradições mitológicas de vários povos a representação do feminino em uma tríade”⁴⁷¹, mas também as encontramos na tradição cristã, que nos fala sobre três mulheres aos pés de Jesus durante a crucificação dele. Essas mesmas mulheres encontraram seu túmulo vazio por conta da sua ressurreição. São elas: Maria Madalena, Maria Salomé e Maria de Cleófas (mãe do apóstolo Tiago, o menor).

Ousemos comparar cada uma das Graças mitológicas presentes na pintura do mestre renascentista italiano com as senhoritas representadas na fotografia em análise. Aglaia, que representa a castidade, seria Zaia, pois sua vestimenta é simples e cobre detalhes do seu corpo, como o decote, considerado excitante. Assim como a figura mitológica, ela não tem adornos, exceto pela pulseira no braço direito, que quase passa despercebida. Candoca, por sua vez, pode ser Tália, que, tal qual aquela, “exibe um vistoso penteado”⁴⁷², uma joia (colar) no pescoço e suas vestimentas acentuam as curvas do seu corpo. Por fim, chegamos a Isaura, que é “a mais atrativa” das Graças, Eufrosina, e, assim como ela, seus cabelos exibem um penteado mais cuidadoso e menos esvoaçante que os das demais divindades. Eis as Três Graças arcajuanas.

Apesar de não estarem ligadas através das mãos, como as Graças de Botticelli, as senhoritas sergipanas estão unidas pelos seus corpos, que se tocam, mantendo uma ligação entre elas. Na fotografia, não há uma cadência de movimentos como no detalhe da obra *A Primavera*. As moças aparecem estáticas, com os olhares direcionados para a câmera. Elas ocupam boa parte do enquadramento da foto, deixando pouco espaço para registrar outros elementos do cenário.

O *punctum* também nos permite realizar outras analogias, desta vez mais próximas da temporalidade da fotografia. As moças retratadas nos fazem recordar as famosas *melindrosas*

⁴⁷⁰ VILAS-BOAS, Vitória. **Trabalho de iconologia e iconografia**: La Primavera, Sandro Botticelli. Instituto Politécnico de Tomar: Tomar/Portugal, 2020. p. 15.

⁴⁷¹ VILAS-BOAS, op. cit., p. 16.

⁴⁷² Idem.

que figuravam com certa constância nas revistas ilustradas do Rio de Janeiro, assim como nas ruas agitadas da então Capital Federal nos loucos anos 1920. Certamente há um marco temporal não muito longo que as separa, mas isso não nos impede de olhar profundamente a imagem e fazer as devidas análises e comparações necessárias.

De acordo com Daniela Queiroz Campos (2017), a melindrosa era a senhorita “que pintava as unhas da mesma cor do batom que coloria seus lábios e se vestia segundo os últimos ditames da moda. Elas eram a mocinha de cabelos curtos, sempre muito bem penteados e arrumados”⁴⁷³. A popularização dessas senhoritas se deu na revista ilustrada *Para Todos* a partir da década de 1920, tendo como designer gráfico J. Carlos (José Carlos de Brito Cunha, 1884-1950), o seu principal criador ou, melhor dizendo, pai. A imagem seguinte (figura 57) mostra uma dessas criações do mencionado profissional.

Figura 57 – Melindrosa de J. Carlos da revista *Para Todos*, 1922⁴⁷⁴



Fonte: CONDE, Maite; SHAW, Lisa. Towards an Alternative 1922: popular culture and Rio de Janeiro’s vernacular modernisms. **Revista Brasileira de História**, v. 42, n. 90, maio 2022, p. 113.

⁴⁷³ CAMPOS, Daniela Queiroz. A Imagem de Humor em O Cruzeiro: as ilustrações de J. Carlos, Péricles Magalhães e Alceu Penna. **História Revista**, v. 22, n. 2, 24 dez. 2017, p. 182.

⁴⁷⁴ A legenda da figura está escrita em inglês, “J. Carlos’ Melindrosa from Para Todos Magazine (J. Carlos, 1922, n.p.)” e disponível em: CONDE, Maite; SHAW, Lisa. Towards an Alternative 1922: popular culture and Rio de Janeiro’s vernacular modernisms. **Revista Brasileira de História**, v. 42, n. 90, maio 2022, p. 113.

A imagem mostra uma dessas melindrosas criadas por J. Carlos para a revista *Para Todos*; diga-se de passagem, foi nesse periódico que o designer gráfico em questão ganhou notoriedade e expandiu as melindrosas para o país inteiro, apesar de ter tido êxito em outros periódicos da época como *O Malho*, *Careta* e *Tico-Tico*⁴⁷⁵. O sucesso garantido por J. Carlos o fez figurar ao lado de K. Lixto (1877-1957), Di Cavalcanti (1897-1976), Péricles (1924-1961) e Alceu Penna (1915-1980) como um dos mais importantes artistas gráficos do país naquele período⁴⁷⁶, sendo precursores do design brasileiro moderno.

A revista surgiu em 1918 e, como o próprio título sugere, era destinada a todos os públicos e tratava a princípio dos assuntos do cinema, “trazendo sempre em suas capas a fotografia colorizada de atores ou atrizes das fitas em cartaz”⁴⁷⁷. A partir de 1926, começa uma nova fase, dando ênfase às expressões artísticas e culturais da época. Foi nesse contexto que o periódico “tornou-se palco principal para o talento de J. Carlos designer”⁴⁷⁸, que começa a criar as capas da revista dando destaque às figuras femininas.

As melindrosas chamavam atenção por onde passavam, principalmente dos homens, mas elas também ditavam a moda em todas as estações do ano, mostrando o que usar em cada uma delas. Em uma cidade que buscava incansavelmente a modernidade, o papel feminino começa a se delinear, pois, de acordo com Cláudia de Oliveira (2010), a “imagem da nova mulher aparecia na imaginação do cronista e do fotógrafo como uma imagem-espelho da cidade moderna. A mulher e a cidade representavam uma feminilidade mercantilizada”⁴⁷⁹.

Aqui cabe uma ressalva: as senhoritas sergipanas retratadas na fotografia de 1914 não podem ser diretamente denominadas melindrosas, pois esse conceito está intimamente ligado ao contexto dos anos 1920⁴⁸⁰. As melindrosas eram conhecidas por seu estilo de vida independente e modernista, caracterizado por vestidos e cabelos curtos, vistos como comportamentos que desafiavam as normas sociais conservadoras da época⁴⁸¹. Em contraste, a imagem fotográfica das senhoritas Isaura Botto Barros, Zaia Montalvão e Candoca Menezes reflete um estilo mais conservador, com vestimentas longas e penteados tradicionais.

⁴⁷⁵ SOBRAL, op. cit., p. 129.

⁴⁷⁶ CAMPOS, op. cit., 2014, p. 121.

⁴⁷⁷ SOBRAL, op. cit., p. 141.

⁴⁷⁸ SOBRAL, op. cit., p. 141.

⁴⁷⁹ OLIVEIRA, op. cit., p. 209.

⁴⁸⁰ CAMPOS, Daniela Queiroz. O humor impresso em páginas periódicas: ilustração e humor em algumas páginas de *O Cruzeiro – Amigo da Onça*, *Garotas e Melindrosas*. **Domínios da imagem**, v. 11, n. 20, p. 222-252, jan./jun. 2017. p. 245.

⁴⁸¹ MACENA, Fabiana Francisca. **Madames, mademoiselles, melindrosas**: “feminino” e modernidade na revista *Fon-Fon* (1907-1914). 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. p. 75.

No entanto, é possível traçar algumas analogias entre as senhoritas sergipanas e as melindrosas, considerando a intenção de modernidade e destaque social que ambas as imagens refletem. As senhoritas sergipanas posam com confiança e elegância, características que também eram valorizadas pelas melindrosas. Ambas as representações visam destacar a modernidade e o avanço social das mulheres em suas respectivas épocas. Assim, mesmo não sendo melindrosas, as senhoritas podem ser vistas como precursoras de um movimento maior de emancipação e visibilidade feminina que culminaria nas décadas seguintes.

Em resumo, enquanto as senhoritas sergipanas de 1914 não podem ser classificadas como melindrosas, é possível fazer uma análise comparativa destacando elementos de confiança, elegância e modernidade presentes em ambas as representações. Essa análise oferece uma visão enriquecedora sobre a evolução da imagem feminina e os diferentes contextos culturais e sociais que influenciaram essa evolução.

Diferentemente de suas amigas, Candoca Menezes havia aparecido outras duas vezes nas páginas da *Fon-Fon*, uma em 1910 – o que possivelmente nos mostra que ela deu a ideia às amigas de enviarem uma foto para o periódico, tendo em vista que ela já havia tido uma imagem fotográfica publicada – e a outra em 1915, após o registro acompanhada pelas outras senhoritas (figura 53). A seguir, as páginas com as fotografias de Candoca Menezes no periódico carioca:

Figura 58 – Senhorita Candóca Menezes, filha do Dr. Josino Menezes, ex-governador d'aquelle Estado, 1910

FON-FON!



RAPEGADAS

(NOCTURNOS E DIURNOS)

Cantabile – No Municipal.
Elle, uma das personalidades mais em evidencia, afamado *courreur*.
Ella, vistosa, em grande toilette, admiravelmente decotada.
 Conversam animadamente, enquanto o marido... cumprimenta os conhecidos.

Pelo corredor formam-se grupos e num delles ouço a seguinte maldosa observação:
 – Só faltava este *Estado*!

Scherzando – N'uma redacção.
 – Ouçam lá a minha critica sobre o *Rigoletto*:
 *O *Rigoletto* foi cantado á *la rigolade*. O barytono Galeffi, mal caracterizado parecia um *Rigo*.. do *Rat-Mari*.
 O Constantino que por signal não é de Constantinopla, é um tenor originalissimo, o que não impede que cantasse tres vezes *La dona é mobile*, teimando numa *tenuta* que não é para publico em *grande tenue*.
 Prompto!
 – Só? e não trata da musica?
 – Isto já é cousa muito sedição. A critica moderna...
 – Faz-se com o *jeu de mots*, o trocadilho, a piada? Tens razão, é mais divertido para o publico.

Maestoso – No Pathé.
 A roda politica foi convidada para ver *films* do Alberto Botelho, tirados durante a viagem presidencial ao Estado do Espirito Santo. No fim do programma figura uma fita intitulada *Fazenda da Boa Vista no Estado do Rio de Janeiro, propriedade do general Pinheiro Machado*. O ardoroso gaúcho acompanhado pelo deputado José Carlos de Carvalho, laça touros, montado num fogoso cavallo. Depois apparece o gado da fazenda, mais de 3.000 cabeças de criação.
 E na sahida bispo este fim de palestra:
 – E' um homem predestinado! cá e lá mais gado ha!
 – E' isto mesmo! Gado vaccum e... gado politico.

Apassionato – No alpendre da Jardim Botânico.
 Conversam duas linguas de prata.
 – Embarcou com ella.
 – Mas já não fazem mysterio?
 – Quê! e o rapaz que apparecia em toda a parte, que frequentava os theatros, levou um sumiço completo.
 – Puderá!
 – E dizem que o *béguin* por parte della não esmorece.
 – Felizardo!

Pizzicato – No Theatro Lyrico.
 O homenzinho é uma fera. Tem ciúmes da mulher

ao ponto de não permittir que se admire a sua beleza e a sua elegancia, com o maior acatamento.
 Fulmina o audacioso que a tanto se atreva com um olhar carregado de ameaças.
 Amor? paixão? *chi lo sa?*
 Entretanto, num dos intervallos do *Passé Partout* o terrível Othello trocava rapidamente dois dedos de prosa, num dos corredores internos, com uma *chanteuse á voix*, horrivelmente *maquillée* e já com direito á aposentadoria por antiguidade!

Allegro – No saguão do Lyrico num dos intervallos de *La Petite Chocolatière*.
 – Que excellente companhia!
 – O Boucher é um artista de mão cheia!
 – E a Régnier, que teteia!
 – Você não tem perdido um só espectáculo?
 – Tenho vindo sempre... um pouco por superstição....
 – Por superstição?
 – Não sabes que a Régnier (*araignée*) du soir, *espoir*....?

Paganini.

Fon Fon em Sergipe



Senhorita CANDÓCA MENEZES
 filha do Dr. Josino Menezes, ex-governador d'aquelle Estado.

NOTAS MUSICAES – A temporada lyrica do Theatro Municipal vai correndo perfeitamente, não só pelos applausos conquistados pelos magnificos artistas Constantino, De Tura, Galeffi, Cagliardi e outros, como tambem pela numerosa e selecta sociedade que alli afflue. Os trezentos de Gedelo tem-se multiplicado de um modo assombroso, depois do calculo feito pelo nosso grande Olavo Bilac. E apesar da novissima critica theatral surgida entre nós, toda cheia de *bons mots* e *colomborgs*, digna de um jornal humoristico, o publico não regateia os seus bravos ao bello elenco da *troupe* contractada pelo infatigavel Da Rosa.
 O *clou* da estação lyrica foi, incontestavelmente a opera de Strauss, *Salomé*, que presenciando ao numero das partituras para *eleitos*, revelou ao nosso publico uma artista simplesmente assombrosa pelo vigor dramatico no jogo de scena, a Bellincioni, cuja carreira tem sido uma serie de triumphos.

— GRANDE DEPURATIVO — Syphilis, Rheumatismo →
Licôr Tibaina, de Granado Impureza do Sangue, etc.

Fonte: *Fon-Fon em Sergipe*: Senhorita Candóca Menezes, filha do Dr. Josino Menezes, ex-governador d'aquelle Estado. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 31, 30 de julho de 1910, p. 14.

Figura 59 – Senhorita Candoca Menezes, filha do Ex-Presidente do Estado, Dr. Josino Menezes, 1915



FON-FON! EM SERGIPE



Senhorita Candóca Menezes, filha do ex-Presidente do Estado, Dr. Josino Menezes.

A musica, sendo uma linguagem universal posta ao serviço d'uma sensibilidade universal, logo implicitamente deixa prevêr como essa linguagem possa pôr na mesma phrase, conforme a pessoa que falla, e a quem se falla, cambiantes de ternura, de mysterio, de ironia, de brutalidade ou de franqueza, alternativas — questão d'intuito moral, de tom, que o mais grosseiro instrumento dá, quando vibrado por algum grande artista em inspiração. Porque emfim, interpretar uma obra d'arte é traduzir em vulgar uma sensibilidade, dar repercussão dentro de nós a uma alma identica...

Fialho d'Almeida.

Fon-Fon! no Espírito Santo



Senhorita Bertilia Menecucy, residente em Victoria, Estado do Espírito Santo.

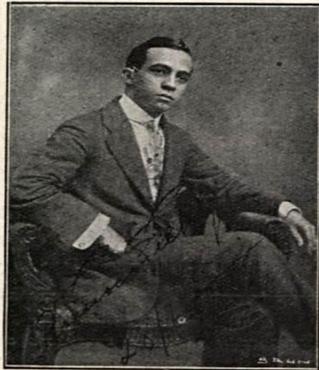


O THEATRO NACIONAL

A Musica

Na existencia actual está reservado á musica pouco mais ou menos o papel que a religião teve na antiga. Ha arias que andam ha seculos, incomprehendidas, pelo mundo, a procura d'um estado affectivo ou intellectual que interpretar, assim como ha espiritos, tristezas, sonhos, que ainda não acharam musica que lhes sirva de lenitivo e d'evangelho. Evidentemente que o drama visual desenrolado aos olhos d'um grupo, pela audição de um numero de musica escolhido, raro é para todos os dilettantes o mesmo, visto como, mesmo nos phenomenos opticos directos, a sensação chromatica, posto que identica em todos, nunca pôde ser mathematicamente igual de retina para retina.

Ora, são os infinitamente pequenos d'estas differenças de sensação que constituem a originalidade individual d'um temperamento, e elles que, no campo esthetico, evocam ás vezes d'um mesmo motivo fixo, qualquer que elle seja, as comprehensões artisticas mais antipodaes.



Rodolpho Tinoco Filho, alumno do 1.º anno da Escola Dramatica Municipal, que se distinguio na prova media realisada na mesma Escola em Julho proximo passado, no desempenho de *As Ro-as*, de D. Julia Lopes, e no galan do *Auto das guerras de amor*, de João Ribeiro

Quem espera a felicidade para poder rir arrisca-se a deixar o mundo sem ter nunca rido.

La Bruyère

A nossa imprensa é, não se pôde negar, uma imprensa sensacional. No Rio só serão *blasés* as pessoas que não quizerem lêr jornaes.

Mas ha sensação e sensação... Eu comprehendo que os leitores apreciem um bom crime, um assassinato terrivel, descripto com todos os pormenores e publicado com *clichés*, com muitos *clichés*...

Eu comprehendo que os leitores gozem, lendo a noticia de um baile na sêde social do Club Elegancia e Distincção, onde Mme Ene dansou o tango brasileiro com o poeta Efe Jota, e onde o Dr. Agah electrizou os presentes com uma saudação á Mulher.

Eu comprehendo que os leitores se enthusiasmem, que se comovam e vibrem com muitas outras cousas mais: entrevistas, escandalos, desfalques, descomposturas, incendios, grêves e o resto.

Mas não comprehendo que haja quem tolere na sua folha mais amada, photographias em que apparecem corpos cheios de chagas, rostos deformados...

A enfermidade, seja qual fôr, é sempre acobardante; os que têm saúde não querem saber dos que a perderam...

ANTIGAL **DEPURATIVO POR EXCELLENCIA**
CURA TODAS AS IMPUREZAS DO SANGUE
É DE GOSTO AGRADAVEL E DE ACÇÃO RAPIDA
 ♦ ♦ *Vende-se em todas as pharmaeias e drogarias do Brazil* ♦ ♦

Fonte: *Fon-Fon!* em Sergipe: Senhorita Candoca Menezes, filha do Ex-Presidente do Estado, Dr. Josino Menezes. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 33, 14 de agosto de 1915, p. 35.

As fotografias dispostas nas páginas são reveladoras, pois nos mostram alguns elementos que mudaram conforme o tempo. Primeiro a aparência da fotografada – o quanto ela fisicamente está diferente se compararmos as duas imagens. Na primeira, vemos uma jovem aparentemente incomodada com algo, mas não deixa de mirar as lentes de quem a fotografa,

parece insegura, diga-se de passagem. Na segunda, por outro lado, além de apresentar uma jovem mais confiante, com um olhar altivo e um leve sorriso, a jovem expõe suas joias (anéis, relógio, brinco e pulseira), numa clara demonstração de ostentação da riqueza paterna. As legendas de ambas as fotos deixam clara a sua filiação: filha de um ex-presidente de Sergipe; era a revista que, através dos seus textos, expunha a condição social do fotografado, mostrando estar alinhada com as elites dominantes.

É de se notar o quanto a indumentária mudou com o passar do tempo: na primeira fotografia de Candoca Menezes (figura 54), ela usava um vestido que cobria os pés, com mangas igualmente longas, de modo que sequer se podia ver os braços, um modelo considerado antiquado para a época e que lembrava a indumentária do final do século XIX, repleta de tecidos e anáguas⁴⁸², um tanto imprópria para o clima sergipano. Mas, assim como a cidade, a moda também deveria seguir o ritmo da modernidade e se adequar aos novos tempos, pois, no entender de Vivian Marcello Caetano (2019), “o estudo do vestuário está diretamente ligado à modernização da cidade”⁴⁸³.

Dessa maneira, na fotografia em que Candoca é retratada com as amigas (figura 53), é perceptível uma evolução nos trajes com destaque para a cintura fina; isso se deu “graças às roupas de baixo: espartilhos justos afinavam a cintura ao máximo”⁴⁸⁴, mas não apenas isso: as longas saias se encurtaram, possibilitando deixar os tornozelos levemente à mostra, mas os pés, por sua vez, deveriam estar calçados por botinhas com botões ou sapatos fechados e “deviam ser pequenos e estar sempre escondidos; era considerado apelo erótico mostrar os pés descalçados”⁴⁸⁵.

Ter uma fotografia publicada nas páginas da *Fon-Fon* era um sinal de prestígio, afinal ela era um veículo de comunicação que tinha um alcance nacional e era portadora de um discurso de modernidade que se alastrava pelas grandes cidades brasileiras, por isso recebia de diversas partes do país fotografias para serem publicadas, além das que ela mesma fazia nas ruas em seus “Flagrantes” e “Instantâneos”. A procura era tamanha que a revista foi perguntada sobre qual o valor para a publicação de uma fotografia em suas páginas. Assim, ser moderno era também estar em suas páginas.

⁴⁸² Sobre as roupas femininas no final do século XIX, ver: FEIJÃO, Rosane. **Moda e Modernidade na Belle Époque carioca**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 112.

⁴⁸³ CAETANO, op. cit., p. 87.

⁴⁸⁴ PRADO, Luís André do; BRAGA, João. **História da Moda no Brasil: das influências às autorreferências**. 2. ed. São Paulo: Disal Editora, Pyxis Editorial, 2011. p. 59.

⁴⁸⁵ Idem, p. 65.

O espaço destinado à publicação dessas fotografias era uma coluna que levava o nome da revista (*Fon-Fon!*), acrescido do lugar de onde elas foram enviadas (em Sergipe, em Aracaju). Com essa coluna, no entender de Mônica Pimenta Velloso (2008), a “revista se transformou em uma quase onipresença, transportando o leitor para todos os lugares, inserindo-o em uma paisagem em movimento”⁴⁸⁶ na qual, além de cidades em transformação, seus habitantes se faziam presentes enviando suas fotos. Mas é necessário lembrar que não era qualquer pessoa que figurava nessas páginas, mas sim a elite econômica, política, intelectual. Com o passar dos anos, o periódico foi aderindo a outros públicos, como profissionais de indústrias e estudantes.

Desta feita, a coluna mostrava um mundo em constante movimento, em busca de modernizar-se. Era através das fotografias que as pessoas de diversos lugares se apresentavam, numa tentativa de se inserir nesses padrões tidos como modernos, como também serem transportadas para outros pontos geográficos com ajuda de páginas periódicas. Nas palavras de Jorge Carvalho do Nascimento (2023), a “coluna social é um registro dos costumes, dos hábitos de uma determinada época”⁴⁸⁷; além disso, era uma forma de ditar a moda, de enveredar por outros espaços, de conhecer pessoas e tecer novos laços de sociabilidade.

Nas colunas da *Fon-Fon*, era evidente que o texto não era a linguagem principal, mas sim a fotografia e o que ela desejava transmitir para o leitor, por isso as legendas eram curtas, serviam apenas para apresentar os nomes dos fotografados acrescidos de seus respectivos estilos e formas de tratamento (senhorita, excelência, Madame...) ⁴⁸⁸. Essa forma de linguagem era corriqueira também em outras colunas das mais diversas revistas ilustradas que circularam em boa parte do século passado, afinal “os textos apresentavam-se complementares às imagens”⁴⁸⁹, logo elas eram o fator mais importante das colunas sociais.

A revista *Fon-Fon* possuía outras colunas, como, por exemplo, “Flagrantes”, que mais tarde passa a ser nomeada “Rio em Flagrante, nossos instantâneos”, que fotografava pessoas de forma espontânea (de corpo todo), circulando pelas ruas e por ambientes considerados nobres

⁴⁸⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Fon-Fon! em Paris: passaporte para o mundo*. In: BASSO, Eliane Fátima Corti. **Revista *Senhor*: modernidade e cultura na imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008. p. 13.

⁴⁸⁷ NASCIMENTO, Jorge Carvalho. **Memórias do jornalismo e da coluna social**. Aracaju: Criação Editora, 2023. p. 33.

⁴⁸⁸ GALDINO, Tarcineide Mesquita. **Espaço público e sociabilidades impressas: o estilo cotidiano nas colunas sociais**. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. p. 30.

⁴⁸⁹ CAMPOS, Daniela Queiroz. *As Garotas do Alceu: A coluna de pin-ups da revista O Cruzeiro*. In: LEMOS, Clarice Caldini; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes (Orgs.). **Cultura imprensa: das páginas dos periódicos à circularidade da arte gráfica**. Curitiba: Editora Appris, 2019. p. 244.

da cidade do Rio de Janeiro⁴⁹⁰. O que a diferencia das outras colunas e seções era o fato de um fotógrafo contratado pela revista sair às ruas para captar o registro fotográfico, na maioria dos casos de mulheres da elite carioca⁴⁹¹, ao invés de as pessoas o enviarem via correio ou preposto local.

Convém afirmar que as fotografias das senhoritas e senhoras aracajuanas encontradas na revista em sua grande maioria eram registradas, ao que parece, em ateliês; não há registros de mulheres nas ruas, a não ser o que elencamos em páginas anteriores, mas cabe ressaltar que a revista *Fon-Fon* era portadora de um discurso de cunho modernizador e conservador, que orientava a mulher a ser boa mãe e esposa, ou seja, a revista “contribuía, então, para divulgar o modelo ideal de família para a modernidade”⁴⁹². A mulher considerada moderna, para o periódico, era aquela que se limitava ao lar. Tudo aquilo que fosse contra esse ideal era amplamente atacado e criticado por ela.

As mulheres aracajuanas que tiveram suas fotografias publicadas nas páginas do periódico carioca estavam nos possíveis ateliês de fotografias, mas também em grupos, nas instituições culturais ou nas escolas, como veremos mais à frente, mas nunca transitando sozinhas pela Aracaju que se modernizava.

Não foram encontradas na revista *O Malho* fotografias de mulheres aracajuanas em espaço destinado à produção fotográfica. Talvez por possuir um viés sem cunho modernizador e mais voltado para a sátira a revista publicou algumas fotografias que fogem a algumas regras da *Fon-Fon*, como a seguinte (figura 60). Nela é possível ver algumas moças participando de concurso de tiro ao alvo em um clube de tiros da capital sergipana.

A cena fotografada chega a ser impensada, pois, em uma época em que as mulheres eram educadas para serem boas mães, esposas e donas de casa, ver “senhorinhas”, como diz a legenda da fotografia, portando uma arma pode ter sido estarrecedor para os olhos de alguns leitores e leitoras fiéis à sociedade patriarcal da época. A imagem fotográfica foi publicada na seção “Retratos Graphologicos”, para a qual os leitores enviavam as respostas para a seguinte indagação: “Qual o seu caráter, tendências, vícios e qualidades?”⁴⁹³, escrita em três linhas e assinada com pseudônimo. Eram estratégias para manter o contato com o público. Ao final do

⁴⁹⁰ GALDINO, Tarcineide Mesquita. Op. Cit. p. 30.

⁴⁹¹ CAETANO, Vivian Marcello Ferreira. Op. Cit. p. 80.

⁴⁹² Idem, p. 71.

⁴⁹³ VELLOSO, Mônica Pimenta As modernas sensibilidades brasileiras. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1500>. Acesso em: 30 abr. 2024.

texto, eram publicadas fotografias que mostravam desde eventos sociais até notas de falecimento.

Figura 60 – Retratos Graphologicos, 1920⁴⁹⁴

O Malho

RETRATOS GRAPHOLOGICOS



M. S. J. (Patrocínio do Muriahe) — Trata-se de um indivíduo essencialmente materialista — em instintos naturais e em preocupações da vida; e tão forte na primeira face, quanto convencido e correcto na segunda. Se ainda não é, virá a ser um grande commerciante, com a rara qualidade da lisura em seus negocios.

O seu bem equilibrado espirito, nem apaixonado, nem indiferente, é de molde a inspirar confiança e sympathia a todo mundo *et sua père*. Com taes caracteristicos e uns traços de bom humor pôde ir longe.

Lúcia Abandonada (Rio) — Satyrica de espirito — é o traço que logo se evidencia, e está confirmado pelo de uma natureza exquisita, cheia de caprichos e fantasias. E como aquella qualidade presuppõe uma certa cultura intellectual, tambem não falta este traço confirmativo. O coração, porém, é bondoso, e isso adoca um pouco a impressão inquietante que se tem da sua loquacidade.

H. O. S. (S. Paulo) — Quem não aprofundar o estudo, vê-o á apenas como um homem de sociedade, cheio de distincção de maneiras. Mas lá está, no fundo, o traço de um sensualismo que não abona a sua "póse" e até a torna contradictoria... Daí o relevo da hypocrisia, sobrepujando tudo. Ha, contudo, um signal de sinceridade no coração; é a bondade que se traduz na dadia caritativa. Assignale-se ainda um fino gosto esthetico para complemento do ligeiro esboço que a sua rapida scripta permittia.

Oswego (Beliz Horizonte) — O que remetteu não dá para estudo; é preciso escrever mais e assignar naturalmente.

Cereja (Bahia) — Excelente pseudonymo, caso se tratasse de um indivíduo que, além de desconfiado, como é, fosse tambem taciturno. Mas é expansivo, embora sómente da "bocca para fóra" — como se costuma dizer. O seu espirito inconstante leva-o a contradicções que se traduzem ora em idealismo contemplativo, ora em surtos da mais perfeita materialidade: gosto pelo dinheiro e hábitos commerciaes. Tambem a vaidade se entrelaça com a modestia, como chave de ouro á sua individualidade "camouflagica".

Dina Pezeta (Recife) — O que está patente é um grande tuço de ostentação, de corpo e de espirito, a traduzir imponderada vaidade. E dada a vehemencia das suas qualidades affectivas, temos uma personalidade, cuja conviencia pôde transformar os espiritos mais sobrios e mais leaes. Junte-se uma formidável constancia de vontade, e eis ahi o maior "perigo"...

Acageba (Maceió) — Espirito ensombrado por algo de mysterioso que o apouenta. E' o traço predominante. A elle se subordina uma pavorosa desconfiança, de que dá frequentes mostraz, e até um egoismo surdo, que lhe afeta o caracter. Ha, porém, tendencias para uma evolução que certamente alliviará a sua natureza de tanto pesadello.

Savoir faire (Rio) Claramente se patenteia o seu pseudonymo no artificio que empregou para encobrir a sua malidade innata, felizmente "controlada" pela fraqueza e pela hesitação da vontade.

Aristes (S. Paulo) — Temperamento excessivamente nervoso, com graves incoherencias de espirito. Se nenhum mal physico o atormenta, haverá talvez uma causa moral directamente relacionada com o coração. Este, sim, é fragil, incapaz de resistir a embates e muito menos a contrariedades. Não cabem aqui conselhos. Entretanto... uma longa villegiatura seria excellent.

Rainha (Bahia) — Alma apaixonadissima, vibrante a todos os sentimentos affectivos. Mas a notavel ponderação de espirito e a notabilissima perspicacia, tornam muito precaria a sinceridade daquella traço do seu caracter... Não é vaidosa, mas tem zima grande facelrice de tons ingenuos.

No conjunto da individualidade predomina o calculo audacioso pela conquista do bem estar.

Hercules (Rio) — Natureza exuberante e espectacular, mas sem a força espirital correspondente a essa exhibição. Não tem, porém, a consciencia desta fraqueza — o que se deduz do traço da vaidade, que é poderoso, como tambem o é dos instintos sensuaes. Ha todavia o traço sympathico de uma extrema bondade cordial.

Eraf (Rio) — Uma idéa fixa parece acompanhá-lo ha muito, obediendo-lhe o espirito.

Pelo traço, de um idealismo transcendental, parece tratar-se de umá idéa mystica... Ha uma certa comprovação nos caracteristicos de um completo alheamento ás paixões da carne e da uma faculdade sonhadora original e alcançadora.

E só assim se explica o indício de um coração fechado, duro mesmo, num temperamento de extrema delicadeza.

E é pasmosa a sua decisão, a força de vontade ascensional, provavelmente a caminho do céu...

DR. SABBUDO




DE SERGIPE — Senhorinhas que concorreram ao premio de tiro ao alvo, por occasião do "pic-nic" organizado pelo Club Sportivo Fenianos, de Aracaju

Dona Maria Foucade, nossa assignante ha 15 annos, fallecida a 13 de Dezembro de 1919, na casa de saúde do Dr. Pedro Ernesto, depois de uma operação

Fonte: RETRATOS GRAPHOLOGICOS, Revista *O Malho*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 907, 31 de janeiro de 1920, p. 35.

A fotografia é intrigante, talvez chocante para os padrões da época. Como mencionamos, senhoritas que portavam armas, ao invés de bastidores de bordado ou agulhas de crochê, por exemplo, não eram algo visto com frequência ou naturalidade. As moças estavam

⁴⁹⁴ Legenda: DE SERGIPE – Senhorinhas que concorreram ao premio de tiro ao alvo, por ocasião do "pic-nic", organizado pelo Club Sportivo Fenianos, de Aracajú.

trajadas praticamente iguais: vestidos claros até os joelhos, tornozelos à mostra, mas cobertos por grandes meias, sapatos fechados e baixos para facilitar o caminhar pelo terreno, afinal estavam em um piquenique. Apenas uma esboça um sorriso, enquanto a que portava uma espingarda à sua frente possui um olhar estranho, para não dizer macabro. Ao fundo, vê-se o alvo, evidenciando o concurso de tiro descrito na legenda. Enfim, uma típica publicação de *O Malho*, que se diferenciava ao mostrar o que outras revistas ilustradas não levavam em suas páginas.

Por ser intrigante, a tipologia dessa fotografia nos faz analisá-la atentamente. Ela nos fere e nos marca, constituindo mais um *punctum*, tal qual descrito por Barthes. Isso nos leva a refletir sobre os motivos que levariam mulheres da primeira metade do século XX a portar armas além das competições de tiro ao alvo. A imagem seguinte (figura 61) domina nossas reflexões, permitindo-nos conceber que houve momentos em que o feminino se armou.

Figura 61 – Maria Bonita e cangaceira não identificada, 1936⁴⁹⁵



Fonte: Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/monica-zarattini/colecao-cangaceiros-fotos-historicas/>. Acesso em: 27 maio 2024.

⁴⁹⁵A fotografia de Maria Bonita é de autoria de Benjamim Abrahão e faz parte da coleção Cangaceiros.

Apesar de serem situações antagônicas, as imagens possuem elementos que nos ajudam a atravessá-las. Como dissemos anteriormente, poderia ser inconcebível para a época uma senhorita portar uma arma, mesmo em competições, mas a fotografia de Maria Bonita (1910-1938) nos faz romper essa linha de pensamento, mostrando que armas de fogo também poderiam ser portadas por mulheres, independentemente da situação.

É evidente que a situação representada na figura 60 está ligada a um momento de lazer, mas salta aos olhos a forma como a senhorita porta a espingarda com tamanha segurança, demonstrando domínio sobre ela e seu manuseio. Além disso, seu olhar chega a amedrontar, como se quisesse nos dizer: “Estou armada! Cuidado! Sou perigosa!” Enquanto a moça fotografada porta uma arma por diversão, Maria Bonita e sua colega, com olhares menos aterrorizantes, portam revólveres para deixar claro estarem prontas para as lutas travadas pelo cangaço nos sertões do Nordeste. Para alguns, eram foras da lei, e para outros, heroínas, mas, mesmo sabendo manusear uma arma, isso não evitou seu fim trágico na Gruta do Angico, em Poço Redondo/SE, em 28 de julho de 1938.

É importante observar que as imagens analisadas transcendem as situações específicas que retratam, revelando um elo comum na representação do poder e da segurança das mulheres. A presença das armas tanto na figura de lazer quanto na de resistência desafia os estereótipos de gênero da época, demonstrando que a capacidade de manejo de armas não estava restrita ao sexo masculino. Ao revisitar essas imagens, pode-se perceber um avanço na percepção da mulher como uma figura ativa e capaz, seja no contexto de competições, seja no de luta armada. Assim, a iconografia dessas fotografias nos ajuda a reavaliar as concepções históricas sobre o papel feminino na sociedade, sublinhando a complexidade e a força das mulheres em diferentes contextos históricos.

6.2 HOMENS: DESPORTISTAS, MILITARES E POLÍTICOS

Mas não era apenas as mulheres que tinham suas fotografias publicadas nas colunas e seções garbosas da *Fon-Fon*, tampouco nas páginas recheadas de galhofas, sátira e humor de *O Malho*. Os homens em suas diversas facetas também figuraram nas revistas. Na coluna “*Fon-Fon em Sergipe*”, por exemplo, as fotografias masculinas em sua maior parte apresentam os homens em grupos, ou seja, acompanhados por outros (exceção para a fotografia de Agripino Leite publicada no capítulo dois destes escritos – figura 10).

Diferentemente das imagens de Candoca Menezes, em que ela posa sozinha em duas delas, não conseguimos localizar outras fotos que apresentem algum “distinto senhor” posando

sozinho nessa coluna. As demais fotografias cotejadas nesse espaço da revista mostram os homens com amigos em bares, comemorações, professores com seus alunos, militares, operários, membros de instituições culturais e equipes desportivas, como a equipe de remadores do *Club Sportivo Sergipe*, que está representada na fotografia que segue (figura 62)⁴⁹⁶.

Na imagem é possível ver que a equipe de remadores ostenta orgulhosamente as premiações de um possível torneio ou campeonato de que participou. Essa constatação é percebida devido aos troféus dispostos estrategicamente sobre a mesa ao meio, mas também pelas medalhas que a maioria dos atletas deixa à mostra em seus peitos, sinais evidentes de um laureado time.

Figura 62 – O valoroso grupo de remadores do *Club Sportivo Sergipe*, em Aracajú, 1913

FON-FON! EM SERGIPE



O valoroso grupo de remadores do *Club Sportivo Sergipe*, em Aracajú.

O professor — Carlinhos, qual é a capital da Suécia?
 Carlinhos não consegue lembrar-se e fica calado.
 — Stokólmo! sopra-lhe um camarada.
 — Haya! sopra um outro.
 — Copenhague! sopra um terceiro.
O professor insiste:
 — Então, Carlinhos, qual é?
 — Seu professor, as opiniões estão muito divididas!

Lição de geographia.
O PROFESSOR — Toninho, ao norte temos o Pará, e ao sul ou meio dia?
TONINHO — Ao meio dia? o almoço.

Na roça.
 — Então como vai o doente?
 — Assim, assim. Comeu os dois cataplasmas que o doutor mandou dar, mas não quiz provar as sanguessugas nem a tiro.



Fonte: Fon-Fon em Sergipe: o valoroso grupo de remadores do *Club Sportivo Sergipe*, em Aracajú. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 45, 17 de abril de 1915, p. 46.

⁴⁹⁶ Fon-Fon em Sergipe: o valoroso grupo de remadores do *Club Sportivo Sergipe*, em Aracajú. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 45, 17 de abril de 1915, p. 46.

Em contraste com as fotografias das senhoritas em que estavam vestidas com uma indumentária que não lhes permitia mostrar partes dos seus corpos consideradas objeto de excitação alheia, os rapazes, por sua vez, fazem questão de mostrar partes torneadas de seus corpos, como pernas e bíceps, e alguns contraem o antebraço com o intuito de deixá-los aparentemente definidos. Possuir o referido membro forte e saudável era uma condição importante para a prática do remo.

A modernidade impunha novos significados aos corpos, que a partir daquele momento se chamavam de “corpos modernos”. O feminino deveria ser “modulado, ornado e adornado [...] os corpos masculinos deveriam se diferenciar por completo de tudo que pudesse ser percebido como pertencente ao universo feminino”⁴⁹⁷. As práticas esportivas que se tornaram uma febre no início do século XX ajudariam a esculpir os corpos masculinos e, ao mesmo tempo, os exibir.

Os clubes de regatas, ou de remo, foi um desses esportes que ganhou adeptos na Aracaju do início do século passado, afinal ela está às margens de um fundo e caudaloso curso d’água, o rio Sergipe, bem como seus afluentes e córregos. Certamente era um lugar propício para a prática esportiva que tomou conta das águas da então capital federal, o Rio de Janeiro. Sobre esse esporte, recorreremos a uma breve explicação de Cláudia de Oliveira:

O remo, esporte praticado entre as classes médias e altas, era atividade esportiva que permitia que os pulmões se enchessem de ar puro e que o corpo desenvolvesse músculos e força. Visto que como esporte elegante e forma de lazer ao ar livre, remar era atividade exclusivamente masculina, exercida por burgueses bem alimentados, vestidos em indumentária apropriada para flexionar seus músculos e remar ao longo da água. Havia nessas práticas esportivas e de lazer uma exibição extremamente narcísica de músculos, bíceps contraídos e arredondados. A indumentária oferecia uma certa defesa contra uma exposição do corpo, mas, por outro lado, auxiliava na reafirmação da masculinidade (2010, p. 195).

O corpo moderno masculino deveria ser viril, inspirado “no modelo clássico dos esportistas da Antiguidade, que exibiam um corpo torneado musculoso e exemplo de saúde”⁴⁹⁸, ao mesmo tempo deveria ser desnudo para facilitar a prática desse esporte ou para o deleite das moças. O fato é que a referida prática esportiva ganhou notoriedade, tanto que constantemente as competições de remo de todo o país eram noticiadas pelas revistas ilustradas⁴⁹⁹, contendo fotografias dos atletas exibindo seus corpos viris.

⁴⁹⁷ OLIVEIRA, op. cit., p. 186.

⁴⁹⁸ Idem, p. 194.

⁴⁹⁹ O clube sergipano apareceu em outra publicação da revista carioca enaltecendo mais uma vitória da equipe: “Heroicos remadores e patrão que compuseram a invencível guarnição do *Club Sportivo Sergipe*, conquistadora do premio, no ultimo anno, do pareo *Taça Guiomar*, do de honra <General Valladão> e do *Cub Sportivo Sergipe*,

Assim como no Rio de Janeiro, onde os clubes de regatas deram origem aos times de futebol que conhecemos⁵⁰⁰, em Aracaju o *Club Sportivo Sergipe* de remo originou o *Sport Club Sergipe* de futebol em 1916. Certamente o mais novo time de *Foot-Baal* do estado teria sua fotografia vinculada na revista *Fon-Fon*.

Figura 63 – 1º Team do *Sport Club Sergipe*, 1917⁵⁰¹

ASTHMA ?

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Cientista Inglez, para cura radical da *Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites, Catarrhaes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Saffocações*, é um medicamento de valór, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, não contém ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas a saúde dos *Asthmaticos*.

“Vide os attestados e prospecto que acompanham cada frasco”.

DEPOSITO
Drogaria Granado—1º de Março, 14—Rio de Janeiro

CASA DA ONÇA

A. Teixeira de Andrade

Deposito de Calçados. — Especialista em Calçados Fines. Anuncia encomendas e entrega sem prorrogação.



Segue de estilo barba e missaga. Propria para astre. Graçosa para seleção theatra de 1811. - 355-000
Pelo Correio avião 12800.
RUA URUGUAYANA, 72 — Telephone 608 C.

FON-FON EM SERGIPE



1.º team do Sport Club Sergipe, vencedor dum match contra o Cotinguiba Foot-Ball Club, pelo elevado score de 5x0. O center-forward é o Sr. Alfredo Roque Coutinho, o popular Roque do Sport Club, funcionario do Banco do Brasil em Sergipe.

Entre banqueiros :

— Você sabe ? A situação financeira de meu filho inquieta-me !
— Sim ? Então, porque ?
— Está sem vintém, e em vespera de uma quarta fallencia.
— Duma quarta fallencia ? Quebrar quatro vezes e não ficar ainda millionario ?... Nesse caso não você rário : seu filho é um homem perdido.

Fonte: FON-FON EM SERGIPE: 1º team do *Sport Club Sergipe*. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 29, 21 de julho de 1917, p. 46.

nas regatas effectuadas em 7 de Fevereiro p. passado e oferecidas pelo *Cotinguiba Sport Club*”. Ver: FON-FON em Aracaju: Remadores do *Club Sportivo Sergipe*. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 45, 17 de abril de 1915, p. 46.

⁵⁰⁰ OLIVEIRA, op. cit., p. 201.

⁵⁰¹ Legenda: 1º team do *Sport Club Sergipe*, vencedor dum match contra o *Cotinguiba Foot-Ball Club*, pelo elevado score de 5x0. O center-forward é o Sr. Alfredo Roque Coutinho, o popular Roque do *Sport Club*, funcionario do Banco do Brasil em Sergipe.

O futebol foi trazido para o Brasil pelos ingleses⁵⁰² no século XIX, mas, mesmo na centúria posterior, “ainda possuía fortes resquícios da influência inglesa”⁵⁰³. A imagem do time sergipano deixa evidente essa anglofonia, por assim dizer, quando notamos na legenda alguns nomes em inglês: *team*, *sport*, *club*, *score*, *foot-ball* e *match* são alguns deles.

Essa atividade esportiva no Brasil em sua gênese só permitia jogadores que faziam parte da elite da época, não só o futebol, mas os esportes considerados adequados para esse grupo social composto por “[...] homens feitos, chefes de firmas, empregados de categorias de grandes casas, filhos de pai rico, educados na Europa, habituados a gastar”⁵⁰⁴. A legenda da fotografia (figura 63) corrobora essa assertiva ao mencionar que o *center-forward* (centroavante) do *Sport Club Sergipe* era um funcionário do Banco do Brasil no estado, mostrando assim uma certa deferência ao atleta, afinal as ocupações dos demais sequer foram mencionadas.

À medida que os anos do século XX passavam, jogadores oriundos de outras classes, como a trabalhadora, eram aceitos⁵⁰⁵ nos times e nas outras práticas esportivas conseqüentemente. Talvez isso explique a presença de atletas negros tanto na fotografia dos remadores (figura 62) quanto na do time de futebol *Sport Club Sergipe*.

Para além da estética, a prática de esportes também era uma questão de saúde, desse modo o corpo moderno deveria realizar exercícios físicos que ajudassem em seu desenvolvimento, em adição a possuir uma higiene que estivesse de acordo com os padrões da época, logo, como afirma Sevchenko (1998), “nessa nova sociedade da cultura desportiva o valor máximo é necessariamente a idéia de saúde, cuja condição básica é a limpeza”⁵⁰⁶. Esse extrato de texto talvez nos mostre um dos motivos da ausência de atletas das classes pobres em times e equipes desportivas no entresséculo, pois seus corpos eram considerados sujos, portadores de enfermidades atribuídas às condições precárias a que eram submetidos. O discurso eugênico fazia parte do mundo dos esportes.

O corpo moderno era aquele que, assim como a cidade que estava em constante mudança, deveria estar em movimento, acompanhando o ritmo frenético das ruas e a evolução pela qual a sociedade estava passando. Deveria estar em alerta para tudo o que transcorria; dessa forma, o “desenvolvimento dos esportes na passagem do século se destinava justamente a adaptar dos corpos e as mentes à demanda acelerada das novas tecnologias”⁵⁰⁷.

⁵⁰² OLIVEIRA, Cláudia de, op. cit., p. 200.

⁵⁰³ MACHADO JÚNIOR, op. cit., p. 76

⁵⁰⁴ HERSHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **Lance de sorte**: o futebol e o jogo do bicho na *Belle Époque* carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993. p. 30.

⁵⁰⁵ OLIVEIRA, Cláudia de, op. cit., p. 201.

⁵⁰⁶ SEVCENKO, op. cit., p. 571.

⁵⁰⁷ Idem.

Outro grupo que teve destaque nas páginas da *Fon-Fon* e de *O Malho* foram os militares e agremiações ligadas a eles, como o Tiro Civil. Ambos os periódicos publicaram essas tipologias fotográficas, como a que veremos na imagem abaixo, publicada na revista *O Malho* em 27 de abril de 1912.

Figura 64 – Os nossos Atiradores Civis, 1912

O MALHO

OS NOSSOS ATIRADORES CIVIS



Em Sergipe, também a instituição patriótica do Tiro Civil progride brilhantemente. Eis aqui um grupo de atiradores do Tiro sergipano n. 136 da Confederação. São: João Prudente, n. 1; Homero Barreto, n. 2; Pedro Ribeiro, n. 4; João Rocha, n. 4, Carlos Queiroz, n. 5, e Calestrato Fonseca, n. 6. Todos de Aracaju, sede do Tiro.

ENIGMA PITTORESCO 270

A terceira, digo que ha
Nas casas, as mais modestas;
E o todo, p'ra o qual assestas
Os canhões da tua argucia,
Indico o aqui, sem minucia
Mas com clareza aos extremos:
E' muito simples:
NO'S TEMOS.

Z. K.

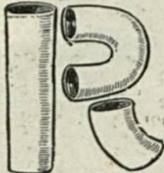
Vivia em certo lugar
Um sujeito muito pobre
Que á força de mendigar
Pôde juntar algum cobre.
Combinando com um amigo
Velho muito adoentado
Procuraram um bom abrigo
Em logar pem retirado.
Quizeram de modo nobre
Ir viver em outro logar
Juntou-se o velho com o pobre
Para ir na serra morar.

Samsão

Segunda e terciã—objecto
De seis partes composto;
Prima e terceira são irmãs;
E o todo é simples, sem posto.

Tónico (Santos)






Conde Espinha

Emulsão de Scott

REMEDIO PODEROSO
CONTRA A TISICA E
DOENÇAS DO PEITO.

Fonte: OS NOSSOS ATIRADORES CIVIS. Revista *O Malho*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 502, 27 de abril de 1912, p. 50.

Ao longo de diversos números, as revistas ilustradas aqui mencionadas, como também outras que circularam no mesmo período, a exemplo da *Revista da Semana* e *Careta*, publicavam constantemente fotografias de militares, o que, para Cláudio Machado Júnior (2012), não poderia ser diferente, “[...] já que teria sido por intermédio de um representante militar que a República, como sistema de governo, havia sido instaurada no país”⁵⁰⁸, por isso havia uma demasiada “veneração” ao militarismo, apesar de apenas três dos 15 presidentes da Primeira República terem sido militares.⁵⁰⁹

No entanto, os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial “despertaram o interesse pela proteção das nações mundiais”⁵¹⁰ e com isso um fervoroso nacionalismo não apenas nos países beligerantes, mas em toda a sociedade da época, que temiam invasões e terem seus territórios violados. Logo, cabia aos militares a proteção da pátria, por isso “surgem fotografias que trabalham com noções de organização e poder”⁵¹¹, como se as Forças Armadas fossem a solução para os possíveis caos e desordens políticas existentes. Esse tipo de discurso perdura até a atualidade, diga-se de passagem.

Mas, trocando em miúdos, fazer parte de uma academia militar também era considerado uma honraria, um prestígio, melhor dizendo, pois muitos jovens de famílias abastadas seguiam carreira militar, da mesma forma que os menos favorecidos, estes por, sua vez, como uma forma de ascender socialmente.

Tanto a *Fon-Fon*⁵¹² quanto *O Malho*⁵¹³ publicaram fotografias desse grupo em Aracaju. Mesmo depois do desmantelamento das revoltas tenentistas em alguns estados brasileiros, inclusive em Sergipe, como pontuamos em páginas passadas, imagens fotográficas de homens fardados em posição de respeito ilustravam tais páginas periódicas.

É bem verdade que as representações imagéticas do campo político já foram trabalhadas de forma exaustiva nestas páginas, porém há de se considerar a importância desse grupo no que tange à vinculação de Aracaju, e Sergipe, nas páginas dos periódicos cariocas, pois, como abordamos, ele foi o principal financiador para que isso acontecesse ao divulgar os feitos das administrações estadual e municipal. O fato é que, mesmo não tendo as rédeas dos poderes

⁵⁰⁸ MACHADO JÚNIOR, op. cit., p. 81.

⁵⁰⁹ Foram militares de carreira: Deodoro da Fonseca (1827-1892), Floriano Peixoto (1839-1895) e Hermes da Fonseca (1855-1923).

⁵¹⁰ MACHADO JÚNIOR, op. cit., p. 82.

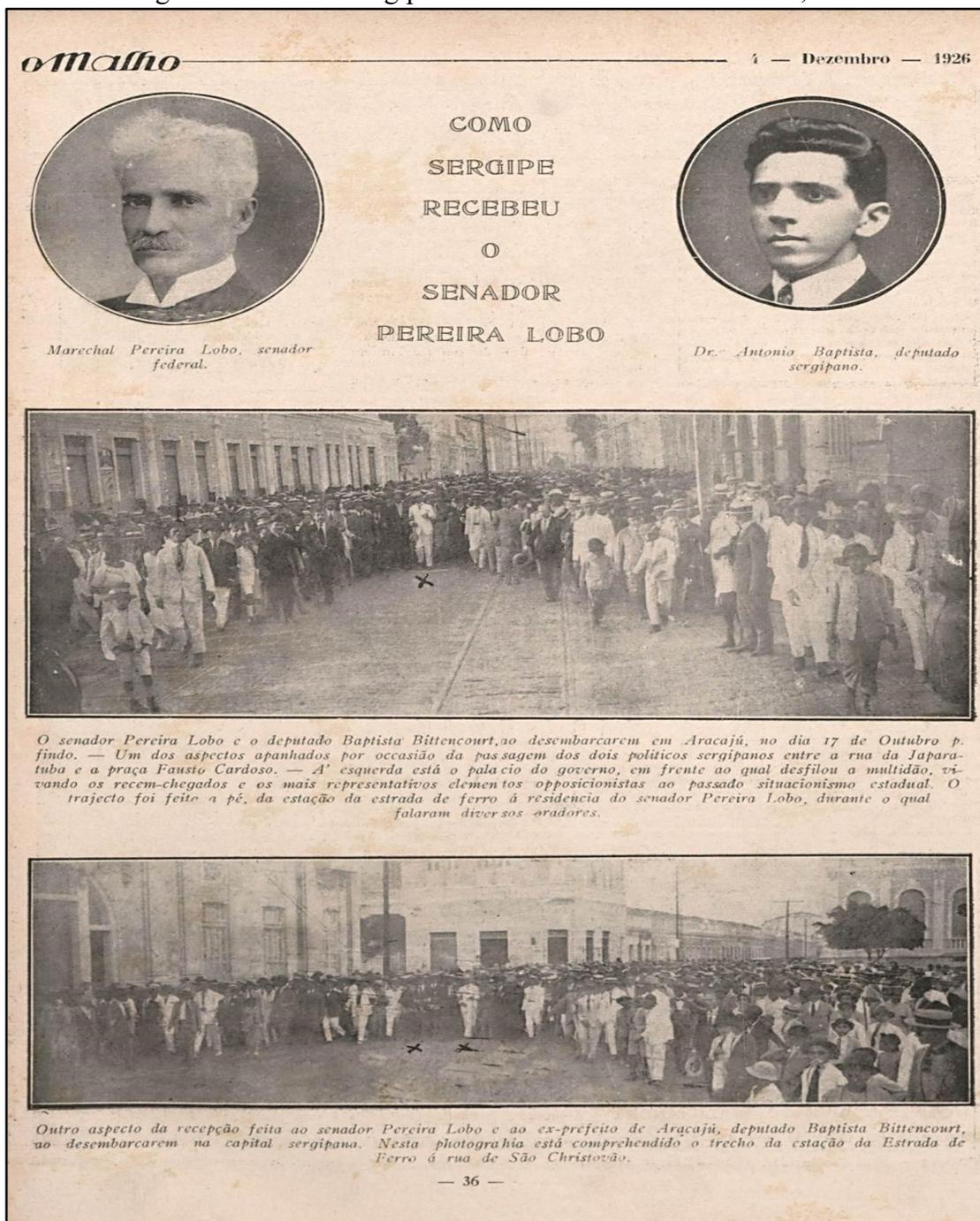
⁵¹¹ Idem.

⁵¹² FON-FON EM ARACAJU: Grupo de atiradores da linha do Tiro Sergipense n. 136 da Confederação, em Aracaju. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 36, 8 de setembro de 1917, p. 8.

⁵¹³ INFERIORES DA ANTIGA 2ª COMPANHIA DO 28º BATALHÃO DE CAÇADORES – ARACAJÚ. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 1244, 17 de julho de 1926, p. 28.

executivos citados, alguns políticos usavam as revistas para se manterem, digamos, ativos na vida pública, como foi o caso do Senador Pereira Lobo, muito citado nestes escritos.

Figura 65 – Como Sergipe recebeu o senador Pereira Lobo, 1926



Fonte: COMO SERGIPE RECEBEU O SENADOR PEREIRA LOBO. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 1264, 4 de dezembro de 1926, p. 34.

Como o próprio título informa, a página mostra a maneira como o ex-presidente do estado de Sergipe e então senador da República foi recebido pelos seus conterrâneos e aliados na Aracaju de 1926. Após alguns anos no Rio de Janeiro, onde exerceu o mandato parlamentar

na câmara alta do Congresso Nacional, o líder político retorna ao torrão natal, onde encontra um clima festivo pelo seu regresso.

Mais uma vez nos intriga que a revista *O Malho* usou suas páginas para promover um agente político, pois, como explicamos anteriormente, o periódico possuía um estilo editorial voltado para a crítica ao campo político e seus integrantes através de suas charges e sua produção e textual⁵¹⁴. No entanto, a revista passou a publicar matérias elogiosas sobre a administração de Pereira Lobo em Sergipe (figura 27), como também noticiava constantemente a querela entre o senador e o seu sucessor no governo, Graccho Cardoso. Notadamente os textos desses artigos eram tendenciosos e demonstravam estar a favor de Pereira Lobo.

Em parte, é compreensível o uso dessa revista para projetar a imagem de líderes da oposição, encabeçada por Pereira Lobo e Antônio Baptista Bittencourt, ex-prefeito da capital que desembarcara junto com o seu senador e sogro, sendo que a *Fon-Fon* estava sendo amplamente usada pelo seu adversário, outrora aliado, no intuito de revidar os ataques oriundos da imprensa local e dos grupos oposicionistas, como vimos neste trabalho. Era a guerra de narrativas que tomava conta das páginas das revistas ilustradas cariocas.

Na página (figura 65) estão dispostas as fotografias da chegada de Pereira Lobo e seu genro, o deputado Antônio Baptista Bittencourt, sendo possível ver uma multidão que os acompanhava pelas ruas de Aracaju. É possível constatar a importância e o destaque que são atribuídos ao senador nessas fotografias, pois ele se encontra posicionado no centro das imagens, e, ao que parece, a multidão abre caminho, e a revista, por sua vez, para localizá-lo entre as pessoas, marca um “x” sobre ele e o deputado justamente para situar o leitor de suas posições nas fotografias, ao mesmo tempo que apresenta o espaço percorrido pela multidão e os mencionados políticos.

O uso dessas imagens publicadas no periódico teve a intenção de mostrar que, apesar de estar fora do comando do executivo estadual, Pereira Lobo ainda possuía apoio considerável da população, o que é evidenciado através da multidão que o acompanha pelas ruas em cortejo da estação de trem até sua residência. A passagem pela frente do Palácio do Governo pode ser considerada uma provocação a Graccho Cardoso, que em breve passaria o cargo, uma maneira de mostrar que era benquisto pela população.

⁵¹⁴ As charges constituem-se em imagens cujas mensagens estão explícitas, ou seja, elas são feitas e manipuladas para passar uma informação. A fotografia, por sua vez, apesar de ser uma imagem muda, não é manipulada como a charge, ela “sempre nos diz alguma coisa, mas não diz qualquer coisa” (Machado Júnior, 2012, p. 79-80). Por isso, a revista *O Malho* foi contraditória ao publicar críticas ferrenhas aos agentes políticos com suas charges e fotografias deles seguidas de textos elogiosos.

As páginas das revistas ilustradas ajudaram a manter as afirmações de poder dos agentes políticos dominantes da época, buscando justamente apresentá-los como um grupo de destaque na sociedade, por mais que vez ou outra tecessem críticas a suas administrações. Era o jogo de interesses no xadrez republicano e nas redações dos periódicos, sem dúvida.

6.3 EDUCAÇÃO: ESTUDANTES, PROFESSORAS E PROFESSORES

O cotidiano educacional foi vinculado com frequência nos periódicos, afinal, segundo a propaganda do governo republicano, o progresso e a modernidade só seriam alcançados através da educação; dessa forma, houve publicações de fotografias de instituições escolares em obras ou que já estavam construídas, mas também dos seus alunos e professores. É necessário também mencionarmos as festas cívicas como um dos motivos para a realização de registros fotográficos, afinal havia “a necessidade do condicionamento dos costumes, passando pelos hábitos de higiene até a propagação do sentimento cívico”⁵¹⁵.

As fotografias com essa temática encontradas nas revistas pesquisadas eram captadas nas fachadas frontais dos prédios escolares; havia uma predileção por esses espaços talvez para evidenciar a possível imponência do prédio da instituição. O fato é que não encontramos imagens no interior das salas de aula, o que pode ser “interpretada como um resguardo ou respeito ao que se fazia no cotidiano escolar”⁵¹⁶, como também para não mostrar o possível estado de abandono em que se encontravam algumas escolas arcajuanas naquela época. São apenas hipóteses.

A coluna “*Fon-Fon* em Aracaju” publicou algumas fotografias de estudantes⁵¹⁷ acompanhados, ou não, por seus professores em diversos momentos, seja em alguma festividade cívica⁵¹⁸ ou apenas para ter um registro fotográfico em seus arquivos para divulgar posteriormente em algum veículo de comunicação, como jornais e revistas ilustradas, assim como fez o Colégio Grêmio Escolar, como veremos na imagem a seguir (figura 66).

⁵¹⁵ MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. Op. Cit. 2011. p. 174.

⁵¹⁶ Idem.

⁵¹⁷ GRUPO DE ALUMNAS DA ESCOLA NORMAL DE ARACAJÚ, *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 84

⁵¹⁸ *Fon-Fon*: Guarda de Honra da bandeira. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 5, 2 de fevereiro de 1918, p. 25.

Figura 66 – Collegio Gremio Escholar, dirigido pelo Dr. Evangelino de Faro, 1913

EPIDERMOL
(OU O VERDADEIRO AMIGO DA BELLEZA)



Usando-o diariamente, faz desaparecer as espinhas, cravos e manchas da pelle dando-lhe um avelludado fino e chic. :: :: :: ::

DEPOSITO: **CASA CIRIO**
183, Rua do Ouvidor, 183



Este tonico dá vigor ao cabelo e extingue a caspa.

À VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS

DEPOSITO: **CASA CIRIO**
183, RUA DO OUVIDOR, 183



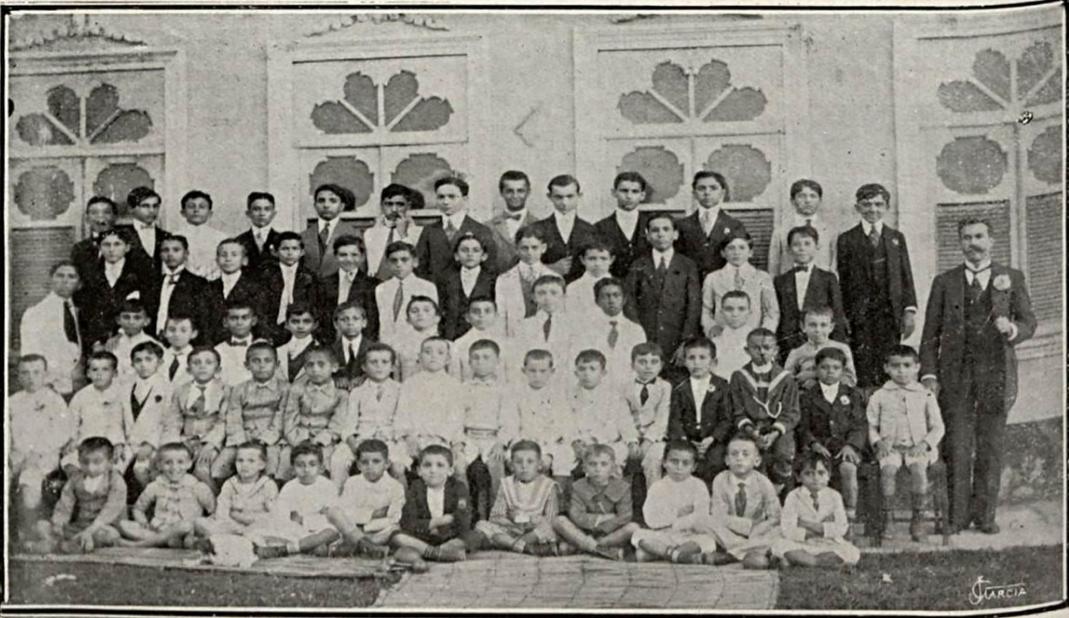
IBIS

E a marca registrada do magnifico sabonete "Água de Colonia" e da esplendida AGUA DE COLONIA, fabricado especialmente para a

CASA CIRIO
Rua do Ouvidor, 183

Exija em cada sabonete ou frasco a marca registrada.

FON-FON! EM ARACAJÚ



Collegio Gremio Escholar, dirigido pelo Dr. Evangelino de Faro.

Um medico, na roça, é chamado para vêr um doente. Elle monta a cavallo e pega numa espingarda para se garant'r na estrada erma.

Um roceiro encontra-o e vendo-o armado, diz-lhe: — Então, seu doutor, o senhor quer matar o doente de um modo ou de outro!

A imagem evidencia o que possivelmente era uma instituição voltada para estudantes do sexo masculino, pois o grupo fotografado era composto por meninos e rapazes ordenados por estatura (menores à frente e maiores no fundo) e muito bem trajados, assim como o professor, que orna a lapela do paletó com uma vistosa flor, do lado direito da imagem. Possivelmente o elegante homem seja o diretor do colégio, o senhor Evangelino de Faro. Os estudantes são em sua maioria brancos, mas é possível ver apenas dois garotos negros, um deles trajado com uma veste que lembra um marinheiro, destoando dos demais.

É provável que esses garotos e rapazes se vestiram dessa forma, digamos elegante, para justamente serem captados pela câmera, foi um dia destinado para serem fotografados para a posteridade. Tratava-se de uma instituição privada, em regime de internato e externato, responsável pelo Ensino Primário⁵¹⁹, visto que os públicos que tinham essa função eram alguns grupos escolares, que, no ano desse registro fotográfico, não possuíam a estrutura e o prestígio de que desfrutaram a partir dos anos de 1920, e a oferta para garotos das classes menos favorecidas nesse estabelecimento se dava através de vagas pela filantropia ou de acordos políticos com instituições privadas, afinal “as escolas oficiais, de ensino gratuito, ainda não atingiam a toda população”⁵²⁰.

Além dos ensinos público e privado, algumas instituições ofereceram ensino gratuito para os menos favorecidos como uma forma de lutar contra os altos índices de analfabetismo que rondavam não apenas Sergipe, como também todo o território nacional. O Centro Operário Sergipano, fundado em 1910 “como uma tentativa de aglutinar os trabalhadores”⁵²¹, não apenas o operariado das fábricas em atividade no estado e na capital, mas toda classe trabalhadora que, porventura, fosse oprimida e sofresse abusos do patronato, foi uma dessas organizações que fundaram uma escola com o intuito de alfabetizar os operários e, do mesmo modo, seus filhos.

A Escola Horácio Hora inicia suas atividades em 8 de outubro de 1911, após uma longa campanha em busca de donativos para sua fundação. A princípio funcionava no salão-recreio da Fábrica Sergipe Industrial durante o turno noturno e atendia tanto aos trabalhadores da referida fábrica quanto aos da Confiança devido à proximidade das duas indústrias têxteis de redutos do operariado da capital, os bairros Santo Antônio e Industrial⁵²². A revista *O Malho* captou através de suas lentes uma fotografia de um grupo de alunos da referida escola, como nos mostra a seguinte imagem (figura 67).

⁵¹⁹ NUNES, op. cit., p. 362.

⁵²⁰ MACHADO JÚNIOR, op. cit., 2011, p. 175.

⁵²¹ DANTAS, op. cit., 2004, p. 54.

⁵²² Sobre a Escola Horácio Hora, ver: RIBEIRO, Alessandro Cardoso. **A Escola Operária Horácio Hora**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2011.

Figura 67 – O Ensino em Sergipe, 1913⁵²³

O MALHO

AS TRES CHAVES DA FORTUNA

QUEIRA LER -- ACONTECIMENTO SENSACIONAL!!



Qual o valor da má sombra, feiticeira, magias, magnetismo, ocultismo, adivinhação e superstições que por toda a parte tem apparecido, quando o livro intitulado **AS TRES CHAVES DA FORTUNA** tudo isso destrõe?

O bem estar, a ventura, a fortuna e a saúde, tudo se consegue por meio d'esse livro. Vencem-se facilmente todos os obstaculos e triumpham-se na vida. Pode-se inspirar sympathia e confiança a outra pessoa que se deseje transformar vicios em virtudes, infelicidades em venturas, desviar tendencias prejudiciaes, captar carinho e amor, dominar os outros, ter bom exito em qualquer coisa que se emprenda; finalmente, **OSAR** infinitamente.

O livro é de incontestavel valor e **GRATIS** para todos os que vierem na America do Sul e especialmente para os Estados Unidos do Brazil, escripto em portuguez ou hespanhol.

Basta fazer o pedido do livro em carta, incluindo nella mil réis papel moeda brasileira e franquando a mesma carta, sem ser registrada, tão só com um sello de 200 réis e que deve dirigir-se unicamente á mais seria e já tão acreditada casa **«THE ASTER»**, Rua Reconquista, n. 9, Montevideu (Rep. O. do Uruguay).

Deve-se escrever com clareza o nome, residencia, direcção e o Estado, enchendo este coupon:



Mario de Carvalho (Rio) — Ora seu Mario, você até parece ser homonymo historico, chorando sobre as ruinas do... Carthago do seu amor. Isso não é um «Primeiro canto»... É um canto... de cysne...

«D'AGONIAS

Ouve tyranna sem sentimento nalma
Mulher fatal que m'envenenaste á vida,
Ouve o qu'eu hoje em solitaria hermidia
Soffro, Emquanto vives sorridente e calma.

Tu que d'alegria me roubaste o enlevo
Sem dó, com ironia me roubaste a paz,
Dize-me se meus cantos te sentir não faz
Em teu peito ingrato teu cruel despreso...

Ah!... Quantas juras de me amar sómente,
Me fazias sempre ao teu mirar sorrindo;
Foram tão puras, d'amor immensamente

Que pouco, á pouco se foram deluindo,
Em teu coração impuro, d'illuzões formado,
Esse julgado eterno amor, a mim jurado».

José Rozendo (Rio)—Verificámos a sua reclamação. Realmente, o sr. tinha razão. A legenda sahiu errada.

Mas, o erro não foi nosso. Foi de quem remetteu o photographia.

José Garcia S. Paulo—Cá estão os jornaes. Lemol-os com a devida attenção.

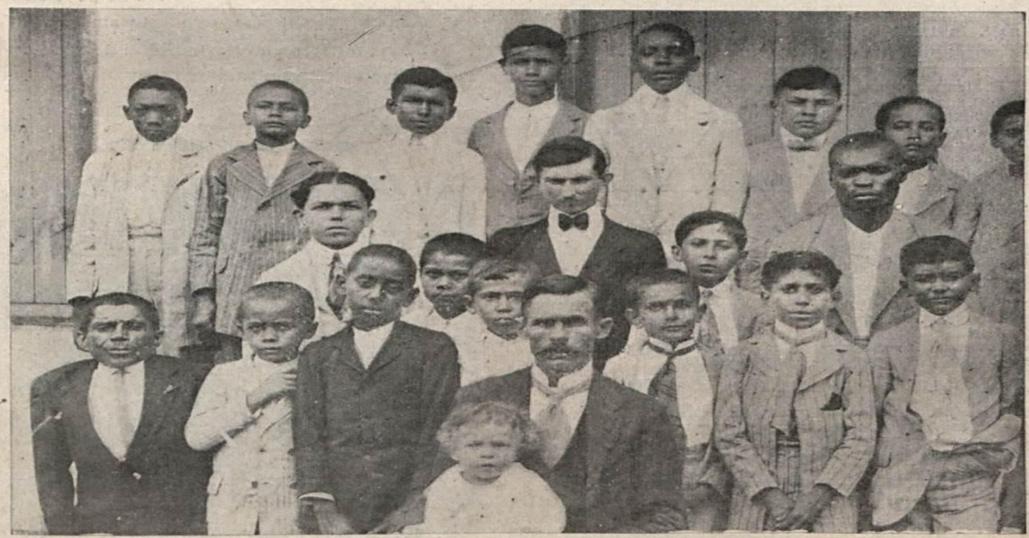
Nome _____

Rua e N. _____

Cidade, Povo ou Estação _____

E. P. _____ Estado _____

O ENSINO EM SERGIPE



Parte dos alumnos da escola «Horacio Hora» fundada pelo Centro Operario Sergipano e subvencionada pelo municipio de Aracajú. Á frente sentado, vê-se o cidadão Antonio d'Aquino Mello, digno e esforçado membro da directoria do «Centro».

Fonte: O ENSINO EM SERGIPE. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 556, 10 de maio de 1913, p. 15.

Diferentemente da imagem anterior (figura 66), na qual há um predomínio de estudantes brancos, desta vez é possível ver o contrário, os alunos da Escola Horácio Hora fotografados são majoritariamente negros. Ao que parece, da mesma forma que os garotos e rapazes do

⁵²³ Legenda: Parte dos alumnos da escola “Horácio Hora” fundada pelo Centro Operario Sergipano e subvencionada pelo municipio de Aracajú, Á frente sentado vê-se o cidadão Antonio d'Aquino Mello, digno e esforçado membro da directoria do “Centro”.

Grêmio Escolar se vestiram para a captação da imagem, os da fotografia em questão (figura 67) também o fizeram, mas é notória a diferença das vestimentas, que aparentavam ter menos qualidade que as dos alunos da instituição privada. Mas não poderia ser diferente, afinal faziam parte de grupos sociais distintos.

As feições dos fotografados não passam despercebidas: olhares tristes, aparências cansadas e ausência completa de sorrisos compõem os rostos dos estudantes. Talvez sejam os reflexos das vidas sofridas dos pais dessas crianças, como também dos rapazes, no tortuoso trabalho como operários das fábricas, afinal essa classe trabalhadora, assim como outras, possuía uma alta jornada de trabalho na época e também lidava com os abusos e desmandos dos seus superiores.

A Escola Horácio Hora e o Centro Operário Sergipano queriam proporcionar um futuro diferente para seus alunos; mesmo que seguissem seus genitores e se tornassem funcionários das fábricas, que fossem ao menos alfabetizados para que pudessem lutar por melhores condições de vida no futuro ou buscarem empregos em outras áreas. Afinal, a criação da mencionada unidade educacional reflete “o amadurecimento da consciência de classe no operariado”⁵²⁴ nos anos de 1910.

As duas fotografias analisadas refletem, de maneira clara, as diferenças sociais marcantes no Brasil durante o início da Primeira República (1889-1930). A Escola Horácio Hora, representava uma iniciativa da classe trabalhadora para garantir educação aos filhos dos operários, com um caráter mais popular e inclusivo. A imagem retrata crianças de diversas raças e com vestimentas simples, sugerindo um ambiente voltado à inclusão social e acessível à comunidade local, ainda que com menos recursos e uma infraestrutura mais modesta.

Em contraste, a fotografia do Colégio Grêmio Escolar, uma escola privada, exhibe um cenário muito diferente, tanto na formalidade das vestimentas quanto na composição racial e na sofisticação da arquitetura. As crianças, predominantemente brancas e bem vestidas, refletem a exclusividade da educação privada, acessível às famílias da elite. A arquitetura imponente do prédio, com suas grandes portas e janelas ornamentadas em estilo eclético, reforça o status da instituição, destacando a diferença de investimento em infraestrutura em relação à escola pública ou popular.

⁵²⁴ SÁ, Antônio Fernando de Araújo. A imprensa operária em Sergipe (1891-1930). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, v. 1, n. 47, 2017, p. 192-195.

Essas imagens são representações nítidas dos marcadores sociais⁵²⁵ da época, expondo as divisões de classe e raça presentes no acesso à educação no Brasil. Enquanto a Escola Horácio Hora acolhia uma população estudantil mais diversa, a fotografia do Grêmio Escolar demonstra a segregação implícita, tanto racial quanto social, refletindo a formação de elites brancas e o caráter excludente das instituições privadas. Dessa forma, as duas fotografias retratam não apenas as diferenças arquitetônicas e materiais, mas também as profundas desigualdades educacionais e sociais que definiam a sociedade brasileira na Primeira República.

Como explanado nestes escritos, as festas cívicas proporcionaram também a produção de fotografias que foram vinculadas nas revistas ilustradas. Tais solenidades serviam como uma forma de exaltação dos valores nacionais, mas, na prática, o que se estava exaltando era o regime republicano e seus agentes políticos, os quais teciam longos e enfadonhos discursos, enquanto as instituições educacionais limitavam-se à leitura de algum texto por algum aluno, algo que sequer era noticiado ou mencionado pela imprensa⁵²⁶.

A partir de 1911, com a fundação do primeiro grupo escolar e dos demais que se seguiriam, as solenidades cívicas, que até então pareciam não ter adesão da população⁵²⁷, vão ganhando espaço no calendário festivo de Sergipe, mais precisamente de Aracaju, onde se encontrava a maioria dessas instituições de ensino. Todas as datas comemorativas nacionais, regionais e locais eram celebradas com requinte, pois era “um momento de elevação da República”⁵²⁸. Obviamente essas solenidades não passaram despercebidas pelas revistas ilustradas, mais precisamente *O Malho*, como nos mostra a imagem abaixo (figura 68).

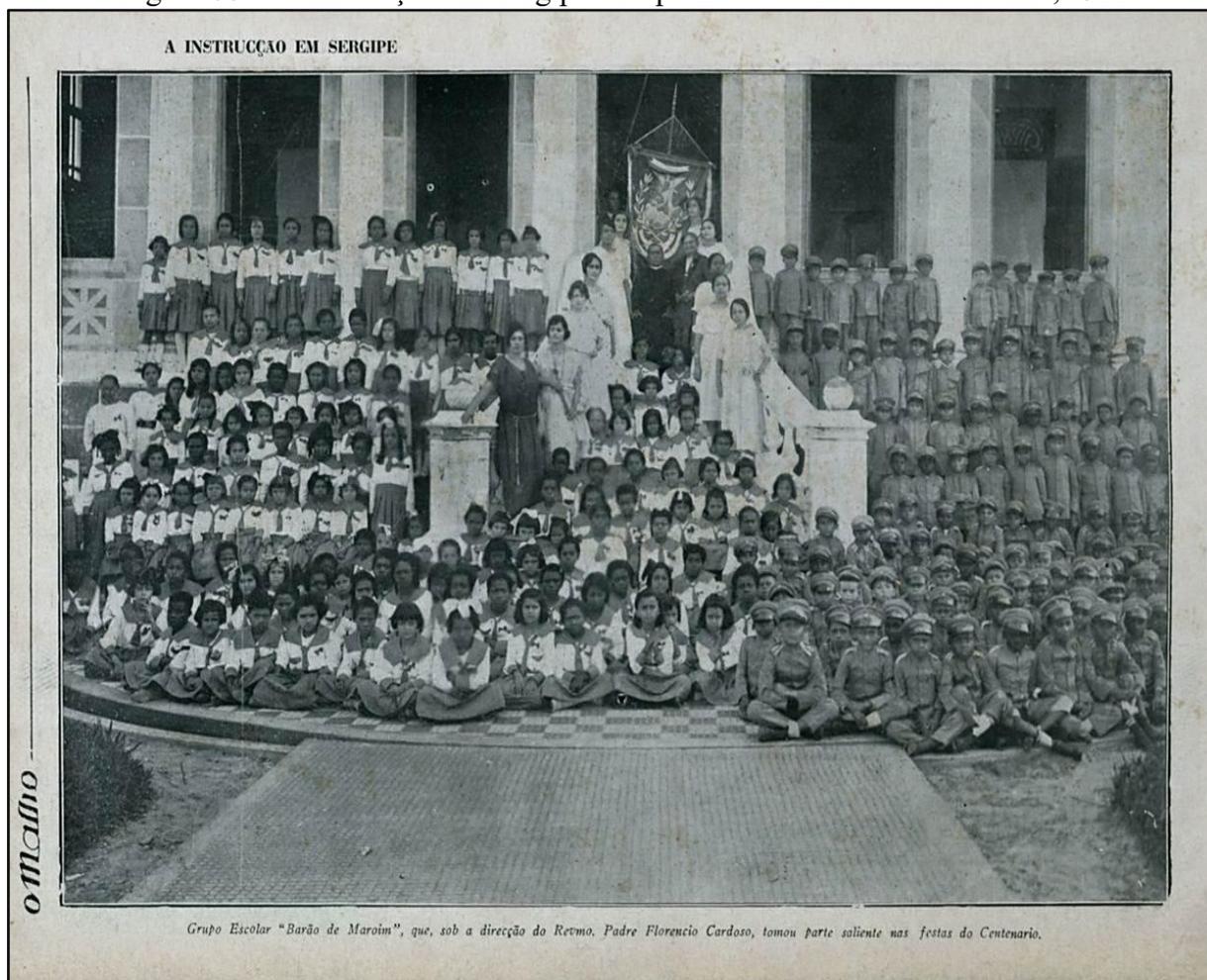
⁵²⁵ Segundo Lilia Moritz Schwarcz: “Marcadores sociais são categorias classificatórias e de articulação compreendidas como construções sociais, locais, históricas e culturais, que tanto pertencem a ordem das representações sociais – como são os mitos, as fantasias, as ideologias – quanto exercem uma influência real, pragmática no mundo, por meio da produção e reprodução de identidades coletivas de hierarquias sociais e processos de subalternização”. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Imagens da branquitude**: a presença da ausência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. p. 17.

⁵²⁶ AZEVEDO, op. cit., 2009, p. 223.

⁵²⁷ SILVA, Degenal de Jesus da. **Dionísio republicano**: as festas dos grupos escolares sergipanos e outros olhares (1911-1930). 2015. 238 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. p. 59.

⁵²⁸ AZEVEDO, op. cit., 2009, p. 230.

Figura 68 – A Instrução em Sergipe: Grupo Escolar “Barão de Maroim”, 1922



Fonte: A INSTRUÇÃO EM SERGIPE: Grupo Escolar “Barão de Maroim”. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 1.047, 7 de outubro de 1922, p. 46.

O centenário da Independência do Brasil foi uma das solenidades cívicas amplamente celebradas em todo o país. Como era de se esperar, as escolas tiveram um papel importante nessa efeméride. A fotografia acima (figura 68) mostra estudantes e professoras do Grupo Escolar Barão de Maroim que tomaram parte nas celebrações em Aracaju no ano de 1922.

É possível constatar que um padrão visual fora criado para esse registro fotográfico, o que é perceptível através da “distribuição ordenada dos corpos no espaço do enquadramento”⁵²⁹, ou seja, como os fotografados estão distribuídos na imagem. Há um ordenamento que diferencia os meninos das meninas – eles estão agrupados do lado direito da fotografia, trajando um uniforme similar às vestimentas militares. As meninas, no que lhes diz respeito, ocupam um maior espaço, que vai do centro até o lado esquerdo, e vestem o típico

⁵²⁹ MACHADO JÚNIOR, op. cit., 2011, p. 177.

uniforme colegial: compridas saias de prega, meias até o joelho, blusas com mangas longas e uma gravata.

A fotografia, além de registrar a participação do grupo escolar na festividade cívica, também nos apresenta elementos hierárquicos, pois nas escadas, encostadas sobre os corrimões, estão as professoras, que, ainda dialogando com Cláudio Machado Júnior (2011), “esta presença vincula-se ao papel atribuído a ‘feminilização’, que, buscando sua afirmação, acompanhou as transformações culturais do início do século XX, e também à ampliação das escolas normais, que enfatizava esse fenômeno no corpo docente”⁵³⁰, logo isso explica a presença constante de docentes mulheres, pois até o exato momento só vimos homens exercendo o ofício de professor. Mas, voltando para a hierarquia na imagem fotográfica, nota-se ao centro, sentado e ladeado pelas professoras, o diretor da escola, padre Florêncio Cardoso, única figura masculina adulta de destaque na foto, porém um homem está atrás do estandarte, certamente segurando-o, mas sem muita relevância no registro.

Se fôssemos criar uma metáfora tomando essa fotografia como exemplo, ela seria a seguinte: “para se tornar um cidadão moderno, é preciso galgar os degraus da vida através da educação”. Eis uma mensagem, entre muitas, que podemos retirar da referida imagem.

6.4 OUTRAS FOTOGRAFIAS

Os aracajuanos e as aracajuanas não foram apenas fotografados em ateliês, escolas ou clubes esportivos e militares. As imagens fotográficas dispostas nas páginas das revistas trabalhadas apresentaram outras tipologias fotográficas dos habitantes da capital de Sergipe que diferem das que vimos até este momento. Essas imagens mostram os indivíduos em diversos momentos de socialização, seja um grupo de trabalhadores confraternizando em um bar, uma festa beneficente, um congresso fora do estado ou até mesmo um flagrante nas ruas da então capital federal, o Rio de Janeiro.

Foi dito em páginas passadas que o periódico ilustrado *Fon-Fon* possuía entre suas colunas uma que flagrava pessoas tidas como importantes da sociedade carioca, como também de outros estados. Essa seção era intitulada “O Rio em Flagrante”, e eis que um sergipano acabou sendo reconhecido por um dos fotógrafos da revista que ficava nas ruas em busca dessas pessoas para, dessa forma, realizar o registro fotográfico espontâneo em instantes – os famosos

⁵³⁰ MACHADO JÚNIOR, op. cit., 2011, p. 176.

instantâneos —, sem que o indivíduo percebesse. O sergipano em questão era o senhor Agripino Leite, dono da Livraria Regina e representante do escritório da revista em Sergipe.

Figura 69 – Rio em Flagrante: Sr. Agripino Leite, conceituado negociante de Aracajú, 1918

A Segunda Exposição Nacional de Gado



Taças oferecidas pela Companhia Armour do Brasil S. A., à Sociedade Nacional de Agricultura para a Segunda Exposição Nacional de Gado, por intermédio do Sr. Richard P. Monsen, vice-consul dos Estados Unidos em exercício.

FON-FON NO RIO GRANDE DO SUL



Senhorita Branca Miralles, filha do Sr. Adolpho Miralles, residente em Jaguarão.

RIO EM FLAGRANTE



Sr. Agrippino Leite, conceituado negociante de Aracajú.

PATRIA

Não. A Patria não é onde mais grata é a vida
Mas a estancia natal, do plaiuo ou da montanha.
Onde á luz descerraste a palpebra adormida
Na sombra á tepidez da maternal entranha.

E' a terra em que vão ter descanço á humana lida
Esses, cuja memoria é luz que te acompanha,
E onde falaste a lingua, a primeira aprendida,
E ante a qu' qualquer outra é dissonante e es-
[tranha.

Terras, certo, haverá de mais poder e gloria,
De mais resplandecente e mais sublime historia,
Mais fecundas na Paz, mais potentes na Guerra...

Que te importa? Assim como á mais alta Rainha
Preferes tua Mãe—pobre e simples velhinha—
Ao mais nobre paiz prefere a tua Terra!...

Antonio Salles

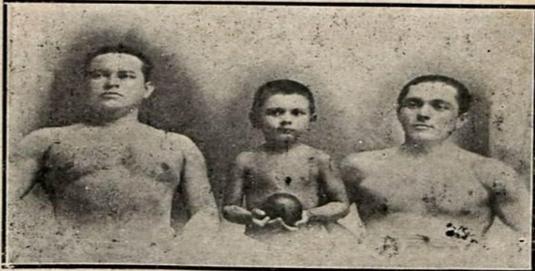
Quando se quer affirmar alguma cousa,
chama-se sempre Deus para testemunha
— porque nunca nos contradiz.

Elisabeth da Roumania.



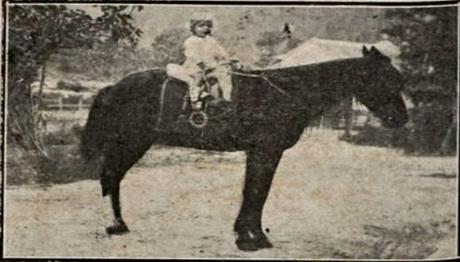
O Dia da Imprensa — Mimo de arte representando *Pro Patria* oferecido pela Società Ausiliari della Stampa á comissão do brilhante festival da Quinta da Boa Vista.

FON-FON EM S. LUIZ Maranhão



Da esquerda para a direita: João Augusto Reis, socio da firma Abreu & Reis, fabricantes de cigarros e especialistas em artigos para fumantes; o gury Aryel, sobrinho deste; e Antonio Lãuletta, *sportsman*, *half-back righth* do team "Negro", da associação de esportes atleticos *F. A. Club*, dessa cidade.

FON-FON EM THERESOPOLIS



Decio Afonso, filho do nosso amigo Major Luiz Avé Precht e neto do Marechal Dr. Antonio Afonso Faustino.

A vida é tanto mais agradável quanto menos nos occupamos dos vicios e das fraquezas alheias.—*Droz.*

A mencionada seção da revista consistia em capturar fotografias de pessoas caminhando sobre as ruas elegantes e concorridas do Rio de Janeiro, como já mencionamos; no entanto, a imagem fotográfica do visitante sergipano parece fugir, em parte, a essa regra, pois ele não demonstra estar caminhando, mas estático, sobre a calçada revestida com pedras portuguesas que compõe o ângulo enquadrado pelo fotógrafo, mas aparenta posar para a câmara ou ficou constrangido ao se deparar com o flagrante do funcionário do periódico.

É de se notar a sobriedade de seus trajes, seguindo o estilo burguês dos anos de 1900, afinal “os homens desejavam, então uma roupa que se identificasse com o mundo mecanizado que o novo século prometia e modelos mais dinâmicos, sem o aprisionamento e o formalismo da casaca”⁵³¹. O homem afortunado era reconhecido apenas pela sobriedade do seu vestuário, sem o uso exagerado de joias – isso era para o universo feminino.

As décadas iniciais do século XX também foram carregadas de intensos debates sobre a posição das Américas no cenário mundial, por isso eram realizados eventos que discutissem as principais questões do continente sob a ótica de políticos, intelectuais e até mesmo de entidades religiosas. Em julho de 1919, ocorreu no Rio de Janeiro a vigésima edição do Congresso Internacional de Americanistas, evento que serviria de base para a realização, anos depois, do I Congresso Internacional de História da América, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1922⁵³².

Não é nossa intenção tecermos maiores considerações sobre os eventos citados, mas apresentar a fotografia do comitê de Sergipe que fora formado em 1918, composto por nomes dos campos político, intelectual e religioso da sociedade e que representaram o estado no mencionado congresso. A revista *Fon-Fon* em seus números 14 e 30 destacou, respectivamente, as comissões formadas pelos estados da Bahia⁵³³ e de Sergipe⁵³⁴ que tomaram o prumo da Capital Federal no ano seguinte. Certamente esse seletivo grupo foi digno de nota e registro fotográfico nas páginas da revista carioca, que logo publicaria a fotografia dos representantes do estado nesse congresso. A imagem seguinte (figura 70) nos mostra quem fazia parte do comitê sergipano e suas respectivas funções.

⁵³¹ PRADO; BRAGA; op. cit., p. 68.

⁵³² Sobre o congresso ver: GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Limites políticos de um projeto intelectual para a integração dos povos do Novo Mundo: o Primeiro Congresso Internacional de História da América (1922). **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 10, p. 192-212, jan./jun. 2005.

⁵³³ CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS: Grupo do comitê local no Estado da Bahia. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 14, 6 de abril de 1918, p. 8.

⁵³⁴ FON-FON EM SERGIPE: Comitê Sergipano do XX Congresso Internacional de Americanistas. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 30, 27 de julho de 1918, p. 39.

Figura 70 – Comitê Sergipano do XX Congresso Internacional de Americanistas, 1918⁵³⁵

— UMA VIOLONCELLISTA BRASILEIRA —




NO DIA 14 DO CORRENTE, NO SALÃO NOBRE DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO, PERANTE NUMEROSA E SELECTA ASSISTENCIA, MILLE CARMEN BRAGA, A DISTINTA VIOLONCELLISTA CUJO TALENTO É MERECEADOR DE GRANDE ESTIMA, REALISOU O SEU ANNUNCIADO CONCERTO. NA NOSSA PHOTOGRAVURA VÊEM-SE Á ESQUERDA UM ASPECTO DO SALÃO, E Á DIREITA, MILLE BRAGA, ENTRE A SUA IRMÃ E O SR. NASCIMENTO QUE A SECUNDARAM NESTA FESTA ARTISTICA.

GARATUJAS

Uma das cousas em que mais se emprega o *não ter que fazer* da maior parte dos Cariocas é o telephone. A brincadeira, a intriga, a pilheira telefonica são divertimentos costumeiros nesta boa terra. Pelo telephone denunciam-se segredos, marcam-se entrevistas imaginarias, fazem-se declarações de amor de caçadas, dei-

xam-se as pessoas a imaginar e a matutar horas inteiras taes as cousas engraçadas, insultantes ou despertadoras da curiosidade que se ouvem. Quasi todo o mundo se queixa e muita gente procura descanso tendo o numero do seu aparelho em segredo. Nem assim escapam. E as pilherias continuam, ás vezes interessantes, espirituosas, quasi sempre de-

saforadas e a exsudar injurias da peor especie. Estão todas as victimas de accordo em affirmar que as vozes das brincadeiras são femininas. E é o caso de se arranjar um bom remedio: aconselhar a obrigatoriedade dos trabalhos domesticos, de maneira a matar a ociosidade quasi geral do outro sexo...

FON-FON EM ARACAJU'



Estado de Sergipe

OS QUE CHEGAM



COMITÊ SERGIPANO DO XX CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, A REALIZAR-SE NO RIO DE JANEIRO DE 18 A 30 DE JUNHO DE 1919. — SENTADOS, A CONTAR DA DA DIREITA PARA A ESQUERDA: D. JOSÉ, BISPO DE ARACAJU'; GENERAL OLIVEIRA VALLADÃO, PRESIDENTE DO ESTADO; DESEMBARGADOR CALDAS BARRETO, PRESIDENTE DO TRIBUNAL DA RELAÇÃO E PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SERGIPE; DESEMBARGADOR SEMIÃO SOBRAL, PRESIDENTE DA ASSEMBLEA LEGISLATIVA. — DE PÉ, A CONTAR DA ESQUERDA PARA Á DIREITA: ALMIRANTE AMYNTHAS JOSÉ JORGE; DESEMBARGADOR ARMINDO GUARANÁ; DR. LUIZ JOSÉ DA COSTA FILHO, 1º SECRETARIO DO INSTITUTO HISTORICO.

AO CENTRO O REPUTADO CARICATURISTA ARGENTINO, MARIO SIBURU BARRUTI, CHEGADO HA POUCO TEMPO DE BUENOS-AYRES, ONDE SEU NOME É MUITO CONHECIDO NOS MEIOS ARTISTICOS. Á SUA ESQUERDA ESTÁ O SR. CELSO BORDA, DA LEGAÇÃO DA BOLIVIA E Á SUA DIREITA, O SR. MANOEL GOMES NOBREGA, ESTUDANTE BRASILEIRO.

Ha almas estereis onde nada germina, nem virtudes, nem vicios.
Padre Joseph Roux.

CREOLINA O MELHOR DESINFECTANTE
WILLIAM PEARSON
ACAUTELAR-SE das imitações.
Nenhum receptaculo genuino que não tenha o nome do fabricante.
Commerciantes sem escrupulos tornam a encher nossas latas;
refusam os recipientes d'esta classe.

Fonte: FON-FON EM SERGIPE: Comitê Sergipano do XX Congresso Internacional de Americanistas. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 30, 27 de julho de 1918, p. 39.

⁵³⁵ Legenda: Comitê Sergipano do XX Congresso Internacional de Americanistas, a realizar-se no Rio de Janeiro de 18 a 30 de junho de 1919. — Sentados, a contar da direita para a esquerda: D. José, Bispo de Aracaju; General Oliveira Valladão, Presidente do Estado; Desembargador Caldas Barreto, Presidente do Tribunal da Relação e Presidente do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe; Desembargador Semião Sobral, Presidente da Assembleia Legislativa. — De pé, a contar da esquerda para a direita: Almirante Aynthas José Jorge; Desembargador Armino Guaraná; Dr. Luiz José da Costa Filho, 1º Secretário do Instituto Histórico.

Da mesma forma que outras fotografias cotejadas nestes escritos, a imagem do comitê sergipano possui uma certa hierarquização para a captura dela, pois os chefes dos poderes eclesiástico, executivo, legislativo e judiciário estão sentados, enquanto os demais permanecem de pé. Em poses similares, como se fossem orientados pelo fotógrafo, eles dirigem seus olhares circunspectos para a câmera. O registro deveria ser condizente com o evento de que participariam no Rio de Janeiro, por isso passar uma imagem de seriedade era fundamental, afinal a participação em um congresso daquela magnitude não era para todos. A indumentária deveria ser impecável; pelos motivos já exortados, apenas Dom José Thomas Gomes da Silva, primeiro bispo de Aracaju, usa as vestes litúrgicas de um sacerdote católico, diferenciando-se dos demais.

Talvez o que o registro fotográfico queria passar, não só ele, mas também os membros do comitê, era que o estado estaria muito bem representado pelo suprasumo da sociedade sergipana da época. No entanto, para um evento que discutiu temas de tamanha relevância não somente para o Brasil, mas para todo o continente americano, a ausência de representantes de outros grupos, como os professores catedráticos do Atheneu Sergipense, não deixa de ser constatada. Mas, como bem esclarece a legenda da foto publicada na revista, havia sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, instituição que inaugurou um novo momento para a cultura do estado e que, mesmo com pouco mais de seis anos de fundação, tomaria nota de importantes discussões de cunho internacional. Enfim, um alento entre significativas ausências.

Deveras, podemos afirmar que o ano de 1918 pode ser considerado de intensas agitações, porém de retomadas, afinal a Primeira Guerra Mundial chegaria ao seu fim em novembro daquele ano. Países como o Brasil, que não participaram efetivamente do conflito, já se posicionavam na nova ordem global, por isso os inúmeros congressos e eventos científicos com o intuito de projetar suas performances no pós-guerra – só não contavam com uma epidemia de gripe espanhola.

Temendo a pestilência que assolava o Velho Mundo, como também os Estados Unidos, organizações de ajuda humanitária, a exemplo da Cruz Vermelha, que atuava no Brasil há pelo menos uma década, começaram a promover campanhas em busca de doativos com o intuito de estarem prontas para a doença caso ela chegasse ao Hemisfério Sul. Algo que a classe política alegava por conta do clima quente dos trópicos era que a gripe não se desenvolveria. Triste engano, como sabemos!

A revista *Fon-Fon* noticiou um festival da Cruz Vermelha em Aracaju em 30 de junho de 1918; obviamente o seu intuito não foi divulgado pelo periódico para não causar alvoroço

na população. A imagem (Figura 71) seguinte mostra os registros fotográficos desse evento promovido pela entidade.

Figura 71 – Festival da Cruz Vermelha em Sergipe, 1918⁵³⁶



ENVELOPPEUR A
60\$000 30\$000 100\$000

OS POSTIÇOS DA Casa Eritis

*são os que mais imitam a
natureza*

Os nossos preços são moderados

SALÕES RESERVADOS PARA OS EXPERIMENTAR
GRATUITAMENTE

TINTURAS — ONDULAÇÕES

PRODUCTOS DE BELLEZA ERITIS

PENTES DE FANTASIA

SERVIÇO ESPECIAL EM CORTE DE CABELLOS
PARA CRIANÇAS 2\$000

PARA CONSERVAR A COR DOS CABELLOS USAR SÓ

==== **BRILLANTINE ERITIS** ====

Satisfazem-se pedidos de catalogos

78-RUA URUGUAYANA-78

Telephone 1313 Central

Um vegetariano teve uma vez, ao almoço, uma scena curiosa com um companheiro de mesa, num dos restaurantes do Rio.

O vegetariano, que entrava extraordinariamente no restaurante, por ter a familia no campo, sentando-se em frente daquelle desconhecido, entendeu dever aproveitar o tempo a catechisal-o, e começou a dizer-lhe que toda a especie de carne era nociva, e qua a humanidade não devia alimentar-se senão de vegetaes, exclusivamente.

— Mas, objectou o desconhecido, eu raras vezes como carne.

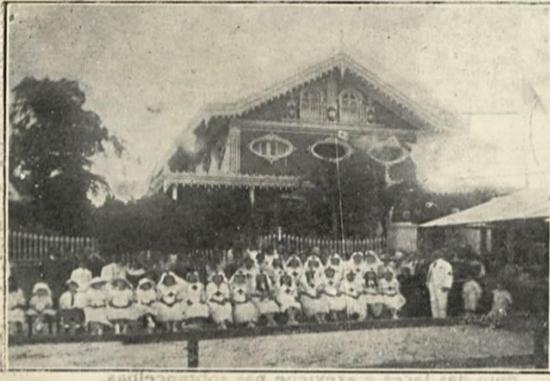
— Comtudo, o senhor mandou vir ovos, disse o vegetariano. E, praticamente, um ovo é carne, porque delle pôde, eventualmente, nascer uma ave.

— A especie de ovos que eu como nunca pôde produzir aves, respondeu o desconhecido.

— Ora, essa, exclamou o vegetariano. Então que especie de ovos come o senhor?

— Geralmente, estrellados.

FON-FON EM SERGIPE





Festival da «Cruz Vermelha» em Sergipe, Aracajú, no palacete do «Club dos Diários», em 30 de Junho de 1918. À direita, a Directoria da Sociedade «Cruz Vermelha» de Sergipe. Em pé, Dezembargador Caldas Barreto, Coronel Francisco Mello, Capitão de Corveta Oscar Lins de Azevedo, Presidente da «Cruz Vermelha», Dr. Octavio Oliveira e Dr. Costa Filho. Sentadas, Mmes Sylverio dos Santos e Amynthas Jorge e Senhorita Josepha da Silva Faro.

Fonte: FON-FON EM SERGIPE: Festival da Cruz Vermelha em Sergipe. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 30, 27 de julho de 1918, p. 65.

⁵³⁶ Legenda: Festival da Cruz Vermelha em Sergipe, Aracajú, no palacete do Club dos Diários, em 30 de Junho de 1918. À direita a Directoria da Sociedade Cruz Vermelha de Sergipe. Em pé, Dezembargador Caldas Barreto, Coronel Francisco Mello, Capitão de Corveta Oscar Lins de Azevedo, Presidente da Cruz vermelha, Dr. Octávio Oliveira e Dr. Costa Filho. Sentadas, Mmes Sylverio dos Santos e Amynthas Jorge e Senhorita Josepha da Silva Faro.

A Cruz Vermelha foi fundamental durante a pandemia de gripe espanhola⁵³⁷; através de seus festivais ela angariava donativos que pudessem ajudar os hospitais no combate a diversas epidemias que assombravam Sergipe, como também o país. Diante das deficiências do governo do estado para lidar com o surto de *influenza*, coube a ela e outras entidades “movimentar recursos e pessoas para enfrentar a doença”⁵³⁸.

Como mencionamos, o periódico carioca não informou qual a finalidade do festival, talvez por não querer fazer alarde, pois a imprensa da época refutou, a princípio, a possibilidade de a doença chegar ao Brasil; porém, com os primeiros casos em setembro de 1918 e a rápida contaminação que se seguiu, os jornais e as revistas ilustradas reagem e começam a informar sobre a pestilência, seja através de produção textual ou por charges e caricaturas. A gripe espanhola se alastrou por Sergipe em outubro de 1918⁵³⁹, em meio às comemorações da posse do presidente do estado, Pereira Lobo.⁵⁴⁰

Pode-se notar que a Cruz Vermelha possuía um número satisfatório de integrantes em Aracaju, sendo a maioria mulheres, provavelmente senhoras e senhoritas originárias da elite que dedicavam seu tempo a entidades filantrópicas e de caridade, algo comum na época. Também a fotografia (figura 71) evidencia a participação no festival de membros de outras áreas da sociedade, como a jurídica e a militar, possivelmente mostrando apoio aos trabalhos desenvolvidos pela organização de saúde e que em alguns meses foram de grande valia no combate à doença.

Deixemos a gripe espanhola e seus efeitos nocivos, pois o cotidiano dos aracajuanos e das aracajuanas se desenrolava em outros lugares onde os infortúnios de doenças não eram bem-vindos, talvez sequer mencionados. Referimo-nos aos cafés, que, somados às livrarias, em especial a Regina, eram lugares propícios para o desenvolvimento da sociabilidade, uma vez que, no Rio de Janeiro, capital do país, eles eram “tidos como o local privilegiado pelos autores pré-modernistas”⁵⁴¹. Em Aracaju eram lugares de diversão da classe burguesa.

A coluna “*Fon-Fon* em Aracaju” reproduziu uma fotografia do Café Sergipe, estabelecimento que, sob nossa ótica, é um tanto desconhecido, por isso a imagem constitui-se como um achado, além de ser a única publicada nas páginas do periódico carioca. A imagem abaixo (figura 72) mostra uma confraternização realizada pelos representantes da Cervejaria

⁵³⁷ SCHWARCZ; STARLING, op. cit., p. 173-174.

⁵³⁸ SANTANA, op. cit., p. 154-155.

⁵³⁹ Idem, p. 153.

⁵⁴⁰ CRUZ, op. cit., p. 70.

⁵⁴¹ SILVA, Maurício. *A hélade e o subúrbio*: confrontos literários na *Belle Époque* Carioca. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 32.

Atlântica para a apresentação, ou, melhor dizendo, degustação de seus produtos, cervejas, como vemos nas mesas.

Figura 72 – Festa expressiva em propaganda dos productos da grande Cervejaria Atlântica, 1917⁵⁴²



D. Maria Marques Golzio
CAMPINA GRANDE
PARAHYBA DO NORTE

Campina Grande, Estado da Parahyba do Norte, 23 de Julho de 1917.

Illmos. Srs. VIUVA SILVEIRA & FILHO
Rio de Janeiro.

Levo ao conhecimento de VV. SS. que a minha esposa **D. Maria Marques Golzio**, soffreu durante UM ANNO E MEZES de uma FERIDA NA ROTULA, de origem Heredo-Syphilitica; esteve em diversos tratamentos sem resultados positivos. Lendo as diversas curas que doentes em identicas condições obtiveram com o

Elixir de Nogueira

do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, fiz a minha esposa uzal-o e com o uzo de alguns vidros acha-se restabelecida.

Por ser a expressão da verdade, firmo-me com as testemunhas abaixo.

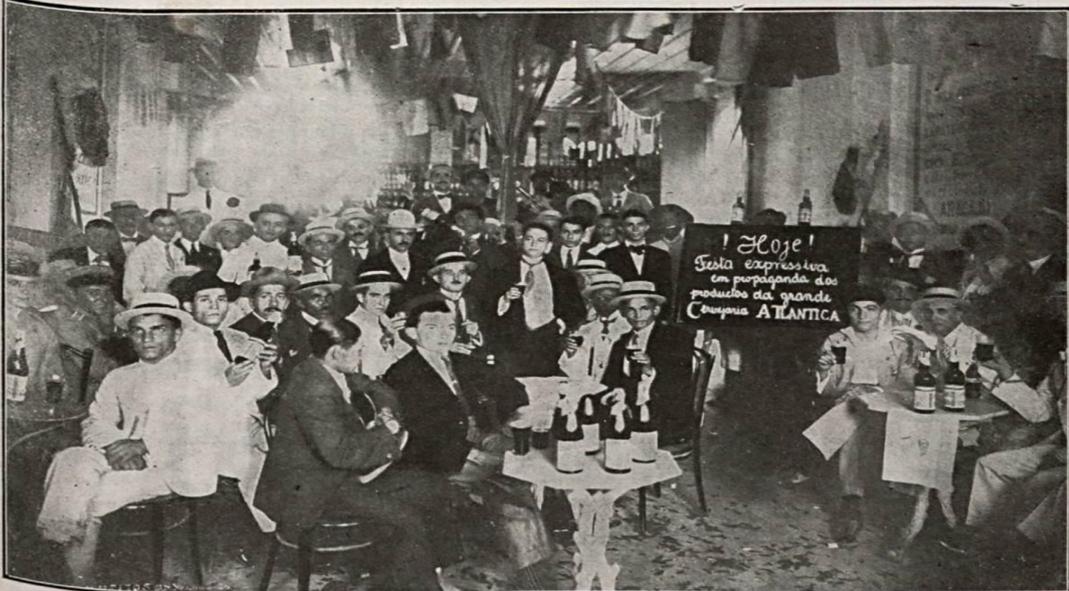
João Antonio Golzio

Testemunhas: — Rufino Gonçalves da Silva.
Pedro Tavares de Mello.

Este grande Depurativo do Sangue, é o unico no genero.

Vende-se em todas as Drogarias, Pharmacias, casas de campanhas e sertões do Brasil. — Nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.

FON-FON EM ARACAJÚ



Festa expressiva em propaganda dos productos da grande *Cervejaria Atlântica*, realisada em Aracajú no dia 3 de Junho de 1917, no salão do *Café Sergipe*, pelos seus representantes geraes Celecino, Filho & C.

Fonte: FON-FON EM ARACAJU: Festa expressiva em propaganda dos productos da grande *Cervejaria Atlântica*. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 36, 8 de setembro de 1917, p. 50.

⁵⁴² Legenda: Festa expressiva em propaganda dos productos da grande *Cervejaria Atlântica*, realisada em Aracajú no dia 3 de junho de 1917, no salão do *Café Sergipe*, pelos representantes geraes Celecino, Filho & C.

A “festa expressiva” no Café Sergipe tinha como principal público homens, que, por sinal, se vestiram bem para a ocasião. Certamente por se tratar de uma reunião para apreciar sem moderação as bebidas alcoólicas da *Cervejaria Atlântica* a presença de mulheres no local poderia ser vista com maus olhos. Os notáveis senhores, a maioria portando sobre suas cabeças os chapéus Canotier feitos de palha, adereço constantemente usado pelos homens no início do século passado, posaram para o fotógrafo tendo nas mãos copos ou garrafas da cerveja, em uma clara demonstração de aprovação e ao mesmo tempo fazendo um certo marketing do produto, afinal as revistas também serviram para propagar os produtos da época, e as inúmeras propagandas que circundam as imagens evidenciam isso. É possível constatar na imagem os sorrisos de alguns deles, visto que era um momento de contentamento, de confraternização.

Certamente o sucesso de tais produtos deu-se por conta das mãos e do trabalho de indivíduos até então invisibilizados, sem aparições no evento ou menções que atribuíssem a eles a qualidade das bebidas. Estamos nos referindo aos operários da mencionada cervejaria. Mas podemos dizer que a *Fon-Fon* fez justiça a esses trabalhadores ao publicar uma fotografia de um pequeno grupo em seu número 37, em 15 de setembro de 1917, uma semana depois da publicação da festa no Café Sergipe.

A fotografia (figura 73) publicada na coluna “*Fon-Fon* em Aracaju”, apesar de estar em menor tamanho que a anterior, é reveladora, pois era incomum a revista realizar publicações com alguns grupos ligados às classes trabalhadoras como a operária, isso era mais frequente nas páginas de *O Malho*, que possuía um editorial mais ligado a essas camadas. É inevitável olhar para a fotografia e não deixar de perceber que, mesmo sendo uma imagem que retrata um grupo de operários, ela é possuidora de hierarquias estabelecidas, como, por exemplo, os operários negros serem fotografados de pé atrás dos brancos, que posam confortavelmente sentados em cadeiras. A supremacia racial se fazia presente até nos espaços de trabalho das classes tidas como invisíveis.

As fotografias da Cervejaria Atlântica em Aracaju, retiradas da revista em 1917, fornecem um importante panorama sobre os marcadores sociais e raciais do Brasil no início do século XX. Na primeira, vemos um grupo de operários da usina, todos vestidos de maneira formal, o que indica a importância da aparência e do status social dentro do ambiente de trabalho industrial. A disposição dos trabalhadores na imagem, com alguns sentados e outros em pé, também pode ser um reflexo de uma hierarquia dentro da empresa. Notamos a presença de um homem negro entre os operários, um elemento significativo dado o contexto histórico da época. No entanto, ele se encontra na fileira de trás, o que pode sugerir uma posição mais subalterna ou menos central dentro da estrutura social do grupo.

A segunda, por sua vez, observamos uma cena de confraternização ou evento social no Café Sergipe, promovido pela Cervejaria Atlântica. O ambiente é claramente masculino e voltado para o consumo de bebidas alcoólicas, com muitos dos presentes trajando ternos e chapéus, o que indica uma atmosfera formal e ligada à classe média urbana. Ao contrário do que pode ter sido interpretado inicialmente, há também a presença de pelo menos um homem negro na fotografia, sentado à frente, mais visível. Sua inclusão no evento, mesmo que não predominante, reflete uma possível participação de negros em certos espaços sociais formais, embora ainda de forma limitada. A inclusão deste homem no evento também pode indicar um cenário social em transformação, onde alguns indivíduos negros conseguiam integrar-se a esses espaços, mesmo que a maioria dos participantes fosse de pele clara.

A presença de homens negros em ambas as fotografias nos mostra como as barreiras raciais ainda existiam, mas com nuances. Na primeira, o homem negro, embora presente no grupo de operários formalmente vestidos, estava em posição afastada e possivelmente de menor prestígio, sugerindo as dificuldades enfrentadas pela população negra na ascensão social, mesmo em ambientes de trabalho formais. Já na segunda, a participação de um homem negro em um evento social mais elitizado, embora minoritária, aponta para a complexidade da dinâmica racial na época. Apesar de ser uma exceção em um ambiente predominantemente frequentado por homens brancos ou de pele clara, sua presença neste espaço revela que, ainda que de forma tímida, havia negros que conseguiam se integrar a eventos de maior prestígio social.

A análise dos marcadores raciais nessas imagens reflete a complexa realidade racial do Brasil em 1917. Embora a inclusão de homens negros em ambientes formais seja um indicativo de que esses espaços não eram completamente inacessíveis, sua participação ainda era restrita. A maioria dos trabalhadores negros ou pardos no Brasil da época enfrentava marginalização e exclusão de postos de trabalho formais e prestigiados. A presença de um homem negro em ambas as fotografias sugere que havia exceções, indivíduos que, por mérito ou oportunidade, conseguiram transitar entre os espaços de trabalho e de convivência social formal, mas que essas exceções não anulavam as barreiras raciais predominantes. Assim, essas fotografias nos oferecem um vislumbre tanto da exclusão quanto das pequenas brechas de mobilidade social e racial que existiam para os negros no Brasil daquele período.

Figura 73 – Grupo de Operarios da usina da *Cervejaria Atlantica*, 1917



“ERASMIC”

PARIS E LONDRES

PERFUMARIAS FINAS
SABONETES
RECONHECIDOS
OS MELHORES

FORNECEDORES de S. M. o Rei de Hespanha
e de S. M. a Rainha da Inglaterra.

MARCA EM GRANDE MODA
A' VENDA EM TODA A PARTE

Erasmic 15 Rue du Temple
Paris

Casa A Exposição 119, AVENIDA RIO BRANCO — Perfumarias finas.
Recommendamos Pó arroz ALICE e Perfumarias ERASMIC.

Fon-Fon em Aracajú



Grupo de operarios da usina da *Cervejaria Atlantica*.

PODE-SE FAZER BONS ANUNCIOS E BARATOS.
Escreva á F. Coridori, Alfandaga 216 s., receberá opusculo gratis.

Quando soffreres muito, encara a tua dôr de frente ; ella propria te consolará e te ensinará alguma cousa.

Alexandre Dumas Filho.

❧

Criminoso me julgas, porque a gente Má, da calumnia me enredou nos laços?...
Pois quero merecer, por delinquente
A cadeia perpetua dos teus braços!...

UMA OFFERTA AO TIRO BAHIANO PELA COMPANHIA “ALLIANÇA DA BAHIA”




Estatua representando *Pró-Patria*, bellissimo grupo de verdadeiro bronze de alto valor, do escultor E. Drouot, que foi offerecido ao Tiro Bahiano no dia 7 de Setembro em commemoração da nossa Independencia pela Comp. de Seguros *Alliança da Bahia*.

Fonte: FON-FON EM ARACAJU: Grupo de Operarios da usina da *Cervejaria Atlântica*. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 37, 15 de setembro de 1917, p. 85.

Ao apresentarmos neste capítulo outras fotografias de aracajuanos e aracajuanas, podemos dizer que, assim como a capital de Sergipe, que aparecia com uma certa frequência em páginas periódicas, seus habitantes não apenas veem o que se passava em outros lugares do Brasil, eles queriam ser igualmente vistos e inseridos em uma atmosfera de modernidade que tomava conta não apenas das estruturas urbanas, mas dos modos de viver. Ao mesmo tempo, esses indivíduos, sejam anônimos ou figuras de posição privilegiada em Sergipe, desejam passar a mensagem de que, apesar de se localizar em uma região distante dos eixos econômico e cultural do Brasil, Aracaju não estava aquém dos acontecimentos enredados nos grandes centros urbanos da época, e as revistas ilustradas *Fon-Fon* e *O Malho* contribuíram para apresentá-la além dos limites do estado.

As pessoas aqui apresentadas pelas fotografias, sejam senhoritas, estudantes, professores e professoras, líderes políticos, comerciantes, juristas, intelectuais, sacerdotes, operários ou filantropos, talvez não tivessem a ideia de que elas não se vestiram apenas para serem fotografadas, mas também para serem vistas por diversas partes do país, quiçá do mundo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aracaju, dias atuais. O perscrutar das ruas que formam o que chamamos de Tabuleiro de Pirro em um fim de tarde bucólico de domingo pode parecer algo monótono, mas se torna revelador quando temos uma cidade como objeto e espacialidade em uma pesquisa, pois há pouca movimentação, barulho do trânsito e o ir e vir frenético dos transeuntes. Sem esses elementos, aos poucos o passado vai se desvelando aos nossos olhos, revelando o pouco que ainda resta daquilo que há mais de um século fora apresentado ao Brasil através das fotografias publicadas nas revistas ilustradas.

As ruas por onde passaram tantos nomes aqui citados e que viram o desenrolar de uma história de mais de um século não são as mesmas que vimos através das fotografias trazidas por estes escritos. O calçamento de paralelepípedos de granito foi revestido pelo asfalto, que deixa a cidade abafada em dias quentes. Pouco se veem nas ruas de Estância, Itabaiana, Pacatuba, entre outras, os casarões e residências particulares em estilo eclético que embelezaram a capital; alguns lutam para se manter de pé, outros foram demolidos para dar lugar a estacionamentos privados para automóveis.

Na rua Campo do Brito, o Instituto Parreiras Horta passa por uma longa e interminável reforma, mas a arquitetura mostra sinais de abandono. O soprar do vento vindo da direção do rio Sergipe faz as janelas, que não estão trancadas, baterem fortemente, quebrando o silêncio crepuscular do domingo e criando uma atmosfera fantasmagórica. “Graccho Cardoso está revirando no túmulo!”, pensávamos ao ver uma de suas principais obras, símbolo da reforma sanitária empreendida em sua gestão, legada ao abandono.

A incursão continua. Na Praça Fausto Cardoso, a estátua do então deputado reina soberana sobre o espaço em que ele morrerá; atrás, a alguns metros, o monumento do seu rival político, o Monsenhor Olímpio Campos, à espreita, assim permanece por cento e tantos anos. A sede do Governo Estadual, agora Palácio-Museu, permanece imponente, mantendo as mesmas estruturas da reforma de 1920. Não se pode dizer o mesmo do Palácio Inácio Barbosa, antiga sede da prefeitura, que, cercado por tapumes, não se sabe qual seu destino. O grande Mercado Municipal continua o mesmo, apesar de a maioria dos prédios que o circundavam não existir mais. Há pouca coisa da Aracaju retratada nas páginas periódicas de *Fon-Fon* e *O Malho*.

A presente pesquisa revela uma lacuna significativa nos estudos sobre a atuação das revistas ilustradas *Fon-Fon* e *O Malho* em regiões fora do eixo Sudeste-Sul do Brasil. A maioria dos trabalhos acadêmicos até hoje concentra-se nessas áreas, negligenciando a circulação e o impacto dessas publicações em outras regiões. Esta tese, portanto, adquire um caráter inédito,

pois até o momento não havia escritos sobre a presença dessas revistas em Sergipe e os motivos que levaram Aracaju a aparecer com frequência em suas páginas.

O objetivo geral desta tese foi problematizar como a cidade de Aracaju era representada nas mencionadas revistas ilustradas. Para alcançar esse objetivo, adotamos uma abordagem metodológica abrangente. Analisamos não apenas as fotografias, mas também as caricaturas, os artigos e as correspondências alusivas à capital sergipana. Além disso, buscamos compreender o que estimulava a publicação de materiais sobre Aracaju nesses folhetins e como isso contribuía para o processo de criação de uma nova identidade brasileira, um objetivo central do regime republicano da época.

Os principais resultados desta investigação mostram que, apesar de sua localização geográfica distante dos grandes centros urbanos da época, Aracaju não estava à margem ou desinformada sobre os acontecimentos que gravitavam nas grandes capitais. A cidade não estava alheia aos discursos de modernidade que ganhavam força em outras regiões do Brasil. Pelo contrário, Aracaju estava integrada em uma rede de comunicação e modernidade, refletindo e, ao mesmo tempo, contribuindo para os debates nacionais sobre progresso e identidade.

A análise das fotografias revelou que os aracajuanos estavam cientes das novas tendências culturais e tecnológicas. As imagens mostravam uma cidade vibrante, com cidadãos que buscavam se posicionar como modernos e progressistas, em sintonia com o restante do país. As caricaturas, por sua vez, frequentemente destacavam figuras políticas e sociais de Aracaju, inserindo a cidade no panorama nacional de maneira satírica e crítica. Os artigos e as correspondências publicadas em *Fon-Fon* e *O Malho* demonstraram um interesse genuíno pelos eventos locais e pelos esforços dos aracajuanos para se modernizarem, evidenciando uma troca dinâmica entre o local e o nacional.

Esta pesquisa também contribui para um entendimento mais amplo de como Sergipe e sua capital eram vistos de fora. Ela revela as percepções e interpretações do restante do país sobre Aracaju, oferecendo uma visão de como esses olhares externos influenciaram a identidade local. Além disso, este estudo abre caminho para futuras pesquisas sobre outras cidades brasileiras e como elas eram retratadas em revistas ilustradas da época. Muitos trabalhos ainda focam apenas em uma única região do Brasil, apesar do alcance nacional desses periódicos. A análise de como outras localidades apareciam nas publicações pode revelar novos olhares e narrativas sobre a diversidade cultural e social do país.

Sem dúvida, a junção de todos esses fatores contribuiu para que Aracaju figurasse constantemente nesses periódicos. Contudo, a questão não é o que foi feito de diferente, mas o

que se tentou fazer igual. Se a capital de Sergipe não seguisse os mesmos modelos de modernidade estabelecidos em outras capitais, ela sequer apareceria nessas páginas tão disputadas. Por isso os principais resultados destes escritos mostram que, apesar de estar localizada em uma região distante dos grandes centros da época, Aracaju não estava à margem ou desinformada dos acontecimentos que gravitavam nas grandes capitais da época, tampouco fora dos discursos de modernidade que ganhavam forma nas demais capitais brasileiras.

Em suma, a investigação sobre as representações de Aracaju nas revistas *Fon-Fon* e *O Malho* não apenas preenche uma lacuna importante nos estudos da História da Imprensa, mas também amplia nossa compreensão sobre os processos de construção de identidade e modernidade no Brasil republicano. Aracaju, longe de ser uma cidade periférica e isolada, emerge como um espaço de interação e participação nos discursos nacionais, evidenciando a complexidade e a interconexão das regiões brasileiras durante o início do século XX.

Portanto, esta tese não apenas lança luz sobre o papel de Aracaju na imprensa ilustrada, mas também encoraja uma reavaliação das narrativas históricas que privilegiam apenas certas regiões do país. Ela destaca a importância de considerar a diversidade e a riqueza das experiências locais na construção da identidade nacional. Através desta investigação, contribuimos para um retrato mais completo e inclusivo da história brasileira, reconhecendo a multiplicidade de vozes e experiências que moldaram e continuam a moldar nosso país.

É lamentável que não tenhamos encontrado os periódicos regionais mencionados nas páginas iniciais deste trabalho. Apesar de efêmeros, eles poderiam nos ajudar a compreender o cotidiano de Aracaju nas primeiras décadas do século passado. Seguiam a mesma tipologia editorial dos periódicos cariocas e, em alguns casos, se comunicavam com eles, replicando matérias, fotografias e textos. Outro ponto positivo deste trabalho é que ele se soma a pesquisas já existentes, que nos ajudam a compreender a história e o uso da fotografia em Aracaju⁵⁴³.

Como toda pesquisa, este trabalho não busca finalizar discussões; pelo contrário, ele abre inúmeras possibilidades para novas investigações. Por exemplo, analisar a briga política que culminou no rompimento entre Pereira Lobo e Graccho Cardoso, amplamente divulgada nas páginas de *O Malho*. Também seria interessante investigar a trajetória da fotógrafa Maria Izabel Rocha, a presença das classes trabalhadoras de Aracaju nesses periódicos e as representações da Revolta de Fausto Cardoso nas caricaturas, bem como as representações da

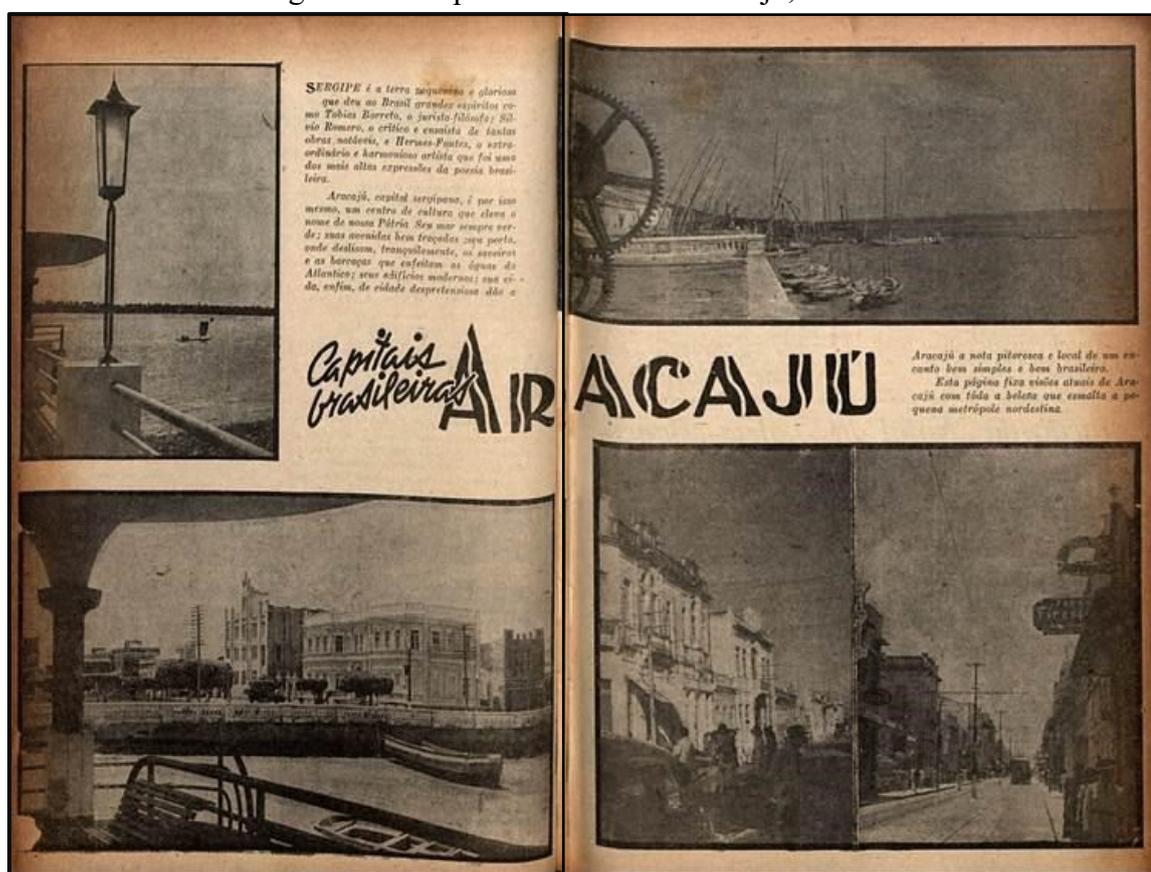
⁵⁴³ Trabalhos como o de Naide Barbosa e Sayonara Viana tem lançado luz aos primórdios da fotografia em Sergipe. Ver: BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas: centro histórico de Aracaju (1900-1940)**. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992. VIANA, Sayonara. (org). **Retratos e paisagens afetivas de Sergipe**. Aracaju: J. Andrade, 2021.

Revolta na imprensa nacional. Os escritos de Hermes Fontes na revista *Fon-Fon* também podem ser objeto de pesquisa. Essas são apenas algumas sugestões dentre muitas outras que poderiam ser exploradas. Por fim, Aracaju não estava na contramão da modernidade e se fez presente em páginas periódicas tão afamadas.

POST SCRIPTUM

Uma pesquisa não termina em seu ponto final, muito pelo contrário, ele fornece subsídios para que haja novos olhares e assim se componham novas narrativas históricas. O folhear das revistas ilustradas nos apresentou uma Aracaju diferente da que conhecemos hoje, por isso repetimos a afirmação de que há sempre algo de novo a ser tirado de suas páginas. Eis que um retorno ao periódico ilustrado *Fon-Fon* tendo outra temporalidade nos revela estas páginas com fotografias singulares da capital de Sergipe:

Figura 74 – Capitais Brasileiras: Aracaju, 1945



Fonte: CAPITAIS BRASILEIRAS: Aracaju. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 01, 6 de janeiro de 1945, p. 20-21.

Aracaju continua a aparecer nas revistas ilustradas, mesmo em tempos de guerra e tendo navios torpedeados por alemães na costa sergipana; ela é fotografada em um ambiente bucólico e tranquilo em meio ao clima belicoso que tomava conta do mundo. Mas isso são outras histórias para outros momentos.

REFERÊNCIAS

Audiovisual:

DOWNTON ABBEY. Reino Unido. 2010-2015. 360 min (56 Horas). Gênero: Drama Histórico. Direção: Brian Percival, Ben Bolt, Brian Kelly, Andy Goddard, James Strong, Ashley Pearce. Roteiro: Julian Fellowes. Produção: Julian Fellowes, Gareth Neame, Rebecca Eaton. Companhias Produtores: ITV Studios, Carnival Films, WGBH-TV. Colorido. Sonoro. Elenco: Hugh Bonneville, Elizabeth McGovern, Maggie Smith, Michelle Dockery, Laura Carmichael, Jessica Brown Findlay, Dan Stevens, Rob James-Collier, Jim Carter.

Artigos:

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros; CARDOSO, Igor. Na "Florescente Cidade Serrana": celebrações do centenário da independência do Brasil em Garanhuns (Pernambuco, 1922). **Revista de História Municipal**, Recife, v. 13, n. 39, p. 155-171, mar. 2023.

CAMPOS, Daniela Queiroz. O humor impresso em páginas periódicas: ilustração e humor em algumas páginas de O Cruzeiro – Amigo da Onça, Garotas e Melindrosas. **Domínios da imagem**, v. 11, n. 20, p. 222-252, jan./jun. 2017

CAMPOS, Daniela Queiroz. A Imagem de Humor em O Cruzeiro: as ilustrações de J. Carlos, Péricles Magalhães e Alceu Penna. **História Revista**, v. 22, n. 2, 24 dez. 2017, p. 182.

CONDE, Maite; SHAW, Lisa. Towards an Alternative 1922: popular culture and Rio de Janeiro's vernacular modernisms. **Revista Brasileira de História**, v. 42, n. 90, maio 2022,

CRUZ, Jeferson Augusto da. Mulheres em revistas: representações femininas na revista ilustrada *Fon-Fon*. **Politeia - História e Sociedade**, Vitória da Conquista - Ba, v. 21, n. 1, p. 252-262, 27 abr. 2023.

ALVES, Eva Maria Siqueira. O Atheneu Sergipense: traços de uma história. **Revista Do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, v. 1, n. 34, 2005, p. 133-152.

FERREIRA, Luciana Moura. Olhar, ouvir e desvelar: fragmentos da cidade no Álbum do Centenário de Sobral – 1941. **Revista Historiar**, v. 3, n. 5, p. 31-46, 2013.

FIANS, Guilherme Moreira. Cidadãos do Mundo: uma discussão sobre o nacional e o internacional no Esperanto. **Revista Habitus**: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais -IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 50 - 63, agosto. 2012.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Limites políticos de um projeto intelectual para a integração dos povos do Novo Mundo: o Primeiro Congresso Internacional de História da América (1922). **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 10, p.192-212, jan-jun de 2005.

GUARANÁ, Armindo. Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908. **Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro**. Tomo especial2: 1º Centenário da Imprensa no Brazil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1823 a 1908. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, tomo especial, volume 1, parte 2, 1908.

JUSTEN, Janine Figueiredo de Souza. As imagens como tomadas de posição: Uma análise da caricatura política na revista *O Malho* (1902-1906). **Revista Faces de Clio**, v. 6, p. 203-229, 2020.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Cidades em álbuns comemorativos: história, memória e visualidade. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo/RS, v. 2, n. 7, p. 273-290, set. 2013.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens. Arte e cultura visual. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

LIMA, Zózimo. O Esperanto em Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, volume XVII, número 22, 1955-1958. p. 13-17.

LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. **Revista USP**, Número 53, novembro/1989.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. “A 10 quilômetros por hora”: automóveis em Sergipe no início do século XX. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 38, 2009.

MONTEIRO, Charles. Fotografia e crônica: a construção de uma visualidade urbana moderna de Porto Alegre nas revistas ilustradas nos anos de 1920. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 16, nº 29, p. 155-166, jul-dez, 2014.

NASCIMENTO, Jorge. Carvalho do. Notas para o estudo da imigração alemã em Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v. 35, p. 151-177, 2006.

OLIVA, Terezinha Alves. Fausto Cardoso, herói de Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, n. 35, p. 20, 2006.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia e Cidade. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 67-77, jan-jun. 2008.

POSSAMAI, Zita Rosane. Narrativas fotográficas sobre a cidade. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 55-97, 2007.

POSSAMAI, Zita Rosane. Ensaio de um olhar moderno: imagens fotográficas no álbum *Porto Alegre* de Virgílio Calegari, **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo-RS, v. 2, n. 7, p. 41-53, set. 2013.

RIBEIRO, Roberto da Silva. O Esperanto e a Cultura sergipana na primeira metade do século XX. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, nº 37, 2007.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. A imprensa operária em Sergipe (1891-1930). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, v. 1, n. 47, 2017, p. 192-195.

SAMPAIO, Prado. Palavras de início. **Revista do IHGS**, Aracaju, nº 1, p. 24-25, 1913.

SANTINI, Gustavo Tenório. O Humor em "O Cônego Filipe". **Patrimônio e Memória** (UNESP. Online), v. 1, p. 01-07, 2005.

SANTOS, Dominique. Uma Resposta à Questão do Esperanto como Proposta de Língua Universal Sob a Ótica da Problemática das Identidades. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 13, p. 1-15, 2010.

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. "Luz electrica, asseio e promptidão": fragmentos da modernização de Aracaju em jornais e revistas. **Revista do Aracaju**, Aracaju, v. 60, n. 10, p. 239-259, jul. 2003.

SANTOS, Renato Marinho Brandão. A gestão da cidade: o papel da Intendência Municipal na construção de uma Natal Moderna (1890-1930). **Revista Espacialidades**, Natal-RN, v. 2, n. 01, p. 01–21, 2009.

SILVA, Elbênia Marla Ramos. LINHARES, Ronaldo Nunes. A Imprensa em Sergipe: notas sobre as revistas em Sergipe nos últimos anos do século XIX. In: **VII Encontro Nacional de História da Mídia**, Fortaleza, 2009.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Fon-Fon!* em Paris: passaporte para o mundo. **Cadernos da Comunicação**, Série Memória, v. 22, p. 11-28, 2008.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. O humor gráfico no Brasil pela obra de três artistas: Angelo Agostini, J. Carlos e Henfil. **Revista USP**, v. 88, p. 38-49, 2010.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. SOARES, Livia Freitas Pinto Silva. Votos, partidos e eleições na Primeira República: Dinâmica Política a partir das charges de *O Malho*. **Revista de História**, v. 177, p. 1-31, 2018.

Bibliografia:

ANDRADE, Adênia Santos. BRITO FILHO, José de Oliveira. **O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

ANDRADE, Pérciles. **Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2010.

AMARAL, Aracy. A imagem da cidade moderna: o cenário e o seu avesso. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Modernidade e modernismo no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2010. p. 81-88.

- ARAÚJO, Acrísio Torres. **Imprensa em Sergipe**. Brasília: Gráfica do Senado, 1993.
- AZEVEDO, André Nunes de. **A grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos: Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **A Modernidade no governo Graccho Cardoso (1922-1926) e a Reforma Educacional de 1924 em Sergipe**. Natal: EDUFRN, 2013.
- AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930): cultura escolar, civilização e escolarização da infância**. Natal: EDUFRN, 2009.
- BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas: centro histórico de Aracaju (1900-1940)**. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.
- BASILE, Marcello. Projetos de Brasil e construção nacional da imprensa fluminense. *In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Paschoal. MOREL, Marco. FERREIRA, Tânia Maria Bessone da Cruz (Orgs.) História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CABRAL, Mário. **Espelho do tempo**. Salvador: Artes Gráficas e Industria Ltda., 1998.
- CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. 3. ed. Aracaju: Sercore Artes Gráficas Ltda, 2002.
- CAETANO, Vívian Marcello Ferreira. **Modernidade, gênero e condição feminina nas páginas da Revista Fon-Fon (1910-1920)**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.
- CAMPOS, Daniela Queiroz. As *Garotas* do Alceu: A coluna de *pin-ups* da revista *O Cruzeiro*. *In: LEMOS, Clarice Caldini; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes (Orgs.) Cultura imprensa: das páginas dos periódicos à circularidade da arte gráfica*. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- CARDOSO, Rafael (Org). **Impresso no Brasil: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.
- CARDOSO, Rafael. **Modernidade em Preto e Branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: o sistema doméstico na perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Edusp, 2008. p. 224.
- CAVALCANTE, Bruna Morrana dos Santos. **Riqueza e Sociedade na Comarca de Aracaju: Um estudo sobre a dinâmica familiar da primeira elite de Aracaju (1885-1889)**. Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Difel, 1990.

COSTA, Helouise. No limite da invisibilidade: mulheres fotógrafas no Brasil na primeira metade do século XX. In: ZERWES, Erika; COSTA, Helouise (Orgs.). **Mulheres fotógrafas/Mulheres fotografadas: fotografia e gênero na América Latina**. São Paulo.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo Público de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

CRUZ, Jeferson Augusto da. **Uma mão de verniz sobre o Tabuleiro de Pirro: Ecos da Belle Époque em Aracaju. (1918-1926)**. Teresina: Cancioneiro, 2022.

DANTAS, Ibarê. **História da Casa de Sergipe (1912/2012)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-200)**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2004.

DANTAS, Ibarê. **Os Partidos Políticos em Sergipe (1889/1964)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

DANTAS, Ibarê. **Tenentismo em Sergipe: Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930**. 2ª Ed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda, 1999.

DE LUCA, Tânia Regina. **A Ilustração [1884-1892]: circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DE LUCA, Tânia Regina. **A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

DE LUCA, Tânia Regina. **Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DOURADO, Guilherme Mazza. **Belle époque dos jardins**. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

DUBOIS, Philippe. **O Ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço de progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizadorn** uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. **Uma República em festa: a visita dos reis da Bélgica ao Brasil (1920)**. São Paulo: Dialética, 2022.

FEIJÃO, Rosane. **Moda e Modernidade na Belle Époque carioca**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

FIGUEIREDO, Guilherme Elias de. **A ilustração do espírito: o discurso político da Revista Ilustrada (1876-1898)**. 2014. 398 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

GALVÃO, Miguel Archanjo (1894). **Relação dos cidadãos que tomaram parte no governo do Brasil no período de março de 1808 a 15 de novembro de 1889**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional.

GALLY, Christianne. **Brício Cardoso: no cenário das humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2020.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades. In: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GÓES, Cristian. As gazetas do padre Eusébio: indícios de outra história sobre a imprensa em Sergipe. In: FRANCISCATO, Carlos Eduardo; GÓES, Cristian (Orgs.). **Jornalismo em Sergipe: dilemas, recortes e contextos**. Florianópolis: Combook, 2020.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Sergipe: Edição do Estado de Sergipe, 1925.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. **Debaixo da imediata proteção imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2011.

HERSHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: Fotógrafos e Ofício da Fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

KOSSOY, Boris. **Hercules Florence – 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

LEMO, Clarice Caldini; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes (Orgs.). **Cultura imprensa: das páginas dos periódicos à circularidade da arte gráfica**. Curitiba: Editora Appris, 2019.

LIMA JÚNIOR, Carlos; SCHWARCZ, Lília Moritz; STUMPF, Lúcia Klück. **O Sequestro da Independência: uma história da construção do mito do Sete de Setembro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História da Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MACENA, Fabiana Francisca. A Construção da modernidade carioca na revista *Fon-Fon* (1907-1914). In: IAMASHITA, Léa Maria Carrer (Org.) **Nação e Modernização**: Narrativas Plurais. Verbena Editora: Brasília, 2016.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias e Códigos Culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista *Careta*. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista**: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes**: ensaios sobre história e fotografia. Niterói/RJ: Editora da UFF, 2008.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **A Caserna em Polvorosa**: a revolta de 1924 em Sergipe. 2008. 129 f. Dissertação (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Mário Cabral**: Vida e Obra. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2010.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju: J. Andrade, 1999.

MEDINA, Ana Maria Fonseca; SANTOS, Claudfranklin Monteiro. **As Exéquias do Monsenhor Olympio Campos**. Aracaju: Criação Editora, 2024.

MITCHELL, William John Thomas. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MITCHELL, William John Thomas. **Picture theory**: essays on verbal and visual representation. Chicago: The University of Chicago, 1994.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra imprensa. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo Contexto, 2018.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

O'DONNELL, Júlia. **De olho na rua**: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

OLIVA, Terezinha Alves de. **Impasses do Federalismo Brasileiro**: Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Universidade Federal de Sergipe, 1985.

OLIVEIRA, Cláudia et al. **O Moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PADILHA, Marcia. **A Cidade como espetáculo**: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

PASSOS SUBRINHO, Josué. **História Econômica de Sergipe**. Aracaju: Programa Editorial da UFS, 1987.

PAULA, Zuleide Casagrande de. **A Cidade e os jardins**: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986). São Paulo: Editora Unesp, 2008.

PEDRO, Joana Maria. **Nas tramas entre o público e o privado**: a imprensa de Desterro no século XIX. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano**: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PRADO, Luís André do; BRAGA, João. **História da Moda no Brasil**: das influências às autorreferências. 2. ed. São Paulo: Disal Editora, Pyxis Editorial, 2011.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. Brasil 1890-1930. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RIBEIRO, Alessandro Cardoso. **A Escola Operária Horácio Hora**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2011.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**: A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SAMAIN, Eitenne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. *In*: SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2012.

SANTANA, Antônio Samarone. **As febres do Aracaju**: Dos miasmas aos micróbios. Aracaju: O Autor, 2001.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da Modernidade**: a arquitetura dos grupos escolares sergipano (1911-1926). São Cristóvão: EDUFS, 2013.

SANTUCCI, Jane. **Cidade Rebelde**: as Revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador**: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Imagens da branquitude**: a presença da ausência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: Triste Visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **A Bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SEVECENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos. In: **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg. **Sociologia: estudos sobre las formas de socialización**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1939.

SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1920.

SILVA, Marcos. **Caricata República: Zé Povo e o Brasil**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SILVA, Maurício. **A hélade e o subúrbio: confrontos literários na Belle Époque Carioca**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOBRAL, Julieta Costa. J. Carlos, Designer. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **O design brasileiro antes do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SOBRINHO, Sebrão. **Monsenhor Silveira o Fundador da Imprensa**. Aracaju: Regina, 1947.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Fon-Fon! em Paris: passaporte para o mundo. In: BASSO, Eliane Fátima Corti. **Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

VIANA, Sayonara. (org). **Retratos e paisagens afetivas de Sergipe**. Aracaju: J. Andrade, 2021.

VILAS-BOAS, Vitória. **Trabalho de iconologia e iconografia: La Primavera**, Sandro Botticelli. Instituto Politécnico de Tomar: Tomar/Portugal, 2020.

WEBER, Eugen. **França Fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Revistas:

A CANOA. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano VI, nº 20, 18 de maio de 1912. p. 61.

A MODERNA CAPITAL DE SERGIPE. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 80.

A PENITENCIÁRIA DE SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 52.

A INSTRUÇÃO EM SERGIPE: Grupo Escolar “Barão de Maroim”. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 1.047, 7 de outubro de 1922, p. 46.

A TRAGEDIA DE SERGIPE. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, nº 209, 15 de setembro de 1906, p. 32.

ADMISTRAÇÃO DE SERGIPE. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano IV, nº 157, 16 de setembro de 1905, p.17.

AGRICULTURA E PECUARIA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 66.

ALAGÔAS-SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 01 de setembro de 1923, p. 68.

ALGUNS SERGIPANOS ILUSTRES. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 13, 28 de março de 1925, p. 54.

AOS HEROES DO “RAID” AEREO RIO-ARACAJU. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 36, 08 de setembro de 1923, p. 34.

ASPECTOS DA CAPITAL ALAGOANA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 11 de agosto de 1923, p. 64-65.

AVIAÇÃO: Ao longo da costa brasileira – Um “Raid” do Rio ao Recife. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 18, 17 de abril de 1920, p. 17-19.

BANCO ESTADUAL DE SERGIPE. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 50.

BANQUETE NO PALACE HOTEL. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 1.095, 08 de setembro de 1923, p. 37.

CAPITAIS BRASILEIRAS: Aracaju. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 01, 6 de janeiro de 1945, p. 20-21.

CENTRO AGRICOLA. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 64.

CHRONICA. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, nº 205, 18 de agosto de 1906, p. 04.

COMO SERGIPE RECBEU O SENADOR PEREIRA LOBO. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 1264, 4 de dezembro de 1926, p. 34.

DÃO-SE OS ANNEIS, MAS FIQUEM OS DEDOS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano IV, nº 179, 17 de fevereiro de 1906, p. 18.

DEMOS LUGAR AO NOME LUSITANO. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 25, 24 de junho de 1922, p. 25-35.

DESASTRE NA ESTRADA DE FERRO POLITICA ESTADUAL. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano V, nº 207, 01 de setembro de 1906, p. 03.

EDIÇÕES DO ESTADO DE SERGIPE. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XX, nº 14, 03 de abril de 1926. p. 28-29.

EM SERGIPE. A REPOSIÇÃO DA IMAGEM. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano V, nº 207, 01 de setembro de 1906, p. 13.

ESCOLA DE DIREITO. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 57.

ESPIGAS E RESPIGAS. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano V, nº 174, 13 de janeiro de 1906, p. 39.

ESTRADA E RODAGENS. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 70.

FAUSTO CARDOSO. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, ano XI, nº 528, 26 de outubro de 1912, p.12.

FIM DE UM DRAMA POLÍTICO. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 340, 18 de novembro de 1906, p. 4.

FON-FON EM ARACAJU: Festa expressiva em propaganda dos productos da grande *Cervejaria Atlântica*. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 36, 8 de setembro de 1917, p. 50.

FON-FON EM ARACAJU: Grupo de atiradores da linha do Tiro Sergipense n. 136 da Confederação, em Aracajú. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 36, 8 de setembro de 1917, p. 8.

FON-FON EM ARACAJU: Remadores do *Club Sportivo Sergipe*. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 45, 17 de abril de 1915, p. 46.

FON-FON EM SERGIPE: 1º *team* do *Sport Club Sergipe*. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 29, 21 de julho de 1917, p. 46.

FON-FON EM SERGIPE: A presidência Graccho Cardoso através da excursão Hermes Fontes. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 13, 28 de março de 1925, p. 55.

FON-FON EM SERGIPE: Comitê Sergipano do XX Congresso Internacional de Americanistas. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 30, 27 de julho de 1918, p. 39.

FON-FON EM SERGIPE: Festival da Cruz Vermelha em Sergipe. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 30, 27 de julho de 1918, p. 65.

FON-FON EM SERGIPE: Guarda de Honra da bandeira. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XII, n. 5, 2 de fevereiro de 1918, p. 25.

FON-FON! PRECISA FAZER UMA DECLARAÇÃO. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 20, 16 de maio de 1914, p. 28.

FONTES, Hermes. A Joia do Cotinguiba. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 11, 14 de março de 1925.

GRUPO DE ALUMNAS DA ESCOLA NORMAL DE ARACAJÚ. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 84.

HOSPITAL DE CIRURGIA. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 51.

INFERIORES DA ANTIGA 2ª COMPANHIA DO 28º BATALHÃO DE CAÇADORES – ARACAJÚ. **Revista *O Malho***, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 1244, 17 de julho de 1926, p. 28.

IMMIGRAÇÃO. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 66.

INSTITUTO DE QUIMICA. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 63.

JARDINS DE ARACAJU. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 78.

MATERNIDADE. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 51.

NOVO SENADOR POR... **Revista *O Malho***, Rio de Janeiro, ano V, nº 191, 12 de maio de 1906, p. 39.

O “RAID” DE AVIAÇÃO NAVAL: a esquadrilha em Aracaju. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 32, 11 de agosto de 1923, p. 63.

O ASSASSINATO DE MONSENHOR OLYMPIO DE CAMPOS. **Revista *O Malho***, Rio de Janeiro, ano V, nº 218, 17 de novembro de 1906, p.17.

O ASSASSINATO DE MONSENHOR OLYMPIO DE CAMPOS. **Revista *O Malho***, Rio de Janeiro, ano V, nº 218, 17 de novembro de 1906, p. 18.

O BRASIL QUE VOA: o regresso da Esquadrilha naval. **Revista *Fon-Fon***, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 33, 18 de agosto de 1923, p. 37-39.

O CASO DE SERGIPE. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 329, 02 de setembro de 1906, p. 7-8.

O ENSINO EM SERGIPE. **Revista *O Malho***, Rio de Janeiro, ano XII, n. 556, 10 de maio de 1913, p. 15.

O INSTITUTO COELHO E CAMPOS. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 68.

OS NOSSOS ATIRADORES CIVIS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 502, 27 de abril de 1912, p. 50.

PANTHEON DOS SATRAPINHAS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano I, nº 14, 26 de dezembro de 1902.

PATRONATO DE SÃO MAURÍCIO. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 67.

PINHEIRO, Xavier. Belletrismo – O Estado de Sergipe Presta reverencia justíssima a memoria do maior dos seus intelectuaes – Tobias Barreto, editando e reeditando sua obra, e divulga o trabalho posthumo do Dr. Manoel Armindo Guaraná – “Diccionario Bio-Bibliográfico Sergipano.” *Revista O Malho*, Rio de Janeiro. ano XXV, nº 1231, 17 de abril de 1926. p. 53.

POLITIC’ACÇÕES. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 1113, 12 de janeiro de 1924, p. 39.

POLITIC’ACÇÕES. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 1116, 2 de fevereiro de 1924, p. 45.

POLITIC’ACÇÕES. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 1120, 1º de março de 1924, p. 40.

PREFEITURA DE ARACAJU. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 35, 29 de agosto de 1925, p. 74.

PROVERBIOS NO SENADO. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, nº 192, 19 de maio de 1906, p. 26.

REMINISCENCIAS. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XI, nº 15, 14 de abril de 1917, p. 30.

RETRATOS GRAPHOLOGICOS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 907, 31 de janeiro de 1920, p. 35.

REVOLUÇÃO EM SERGIPE EM DOUS QUADROS. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, nº 205, 18 de agosto de 1906, p. 09.

S. EX. COM OS SEUS BOTÕES. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano V, nº 205, 18 de agosto de 1906, p. 45.

SATRAPHIA COROADA. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano III, nº 89, 28 de maio de 1904, p. 07.

UM CORTEJO FUNEBRE, EM ARACAJÚ, CAPITAL DE SERGIPE. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano VI, nº 234, 09 de março de 1907.

UMA BANDEIRA AO “BAGÉ”. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 1043, 7 de setembro de 1922, p. 34.

Jornais:

A CAPITAL DE SERGIPE. *Correio de Aracaju*, Aracaju, ano 13, n 2969, 25 de setembro de 1920, p. 01.

AVIADORES NAVAES. *Sergipe Jornal*, Aracaju, ano 11, nº 665, 17 de julho de 1923.

COMMUNICADO. *Correio Sergipense*, São Cristóvão, Ano XVIII, Número 22, 23 de maio de 1855. p. 3-4.

CONFERÊNCIA LITTERÁRIA. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 06 de março de 1910, p.03.

CLUB ESPERANTO. *A Trombeta*, Aracaju, 02 de setembro de 1907, p. 2.

CLUB ESPERANTO. *Século XX*, Aracaju, 07 de setembro de 1919, p. 03.

CLUBE ESPERANTO (pic-nic). *Folha de Sergipe*, Aracaju, Ano XIX, n. 328. 7 de agosto de 1910.

JUSTUS. Mudança da Capital. *Correio Sergipense*, São Cristóvão, Ano XVIII, Número 21, 19 de março de 1855. p. 2-4.

MONSENHOR OLYMPIO CAMPOS. *Correio de Aracaju*, Aracaju, ano I, nº 8, 22 de novembro de 1906, p. 2.

O TEMPO. *Correio de Aracaju*, Aracaju, ano I, nº 8, 22 de novembro de 1906, p. 02.

PHOTOGRAPHIA LEOBARDO. *Correio de Aracajú*, Aracaju, ano III, n. 194, 27 de setembro de 1908, p. 3.

PHOTOGRAPHIA LEOBARDO. *Folha de Sergipe*, Aracaju, ano XVIII, n. 142, 24 de setembro de 1908, p. 4.

Monografias, Dissertações e Teses:

ARRUDA, Larissa Rodrigues Vacari de. **Disputas Oligárquicas**: as práticas políticas das elites mato-grossenses (1892-1906). São Carlos/SP, 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política – Universidade Federal de São Carlos.

CAMPOS, Daniela Queiroz. **Entre o Eucronimo e o Anacronismo**: percepções da imagem na coluna garotas do Alceu. 2014. 397 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CAETANO, Vivian Marcello Ferreira. **Relações de poder, gênero e condição feminina na imprensa carioca: *O Malho, Careta e Fon-Fon* (1910-1950)**. 2021. 221 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo - Rj, 2021.

CAVALCANTE, Bruna Morrana Santos. **Epidemias e Transformações Fúnebres na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Aracaju (1855-1896)**. 2023. 307 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

CERQUEIRA, Rafael Santa Rosa. **Nos domínios de Hades: a representação social da Morte em Aracaju/SE durante a Primeira República**. 2014. 109 f. Tese (Mestrado em História) Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

FERRARESI, Carla Miucci. **Papéis normativos e práticas sociais: cinema e a modernidade no processo de elaboração das sociabilidades paulistanas na São Paulo dos anos de 1920**. 2007. 2 v. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GALDINO, Tarcineide Mesquita. **Espaço público e sociabilidades impressas: o estilo cotidiano nas colunas sociais**. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

GOIS, Mariana Emanuelle Barreto de. **“Nas muralhas sombrias”**: experiências carcerárias na penitenciária modelo, Aracaju/se, 1926-1955. 2019. 231 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rj, 2019.

GOMES, Maria Adaiza Lima. **A publicidade como tecnologia de colonialidade: gênero, raça e classe em anúncios de medicamentos da década de 1920**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

JUSTEN, Janine Figueiredo de Souza. **A caricatura e o imperativo da modernidade: o papel da revista *O Malho* nas reformas urbanas do Rio de Janeiro (1900-1910)**. 2020. 293 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MACENA, Fabiana Francisca. **Madames, *mademoiselles*, melindrosas: “feminino” e modernidade na revista *Fon-Fon* (1907-1914)**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias da vida social: identidades e visibilidades nas imagens publicadas na revista do globo (Rio Grande do Sul, década de 1930)**. 2011. 290 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2011.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no rio de janeiro, na primeira metade do século XX. 1990. 340 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Estudos Gerais Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1990.

PETRY, Michele Bete. **Revistas como exposições**: arte do espetáculo e arte nova (rio de janeiro, 1895-1904). 2016. 319 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada**: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos - Porto Alegre, décadas 1920 e 1930. 2005. 2 v. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PRADO, Giliard da Silva. **Batalhas da memória política em Sergipe**: As comemorações das mortes de Fausto Cardoso e Olímpio Campos (1906-2006). 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. **“Hygiene, saúde e beleza”**: preocupações eugênicas nos periódicos sergipanos de Aracaju (1910-1920). 1999. 110 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1999.

SILVA, Degenal de Jesus da. **DIONÍSIO REPUBLICANO**: as festas dos grupos escolares sergipanos e outros olhares (1911-1930). 2015. 238 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. p. 59.

SOUZA, Cristiane Vitorio de. **A “República das Letras” em Sergipe (1889-1930)**. 2001. 210f. Monografia (Graduação) – Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2001.

FREITAS, Itamar. **A “Casa de Sergipe”**: historiografia e identidade na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1913-1929). Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sites:

<https://www.academia.org.br/academicos/barao-homem-de-mello/biografia>

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVES,%20Rodrigues.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GUIMARÃES,%20Protógenes.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ARGOLO,%20Francisco.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEITE,%20Benedito.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ELEI%C3%87.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CATUNDA,%20Joaquim.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PENA,%20Afonso.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GOMES,%20Augusto%20Maynard.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/AMADO,%20Gilberto.pdf>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MOTA,%20Gentil%20Tavares%20da.pdf>

<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=satrapa>

<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1494>

<https://www.estadao.com.br/cultura/monica-zarattini/colecaocangaceiros-fotos-historicas/>

"RAIDS" REALIZADOS PELA AVIAÇÃO NAVAL ATÉ O ANO DE 1923. Disponível em: https://www.naval.com.br/anb/ANB-historico/ANB-hist05_raids.htm. Acesso em: 10 mar. 2024.

BARRETO, Luiz Antônio. **Os 50 anos do Aeroporto**. 2008. Disponível em: <http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=274&titulo=Aracaju150anos>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BEDIAGA, Begonha. "Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)". Petrópolis: Museu Imperial, 1999. Disponível em: <https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/VOL05.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PARIS EXPOSITION 1900 (Org.). **Guide Pratique Du Visiteur**: De Paris Et De L'Exposition. 1. ed. Paris: Hachette & Cie, 1900. 526 p. v. 1. Disponível em: <https://archive.org/details/parisexposition00pari>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. **100 anos do Castelo da Fiocruz: os pedreiros do Castelo da Avenida Brasil**. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

VELLOSO, Mônica Pimenta As modernas sensibilidades brasileiras. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1500>. Acesso em: 30 abr. 2024.

WANDERLEY, Andrea C. T. **Cronologia de Jorge Kfuri (1893-1965)**. 2021. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=20878>. Acesso em: 14 fev. 2024.